

PUCRS

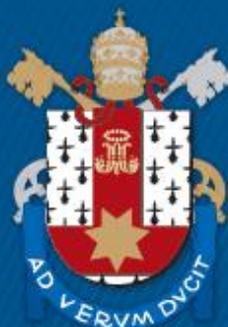
ESCOLA DE NEGÓCIOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
NÍVEL DOUTORADO

LISILENE MELLO DA SILVEIRA

**ECONOMIA COMPARTILHADA:
APROXIMAÇÕES E AFASTAMENTOS DA INOVAÇÃO SOCIAL**

Porto Alegre
2020

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

LISILENE MELLO DA SILVEIRA

**ECONOMIA COMPARTILHADA: APROXIMAÇÕES E
AFASTAMENTOS DA INOVAÇÃO SOCIAL**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção de grau de Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Escola de Negócios da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maira Petrini

Porto Alegre

2020

Ficha Catalográfica

S587e Silveira, Lisilene Mello da

Economia Compartilhada : aproximações e afastamentos da
Inovação Social / Lisilene Mello da Silveira . – 2020.

249.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em
Administração, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Maira Petrini.

1. Inovação Social. 2. Economia Compartilhada. 3. Teoria Ator-Rede.
4. Banco de Tempo. I. Petrini, Maira. II. Título.

LISILENE MELLO DA SILVEIRA

Economia Compartilhada: Aproximações e Afastamentos da Inovação Social

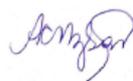
Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Administração, pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Escola de Negócios da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado em 25 de março de 2020, pela Banca Examinadora.

BANCA EXAMINADORA:



Profa. Dra. Maira Petrini
Orientadora e Presidente da sessão



Profa. Dra. Ana Clarissa Matte Z. dos Santos



Profa. Dra. Natalia Delgado

Dedico esta tese a todos que investiram o seu tempo na minha trajetória acadêmica e pessoal, tanto nos dias frutuosos quanto nos dias controversos, ambos transformadores.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me proporcionar uma rica aprendizagem com tantas pessoas que me cercaram, e me sustentar nos momentos de limitações.

Ao meu esposo, Vinícius, que me acompanhou em todas as aventuras dessa pesquisa, seja na PUCRS, em Garopaba/SC ou em Portugal. Sendo meu companheiro nos momentos de alegrias e nos de decepções, sem o suporte dele não teria concluído.

Ao meu filho, Matias, que ainda no ventre pode vivenciar comigo as ansiedades e superações nos últimos sete meses do curso, sem dúvidas foi uma presença constante e inspiradora para o momento mais solitário de uma tese, a redação do documento.

Aos meus pais, Lauri e Ladia, que mesmo sem terem experimentado um processo acadêmico, compreenderam que o mesmo era importante pra mim, e isso foi o suficiente para me apoiar e torcer pela conquista.

Aos meus familiares, que compreenderam a minha ausência em alguns momentos importantes, e mostraram interesse em saber como estavam os meus estudos. Em especial a minha sobrinha Ariane que sempre se mostrou preocupada e interessada com meus estudos, me ajudando em muitos momentos, principalmente com palavras de apoio. Também aos meus irmãos, que além de perguntarem sobre o caminho que estava sendo trilhado e torcerem para que tudo desse certo, foram fundamentais com os cuidados da minha mãe nos momentos delicados de enfermidade.

Aos amigos, que tornaram este período menos pesado e que acreditaram que eu teria condições de concluir, mas que não me pressionaram para a conclusão e compreenderam as intensas vontades de desistir. Ao meu diretor espiritual, Padre Elton Vinicius Mayer, que sempre me motivou para dar um passo de cada vez e identificar o lado bom das situações difíceis. Ao Cristiano e Patrícia, por sempre ouvirem meus relatos de cada etapa desse doutorado, e que mesmo no meio a tantas correrias, me presentearam com um lindo presente, meu afilhado Rocco. À Angélica Lubaczwski que, mesmo estando na Austrália, esteve muito perto neste período, quantos foram os áudios trocados sobre as experiências do doutorado. À Jéssyca Sacchi Buss, amizade que foi fortalecida na fase mais desafiadora do meu doutorado, a qual foi um frescor para a reta final. Ao Filipe e Cristina, que compreenderam a queda significativa na frequência de nossos encontros ao longo desse curso, e que sempre se mostraram solícitos frente as necessidades que surgiram no percurso. Aos demais amigos, que sempre tiveram tempo para perguntar, ouvir e rezar pela trajetória e conclusão desse curso.

Aos facilitadores, que de diferentes maneiras proporcionaram ricas contribuições ou suportes para esta conquista. Ao Prof. Dr. Gustavo Dalmarco, demais professores e colegas do projeto INCOBRA - *Increasing International Science, Technology and Innovation Cooperation between Brazil and the European Union*, pelas trocas de experiências.

Ao meu supervisor, diretor de ensino do IFRS – Campus Vacaria, Prof. Dr. Adair Adams, e demais colegas professores, que contribuíram em debates enriquecedores e através de trocas de aulas, que possibilitaram meus deslocamentos ao campo de estudo. Aos colegas de doutorado, com os quais tantas vezes consultei, aprendi e recebi ajudas. Em especial à Joana Tomazelli, que me acompanhou durante a gestação na universidade e ouviu minhas ansiedades da reta final da tese. Também à Gicelda, minha parceira de leituras da TAR e de partilhas da vida.

Aos atores do Banco de Tempo de Garopaba e de Santa Maria da Feira que me proporcionaram experiências únicas, as quais permitiram quebrar paradigmas e desenvolver-me como ser humano. Admiro a dedicação dos mesmos com esse projeto que me encantou.

À Secretaria da PPGAD PUCRS, pelas informações e pelas inúmeras chaves de sala de aula disponibilizadas, possibilitando com que os estudos fossem mais confortáveis e concentrados.

Aos professores, pelos conhecimentos e experiências compartilhados, em especial ao Prof. Dr. Éder Henriqson e à Prof^a Dra. Ana Clarissa Matte Zanardo dos Santos da PUCRS, aqueles que com sabedoria e humildade não apenas me desafiaram, mas também participaram, da superação das minhas limitações. À Prof^a Dra. Maria Emília Freitas Ferreira, da Universidade de Lusófona do Porto (ULP) pela oportunidade do Doutorado Sanduiche, o qual enriqueceu minha pesquisa e minha vida, foi muito frutífero os conhecimentos e experiências partilhadas sobre inovação social e sobre a trajetória acadêmica. À Prof^a Dra. Maira Petrini, minha orientadora, pelos inúmeros encontros e debates realizados, os quais sempre me ensinaram e colaboraram para eu me tornar uma pessoa e profissional melhor. O processo foi longo e muitas vezes doloroso, mas muitos foram os avanços também, e você vivenciou isso comigo.

Por fim, à Capes, pelo financiamento dessa pesquisa.

“Para tudo há um tempo, para cada coisa há um momento debaixo do céu”. (Ec 3, 1)

RESUMO

A presente pesquisa teve por objetivo analisar as práticas da economia compartilhada e seu potencial de promover inovação social. O referencial teórico possibilitou o aprofundamento sobre as temáticas Inovação Social e Economia Compartilhada, a partir do qual emergiu um conjunto inicial de aproximações e afastamentos que poderiam existir entre elas. Os conceitos centrais da Teoria Ator-Rede também foram explorados. Esta Teoria foi adotada como lente teórico-metodológica desta pesquisa, tendo como campo de estudo o Banco de Tempo de Garopaba/SC, classificado no arquétipo compartilhar por ideal da economia compartilhada. A imersão no campo foi de um ano, sendo realizadas 211 entrevistas, 55 horas de observação, e a análise documental que contemplou mais de 11.000 publicações da rede social do grupo, além de arquivos e fotografias. Ainda, dados complementares foram coletados no Banco de Tempo Santa Maria da Feira, em Portugal, o qual inspirou a criação do grupo estudado. O estudo identificou os principais actantes do grupo, sendo eles: idealizadores, membros, associados, ex-associados, administradores, *Facebook*®, tabela de produtos, tabela de talentos, tabela de saldos, moeda, casa dos associados e talentos. As práticas identificadas no grupo são as seguintes: “*Check-in*”, “Trocar Talentos”, “Promover Encontros” e “Organizar e Controlar”, as quais apresentaram-se como potencializadoras na geração de inovação social. Percebeu-se que elas promovem benefícios sociais como: atendimento de necessidades fisiológicas e sociais, laços de amizade, inserção na comunidade, aumento da autoestima, maior confiança, interação social, promoção de igualdade, desenvolvimento de talentos/habilidades, mudança cultural, empoderamento e empreendedorismo. Já as controvérsias identificadas foram as seguintes: “Significado do Tempo”, “Desequilíbrio entre Demanda e Oferta”, e “Liberdade X Regulação”, as quais contemplam a macrocontrovérsia “Embate entre sistemas”. Tais controvérsias se mostraram como limitadoras da inovação social, sendo os principais pontos de afastamentos promovidos: diminuição de qualidade e quantidade de vida, frustração na falta de demanda e no acúmulo de créditos, falta de consciência para o consumo, ineficiência de gestão de conflitos, pouca interação, afastamento de atores, dificuldade na transmissão de valores e falta de transparência nas relações. Além disso, este trabalho propôs práticas que têm por finalidade minimizar os pontos de afastamentos entre inovação social e economia compartilhada, sendo elas: organizar uma fila de espera, minimizar a oferta de talentos, promover encontros de interação, realizar um levantamento dos talentos não atendidos, orientar e desenvolver talentos, trocar experiências entre bancos, promover encontros para formação, realizar enquetes virtuais, desenvolver talentos para a administração, implantar um aplicativo, promover encontros de

formação, revisar e definir princípios e forma de atuação, orientar e cadastrar presencialmente, ter uma sede, melhorar a comunicação externa e firmar parcerias públicas e privadas. Por fim, destaca-se que o estudo apontou que a inovação social ocorre na economia compartilhada sob a análise das seguintes dimensões: transformação, caráter inovador, inovação, atores e processos, sendo a última enfatizada sob as práticas e controvérsias encontradas no campo.

Palavras-chave: Inovação Social. Economia Compartilhada. Teoria Ator-Rede. Banco de Tempo.

ABSTRACT

This research aimed to analyze the practices of the shared economy and its potential to promote social innovation. The theoretical framework allowed the themes Social Innovation and Shared Economy to be further analyzed, and from this emerged an initial set of approximations and distances that could exist between them. The central concepts of the Actor-Network Theory were also explored. This theory was adopted as a theoretical-methodological optics for this research, having as its field of study the institution Banco de Tempo in Garopaba/SC, classified as sharing archetype by ideal of the shared economy. The immersion in the field was of one year, with 211 interviews being conducted, 55 hours of observation being held, and with document analysis contemplating more than 11,000 publications of the group's social network, as well as files and photographs. Furthermore, complementary data were collected at Banco de Tempo Santa Maria da Feira, in Portugal, which inspired the creation of the studied group. The study identified the main actants of the group, as: creators, members, associates, former associates, administrators, *Facebook*®, product table, talent table, balance table, currency, members' house and talents. The practices identified in the group are as follows: “*Check-in*”, “*Exchanging Talents*”, “*Promoting Meetings*” and “*Organizing and Controlling*”, which presented themselves as promoters in the generation of social innovation. It was seen that they promote social benefits such as: meeting physiological and social needs, bonds of friendship, insertion in the community, increased self-esteem, greater confidence, social interaction, promotion of equality, development of talents/skills, cultural change, empowerment and entrepreneurship. On the other hand, the controversies identified were as follows: “*Meaning of Time*”, “*Imbalance between Demand and Supply*”, and “*Freedom X Regulation*”, which include the macrocontroversy “*Clash of systems*”. Such controversies proved to be restraints for social innovation, with the main points of withdrawal being: decreased quality and quantity of life, frustration in the lack of demand and in the accumulation of credits, lack of awareness for consumption, inefficiency of conflict management, little interaction, withdrawal of actors, difficulty in the transmission of values and lack of transparency in relationships. In addition, this paper proposed practices that aim to minimize the points of distance between social innovation and shared economy, which are: organizing a waiting list, minimizing the offer of talent, promoting interaction meetings, conduct a survey of talents that were not met, guide and develop talents, exchange experiences between banks, promote meetings for training, conduct virtual surveys, develop talents for administration, deploy an application, promote training meetings, review and define principles and ways of acting, guide and conduct in person

registration, have a headquarters, improve external communication and establish public and private partnerships. Finally, the study highlighted that social innovation occurs in the shared economy under the analysis of the following dimensions: transformation, innovative character, innovation, actors and processes, the latter being emphasized under practices and controversies found in the field.

Key Words: Social Innovation. Shared Economy. Actor-Network Theory. Time Banking.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Dimensões da Inovação Social	29
Figura 02 - Indicações da técnica Bola de Neve	60
Figura 03 - Motivos das não entrevistas.....	61
Figura 04 - Resumo das Entrevistas	67
Figura 05 - Resumo dos Documentos.....	70
Figura 06 - Troca de Talentos – Artesanato – 03/03/2018.....	73
Figura 07 - Troca de Talentos – Book Fotográfico – 01/05/2018.....	73
Figura 08 - Troca de Talentos – Aula de matemática – 16/07/2018	74
Figura 09 - Troca de Talentos – Aula de Pilates – 18/07/2018	74
Figura 10 - Ensaio do casamento – 23/09/2018	76
Figura 11 - Decoração do casamento – 30/09/2018	76
Figura 12 - Cozinha do casamento – 30/09/2018	77
Figura 13 - Pesquisadora organizando e decorando a mesa de doces – 30/09/2018.....	77
Figura 14 - 23º Gratifeira – O começo – 15/04/2018.....	79
Figura 15 - 23º Gratifeira – A organização das roupas – 15/04/2018.....	80
Figura 16 - 24º Gratifeira – Multiplicação de Pessoas – 20/05/2018.....	80
Figura 17 - 29º Gratifeira – Entrevista na Praça – 21/10/2018.....	79
Figura 18 - Pesquisadora na Massagem Sorteada	82
Figura 19 - 5º aniversário do Banco de Tempo de Santa Maria da Feira – 12/01/2019	85
Figura 20 - Encontro Nacional do Banco de Tempo de Portugal em Lisboa – 23/01/2019.....	85
Figura 21 - Clube de Dança – 21/01/2019.....	87
Figura 22 - Clube de Inglês – 20/01/2019	87
Figura 23 - Limpeza da Sede da Agência – 21/01/2019.....	88
Figura 24 - Planejamento para o Encontro Nacional – 22/01/2019	89
Figura 25 - Resumo das Observações.....	90
Figura 26 - Espiral da Análise de Dados	96
Quadro 01 - Descrição das Categorias de Primeira Ordem.....	97
Figura 27 - Publicação de Notícias Positivas	101
Figura 28 - Compartilhamento da Notícia em Garopaba	102
Figura 29 - Notícia com foto da sede do BdT de Santa Maria da Feira	103
Figura 30 - Pesquisadora e associados na sede do BdT de Santa Maria da Feira	104
Figura 31 - Convite para integração à administração 1	108

Figura 32 - Convite para integração à administração 2	109
Figura 33 - Atores Humanos do Banco de Tempo de Garopaba.....	110
Figura 34 - Publicação sobre a criação de moedas	112
Figura 35 - Atores Não Humanos do Banco de Tempo de Garopaba	114
Figura 36 - Intensidade dos Mediadores e Intermediadores do Banco de Tempo	116
Figura 37 - Práticas do Banco de Tempo de Garopaba	117
Figura 38 - Atividades das Práticas	118
Figura 39 - Orientação para apresentação padrão no grupo	123
Figura 40 - Alteração no formato de solicitação de talentos	126
Figura 41 - Manifestação de satisfação em participar do encontro	132
Figura 42 - Convite 4º Encontro do BdT Garopaba.....	133
Figura 43 - Proposta de um Arraial Junino.....	134
Figura 44 - Aula de Pilates	135
Figura 45 - Palestra e bate-papo sobre alimentação natural e viva	136
Figura 46 - 26º Gratifeira – Boneca: o presente de aniversário – 22/07/2018.....	139
Figura 47 - Implantação da prática análise e liberação das publicações	143
Quadro 02 - Classificação das Atividades.....	149
Figura 48 - Elementos e Consequências das Controvérsias	177
Figura 49 - Dimensões da Inovação Social no BdT de Garopaba.....	179
Quadro 03 - Aproximações da Inovação Social	187
Figura 50 - Relações entre as Aproximações de Inovação Social.....	190
Quadro 04 - Afastamentos da Inovação Social	195
Figura 51 - Sugestões para minimizar a controvérsia “Desequilíbrio entre Demanda e Oferta”	198
Figura 52 - Sugestões para minimizar a controvérsia “Significado do Tempo”	200
Figura 53 - Sugestões para minimizar a controvérsia “Liberdade X Regulação”.....	203

LISTA DE ABREVIATURAS

BdT – Banco de Tempo;

CRISES – Centro de Pesquisa em Inovações Sociais;

TAR – Teoria Ator-Rede.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
1.1 OBJETIVOS	22
1.2 JUSTIFICATIVA	22
2 REFERENCIAL TEÓRICO	26
2.1 INOVAÇÃO SOCIAL	266
2.2 ECONOMIA COMPARTILHADA	34
2.3 ELEMENTOS CONCEITUAIS DA TAR RELEVANTES PARA A PESQUISA.....	411
2.3.1 A Rede e a Agência.....	42
2.3.2 Relação e Translação.....	44
2.3.3 Práticas.....	47
2.3.4 Controvérsias.....	50
2.3.5 Estudos sobre Economia Compartilhada e Inovação Social a luz da TAR.....	51
3 MÉTODO DE PESQUISA	55
3.1 AS IMERSÕES NO CAMPO DE PESQUISA.....	57
3.1.1 Entrevistas Semiestruturadas.....	58
3.1.2 Documentos.....	68
3.1.3 Observações em Campo.....	70
3.2 ANÁLISE DOS DADOS.....	91
4 SOBRE O CAMPO: BANCO DE TEMPO DE GAROPABA	100
5 RESULTADOS	106
5.1 OS ACTANTES.....	106
5.2 AS PRÁTICAS.....	116
5.2.1 <i>Check-in</i>	119
5.2.2 Trocar Talentos.....	124
5.2.3 Promover Encontros.....	131
5.2.4 Organizar e Controlar.....	141

5.3 AS CONTROVÉRSIAS	151
5.3.1 Significado do Tempo.....	152
5.3.2 Desequilíbrio entre Demanda e Oferta.....	162
5.3.3 Liberdade <i>versus</i> Regulação	168
5.3.4 Um Embate entre Sistemas.....	174
5.4 A INOVAÇÃO SOCIAL NA ECONOMIA COMPARTILHADA.....	178
5.4.1 Dimensão Transformação	180
5.4.2 Dimensão Caráter Inovador	181
5.4.3 Dimensão Inovação.....	181
5.4.4 Dimensão Atores	182
5.4.5 Dimensão Processos.....	183
5.4.5.1 Modos de coordenação e Meios: Práticas e suas Atividades.....	184
5.4.5.2 Restrições: Lidando com as Controvérsias.....	191
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	207
REFERÊNCIAS.....	211
APÊNDICE A - Protocolo de Autorização para Pesquisa.....	226
APÊNDICE B - Convite da Pesquisadora para Observar as Trocas de Talentos.....	227
APÊNDICE C - Roteiro de Entrevistas Semiestruturado (Associados) – Aplicado de 02/03 a 01/05/2018	228
APÊNDICE D - Roteiro de Entrevistas Semiestruturado (Ex-associados) – Aplicado de 02/03 a 01/05/2018	229
APÊNDICE E - Roteiro de Entrevistas Semiestruturado (Idealizadores/Administradores).....	230
APÊNDICE F - Roteiro de Entrevistas Semiestruturado (Associados) – Aplicado de 02/05/2018 a 11/03/2019	231
APÊNDICE G - Roteiro de Entrevistas Semiestruturado (Ex-associados) – Aplicado de 02/05/2018 a 11/03/2019	232
APÊNDICE H - Roteiro de Entrevistas Semiestruturado (Não Cadastrados)	233
APÊNDICE I - Análises Preliminares para Discussão com os Administradores do BdT de Portugal.....	234
ANEXO A - Regras de funcionamento do Banco de Tempo de Garopaba.....	235

ANEXO B - Regras Gerais de Funcionamento do BdT de Santa Maria da Feira.....	238
ANEXO C - Serviços disponibilizados no BdT Santa Maria da Feira.....	239
ANEXO D - Convite Virtual para Gratifeira.....	241
ANEXO E - <i>Flyer</i> da Gratifeira.....	242
ANEXO F - Foto do <i>Banner</i> da Gratifeira	243
ANEXO G - <i>Post Facebook®</i> - Pós Gratifeira.....	244
ANEXO H - Lista de Talentos do BdT de Garopaba	245
ANEXO I - Representação das Agências nos Estados Brasileiros.....	248
ANEXO J - Primeira Tabela de Cadastros do BdT de Garopaba.....	249

1 INTRODUÇÃO

A crescente desigualdade social que afeta inúmeras pessoas em todo o mundo exige uma busca constante de alternativas que possam gerar mudanças nessa realidade. Nesse cenário internacional, no qual há aumento das taxas de pobreza, pesquisadores têm investigado diferentes teorias que procuram conciliar as práticas de gestão e a busca por soluções inovadoras de mudança social (AGOSTINI; MARQUES; BOSSLE, 2017). Ocorrem, nesse contexto, discussões em torno da inovação social. A inovação social trata de mudanças no contexto social em que novas instituições e sistemas sociais são criados, em uma lógica que se move do indivíduo para o coletivo (BITTENCOURT; FIGUEIRÓ; SCHUTEL, 2017). A inovação social manifesta-se com a resolução (ou melhora) de novas condições sociais insatisfatórias, onde, por meio do atendimento de necessidades ligadas à educação, esporte, lazer, saúde, entre outras, ela visa aumentar o bem estar e a qualidade de vida dos envolvidos. Desta forma, a inovação social provoca mudanças no quadro social, criando condições para que os indivíduos possam retomar a autonomia e a condução de suas vidas (CLOUTIER, 2003). Conforme Seyfang e Smith (2007), inovações populares geram novas soluções de baixo para cima para o desenvolvimento sustentável. Um exemplo são os grupos gratuitos de reutilização de produtos mediados tecnologicamente, os quais surgem como uma inovação social emergente na sociedade civil (SEYFANG; SMITH, 2007). Tais grupos fazem parte do fenômeno denominado economia compartilhada, que vem se alastrando mundialmente. Mont, Neuvonen e Läheteoja (2014) apresentam a economia compartilhada como um exemplo de inovação social. Neste sentido, o acesso a bens e serviços promovido por plataformas de economia compartilhada parece ter potencial para servir de alternativa na busca por inovações sociais.

A economia compartilhada é compreendida como uma importante tendência que se originou com a recessão econômica global, aliada a preocupações sociais sobre o consumo sustentável, a fim de levar indivíduos e a sociedade a explorar o uso de recursos e produtos de forma mais eficiente (JIANG; TIAN, 2016). Uma vez que plataformas tecnológicas possibilitam a ocorrência da economia compartilhada baseada no acesso a recursos, o acesso constrói o capital social e permite uma distribuição mais equitativa dos bens e serviços, já que os custos de acesso são mais baixos do que os de propriedade (MARTIN; UPHAM; BUDD, 2015; HAMARI; SJOKLINT; UKKONEN, 2016). Harvey, Smith e Golightly (2014) salientam que esses sistemas colaborativos auxiliam os consumidores a explorarem uma reserva de recursos. Desse modo, podem diminuir o custo de aquisição do consumo, bem como seu

impacto ambiental, se comparado ao ciclo de vida do produto típico. Essencialmente, muitos desses sistemas evitam ou mesmo vetam transações monetárias, o que favorece a redistribuição deliberada de recursos sem a formalização de “tomar uma coisa por outra” (ALBINSSON; PERERA, 2012). Efeitos significativos sobre o compromisso presente em comunidades de economia compartilhada, estimulados pela confiança geram benefícios sociais gerados (YANG et al., 2017). Autores defendem a economia compartilhada como um meio em potencial para libertar a sociedade das práticas de hiperconsumo (BOTSMAN; ROGERS, 2011), visando um novo caminho para a sustentabilidade (HEINRICHS, 2013; DEMIREL; PAYNE, 2018). Tendo como finalidade resolver a insustentabilidade, injustiças e desigualdades de economias de mercado, argumenta-se que a economia compartilhada que dá acesso a bens e serviços cria a oportunidade de utilização desses bens e serviços de forma muito mais eficiente (MARTIN; UPHAM; BUDD, 2015). Nessa perspectiva, fica evidente a aproximação da economia compartilhada com a inovação social. Entretanto, inúmeras críticas se fazem presentes na literatura, uma vez que, uma série de preocupações sociais decorrem das suas práticas, como a reestruturação das relações de trabalho, envolvendo mudanças econômicas, legais e políticas (SCHOR; ATTWOOD-CHARLES, 2017; PLEWNIA; GUENTHER, 2018). Isso se deve ao potencial de inovações tecnológicas dentro da economia compartilhada, para contornar a regulação ambiental e social, embasado no "neoliberalismo em esteroides", em que ações ocorrem comandadas simplesmente pela liberdade absoluta de mercado, sem a intervenção estatal sobre esta “nova” economia (MOROZOV, 2013). Critica-se que as plataformas levantam a questão da reestruturação das relações de trabalho em uma era neoliberal, em especial no que diz respeito a termos de precariedade crescente e riscos às condições de trabalho (STANDING, 2011; SCHOLZ, 2012). Destaca-se que praticamente todas as plataformas designam trabalhadores como contratados independentes, que não gozam das proteções garantidas aos empregados-padrão, bem como de seus benefícios e direitos (TOMASSETTI, 2015; DUBAL, 2017), tais como benefícios de saúde e segurança ao trabalhador (MOROZOV, 2013). Outra questão que vem ao encontro dessa perspectiva mais crítica é a competição de plataformas, as guerras de preços, assim como as pressões para elevar o volume de transações, que podem acarretar redução de salários e ameaças às condições de trabalho (CALVEY, 2016). Além disso, conforme Cansoy e Schor (2016), na economia compartilhada, identificaram-se práticas de discriminação, englobando a distribuição de ativos subjacentes desvantajosamente para pessoas negras e de baixa renda. Dessa forma, a economia compartilhada também pode estar contribuindo para o aumento da discriminação e da desigualdade social (SCHOR;

ATTWOOD-CHARLES, 2017; FRENKEN; SCHOR, 2017), aspectos contrários à inovação social.

A literatura deixa evidente a controvérsia em relação ao fenômeno da economia compartilhada, mas olhando especificamente para uma conversa com a inovação social, identificam-se pesquisas que apontam a existência de interseções entre economia compartilhada e inovação social. Jaeger-Erben et al. (2015) apresenta cinco tipos de inovação, uma delas é denominada economia compartilhada, entendida como uma estrutura que facilita o consumo colaborativo, onde a mesma tem potencial para promover benefícios sociais para aqueles que participam da comunidade. Também Andrade e Rezende (2017) destacam alguns pontos convergentes entre inovação social e economia compartilhada, sendo estes: (1) na medida em que responde a uma insatisfatória situação social, a inovação social cria valor. Por sua vez, determinadas práticas de consumo colaborativo respondem a uma situação social e criam valor para a comunidade na qual estão inseridas; (2) o incentivo à cooperação para a resolução de questões sociais é estratégia da inovação social: a cooperação está na essência do consumo colaborativo; (3) esforços locais constituem o *locus* da inovação social. A literatura e as mídias sociais revelam que o esforço inicial parte de uma pessoa ou de um pequeno grupo, na maioria das práticas de consumo colaborativo; (4) a inovação social é um processo que gera soluções continuamente. A prática só se sustenta se permanecer gerando soluções e benefícios para todas as partes envolvidas, assim como se observa em qualquer prática de consumo colaborativo; e (5) a inovação social se vale de mecanismos de difusão do conhecimento que favorecem sua replicação e propagação dos resultados, sendo que no consumo colaborativo destacam-se as mídias sociais, suas plataformas mais estratégicas para difusão das práticas (ANDRADE; REZENDE, 2017). Ainda Avelino et al. (2017) exploram e distinguem, em sua pesquisa, quatro nuances de mudança e inovação: (1) inovação social, compreendida como uma mudança nas relações sociais, envolvendo novas formas de fazer, organizar, conhecer e enquadrar; (2) inovação do sistema, entendida como uma mudança a nível de subsistemas sociais, incluindo instituições, estruturas sociais e infraestruturas físicas; (3) modificadores do jogo, conceituados como microfenômenos (eventos, tendências e desenvolvimentos) que mudam o "jogo" da interação social (as regras, os campos e os jogadores), estabelecendo novas condições para os atores, ao influenciar orientações e interpretações sociais; e (4) narrativas de mudança, denominadas conjuntos de ideias, conceitos, metáforas, discursos ou linhas de história sobre mudança e inovação. A economia compartilhada é citada como um "modificador do jogo" (AVELINO et al., 2017). Todavia, o estudo não explora como ou qual o papel da economia

compartilhada enquanto modificador do jogo em direção à inovação social. A literatura aponta interseções entre inovação social e economia compartilhada em uma abordagem conceitual, mas pouco se sabe sobre como as práticas da economia compartilhada promovem (ou não) inovação social. Desta forma, torna-se importante compreender como a economia compartilhada pode ser um mecanismo de promoção da inovação social. A literatura indica conceitualmente o enorme potencial para a economia compartilhada trazer recortes para a inovação social. Entretanto, poderiam ser indicados mais claramente os pontos concordantes e discordantes no que tange ao entrelaçamento de inovação social e economia compartilhada (ANDRADE; REZENDE, 2017). Diante das controvérsias que dificultam a clareza sobre a economia compartilhada poder ser, ou não, compreendida como um tipo de inovação social, ou então, poder ser um meio de gerar mais desigualdades sociais, emerge o interesse em investigar a articulação entre as temáticas inovação social e economia compartilhada. Isso posto, a questão de pesquisa a que este estudo busca responder é: Como as práticas em um contexto de economia compartilhada se aproximam (ou afastam) da inovação social?

O campo de estudo dessa pesquisa será um banco de tempo, o qual se trata de um movimento social de base comunitária, no qual seus membros negociam serviços de modo igualitário, sendo que o tempo de cada membro equivale em valor ao tempo de qualquer outro (SCHOR; FITZMAURICE; 2015). A literatura também aponta que, mesmo com a recente expansão de bancos de tempo pelo mundo, ainda são incipientes os estudos acadêmicos sobre o movimento (OZANNE; OZANNE; 2016). Sendo o banco de tempo uma plataforma de trocas indiretas sem fins lucrativos e, sabendo-se que muitas pesquisas sobre inovação social se concentram de maneira predominante em empresas com fins lucrativos (TRACEY; STOTT, 2017), as estruturas não monetizadas da economia compartilhada apresentam-se com o potencial de colaborar para as metas de desenvolvimento sustentável (GÖSSLING; HALL, 2019). Considere-se ainda que o banco de tempo pode ser classificado no arquétipo compartilhar por ideal da economia compartilhada (PETRINI; FREITAS; SILVEIRA, 2017), considerou-se oportuno esse campo para a questão de pesquisa que esse trabalho se propõe a responder.

Esta pesquisa será analisada à luz da Teoria Ator-Rede, uma vez que se visa “seguir/acompanhar” o banco de tempo, com a finalidade de identificar e compreender as inovações geradas, através da aprendizagem com o coletivo que acontece a partir das vivências na rede (LATOUR, 2005). Esse coletivo será analisado considerando os atores humanos e também os não-humanos, a fim de ter uma completude das relações estabelecidas no grupo.

Buscar-se-á analisar as práticas do banco de tempo, sendo essas compreendidas como uma série de dizeres e fazeres estruturados a partir da associação de diferentes entendimentos, um acervo de normas e de uma estrutura teleoafetiva capaz de organizar, a qual pode ser modificada no decorrer do tempo em resposta a eventos contingentes (SHATZKI, 2001). Também as controvérsias serão analisadas, as quais são definidas como lutas conflitantes em que se torna mais complexa a vida coletiva, tendo essas possíveis negociações mediante processos democráticos (VENTURINI, 2010). A análise dos actantes, práticas e controvérsias considerará as translações abrangidas na rede, considerando que os objetivos e interesses variados e contraditórios são deslocados e transformados pelos actantes, na busca de torná-los comuns (CALLON, 1986; LATOUR, 2000; 2012).

1.1 OBJETIVOS

Para responder à questão de pesquisa proposta neste estudo, o objetivo geral será analisar as práticas da economia compartilhada e seu potencial de promover inovação social, à luz da Teoria Ator-Rede.

O desdobramento desse objetivo ocorre por meio dos seguintes objetivos específicos:

- Identificar os actantes (atores humanos e não humanos) envolvidos e as práticas realizadas na economia compartilhada.
- Levantar as tensões (controvérsias) existentes no contexto de economia compartilhada.
- Compreender as relações de aproximação e afastamento entre a economia compartilhada e a inovação social.

1.2 JUSTIFICATIVA

A economia compartilhada é uma temática da atualidade, cuja influência econômica é percebida no mercado. Conforme Hawksworth (2017), os cinco principais setores da economia compartilhada geraram US\$ 15 bilhões em receitas globais no ano de 2013, representando 5% da receita total gerada pelos dez setores que a pesquisa estima, entre eles, empréstimos coletivos, agência de empregos coletiva, acomodação de *peer-to-peer*, compartilhamento de carro e compartilhamento de música. Para o ano de 2025, apenas os cinco primeiros setores apontados da economia compartilhada poderão gerar mais da metade das vendas globais, atingindo uma potencial oportunidade de receita no valor de US\$ 335 bilhões. No entanto, para

que os negócios de economia compartilhada atinjam seu potencial, eles precisarão superar barreiras significativas. Os dois principais obstáculos são as questões regulatórias e fiscais; e os desafios ao manter a singularidade e autenticidade do negócio. Desta forma, existe um interesse crescente na natureza e nos impactos da economia compartilhada entre empresários, inovadores, empresas estabelecidas, decisores políticos, comentaristas de mídia e pesquisadores acadêmicos (MARTIN, 2015).

Conforme Guimarães, Franco e Souza (2017), a economia compartilhada representa um grande número de modos de fazer as coisas e um novo paradigma quanto ao modo de pensar a economia. Isso considera especialmente as preocupações modernas acerca de sustentabilidade, os regulamentos dos trabalhadores na era digital, uma modificação no consenso dos estilos de vida dos consumidores (agora baseado no acesso e não somente na propriedade dos bens) e outras atuais transformações na sociedade. Ou talvez não. A economia compartilhada pode ser apenas um novo nome designando reinterpretções de modelos de negócios bem conhecidos, alavancados pela permanente conectividade proporcionada, em muitas sociedades, como uma mercadoria. Considera-se a economia compartilhada uma nova e profícua área de pesquisa, em vista da grande quantidade de possíveis definições e da flexibilidade das práticas, além de apontar para um modelo de negócios que altera a relação de consumo com objetos e um estilo de vida materialista (GUIMARÃES; FRANCO; SOUZA, 2017; ALONSO-ALMEIDA (2018); ALONSO-ALMEIDA; PERRAMON; BAGUR-FEMENÍAS, 2020).

O campo de pesquisa sobre economia compartilhada na academia ainda é incipiente e contraditório (SILVEIRA, 2017; SHMIDT, 2019). Diante de um campo de estudo em que consensos não se fazem presentes, e controvérsias em relação aos impactos sociais e ambientais da economia compartilhada continuam sendo contestados, tornam-se pertinentes os estudos aprofundados nessa temática. Paralelamente, a importância do tema é reforçada por Hawksworth (2016), que destaca que um dos principais resultados das últimas projeções de crescimento global de longo prazo, para 2050, levando em conta 32 das maiores economias do mundo, representando cerca de 85% do PIB mundial, aponta que os mercados emergentes, onde o Brasil se inclui, poderiam crescer cerca de duas vezes mais rápido que as economias avançadas. Neste sentido, sabe-se que as economias emergentes precisam melhorar suas instituições e infraestruturas de forma significativa se quiserem alcançar seu potencial de crescimento em longo prazo (AGOSTINI et al., 2017). Ambos os contextos, internacional e brasileiro, apresentam interesse crescente em pesquisas sobre a temática inovação social, dada a necessidade de encontrar formas alternativas de resolver problemas sociais que contemplam

as diferenças regionais e prestam atenção às expectativas da sociedade (AGOSTINI et al., 2017; RIBEIRO et al., 2019). Sendo assim, a urgência e seriedade de problemas como pobreza, mudanças climáticas, sustentabilidade de recursos, entre outros, colaboraram, nos últimos anos, para a aceleração de estudos e discussões acerca do conceito de inovação social (DEMIREL; PAYNE, 2018). Dessa forma, a inovação social pode ser analisada no nível da prática social a fim de melhor atender as necessidades emergentes e os problemas do ambiente social, visando que essa prática seja socialmente aceita e difundida (AGOSTINI, 2017). Nesse sentido, a inovação social mostra-se, nos últimos anos, como um campo de interesse tanto para os *practitioners* quanto para os acadêmicos (ANDION et al., 2017; DEMIREL; PAYNE, 2018). Essa temática de estudo é mais consolidada, por exemplo, que a economia compartilhada. No entanto, conforme Agostini, Marques e Bossle (2017) e Flores et al. (2018), estudos acadêmicos futuros devem relacionar inovação social a outros campos do conhecimento, como uma nova tendência para o assunto. Consonante à realização de estudos que envolvam economia compartilhada e inovação social, também para os autores Demirel e Payne (2018) a busca de soluções inovadoras para superar problemas ecológicos, econômicos e sociais pode ter caminhos abertos a partir de práticas contemporâneas da economia compartilhada, essas que são promissoras para a redução do consumo excessivo no contexto da sustentabilidade. Logo, esta pesquisa visa aprofundar o estudo acerca das aproximações e afastamentos entre inovação social e economia compartilhada.

O presente trabalho está estruturado do seguinte modo: para embasar esta pesquisa, apresenta-se o referencial teórico, capítulo 2, contemplando definições e características da Inovação Social (2.1) e da Economia Compartilhada (2.2), além de Elementos conceituais da TAR Relevantes para a Pesquisa (2.3). A seguir, no capítulo 3, expõe-se o Método de Pesquisa que foi adotado, apresenta-se o detalhamento das Imersões no Campo de Pesquisa (3.1), e o caminho percorrido para a Análise dos Dados (3.2). O capítulo 4 explora o campo de estudo, que foi o Banco de Tempo de Garopaba, trazendo seu formato, histórico e sua relevância, além da sua inspiração no Banco de Tempo de Santa Maria da Feira – Portugal. Já o capítulo 5 apresenta os Resultados dessa pesquisa, dividindo-se em quatro subseções, sendo elas: 5.1 Os Actantes, onde se identifica os atores humanos e não humanos, assim com o papel e as relações que os mesmos estabelecem na rede; 5.2 As Práticas, subseção essa que apresenta as práticas e suas respectivas atividades encontradas no campo, assim como as translações ocorridas na rede, classificando-as como teleológicas ou afetivas; 5.3 As Controvérsias, nessa sendo discutidas as controvérsias presentes no Banco de Tempo de Garopaba, assim como as translações ocorridas

na rede, além da apresentação de seus principais elementos, e também as consequências pelas mesmas geradas; por fim, a subseção 5.4 A Inovação Social na Economia Compartilhada, a qual contemplou a análise da inovação social sob as suas cinco dimensões: transformação, caráter inovador, inovação, atores e processos, compreendendo como a inovação social se aproxima e se afasta do contexto de economia compartilhada, além de se apontar propostas práticas que possam contribuir para a minimização dos distanciamentos encontrados. Na sequência, a seção 6 Considerações Finais, apresenta os principais resultados e as limitações da pesquisa, assim como sugestões de futuros estudos. Finaliza-se com as Referências Bibliográficas utilizadas para apoiar a construção desse trabalho, seguida dos Apêndices desenvolvidos pela pesquisadora, assim como os anexos, apresentando documentos consultados.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, abordam-se os conceitos e teorias que sustentam essa pesquisa. Sendo assim, o referencial teórico centra-se nas duas temáticas que a pesquisa contempla: Inovação Social (2.1) e Economia Compartilhada (2.2), além da base teórico-metodológica adotada, onde apresenta-se os Elementos Conceituais da Teoria Ator-Rede Relevantes para a Pesquisa (2.3).

2.1 INOVAÇÃO SOCIAL

Conforme Taylor (1970), a inovação social é o resultado da procura por respostas às necessidades sociais, inserindo novas invenções sociais e novas formas de fazer as coisas. Segundo Lauwe (1976 apud CLOUTIER, 2003), a inovação social surge a partir de contextos sociais inadmissíveis, permitindo que se estabeleça uma série de novas relações e novos processos decisórios a partir da conscientização dos indivíduos sobre o contexto em questão. Já para Chambon, David e Devevey (1982), a inovação social proporciona melhor resposta em relação ao que é necessário aos indivíduos. Isso por quê, uma vez que ela corresponde a uma prática adaptada à situação problema, a mesma tem potencial para a geração de resultados mais próximos do ideal, quando comparada à situação vigente. Diante dessas três acepções, percebe-se que a inovação social parte de uma inquietação, com a finalidade de encontrar respostas a necessidades sociais, onde movimentos e ações são necessários, a fim de que resultados mais efetivos sejam encontrados.

Para Gray e Braddy (1988), as inovações sociais são reconhecidas como tal pelos resultados atingidos e pelos objetivos das mudanças almejadas, e não somente por conta da natureza inovadora das soluções para os problemas sociais. Com efeito, conforme os autores, as inovações sociais são aquelas que cooperam para mudanças sociais reais. Já para Bouchard (1999), qualquer nova abordagem, intervenção ou prática, bem como qualquer novo produto desenvolvido com o intuito de melhorar uma situação ou resolver um problema social e conseguir um comprador a nível de instituições, comunidades e organizações, se refere à inovação social. Com base nessas definições, a inovação social está mais centrada em mudança social. É importante destacar que já na década de 80, ressaltava-se que a questão do consumo estava associada ao bem-estar da sociedade, relacionado com uma mudança de hábitos. Complementarmente, essas mudanças estão sendo buscadas para a solução de problemas sociais, sendo atingíveis por meio de práticas reais nesse contexto.

De acordo com o *Stanford Social Innovation Review* (2003), a inovação social refere-se ao processo de inventar, assegurar apoio e instaurar soluções novas para necessidades e problemas sociais. Segundo Novy e Leubolt (2005), a inovação social resulta, sobretudo, de fatores como: satisfação das principais necessidades humanas; maior participação política de grupos marginalizados; ampliação da capacidade sociopolítica e do acesso a recursos fundamentais para reforçar direitos que acarretem satisfação das necessidades humanas e participação. Para Heiskala (2007), a inovação social almeja a melhoria do desempenho social e econômico, o que inclui a quantidade e a qualidade de vida social. A inovação social passa a ser discutida como um processo que se dá buscando atender a problemas sociais, e os resultados dessas práticas passam a ser nomeados de maneira mais clara, assim como as dimensões social e econômica parecem estar envolvidas.

Ainda nos anos 1990, a inovação social era tratada como um negócio, sob um olhar predominantemente empresarial, se levada em conta a literatura dominante das ciências sociais (MOULAERT et al., 2005). Essas inovações eram analisadas de forma a se destacar o aumento de produtividade alcançado através de modificações no capital humano, institucional ou social. Essa ênfase empresarial, ao buscar a horizontalização dos processos de decisão dentro das organizações, salientava a formação de uma atmosfera que favorecesse a troca de informações e ideias. No entanto, paralelamente, a inovação social aparecia como uma potencialidade para transformar uma sociedade por meio de práticas voltadas diretamente a permitir que um indivíduo, ou um grupo deles, lide com uma necessidade social ou um conjunto delas, que poderia não ser satisfeita por outros meios (CHAMBON; DAVID; DEVEVEY, 1982), expandindo o enfoque de empresarial para societal. Também cada vez mais, a inovação social foi se distanciando da inovação tecnológica, tomando, assim, sua forma atual.

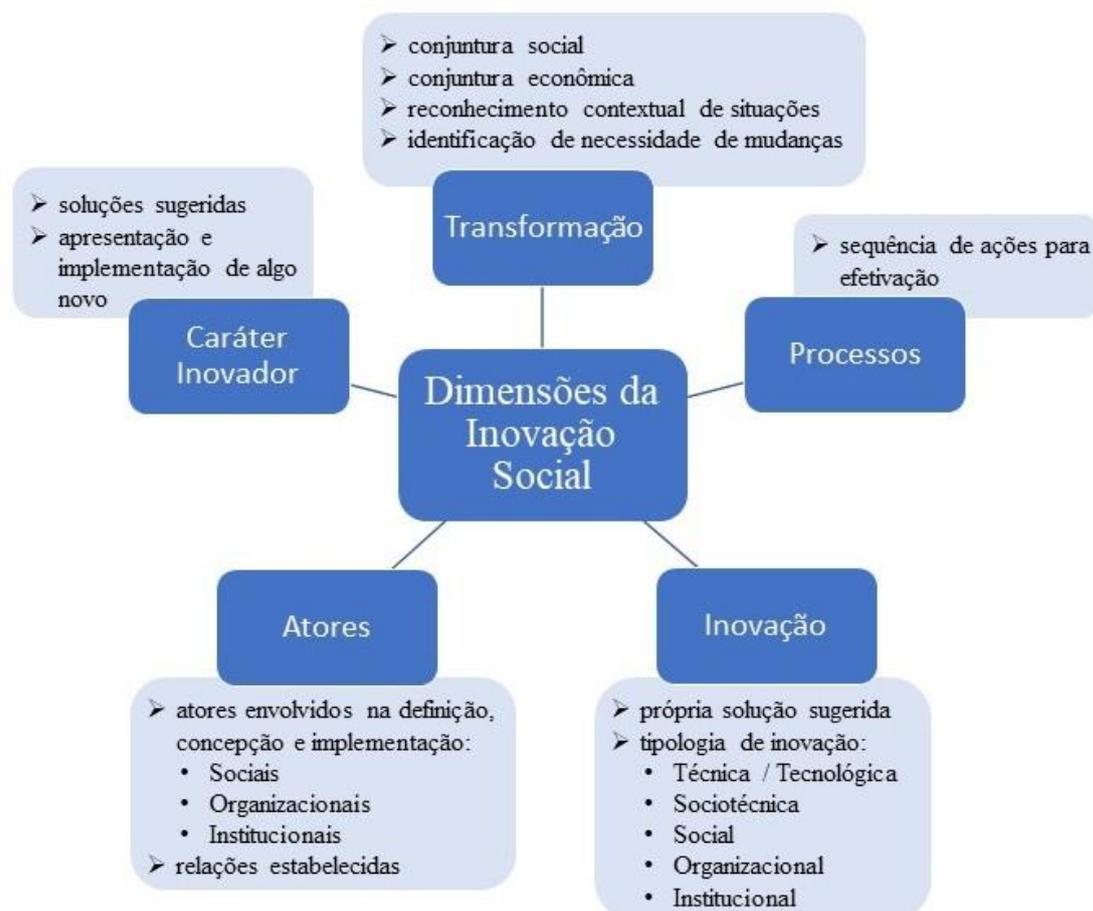
Segundo Petitclerc (2003), a inovação social e sua transformação realizam-se por características como: novidade; caráter inovador; objetivo; processos; relações entre atores; relações entre atores e estruturas; restrições. Consoante Tardif e Harrisson (2005), modificações nas relações entre os atores ocorrem por meio de mecanismos de aprendizagem coletiva e negociação conflitual, bem como através de compromisso, cooperação e reciprocidade em ação. Um conjunto de mecanismos pode ser utilizado: participação, consulta, coordenação, e mobilização de recursos internos e externos, a fim de diminuir a resistência e os obstáculos a projetos inovadores. Vale destacar que a inovação social notabiliza-se especialmente por seu processo arraigado na participação dos usuários e demais envolvidos no processo, assim como pelas colaborações formadas entre estes. É interessante, ainda, compreender a motivação para

participar da inovação social. De acordo com Dietrich et al. (2016), participar de uma inovação social, além de permitir efetivamente oferecer suporte social a uma causa ou a alguém necessitado, pode representar um ato de humanidade que impacta positivamente a pessoa auxiliada. Com o intuito de expandir as ideias acerca dos efeitos que os fatores motivacionais podem ter sobre a intenção de adotar a inovação social, constatam-se motivações como o voluntariado e o comportamento pró-social. A vantagem relativa, a complexidade e a compatibilidade das inovações sociais verificadas estão relacionadas positivamente com a intenção de adoção das mesmas (DIETRICH et al., 2016). De acordo com Nijnika et al. (2019), o desenvolvimento de novas modalidades de interação entre os atores do sistema é uma característica essencial da inovação social.

O Centro de Pesquisa em Inovações Sociais (CRISES) é uma organização interuniversitária de pesquisadores, sendo um dos principais centros de pesquisa para a inovação social no Canadá, motivado a estudar soluções sociais que oportunizam mudanças positivas na sociedade (ANDREW; KLEIN, 2010). A partir dos estudos dessa organização, os autores Tardif e Harrison (2005) definem a inovação social como uma intervenção desencadeada pelos atores sociais, com o intuito de atender necessidades específicas, responder a uma aspiração, oferecer uma solução ou, ainda, para tirar proveito de uma oportunidade para a ação. Ainda para esses autores, a análise e estudo das inovações e transformações sociais são compreendidas por três eixos complementares: território, condições de vida e trabalho. No eixo território, a concentração acontece especialmente nos papéis dos atores sociais e suas práticas inovadoras, nas recomposições territoriais atuais. Eles estudam, em particular, o aparecimento de redes sociais e seus vínculos com novas formas de territorialidade, atores sociais e órgãos políticos locais, relações entre empresas, identidades locais e suas conexões com o desenvolvimento econômico e social, assim como as modalidades de governança territorial. No eixo condições de vida, por sua vez, o foco está na identificação, descrição e análise de inovações sociais direcionadas para melhorar as condições de vida das pessoas, em especial no que se refere a consumo, ambiente familiar, uso do tempo, integração no mercado de trabalho, renda, saúde, habitação e segurança pessoal. Tais inovações estão situadas, geralmente, na junção de políticas públicas e movimentos sociais, como: serviços coletivos, lutas populares, práticas de resistência, novas maneiras de produzir e consumir, entre outros. O eixo trabalho atenta para a organização do trabalho, seja no serviço público, na regulamentação do trabalho e na governança corporativa, no setor de manufatura, bem como na economia com base no conhecimento. A pesquisa concentra-se nas dimensões organizacionais e institucionais do

trabalho, que se relacionam a sindicatos e empresas, assim como a políticas públicas. Têm foco em determinados temas, como estratégias de partes interessadas, governança corporativa, parceria, envelhecimento no trabalho, novo *status* de trabalho, treinamento e economia do conhecimento (TARDIF; HARRISSON, 2005). Independentemente do nível ou do eixo em que a inovação social seja gerada, é interessante compreender as principais dimensões da inovação social. Correia, Oliveira e Gomez (2016) salientam que a contribuição mais relevante da CRISES, elaboradas por Tardif e Harrisson (2005) e embasados em 49 estudos produzidos por pesquisadores da organização, foi integrar as matrizes desses três eixos: território, condições de trabalho e de emprego, por meio de semelhanças e complementaridades relativas ao conceito de inovação social na perspectiva da transformação social. Os resultados abrangeram as dimensões: transformação, caráter inovador, inovação, atores, e processo, as quais serão detalhadas na sequência. Na Figura 01, representa-se as cinco dimensões da inovação social com os seus principais elementos, conforme proposta de Tardif e Harrisson (2005).

Figura 01: Dimensões da Inovação Social



Fonte: Adaptado de Tardif e Harrisson (2005)

Conforme Tardif e Harrisson (2005) a dimensão “transformação” leva em conta a conjuntura social e econômica, a partir de mudanças ocasionadas por crises, ruptura e descontinuidade, tanto micro como macroeconômicas. Estas conjunturas atuam como fomentadores contextuais para o aparecimento e desenvolvimento de inovações sociais. Além disso, a dimensão “transformação” diz respeito ao reconhecimento contextual de situações que manifestem a necessidade de mudança. Essa dimensão, conforme os autores, deve ser analisada levando-se em conta a conjuntura local (em termos de crises, descontinuidades e rupturas), a conjuntura econômica (que engloba a produção, consumo, relações de trabalho, etc.) e a conjuntura social, marcada por marginalização, exclusão, práticas vigentes e demais mudanças (TARDIF; HARRISSON, 2005). Dessa forma, percebe-se que a inovação social adquiriu crescente importância frente às insatisfatórias estruturas e políticas estabelecidas, apresentando-se como uma das formas de se procurar alternativas aos problemas sociais (MURRAY; CAULIER-GRICE; MULGAN, 2010). Essas novas alternativas favorecem a participação nos sistemas sociais da chamada população excluída, fundamentadas em uma abordagem anglo-saxônica, possibilitando a alteração nas estruturas de empoderamento baseado no fato de que indivíduos ou grupos podem obter a capacidade de atingir as necessárias transformações (LALLEMAND, 2001). Também para Gershuny (1983), a mudança nos hábitos de consumo de uma sociedade com vistas a garantir seu bem-estar refere-se à inovação social. Assim, retrata um novo modo utilizado por uma população para atender a uma categoria de necessidades (transporte, nutrição, saúde, entretenimento). Retrata também uma nova maneira de compra de produtos domésticos mais produtivos e retirada da vida privada para contentar suas próprias necessidades, considerando as conjunturas social e econômica da localidade. Por fim, conforme Pisano, Lange e Berger (2015), as raízes da inovação social em satisfazer necessidades sociais não devem ser compreendidas apenas pela ausência do governo ou do mercado, mas também como uma oportunidade de encontrar respostas para uma crise múltipla social, econômico e ambiental que é enfrentada pelas sociedades em todo o mundo. Sendo assim, as organizações da sociedade civil buscam reagir e adotar novas práticas através da inovação social, aplicando mecanismo de solidariedade, de reciprocidade, e novas estruturas de governança (PISANO; LANGE; BERGER, 2015).

Segundo Tardif e Harrisson (2005), a dimensão “caráter inovador” se configura como uma solução sugerida em resposta à dimensão de transformação. Os autores ressaltam que o caráter inovador se manifesta pela apresentação e implementação de algo novo, tal como novas regras sociais, novas formas organizacionais, novas funcionalidades, etc. Ainda nessa

dimensão, podem ser evidenciados modelos de trabalho, desenvolvimento e governança, bem como em novidades econômicas e novidades em ações sociais, tais como experimentos, programas, políticas, regulamentação social e arranjos institucionais (TARDIF; HARRISSON, 2005). Quanto ao caráter inovador/transformacional, segundo Dumitru et al. (2017) compreende que a inovação social adota esse papel quando desafia, substitui, altera ou produz alternativas a relações sociais bem estabelecidas e modos de fazer as coisas. Para que essas transformações de fato ocorram, é necessário manter integridade, autonomia e resistir às tensões, sobretudo do governo (DUMITRU et al., 2017). Sendo assim, percebe-se que as inovações sociais são amplas e envolvem produtos, serviços, modelos ou políticas e práticas comportamentais, e que também essas, não necessariamente, precisam gerar novas invenções para o mundo, todavia, a sua implantação deve ser nova para o grupo de beneficiários (RHULE; ALLOTEY, 2020). Também, a inovação social é compreendida como uma prática que oportuniza encaminhar novos questionamentos e uma nova resposta, ou se incumbir, de forma diferente, de uma necessidade social existente ou emergente (LALLEMAND, 2001; HOWALDT; SCHWARTZ, 2010). Assim, surgem as novas ideias acerca de como os indivíduos organizam essas suas atividades, a fim de contemplar objetivos em comum, podendo variar em relação à amplitude e ao impacto (MUMFORD, 2002). Ademais, de acordo com Rollin e Vincent (2007) o caráter inovador (iniciativa nova, revolucionária, adaptada e renovada) procura remediar a situação encontrada, ilustrando a trajetória dos atores que buscam resolver um problema, preencher uma necessidade ou responder a uma aspiração quando tentam implementar uma estratégia inovadora. Tais iniciativas referem-se a ações previstas, as quais geram valor social, que é a sua principal preocupação (BESSANT; TIDD, 2007).

Já a terceira dimensão que se denomina “inovação” enfatiza a existência de variados tipos de inovação social, tratando-se da classificação da inovação social, que consiste na própria solução sugerida a uma demanda social (TARDIF; HARRISSON, 2005). Segundo Tardif e Harrisson (2005) a inovação social pode ser: Técnica/Tecnológica, decorrente da utilização de tecnologias, bem como da geração de novas tecnologias, que proporcionam melhorias no bem-estar social e qualidade de vida dos indivíduos; Sociotécnica, a qual concilia demandas sociais e interesses organizacionais; Social, a qual expande soluções apresentadas por atores da sociedade civil; Organizacional, que ocorre dentro das organizações e, frequentemente, fomenta melhoria da qualidade de vida dos empregados; e a Institucional, a qual o poder público auxilia de modo decisivo para concepção e implementação da solução inovadora.

A quarta dimensão a qual é nomeada “atores”, engloba todos os atores envolvidos nos processos de definição, concepção e implementação da inovação social. Ou seja, contempla todos os envolvidos em um processo de inovação, assim como as relações estabelecidas entre eles (TARDIF, HARRISSON, 2005). Paralelamente, Fontan (1998) defende que a ação inovadora representa a mediação de pelo menos um ator social para responder a uma necessidade, um desejo ou para resolver um problema. Portanto, a inovação social seria a iniciativa de indivíduos e grupos que encaram o problema ou que visam um ideal social para eles próprios. Ela é vista como um processo coletivo de aprendizagem e criação de conhecimento que requer a participação de usuários, em variados graus, durante seu processo de criação e implementação (CLOUTIER, 2003). Complementarmente, Bignetti (2011) explicita que a participação e a cooperação de todos os atores envolvidos geram a inovação social, a qual pode ser caracterizada como o resultado do conhecimento aplicado a necessidades sociais. De acordo com Tardif e Harrison (2005), esses atores podem ser, Sociais: associações, movimentos, sindicatos, cooperativas e sociedade civil; Organizacionais: empresas, organizações coletivas, organizações de economia social, destinatários; e Institucionais: estado, valores, normas e identidade. Quanto aos atores sociais, Alijani et al. (2016) realçam o papel essencial desses compostos também por decisores políticos, empresas sociais, empresários, instituições políticas, sociais, econômicas e culturais. Logo, Henderson (1993) advoga que as inovações sociais advêm especialmente das pressões praticadas pelos movimentos dos cidadãos sobre os governos, sendo que esses atores sociais oferecem sua capacidade de indicar soluções inovadoras para o alcance e diversificação de suas redes. Por fim, Rollin e Vincent (2007) definem quatro tipos de atores envolvidos nos processos de inovação social: os transportadores, os doadores, os portadores e os tomadores, todos contribuintes para o sucesso das inovações sociais (ROLLIN; VINCENT, 2007). O primeiro tipo de ator são os transportadores da inovação social, que se assemelham à locomotiva que puxa um trem. Eles estão na origem da inovação, do projeto inovador. Desempenham o papel de criadores, promotores e hélices de inovação social, tanto sozinhos como em grupos, e compartilham certas características, como liderança, criatividade e disposição para assumir o controle. Geralmente são visionários e devem ser capazes de assumir riscos que, por vezes, são altos. O segundo tipo são os doadores, ou financiadores. Obviamente, estes têm a função de financiar, ao longo do processo de implementação, abordagens inovadoras. São eles: governo, empresas privadas, fundações, filantropia, indivíduos, cidadãos, voluntários e usuários. O terceiro tipo são os portadores da inovação social, que têm o papel de apoiar projetos inovadores, isto é, sua função é acompanhar

um projeto ou dar-lhe credibilidade, bem como divulgá-lo e promovê-lo. Os parceiros de apoio encorajam e apoiam os portadores da inovação social em sua abordagem, trazendo novas ideias. Eles podem, também, participar na partilha e troca de conhecimento ou documentar uma abordagem inovadora. O quarto e último tipo são os tomadores da inovação social. Estes não se contentam em apropriar o novo serviço ou a nova maneira de fazer as coisas criadas para eles, ao contrário do que o termo "tomador" pode sugerir. Em vez disso, eles desempenham um papel dinâmico que os leva a participar ativamente do processo inovador em curso, de variados modos. Seu principal papel, naturalmente, é beneficiar-se de um novo serviço, empregar uma nova abordagem, apropriar um lugar, uma empresa ou uma nova maneira de fazer as coisas. Além disso, os tomadores de inovação social implementam essas práticas inovadoras (ROLLIN; VINCENT, 2007).

Por fim, conforme Tardif e Harrisson (2005), a quinta dimensão corresponde aos "processos", abrangendo a sequência de ações para efetivação da inovação social. Esse processo engloba três elementos centrais: os modos de coordenação, os meios para garantir isso e as restrições que afetam e podem reduzir o potencial inovador de um projeto. Os modos de coordenação são compreendidos como um processo de aprendizado coletivo, ou seja, que se dá a partir dos atores, o qual gera novos comportamentos, capazes de levar ao desenvolvimento de novas regras e padrões dentro do ambiente. Os meios são as práticas envolvidas no processo, e viabilizam que os meios de coordenação possam melhor compreender as restrições, ou seja, são mais próximas ao ambiente, e consideram as relações estipuladas entre as partes envolvidas (parcerias, difusão, negociação, integração, *empowerment*). Já as restrições são compreendidas como situações de complexidade e incerteza da dinâmica, como a resistência dos atores e as tensões trazidas pela novidade (TARDIF; HARRISSON, 2005). Também sobre processo, pode-se compreender, conforme Cloutier (2003), que a inovação social, ao adentrar na noção de aspiração, vai além do requisito para responder a uma situação tida como problemática, e adota a ideia do processo de solução de problema. Ou seja, é um processo de construção social, de geração de soluções dependentes da trajetória (BIGNETTI, 2011). Assim, pensar a inovação social como processo significa analisá-la pela trajetória percorrida ao longo de seu desenvolvimento e implantação, e não apenas pelo resultado da ação. As etapas que os atores percorrem são capazes de proporcionar novos conhecimentos, tanto de forma individual, como coletiva. Isso se dá, pois, neste processo, são construídas relações sociais e trocas de conhecimentos que eram inexistentes (OSSANI, 2013). Ossani (2013) ainda aponta que a inovação social, quando tida como processo, é aberta, pressupondo que exista a socialização

entre os envolvidos, sejam eles indivíduos, organizações ou grupos. Esses atores formam, a partir desta interação, redes de colaboração que cooperam para desenvolver a inovação social.

Nesta pesquisa, a inovação social foi considerada como o resultado do conhecimento aplicado a necessidades sociais por meio do envolvimento de atores, considerando as práticas e as controvérsias embricadas nas relações da rede. As cinco dimensões da inovação social proposta por Tardif e Harrisson (2005) - transformação, caráter inovador, inovação, atores e processo, serviram de pano de fundo durante o campo de investigação. Com isso, a cada nova prática buscou-se observar cada uma dessas dimensões. Tendo em vista que a inovação social se dá por diferentes tipos de atores, o papel destes como transportadores, doadores, portadores e/ou tomadores também foi investigado.

2.2 ECONOMIA COMPARTILHADA

O início da economia compartilhada pode ser situado logo após 1990, nos Estados Unidos, através da criação de sites como o *eBay*® e o *Craigslist*®, cujos objetivos eram de facilitar o processo de recirculação de bens. Conforme, Tussyadiah e Pesonen (2016), essas plataformas de redes sociais *on-line* estimulam a economia compartilhada, visto que as pessoas compartilham facilmente o acesso aos recursos ociosos, como transporte, alimentos, alojamento e habilidades com o outro. Também esses sites aproveitaram os avanços tecnológicos, através da expansão das transações *on-line peer-to-peer* (SHIRKY, 2008), que propiciavam redução dos custos das transações para explorar os mercados secundários (SCHOR, 2014), possibilitando também a propagação de novos modelos de negócio na economia compartilhada (GANSKY, 2011), os quais se mostram competitivos e representam um desafio para os prestadores de serviços tradicionais (MÖHLMANN, 2015). Dessa forma, a economia compartilhada é considerada um novo sistema socioeconômico que possibilita a criação compartilhada, produção, distribuição e consumo de bens e recursos entre os indivíduos (TUSSYADIAH; PESONEN, 2016). Já para Hamari, Sjöklint e Ukkonen (2016), a atividade baseada em obter algo em troca, dar ou compartilhar o acesso a bens e serviços, coordenada através de serviços baseados na comunidade, é compreendida como economia compartilhada. Consonante, aos aspectos de centralidade na comunidade, também Mohlmann (2015), argumenta que a economia compartilhada acontece em redes organizadas, nas quais os participantes realizam atividades de compartilhamento na forma de aluguel, empréstimo, troca de bens, serviços, soluções de transporte, espaço ou dinheiro. Entende-se por economia

compartilhada, ainda, atividades de colaboração para emprestar bens e serviços não utilizados, itens parados normalmente por tê-los em excesso, os quais são de propriedade de uma empresa, mas que outras empresas também podem utilizar (MINJE et al., 2014).

Como a economia compartilhada também é utilizada de maneira intercambiável com o termo consumo colaborativo, algumas definições deste foram revisitadas. O consumo colaborativo não é algo novo, no entanto, estudos aprofundados sobre esse fenômeno têm sido expandidos recentemente. O uso do termo foi discutido pela primeira vez em 1978 pelos autores Felson e Spaeth (SILVEIRA; PETRINI; SANTOS, 2016). O consumo colaborativo refere-se a um consumo que acontece entre amigos e familiares, como o ato de realizar refeições em conjunto ou de visitar alguém (FELSON; SPAETH, 1978); no entanto, atualmente, o conceito não se restringe somente ao consumo familiar. Por meio dos avanços tecnológicos e da expansão da internet, outras definições têm surgido. Botsman e Rogers (2011) definem o consumo colaborativo como uma série de práticas que proporcionam ao consumidor a utilização/contratação de diferentes bens e serviços sem a necessidade de trocas financeiras ou ainda a compra de produtos. Dessa forma, constitui um novo formato de negócio que aproveita as mudanças tecnológicas, em particular a internet. O consumo colaborativo, ao contrário do tradicional, baseia-se nas pessoas trabalhando de modo colaborativo, compartilhando práticas e ideias e gerando interações, promoções e vendas de produtos de maneira cooperativa (BOTSMAN; ROGERS, 2011). Ele é definido, ainda, como um sistema de solidariedade social fundamentado em um conjunto estruturado de troca de presentes e relações sociais entre os consumidores (GIESLER, 2006). O conceito é apresentado como "o ato e processo de distribuição do que é nosso para utilização dos outros e/ou o ato e processo de receber ou tomar algo dos outros para nosso uso" (BELK, 2007, p. 126). É um modelo de partilha de bens, que inclui o uso temporário de bens que pertencem a outras pessoas, como familiares. Os usuários devem pedir permissão para utilizar esses bens e são responsáveis por cuidá-los (BELK, 2010). O consumo colaborativo, para Botsman (2013), é um modelo econômico baseado na partilha, troca ou aluguel de produtos e serviços, de forma a permitir o acesso sem propriedade. Lamberton e Rose (2012), igualmente, entendem que se trata de sistemas que permitem aos clientes a oportunidade de desfrutar dos benefícios do produto sem a propriedade. No entanto, o consumo colaborativo também pode ser compreendido como um tipo de comportamento anticonsumo. Assim, o consumo colaborativo pode ser visto como um tipo de comportamento anticonsumo, no nível individual, partilhando-se por empréstimo ou aluguel, arrendamento ou empréstimos (OZANNE; BALLANTINE, 2010). Na busca pela delimitação da economia

compartilhada e do consumo colaborativo, Petrini, Freitas e Silveira (2017) identificam que ambos se baseiam na mesma raiz: o compartilhamento, seja baseado no acesso ou na transferência, reinventando comportamentos de mercados tradicionais e tentando aproveitar ativos subutilizados. Todavia, o consumo colaborativo apresenta-se inserido na economia compartilhada, restrito a um ambiente no qual se coordenam a aquisição e a distribuição de recursos com a finalidade do consumo através de uma taxa ou outro tipo de compensação (PETRINI; FREITAS; SILVEIRA, 2017).

O compartilhamento já ocorre há diversos anos, no entanto, identifica-se que aspectos tecnológicos e a redução da custos de transação são incentivos para a expansão do mesmo, o qual agora foca-se em conectar pessoas que antes eram desconhecidas entre si. Conforme Belk (2010) a partilha que ocorria dentro das famílias, já em tempos passados, passa a se fazer presente também entre pessoas estranhas, sendo comum a troca ou compartilhamento com desconhecidos. Consonante, Schor e Fitzmaurice (2015) alegam que o que se torna inovador no compartilhamento atual, é o fato de ser uma forma de mercado na qual estranhos (e não parentes e comunidades) trocam bens e serviços. Diante disso, percebe-se que o compartilhamento é um dos pilares da economia compartilhada. A partir do compartilhamento, o acesso a bens e serviços de outros passa a ser amplamente utilizado, alterando os mecanismos de acesso e posse. A estigmatização de aluguel tradicional mudou, e o acesso assume uma nova moda, voltada a alternativa de consumo verde (BOTSMAN; ROGERS, 2011; GANSKY, 2011). Segundo Petrini, Freitas e Silveira (2017), o compartilhamento organizado, seja por troca, empréstimo ou até mesmo aluguel, no qual benefícios de acesso sem a necessidade de posse são transmitidos aos usuários, torna-se uma possível solução para evitar o uso desnecessário de recursos, visto que, no acesso, os consumidores também podem experimentar um sentimento de posse percebido, mesmo que nenhuma transferência de propriedade ocorra. A relação de consumo de objetos no contexto de acesso é sublinhada pelo utilitarismo, e expressa por conveniência e economia. Assim, as preocupações econômicas superam preocupações éticas na maioria das situações de consumo (BARDHI; ECKHARDT, 2012). Os consumidores com interesses em comum, com o intuito de trocar, dar ou compartilhar bens, reúnem-se em grupo de maneira prática. Membros dessas comunidades oferecem seus pertences a outros, assumindo muitas vezes um custo pessoal e sem ganho imediato previsto.

Dessa maneira, identificou-se benefícios sociais e ambientais que o compartilhamento potencializa nas comunidades que experimentam essa abordagem. Uma vez que, muitos dos serviços presentes na economia compartilhada são projetados e posicionados como

explicitamente pró-sociais (PENNER et al., 2005). Fitzmaurice et al. (2016) salientam que muitos participantes expressam valores compartilhados e percebem sua participação nesses mercados como uma tentativa de criar mercados personalizados e mais humanos, opondo-se à economia corporativa global. Conforme Harvey, Smith e Golightly (2014), tais sistemas auxiliam os consumidores a explorarem uma reserva de recursos, permitindo que ocorra diminuição no custo de aquisição do consumo e no seu impacto ambiental, se comparado ao ciclo de vida do produto mais típico. Outra característica da economia compartilhada é a diversão intercomunitária, examinada por grande parte das pesquisas antropológicas sobre a doação de presente. Esta descreve a doação como meio de distribuição econômica dentro das sociedades arcaicas, que institui vínculos sociais que constituem estruturas macroestruturais importantes (YAN, 2005), sendo que a interação social foi um motivo importante para pelo menos metade de todos os hóspedes do *Airbnb*® e até mesmo para alguns *TaskRabbits* optarem por esses serviços (LAMPINEN; CHESHIRE, 2016). Hóspedes socializam, comem, bebem, viajam por uma cidade e por vezes até consolidam uma amizade constante com seus convidados *Airbnb*, entretanto, alguns anfitriões e convidados optam por não socializar (SCHOR, 2015). Uma vez construídos certos relacionamentos, os clientes adquirem um sentimento maior de segurança em relação a um prestador de serviços. Tal sensação é um benefício evidente que os usuários da economia compartilhada podem alcançar a partir de um relacionamento estabelecido com um prestador de serviços (YANG et al., 2017). Outrossim, entende-se que a economia compartilhada também está relacionada a preocupações sociais sobre o consumo sustentável, a fim de levar indivíduos e a sociedade a explorar o uso de recursos e produtos de forma mais eficiente (JIANG; TIAN, 2016). Ademais, o termo propõe-se a capturar novas formas mais colaborativas de criação, produção, distribuição, comércio e consumo de bens e serviços ativados por novas plataformas tecnológicas (PICK; DREHER, 2015). Matofska (2014) refere-se a um ecossistema socioeconômico, o qual envolve a criação, produção, distribuição, comércio e consumo de bens e serviços de forma compartilhada, o qual tem por base a partilha de recursos entre distintas pessoas e organizações. No entanto, é interessante salientar que questões a respeito da justiça social, bem-estar do consumidor, meio ambiente, materialismo, segurança alimentar global, ambientes sustentáveis e muito mais estão presentes nas discussões sobre partilha (BELK, 2010). Dessa forma, percebe-se que o movimento da economia compartilhada coopera para a melhoria do bem-estar da sociedade, através de novas formas de troca e compartilhamento, as quais incentivam, a sustentabilidade dos recursos,

moderando o consumo (DEMIREL; PAYNE, 2018), assim também agregando distintos tipos de promessas ambientais, econômicas e sociais (ACQUIER; DAUDIGEOS; PINKSE, 2017).

Todavia, há a possibilidade de os benefícios sociais serem simplesmente uma promessa ou ocorrerem minimizados. Por exemplo, um ponto a favor de modelos tradicionais é que os prestadores são contratados oficialmente por uma empresa de serviços que proporciona garantias relevantes, evitando dúvidas que acabam aparecendo em comunidades da economia compartilhada (PELTZ, 2015). Para Schor e Attwood-Charles (2017), por um lado, as grandes plataformas da economia compartilhada que visam os lucros, a associação, paralelamente a suas atividades principais, com iniciativas sem fins lucrativos e autenticamente pró-sociais, permitiu-lhes capturar a boa vontade, por outro, tratando uma particular lacuna de evidências almejada para respaldar uma série de reivindicações de benefícios sociais. Uma vez que o fato de que o "valor agregado" da economia compartilhada depende do acesso, que é um aspecto dependente da tecnologia, surgem algumas preocupações. Assim, às vezes, a tecnologia torna-se um obstáculo à participação de uma população em geral, aumentando as barreiras existentes para as populações desfavorecidas (GUIMARÃES; FRANCO; SOUZA, 2017). Tais populações podem não dispor dos recursos para aproveitar a economia compartilhada (CHENG, 2014). Ainda, conforme Richardson (2015), a economia compartilhada mascara simultaneamente novas formas de desigualdade e polarizações de propriedade, de modo a enfatizar as replicações de antigos padrões de acesso privilegiado para alguns e negação para outros (ROBINSON, 2014). Outras discussões também colocam em dúvida os benefícios sociais constantes de suas plataformas pela minimização dos custos trabalhistas (HILL, 2015; SCHOLZ, 2016) ou a capacidade de evadir os regulamentos (BAKER, 2014). Ademais, fatores como condições precárias e de exploração (HILL, 2015; SLEE, 2016) e a possibilidade de uma distopia neoliberal, com plataformas cada vez mais poderosas que enfrentam trabalhadores desvalidos, são enfatizados em outras pesquisas (SCHOLZ, 2016). A fraqueza do trabalho na era da pós-recessão permitiu que, mesmo em condições difíceis, as plataformas atraíssem trabalhadores de alta qualidade. Essa é a situação na qual as empresas percebem as plataformas como uma oportunidade para melhorar o controle do trabalho, ao mesmo tempo que expõem os riscos para contratados e clientes (SCHOR; ATTWOOD-CHARLES, 2017). De acordo com Schor e Attwood-Charles (2017), os trabalhadores da plataforma necessitam encontrar um equilíbrio entre as demandas concorrentes de abertura e os questionamentos relevantes de segurança. Em relação a este ponto, pode-se citar três riscos principais, que são o risco físico, o risco legal e o risco de plataforma. Com relação ao primeiro deles, ao permitirem que

estranhos ingressem em seus veículos ou imóveis, acabam se expondo ao perigo físico. Pode-se citar também que, mesmo provedores privilegiados podem acabar por enfrentar situações difíceis, como por exemplo, anfitriões de *Airbnb*® que se deparam com graves danos em suas propriedades, além da destruição de seu bom relacionamento com vizinhos. Com isso, percebe-se que a economia compartilhada pode também estar promovendo desigualdade social, seja de raça, classe ou gênero. Laouénan e Rathelot (2017) evidenciaram que os anfitriões de minorias étnicas costumam receber tarifas 3,2% menores na plataforma. Já Cansoy e Schor (2016), através da pesquisa em uma base de dados de mais de 400 mil listagens da Airbnb em todo Estados Unidos, constataram que os não brancos, além de receberem tarifas mais baixas, obtêm também classificações inferiores. Outra discriminação encontrada foi a de gênero, uma vez que, segundo Cansoy e Schor (2016), as clientes do sexo feminino foram desviadas através de rotas mais caras e longas do que aquelas indicadas aos clientes do sexo masculino. Por fim, a desigualdade de classe também foi percebida através de um estudo do *TaskRabbit*®, em Chicago, EUA, onde constatou-se que provedores de serviços tinham menor propensão a aceitar tarefas em regiões socioeconomicamente desfavorecidas. Isso se dá, principalmente, por acreditarem que estas regiões possuam altos índices de criminalidade, sentindo-se assim também no direito de cobrar mais pelas tarefas realizadas, inserindo neste custo o risco que estariam correndo (THEBAULT-SPIEKER; TERVEEN; HECHT, 2015). Sendo assim, aponta-se que a economia compartilhada se tornou um tópico contestado (FINCK; RANCHORDAS, 2016).

Tal divisão na opinião pública e acadêmica quanto a aproximação ou distanciamento da economia compartilhada com os benefícios sociais pode ser explicada pela sua natureza multifacetada, que está em evolução constante e pode tomar direções inesperadas, que desviam ou se distanciam do conceito original de “compartilhamento” (MALHOTRA; VAN ALSTYNE, 2014; MARTIN, 2016). Além disso, uma das possíveis explicações para as controvérsias encontradas seja a existência de diferentes modelos de negócio dentro da economia compartilhada, assim como seus diferentes aspectos, classificações e tipologias. Segundo Schor (2014), a economia compartilhada pode ocorrer com base em dois aspectos distintos: a orientação da plataforma, com ou sem fins lucrativos; e a estrutura de mercado, em uma relação *peer-to-peer* (P2P) ou *business-to-peer* (B2P). Referente à transferência de propriedade, as atividades possíveis são a troca, doação ou compra de bens usados. Já no acesso à propriedade, as duas atividades praticáveis são o aluguel ou empréstimo (HAMARI; SJÖKLINT; UKKONEN, 2016). Petrini, Freitas e Silveira (2017) elencam diversas

características da economia compartilhada, tais como: tipo de plataforma, modelo de compartilhamento, tipo de compartilhamento, estrutura de mercado, natureza do compartilhamento, entre outros. Identificam, ainda, três arquétipos para economia compartilhada: Compartilhar por ideal, Novos modelos de negócio e Negócios repaginados. O arquétipo Negócios repaginados concentra os modelos cuja estrutura de mercado é B2P, evidenciando-os como uma reinvenção de modelos tradicionais em formas de comercialização mais flexíveis. O arquétipo Novos modelos de negócio ocorre entre P2P, contemplando modelos de compartilhamento, acesso e transferência de forma equilibrada; a fonte de geração de receita ocorre por meio de cobrança de taxas pelo serviço prestado. O arquétipo Compartilhamento por ideal, por sua vez, é basicamente um estilo de vida, sendo o mais adequado quando a intenção é partilhar como alternativa ao consumo de forma consciente. Também há ausência de transação financeira em uma estrutura de mercado P2P (PETRINI; FREITAS; SILVEIRA, 2017).

Várias são as tentativas de defini-la, no entanto, o que fica latente é a sua centralidade no compartilhamento. Ainda se identificou que o consumo colaborativo, termo muitas vezes utilizado como sinônimo, coloca-se como algo que está inserido na economia compartilhada, o qual se caracteriza através da aquisição e a distribuição de recursos com a finalidade do consumo através de uma taxa ou outro tipo de compensação. A partir dos mecanismos de compartilhamento acesso e/ou da propriedade, percebe-se a existência de controvérsias quanto ao reflexo das iniciativas de economia compartilhada. Ora a economia compartilhada apresenta potencial para gerar inovação social, através da promoção de justiça social e bem-estar ao usuário, e/ou apresentem preocupações sociais sobre o consumo, ou gerem benefícios sociais como a distribuição mais equitativa dos bens e serviços, a não utilização de transações monetárias para acesso a recursos, ou custos de acesso mais baixos do que os de propriedade. Ora parece estimular o aumento da desigualdade social, através de práticas de discriminação, contornos à regulação social e reduções nas condições de trabalho, e falta de recursos financeiros para acessar a plataforma mediadora da comunidade. Visto que a economia compartilha se apresenta multifacetada, onde essa variedade de características de modelos possivelmente corrobore para a existência dessas controvérsias, nessa pesquisa buscar-se-á compreender aspectos de afastamento e aproximação da inovação social na economia compartilhada, considerando o arquétipo compartilhar por ideal.

2.3 ELEMENTOS CONCEITUAIS DA TAR RELEVANTES PARA A PESQUISA

As principais premissas da TAR – ou *Actor-Network Theory* (ANT), como é denominada na língua inglesa, conhecida também como Sociologia da Translação (CALLON, 1986), apresentam uma visão alternativa para o social, indicando que a mesma proporciona a fixação dos elementos sociais em sua totalidade, incluindo-se aqui elementos não alicerçados por outras teorias. Ao invés disso, trata-se do que é de fato fixado em conjunto. Inúmeros pesquisadores entendem o social é formado exclusivamente por elementos homogêneos. No entanto, a origem etimológica da palavra social traz os termos “seguir/acompanhar”, ou seja, alguém ou um grupo de pessoas que acompanha outros. “O latim *socius* denota uma companhia, uma associação” (LATOURE, 2005, p. 6). Segundo o autor, o “social” poderia ser entendido como um movimento de associações e de reunião dos elementos, e não como um domínio específico, ou como um tipo particular de elemento. “O nome do tipo de associação momentânea, caracterizada pela maneira como se reúnem as novas formas” é o social para a TAR (LATOURE, 2005, p. 65). Este autor sugere ainda a substituição do termo “social” por “coletivo”, devido ao teor heterogêneo das relações e também em virtude da ação de humanos e não humanos, discussão que será aprofundada ao longo desta seção. Por meio desse acompanhamento, o pesquisador buscará identificar as inovações do fenômeno, no intuito de aprender com os atores como o coletivo acontece a partir das vivências, quais são as associações estabelecidas e as maneiras utilizadas (LATOURE, 2005).

A Teoria Ator-Rede considera uma abordagem pós-estruturalista. A mesma não faz separação analítica entre humanos e não humanos, organizações e sociedade, ou natureza e sociedade. Todavia, é um equívoco afirmar que a TAR não faça distinção entre esses elementos, visto que os autores da abordagem reconhecem as diferenças ontológicas entre humanos e não humanos, de modo a considerá-las. Assim, defendem que tais elementos, apesar de heterogêneos, não devem ser entendidos e estudados de forma separada e isolada uns dos outros, visto que só existem nesta relação. Andrade (2004) afirma que a Teoria Ator-Rede, considerada na análise relacional de redes inter-organizacionais, pode ser entendida como uma abordagem apropriada, tendo em vista que é adequada àqueles que necessitam e são capazes de lidar com as constantes incertezas que estão para ocorrer. De acordo com Mol (1999), a perspectiva do ator-rede, ontologicamente relacional, preconiza que as entidades - humanas e não-humanas - não existem a priori, mas apenas existem em relação. Assim, se faz necessário estudá-las, não de forma isolada, mas sim a partir das relações, através das quais elas passam a existir. Sendo analisada a partir dessa perspectiva relacional, a economia compartilhada passa a ser compreendida como algo

frequentemente produzido nas e pelas relações heterogêneas da rede, deixando assim de ser entendida como a descoberta de algo que já existia *a priori*. Conforme Law (1992) a materialidade como também os atores humanos se desenvolvem a partir de ordenamentos e estabilizações das relações vivenciadas. A seguir, apresenta-se alguns elementos conceituais centrais para a TAR e para essa tese, que são: Rede e Agência, Relação e Translação, Práticas e Controvérsias, esses são apresentados em subseções a fim de tornar mais didática a leitura, mas todos esses elementos estão entrelaçados.

2.3.1 A Rede e a Agência

Segundo Latour (2005) a palavra “rede” expressa uma variedade de associações, e o vocábulo é justificado por uma associação transitória de um coletivo heterogêneo que age e influencia outros atores. Dessa forma, a palavra significa uma cadeia de relações nas quais qualquer actante pode agir como o mediador da ação, e não como um mero intermediador. Assim, cada ponto da rede, ao invés de meramente carregar efeitos sem modificá-los, transforma-se numa bifurcação, num evento ou na origem de uma nova translação (LATOUR, 2005). Desse modo, traçar as atividades que compõem a rede é mais relevante do que mapear as redes (LATOUR, 1997). A rede é o registro dos movimentos dos atores ou actantes, e não alguma coisa exterior a eles. Posto isso, esta pesquisa parte de identificar as práticas que ocorrem dentro de uma rede, aqui representadas pelo um banco de tempo.

Conforme discutido anteriormente, o termo “coletivo” é selecionado para expressar a totalidade da rede heterogênea de atores, os “actantes” (LATOUR, 2012). Este termo “actante” denomina o conjunto de todos os atores, envolvendo humanos e não humanos, que são capazes de mediar sobre as práticas e relações, ao passo que o termo “ator” pode remeter de maneira equivocada a apenas o elemento humano (LATOUR, 2012). A introdução dos elementos não humanos na análise social é o maior contraste entre a TAR e a Sociologia, pois os elementos não humanos acabam por participar de ações no cotidiano, não sendo mais meros artefatos (LATOUR, 2005). Desse modo, a TAR sugere que o foco esteja no “quem” e no “o quê” dentro da ação, de forma que não há separação entre pessoas, organizações e sociedade em sua perspectiva pós-estruturalista. Tais divisões desaparecem ao se estudar o processo de organização, uma vez que as entidades (humanos e não humanos) existem em relação, e produzem as práticas e são produzidas por elas, concomitantemente, conforme discutido anteriormente. Ressalta-se que a finalidade não é apontar qual elemento, humano ou não

humano, possui maior importância na rede, visto que não há vencedores ou perdedores. Essa importância é relativa e transitória, dependendo do arranjo de relações que se estabelece em determinadas circunstâncias. Em alguns momentos, o ator humano poderá ser o mediador da situação, aquele que possui o poder de influenciar com maior impacto as relações. Em outros, tal ação poderá ser executada também por elementos não humanos. Uma vez que o material e o social compõem uma única produção, sua análise deve ser realizada a partir dos coletivos formados, deixando-se de lado uma possível análise à parte dos atores. Conforme Law e Moll (1995, p. 274): “Talvez, quando nós olhamos para o social estamos também olhando para a produção de materialidades; e quando olhamos para os materiais, estamos testemunhando a produção do social”. Contudo, eles continuam não sendo reconhecidos nas análises, permanecendo silenciosos. Latour (2005) aponta que nesse embricamento entre o social e o material, os objetos tornam-se mais mediadores que intermediários. Ademais, existe uma diferença, a partir da TAR, em considerar um ator como intermediador ou mediador. Latour (2005) destaca que o intermediador cumpre o importante papel de transporte do significado em uma situação, porém ele não provoca nenhum tipo de alteração. O mediador, por sua vez, modifica as conjunturas, realiza a translação, altera e distorce a definição daqueles a quem deveriam estar representando.

Segundo Latour (2005), um princípio metodológico da perspectiva relacional se refere a sempre começar na mídia ou no meio das coisas, ao passo que a perspectiva evolucionária se caracteriza por ser tipicamente retrospectiva. A perspectiva relacional, como consequência, estimula os pesquisadores a seguir fenômenos em andamento. O autor aponta que “seguir os atores” é uma maneira prática de fazer isso, ou “sombrear”. Garud e Gehman (2012) destacam que, nesta tarefa, há facilidade em ficar sobrecarregado com os dados. Assim, se faz necessário cultivar a capacidade de aumentar e diminuir o *zoom*, a fim de possibilitar que apareça uma explicação narrativa.

Destaca-se que o significado para os fenômenos observados, na perspectiva de Garud e Gehman (2012), sujeita-se às redes sociais e materiais que se tornam implicadas. Também de acordo com Garud e Gehman (2012), a perspectiva relacional apresenta relação com um mecanismo de transformação, que acontece ao passo que é executado. Na TAR, este é conhecido como “tradução” ou como mecanismo de transformação.

Venturini (2010) atenta para o fato de que, para compreender de que forma são construídos os fenômenos sociais, não é suficiente apenas observar os atores sozinhos ou as redes sociais uma vez consolidadas. Além disso, devem ser analisadas as redes de atores – isto

é, as configurações fugazes nas quais os atores estão renegociando os vínculos das antigas redes e o advento de novas redes está redirecionando a identidade dos atores. Com isso em mente, buscou-se participar dos projetos do Banco de Tempo como um associado, seguindo trocas de talentos e demais oportunidades que oportunizassem vivenciar as relações entre os associados e demais atores, bem como ex-associados do grupo.

Neste sentido surge a necessidade de discutir a agência, onde esta é entendida como uma medicação, um evento ou até mesmo uma surpresa (LATOUR, 2005).

Se a ação se limita ao que os humanos fazem de maneira ‘intencional’ ou ‘significativa’, não se concebe como um martelo, um cesto, uma fechadura, um gato, um tapete, uma caneta, um horário ou uma etiqueta possam agir. Talvez existam no domínio das relações ‘materiais’ e ‘causais’, mas não na esfera ‘reflexiva’ ou ‘simbólica’ das relações sociais. Em contrapartida, se insistirmos na decisão de partir das controvérsias sobre atores e atos, qualquer coisa que modifique uma situação fazendo diferença é um ator – ou, caso ainda não tenha figuração, um actante. Portanto, nossas perguntas em relação a um agente são simplesmente estas: ele faz diferença no curso da ação de outro agente ou não? Haverá alguma prova mediante a qual possamos detectar essa diferença? (LATOUR, 2012, p. 108).

Conforme Camillis, Bussular e Antonello (2013, p. 85), “a agência estará sempre presente nas situações que envolvam transformação, ou seja, quando alguém ou alguma coisa fizer a diferença onde estiver”. Não pode ser considerada de fato uma agência aquela que for invisível, que não provocar nenhuma mudança, não deixar nenhum rastro ou caminho e, além disso, não fizer diferença no meio onde se encontra (LATOUR, 2005). Sabendo-se que a agência deriva-se de arranjos humanos e não humanos, ela pode ser viabilizada por diferentes tipos de entidades, acarretando também certa interferência em outras entidades.

2.3.2 Relação e Translação

Conforme discutido anteriormente, a rede é formada de diferentes materialidades, as quais se encontram em permanente ordenação. Entende-se também que a ordem é capaz de gerar um efeito parcial de estabilização com relação às diferentes significações, onde se faz essencial “compreender as redes em seus constantes movimentos e não se apegar a um modelo ou a um arranjo definitivo que as estabilize” (ANDRADE, 2004, p. 9), assim, percebe-se que a organização é dinamizada pelas relações de que é constituída. Segundo Callén et al. (2011), a Teoria Ator-Rede consiste em um conjunto de histórias ou contos, nos quais o analista foca sempre nos relacionamentos, ao invés de estações estabelecidas ou entidades fixas. Assim, sua preocupação diz respeito a como são produzidas e montadas as relações, bem como giram em

torno de determinadas entidades ou constituem novas. As traduções englobam, conforme Latour (1994), um impulso, deslocamento, mediação, invenção, concepção de um elo que antes não existia e que altera, em certo grau, dois agentes ou elementos. Há sempre resistência, atrito e transformação na medida em que as redes de atores são reestruturadas, de modo que nada circula intacto (GARUD; GEHMAN, 2012). Ainda Garud (2008) ressalta, por sua vez, que é necessário o *insight* semiótico, o da relacionalidade das entidades, a percepção de que eles são estabelecidos nas relações, e o aplica sem dó a todos os materiais (não somente aos linguísticos). Assim, uma organização é um espaço contínuo de relações e de processos criadores de significados (WATSON, 2005). A palavra “relação” carrega consigo uma ideia transformacional, enquanto a palavra “interação” remete à noção de simples contato.

Intimamente interligado à noção relacional, encontra-se o conceito da Teoria Ator-Rede sobre translação. Callon (1986) aponta que a translação trata-se de um processo interpretativo realizado pelos construtores de fatos direcionada aos interesses, tanto deles mesmos, como dos demais indivíduos alistados (LATOUR, 2000, p. 178). Admite-se, também, ao complementar essa noção, que o ato de fazer uma translação é “um verbo que implica transformação e a possibilidade de equivalência, além da possibilidade de uma coisa (por exemplo, um ator) representar outra” (LAW, 1992, p. 6). Discorrer sobre translação implica entender como os atores conseguem mobilizar, atrair e manter a união os diferentes setores da rede. Portanto, a translação é caracterizada como o processo pelo qual os objetivos e interesses variados e contraditórios são deslocados e transformados pelos actantes, tentando torná-los comuns (CALLON, 1986; LATOUR, 2000; 2012). Assim, o processo de translação consiste em explicitar, na linguagem de um ator, o que os outros almejam dizer, por que eles atuam e de que forma eles se associam uns aos outros (CALLON, 1986).

Callon (1986) e Latour (2000; 2012) apontam que a translação consiste, então, no processo através do qual os actantes desprendem e alteram seus interesses e objetivos contraditórios e variados, buscando fazer com que se tornem comuns. Callon deu uma entrevista, no ano de 2008, em que elucidou ideias referentes ao princípio de translação, apontando que a mesma se trata de uma noção simples e, ao mesmo tempo, fundamental e que, embora muito trabalhada, ao final foi pouco explorada. Assim, conforme Callon (2008), a noção de translação está relacionada com a ideia de circulação com enfoque não nos pontos/nós instantaneamente estabilizados da rede, mas sim nas coisas que se deslocam e circulam na mesma. Portanto, de acordo com o autor, o entendimento de translação coincide com a ideia de circulação, deslocamento ou transporte dos elementos, fazendo com que um ponto se ligue a

outro. Ainda conforme Camillis e Antonello (2014), a translação refere-se à ordenação de elementos que seriam capazes de funcionar independentemente, sem estar sob a tutela dessa translação, ocasionando situações em que certas entidades exercem controle sobre as demais.

Destacam-se quatro importantes momentos no processo de translação envolvendo o caso mencionado, demonstrados por Callon (1986): a) A problematização: é importante para tornar a intenção da pesquisa imprescindível. Os atores envolvidos levantam questões aos demais, redigem artigos e relatórios, tornando-se centrais na rede de relações que se constitui; b) Os dispositivos de interesse: são e estão ligados num lugar, assim como os aliados. O termo “interesse” é definido por Callon (1986) como ações pelas quais uma entidade procura impor ou consolidar outros atores. Segundo o autor, *to be interested* significa estar no meio. Os atores agregam forças com o intuito de atingir certos propósitos. Ao fazer isso, eles “definem identidade, objetivos ou a inclinação de seus aliados” (CALLON, 1986, p. 9); c) Como definir e coordenar os papéis (*enrolment*): é essencial explicar que este momento do processo de tradução não tem nada a ver com a visão da sociologia funcionalista acerca dos papéis. Seu objetivo é elucidar “o dispositivo pelo qual um conjunto de papéis inter-relacionados é definido e atribuído aos atores, que os aceitam” (CALLON, 1986, p. 10); e d) A mobilização de aliados: o autor retrata, nesta etapa, que alguns atores da rede representam as massas, falando em nome dos demais. Para obter uma representação, é preciso que haja um processo de negociação, venda de ideias e mobilização de viés, que se constitui ao longo da rede. Identifica-se a formação de uma cadeia de intermediários, que vinculam entidades inteiramente dispersas e não facilmente acessíveis, bem como mobilizam os atores. Assim, entender o princípio de translação na TAR possibilita explicar de que forma certos actantes tornam-se capazes de serem representantes de diversos outros actantes que não possuem voz em certas situações. Além disso, permite compreender seus deslocamentos, entre eles: a maneira como aproximam, mobilizam e mantêm as várias partes da rede unidas (BUSSULAR, 2012).

Por fim, transladar significa falar em nome de determinado actante, na sua linguagem, sendo um porta-voz e manifestando o que os outros querem dizer, os motivos por que eles atuam e de que forma se associam uns com os outros (CALLON, 1986). Assim, este é o mecanismo através do qual os mundos social e natural tomam forma, progressivamente. Dessa forma, Latour (2005) destaca que apenas é possível alguém compreender as posições que estavam sendo apresentadas, por intermédio da rede de associações entre elementos tão heterogêneos, sendo esse o processo de translação. O aspecto de translação também se apresenta adequado a essa pesquisa, haja vista que, no contexto de controvérsias em que a economia

compartilhada se encontra, observar como as controvérsias são negociadas, bem como as interpretações, objetivos e interesses de diferentes atores que se envolvem com o banco de tempo, possibilitou a compreensão de como essas partes mantêm unida ou promovem a desunião dessa rede.

2.3.3 Práticas

A prática é definida por Shatzki (2001) como uma série de dizeres e fazeres estruturados a partir da associação de diferentes entendimentos, um acervo de normas e de uma estrutura teleoafetiva capaz de organizar, a qual pode ser modificada no decorrer do tempo em resposta a eventos contingentes. O fato de admitir que as práticas são constituídas por fazeres e dizeres implica o reconhecimento de que a performatividade de tais fazeres e dizeres propiciam a realização de ações. Quanto aos entendimentos, esses se referem tanto às habilidades e *know-how* que são reconhecidos em uma prática, como às concepções gerais do mundo que são relativas ao significado de uma prática. O conceito de "estrutura teleoafetiva", por fim, diz respeito tanto a aspectos teleológicos (objetivos e finais) como afetivos (por exemplo, em relação a emoções, sentimentos e paixões) das práticas sociais (SCHATZKI, 2002, 1996). Considerando também as práticas no contexto de economia compartilhada, no estudo de Fraanje e Spaargaren (2019) é apresentado que os participantes que estão envolvidos com práticas nesse contexto, compreendem que elas são classificadas de modo proposital (ou dirigida para objetivos) e afetivo (ou emocional), discussão semelhante a de Shatzki. Vistos estes apontamentos, identifica-se que as práticas se constituem por uma associação de entendimentos, os quais não são fixos, ou seja, através do dinamismo da rede podem ser transladados ao longo do tempo, promovendo também atividades. Além disso, pode-se identificar duas classificações de práticas, aquelas teleológicas, que carregam aspectos mais objetivos e operacionais, e outras que são afetivas, sendo essas relacionadas mais a aspectos emocionais encontrados na rede. Gherardi (2005) alega que uma prática é constituída como tal quando é um tanto estável no tempo e reconhecida socialmente. Todavia, isso não quer dizer que sua recursividade no decorrer do tempo ocorra mecanicamente. Ao contrário, as práticas são negociadas frequentemente, incidindo em ordenamentos momentâneos. Swidler (2001) salienta que a expressão "textura entrelaçada de práticas" foi cunhada por Gherardi (2005), com o intuito de demonstrar que as práticas são constituídas mediante um entrelaçamento de práticas embricadas, de modo a formar uma rede sustentada por certas práticas âncoras, que se sustentam

mutuamente. Sendo assim, reforça-se que as práticas estão sujeitas a serem transladadas no decorrer de seus deslocamentos na rede, no entanto, são reconhecidas pela sua estabilidade no momento em que são observadas. Ao encontro do exposto, segundo Schatzki (2002) os participantes podem modificar as compreensões que ordenam uma prática aprimorando habilidades inovadoras, de modo a tornar a prática mais simples e interessante para muitos novos participantes. Isso demonstra que a agência humana é encenada por meio de práticas, além de canalizada pela organização das mesmas. Ou seja, pelo agenciamento as práticas podem se tornar mais simples e interessantes para seus actantes.

Ainda quando se analisa as práticas sob o aspecto organizacional, compreende-se que há uma produção recíproca entre práticas e organização (MOL, 1999; ALCADIPANI; TURETA, 2009; LATOUR, 2012). Com isso, percebe-se que as práticas possuem a capacidade de moldar a realidade, o que requer, por conseguinte, a análise empírica das práticas realizadas por estas redes de actantes (MOL, 1999; ALCADIPANI; TURETA, 2009). Conforme MacIntyre (2013) e Kavanagh (2013) ressaltam, nenhuma prática sobrevive por um período de tempo se não for amparada pelas instituições, embora não dependam apenas das mesmas. Consonantemente ao que foi apresentado até aqui, o dinamismo e modulação das práticas são evidenciados, e acrescenta-se que elas são produtos e produtoras dentro da organização, além de que a continuidade das mesmas é influenciada pelo apoio que a organização lhes promove. Também é oportuno destacar alguns cuidados que a literatura apresenta sobre o que não é indicado ser classificado como práticas, destacando a sua complexidade na definição conceitual. Conforme Cavalcanti e Bispo (2014), ao se falar da prática, se faz necessário elucidar que a compreensão ultrapassa a noção de rotina, ação individual ou meramente o fazer determinada atividade. Ainda que atingir algumas definições para o termo seja concebível, Gherardi (2006) atenta para o fato de que, conceituando o termo prática, é provável cometer o risco de reduzir seu significado, tendo em vista a extensa gama de elementos abrangidos pelo termo.

Outro ponto interessante a ser discutido é que prática não é de fato um elemento da Teoria Ator-Rede, no entanto, encontra-se nas pesquisas acadêmicas (CAMILLIS, 2016; BUSSULAR, 2017; BURDET, 2019) que utilizaram a TAR para analisar práticas em seus campos de estudo. Além disso, identifica-se que as práticas são presentes em discussões de autores seminais da TAR, como Latour, que também enfatiza o papel da TAR sobre as mesmas. Conforme Latour (2005), a TAR é propícia para rastrear práticas, uma vez que colabora para a descrição e o mapeamento dos múltiplos papéis desempenhados pelos agentes no decorrer da

implantação da prática, e de que forma interagem os agentes humanos e não humanos na formação de redes que apoiam regras sociais específicas. Também conforme Petitgand, Carrillo e Guzman (2018) a narrativa que manifesta como o resultado das práticas está interligada com as ações de atores humanos e não humanos individuais e, além disso, também com o agenciamento de toda a rede emergente. Identifica-se assim elementos da TAR como actantes, rede e agência, embricados com as práticas. Dessa forma, percebe-se a relação de práticas com a Teoria Ator-Rede.

Segundo Bussular (2012) é através das práticas que o pesquisador tem a oportunidade de investigar mais profundamente o que ocorre, bem como as relações estabelecidas dentro do campo escolhido. Sendo assim, algumas características e requisitos podem colaborar para essa análise em campo. Conforme Cavalcante e Bispo (2014) e Gherardi (2006) a noção de prática considera princípios que podem contribuir para uma melhor identificar e compreender as práticas, os autores indicam considerar cinco características. A primeira aponta que a prática diz respeito à forma com que são atribuídos significados a determinado grupo de execução de atividades (situadas) e de que modo se obtém o reconhecimento de tais atividades. A segunda elucida que a prática é relacionada com a fragmentação temporal na qual decorre um conjunto de atividades. A terceira indica que a prática é um fenômeno socialmente reconhecido. A quarta característica, por sua vez, é que a prática retrata o modo como é organizado o mundo. A quinta, por fim, aponta que a prática é inacabada e dinâmica. Os mesmos autores ainda apresentam outra característica do estudo das práticas, que versa sobre a possibilidade de conhecer as organizações em suas particularidades, bem como suas representações de conhecimento produzidas no cotidiano. Acrescenta-se a isso os demais elementos vinculados com as dimensões humana, cultural e social dos sujeitos integrantes da prática, haja vista a sustentabilidade (CAVALCANTE; BISPO, 2014; GHERARDI, 2006). Já para Venturini (2010) alguns requisitos para o mapeamento de práticas sociais são necessários. Um deles é a perplexidade, apontando que não se deve simplificar o número de proposições a serem consideradas na discussão. Outro requisito é a consulta, que se refere a assegurar que o número de vozes participantes da articulação da proposição não seja curto-circuito, arbitrariamente. Hierarquização é mencionada como outro requisito, onde se é discutida a compatibilidade de proposições novas com as já estabelecidas, de modo a conservá-las no mesmo mundo comum que lhes assegurará seu lugar legítimo. Por fim, é apresentada a instituição, referindo que, após instituídas as proposições, não se deve mais questionar sua presença autêntica no coração da vida coletiva. Ademais de encontrar na literatura

apontamos que colaboram para o estudo de práticas, também identificou-se que compreender as práticas no contexto de inovação social também é relevante. Os autores Petitgand, Carrillo e Guzman (2018) entendem que uma visão fundamentada de prática possibilita um melhor entendimento de como são decretados, produzidos e executados os valores morais, através dos ditos e feitos dos atores da inovação social. Para essa pesquisa, buscou-se identificar práticas, não para acessar os valores morais em si, mas para compreender como a inovação social pode ocorrer em um grupo de economia compartilhada.

2.3.4 Controvérsias

Onde quer que se estabeleçam controvérsias, ou apareça algo como invenção/inovação, ou polêmica, a TAR é aplicada. Segundo Venturini (2010), toda controvérsia opera como um “fórum híbrido”, um espaço composto de negociação e conflito entre atores, que, de outro modo, se ignorariam. Venturini (2010) destaca que qualquer ator, independentemente do quanto seja heterogêneo, pode ser decomposto em uma rede frouxa e em qualquer rede, portanto, pode coagular para operar como ator.

Segundo Venturini (2010), as controvérsias permanecem sendo as melhores situações acessíveis para observar o mundo social, assim como sua criação. Pois as controvérsias, expõem o social em sua mais dinâmica forma. Além do surgimento de novas e admiráveis alianças entre as entidades mais distintas, as unidades sociais aparentemente indissolúveis se transformam, repentinamente, em uma multiplicidade de peças conflitantes (VENTURINI, 2010).

Conforme Venturini (2012) as controvérsias possuem periferias e centros, vales e relevos, e também passagens e fronteiras. Nem todas as posições são similares nesses territórios, e os atores buscam construir e ocupar as mais prestigiadas, isto é, as que lhes possibilitam afetar ações de outros atores. Os atores ocupantes de posições influentes requerem atenção especial, visto que terão chances melhores de formar controvérsias, queiram ou não. As controvérsias resistem à redução, uma vez que os atores divergem nas respostas, até mesmo nas perguntas, isto é, a tendência é discordar praticamente de qualquer coisa. Ocorrem quando começam a ser discutidas e questionadas as coisas antes tidas como certas. Assim, são debatidas as controvérsias (VENTURINI, 2012).

De acordo com Venturini (2010), controvérsias consistem em discussões, nem sempre sendo verbais, nas quais são debatidos mais e mais objetos, por vários atores. Desta

forma, as controvérsias podem ser definidas como lutas conflitantes em que se torna mais complexa a vida coletiva. As controvérsias também são, ainda segundo o autor, lutas com o intuito de conservar ou reverter as desigualdades sociais. Podem ser negociados mediante processos democráticos, mas envolvem, com frequência, violência e força (VENTURINI, 2010).

Segundo Venturini (2012), a representatividade de determinado ponto de vista depende da quantidade de atores que o assinam. Isso porque o intuito do mapeamento de controvérsias é expressar o maior número de pontos de vista possível. Ademais, a representatividade é uma maneira de ponderar muito mais do que contar. Como na pesquisa de Garud (2008), destacou-se que, embora haja heterogeneidade de crenças, sucedeu um emergente consenso entre os participantes de que não estava, de acordo com o idealizado, elevando o número de pacientes que procuravam implante. Através de entrevistas, confirma-se que a controvérsia permanece ainda viva, visto que distintos atores seguiram usando abordagens diferentes para avaliar a eficácia e segurança do implante coclear (GARUD, 2008).

No entanto, Venturini (2012) reitera que, se influentes e representativos são os pontos de vista, esses devem ter na cartografia social um lugar central, eles não devem ocupar apenas o espaço de representação. Tendo em vista que o surgimento de disputas em si também depende de ter presente minorias discordantes, o mapeamento da controvérsia não deve contentar-se com os relatórios da maioria. Conforme Gehman, Trevino e Garud (2013), ao seguir as controvérsias, deve-se levar em conta, sobretudo, que as inquietações com valores podem estar em locais inesperados, ou seja, não necessariamente ficar imediatamente visíveis na superfície durante algum tempo. Também Latour (2000) destaca que as controvérsias dizem respeito a uma série de fatores ainda não resolvidos, como: incertezas, tomadas de decisões e competição, as quais se referem a controvérsias que se obtém ao fazer um *flashback* de certas caixas pretas frias e sem problemas para seu passado recente.

2.3.5 Estudos sobre Economia Compartilhada e Inovação Social a luz da TAR

Com a finalidade de encontrar possíveis estudos que tivessem pesquisado economia compartilhada e Teoria Ator-Rede e/ou inovação social e Teoria Ator-Rede, no dia 22 de agosto de 2017, realizaram-se buscas na Base de Dados *Scopus*. A primeira busca considerou os termos: “*actor-network theory*” AND “*sharing economy*”, buscados em título, resumo e palavras-chave em documentos do tipo artigo, mas nenhum artigo foi

localizado. Então, considerando que o termo “consumo colaborativo” é muitas vezes utilizado de maneira intercambiável com economia compartilhada, a segunda busca foi realizada, desta vez com os termos: “*actor-network theory*” AND “*collaborative consumption*”. Esses dois termos também foram buscados em título, resumo e palavras-chave em documentos do tipo artigo, mas outra vez nenhum artigo foi localizado. Dessa forma, compreende-se que possivelmente a lente teórica Teoria Ator-Rede não tenha sido utilizada para análises sobre o fenômeno economia compartilhada.

A terceira busca concentrou-se em analisar possíveis estudos que relacionassem esta lente teórica à temática inovação social. Assim, filtraram-se as buscas pelos termos: “*social innovation*” AND “*actor-network theory*”, ambos buscados em título, resumo e palavras-chave em documentos do tipo artigo. Como resultado, obteve-se nove artigos, todos lidos na íntegra, a fim de compreender se realmente tratavam do fenômeno inovação social e se a Teoria Ator-Rede teria sido utilizada como lente teórica. Desses, três artigos não tratavam, especificamente, de inovação social, e um artigo fazia referência apenas à discussão teórica. No entanto, os outros cinco artigos serviram de inspiração para este projeto de tese, fazendo-se presentes na discussão a seguir.

No estudo de Pel, Wallenborn e Bauler (2016), buscou-se aprofundar a compreensão da agência da inovação social, sob a análise da Teoria Ator-Rede. Entretanto, o estudo não apresentou aspectos que esclareçam como a lente teórica foi aplicada. Mesmo assim, conforme análise realizada, acredita-se que o estudo buscou compreender o processo de inovação social através da identificação dos actantes e das práticas que estes realizavam, observando as relações contidas no coletivo. O estudo foca nos elementos humanos de maneira clara, mas a análise da tecnologia e dos recursos utilizados no processo podem ser considerados como atores não humanos incluídos nas análises do estudo. Considerando que a agência foca na compreensão de uma diferença gerada por algo ou alguém, destaca-se que um cuidado maior deveria ser dado ao mapear os atores não humanos. Ressalta-se, assim, a atenção que se deverá dar à agência e ao coletivo na presente pesquisa. Por sua vez, a pesquisa de Bisset e Potvin (2006) tem o objetivo de compreender a influência da participação dos *stakeholders* no processo de inovação social. Desta forma, o estudo foca no acompanhamento da interação entre os atores, enfatizando a identificação de atores humanos; no entanto, mesmo sem mencionar, a análise de elementos não humanos também é contemplada, uma vez que é mencionada a influência das atividades, serviços e recursos do contexto. O estudo também não evidencia de maneira clara outros aspectos utilizados

da Teoria Ator-Rede, mas acredita-se, com base na análise realizada sobre o artigo, que a translação é considerada quando o estudo valoriza a forma como os atores interpretam as iniciativas dos programas de nutrição escolar. Também a agência e a ordenação apresentam-se, buscando compreender o poder de cada ator e as transformações geradas ao longo das fases dos programas de nutrição. Mais uma vez, percebe-se a pertinência de entender o coletivo, além da adoção de aspectos de agência e ordenação nas análises de pesquisas com a lente da TAR. No estudo de El Abboubi e Nicolopolou (2013), o uso da Teoria Ator-Rede pode contribuir para uma compreensão mais detalhada do processo de envolvimento e interação entre os atores em estratégias de responsabilidade social. Quanto aos aspectos da Teoria Ator-Rede contemplados, o estudo enfatiza a análise da rede de relacionamentos, onde é realizada a identificação de actantes e práticas, sendo apresentado de maneira detalhada o acompanhamento do coletivo. O estudo também focou em obter a interpretação dos atores sobre o fenômeno que, mesmo não denominado, trata do processo de translação. Esse estudo contribui para a presente pesquisa como um bom exemplo sobre como tratar o coletivo e a adoção do aspecto de translação, explorando como esse envolvimento dos actantes contribui para a união do todo. No estudo de Maruyama, Nishikido e Iida (2007), examinou-se como a iniciativa dos cidadãos pode afetar a aceitação social das energias renováveis, bem como a mudança social. A análise enfocou os interesses dos vários atores envolvidos em projetos comunitários de energia eólica sob a lente teórica Ator-Rede. Por meio da análise do artigo, compreende-se que ocorreu o aspecto de translação, ao buscar a interpretação dada por diferentes atores envolvidos. Também se percebe que foram considerados os elementos não humanos envolvidos no contexto estudado, mesmo que a ênfase tenha recaído sobre os atores humanos. Assim, talvez o princípio de simetria entre os actantes tenha sido comprometido, sendo esta situação um alerta para que, além de adotar o princípio, seja esclarecida sua utilização/seu enfoque na presente pesquisa. Van Der Schoor et al. (2016), em seu estudo, buscaram compreender as atividades sociotécnicas que compõem um sistema de energia em diferentes níveis de escala, em que a Teoria Ator-Rede permitiu que uma variedade de atores humanos e não humanos pudesse ser considerada na formação de novas redes de energia, bem como as materialidades e normatividades associadas a elas. Nitidamente, a simetria entre os actantes foi considerada nas análises, como edifícios, infraestruturas e tecnologias. No entanto, considerando o problema de pesquisa que norteava este estudo, a

falta de adoção de outros aspectos da Teoria Ator-Rede, por exemplo, as translações ocorridas para as transformações geradas por esses actantes, deveria ter sido explorada.

Percebe-se que esse conjunto de estudos explora aspectos da Teoria Ator-Rede, como actantes, rede, translação, ordenação e agência. No entanto, percebe-se também que elementos da lente teórica são aplicados, mas não são detalhados ou nem mesmo nomeados. O elemento agência é analisado apenas em dois estudos, um de maneira declarada (PEL; WALLENBORN; BAULER, 2016) e outro de forma implícita (BISSET; POTVIN, 2006). A discussão sobre o acompanhamento da rede é contemplada em dois trabalhos (BISSET; POTVIN, 2006; EL ABBOUBI; NICOLOPOLOU, 2013), em ambos de maneira declarada. O elemento ordenação apresenta-se apenas de maneira implícita em um único estudo (BISSET; POTVIN, 2006), enquanto o aspecto de translação é explorado em mais estudos (BISSET; POTVIN, 2006; PEL; WALLENBORN; BAULER, 2016; MARUYAMA; NISHIKIDO; IIDA, 2007). Verifica-se, ainda, que a ênfase dos artigos que utilizam a lente teórica Ator-Rede recai sobre a compreensão dos actantes (humanos e não humanos) envolvidos no objeto de estudo deles, sendo que os cinco artigos apresentam essa discussão. Porém, dois estudos (PEL; WALLENBORN; BAULER, 2016; BISSET; POTVIN, 2006) focam apenas na discussão dos atores humanos, possivelmente não atendendo o princípio de simetria dos actantes. Vale ressaltar, contudo, que através da análise feita na leitura desses artigos, encontraram-se dados que permitem deduzir que elementos não humanos também foram considerados nas análises. Por fim, nessa pesquisa, analisou-se as práticas e controvérsias da economia compartilhada, e seu potencial na promoção da inovação social, a partir da compreensão do coletivo na rede, seguindo as translações que seus actantes realizam. Na próxima seção, apresenta-se os caminhos metodológicos adotados para essa pesquisa.

3 MÉTODO DE PESQUISA

Conforme Venturini (2012), Teoria Ator-Rede foi introduzida por Bruno Latour como um exercício didático, no entanto, essa evoluiu gradativamente para um método de pesquisa completo, em virtude das contribuições de uma ampla comunidade de pesquisa e ensino. De acordo com Law e Hassard (1999, p. 12), a Teoria Ator-Rede consiste em “um método para conhecer, viver e praticar nas complexidades da tensão”. Sendo assim, Venturi (2012) compreende que a Teoria Ator-Rede pode ser definida como um método e como um instrumento, de modo que os eventos saem de seus laboratórios e se inserem na vida comum, acarretando consequências práticas para seus atores. Latour e seus pares defendem a Teoria Ator-Rede, que segue a mesma tendência percebida quando do advento do pragmatismo, sendo definida, mais do que como uma teoria, como um método. Conforme Latour e Woolgar (1997), é possível compreender a TAR mais como um instrumento do que como um produto, em outras palavras, seria mais equivalente a um pincel do que a paisagem que ele pinta. A TAR se interessa no seguimento de eventos que decorrem não mais apenas em laboratórios, mas que estão inseridos na vida comum, produzindo consequências práticas para seus atores. Dessa forma, esta pesquisa adota a TAR como base teórico-metodológica.

Conforme Venturini (2012, p. 798), “apenas observe” diz respeito a manter-se aberto a todas as perspectivas. O mesmo é válido para “apenas descrever”, porém com um crucial refinamento, ressaltando que estar atento a todos os pontos de vista não significa atribuir o mesmo status a todos. Dessa forma, é importante destacar alguns dos mandamentos da observação segundo a cartografia de controvérsias, como: deve-se observar o maior número de pontos de vista possível, e deve-se escutar, mais do que suas próprias presunções, as vozes dos atores (VENTURINI, 2010).

Queiroz (2008, p. 263) ressaltam que um estudo que faz uso da Teoria Ator-Rede tem como tarefa “seguir” os acontecimentos e gerar conexões entre os vários agentes que agem e fazem agir a outros. Os relatórios narram tais estudos, assim como constituem os lugares nos quais misturamos os fatos, de modo a fazer desta experimentação uma prova de força das ideias candidatas a um processo de verificabilidade. Law (2004), em sua obra *After Method - Mess in Social Science Research*, destaca que a implicação é que o método almeja agir como um conjunto de curtos-circuitos que, da melhor forma possível, nos conectam com a realidade, bem como nos possibilitam retornar mais ou menos depressa dessa realidade para o nosso local de estudo com conclusões seguras o suficiente, ao menos por enquanto. Sendo assim, o método

constitui um processo problemático e arriscado, que demandará tempo e esforço para fazer realidades e conservá-las firmes por um momento, em um contexto marcado por fluxo e indeterminação (LAW, 2004).

A revisão de literatura foi realizada antes de ir ao campo de pesquisa, haja vista a sua importância para estabelecer o problema de pesquisa, tendo como questão norteadora desse estudo: “Como as práticas em um contexto de economia compartilhada se aproximam (ou se afastam) da inovação social?”. Assim, a revisão de literatura sobre economia compartilhada apontou relação com a temática inovação social, sustentada somente por discussões conceituais. Artigos empíricos apresentam a economia compartilhada como um tipo de inovação social, no entanto, não aprofundam essa relação, nem as formas como isso acontece. A literatura foi revisitada após a análise de dados ter direcionado aos principais resultados dessa pesquisa. Essas análises foram conduzidas com base nos primeiros referenciais consultados antes da qualificação do projeto e, principalmente, através dos relatos e observações das vivências em campo. O foco desta visita foi a leitura de novos artigos, considerando os anos de 2018 a 2020, sobre inovação social e economia compartilhada. Quando esses materiais citavam artigos anteriores que pareciam relevantes para a pesquisa, estes também foram considerados. Sendo assim, artigos que compunham conhecimentos que vinham ao encontro ou contrariavam os achados dessa pesquisa foram sendo adicionados ao longo das seções de apresentações de resultados.

Sobre a escolha do campo de pesquisa, o mesmo foi sendo decidido a partir da realização do Pós-Doutorado da orientadora desta pesquisadora, a qual conheceu a *Accorderie*, uma comunidade de Quebec, no Canadá, que tem a finalidade de trocar serviços entre indivíduos. A docente compartilhou a iniciativa com a pesquisadora, visto que essa comunidade teria semelhanças com iniciativas de banco de tempo, existentes no Brasil. Realizaram-se algumas pesquisas na *internet*, a fim de promover uma aproximação com esse ambiente e encontrar um banco de tempo brasileiro, e assim se localizou o Banco de Tempo de Garopaba. Paralelamente à curiosidade e aproximação com este campo, percebeu-se que o banco de tempo é um tipo de comunidade pertencente ao modelo de economia compartilhada denominado Compartilhar por ideal, por ser caracterizado pelo modelo de acesso e envolver puramente relações P2P. Ainda identificou-se que o banco de tempo é considerado uma forma organizacional com finalidade social (TRACEY; STOTT, 2017), apresentado, paralelamente, como um estilo de vida de consumo colaborativo emergente em literaturas de economia compartilhada (LAAMANEN; WAHLEN; CAMPANA, 2015). Segundo Palgan, Zvolska e Mont (2017), há a necessidade de

compreender como as plataformas sem fins lucrativos geram benefícios ambientais e sociais como prioritários e, portanto, não se limitam à geração de lucros. Sendo o banco de tempo também uma comunidade sem fins lucrativos, eis mais um motivo para esta ser a comunidade escolhida para o presente estudo. A partir disso, realizou-se a revisão de literatura sobre banco de tempo, e verificou-se que a comunidade em questão foi mencionada tanto em estudos de economia compartilhada (SCHOR; ATTWOOD-CHARLES, 2017) como de inovação social (SEYFANG, 2006), mostrando-se oportuna para esta pesquisa, que busca compreender como a inovação social acontece na economia compartilhada. O Banco de Tempo de Garopaba foi primeiramente cogitado por conveniência para a pesquisadora, uma vez que, mesmo situado em outro estado, tem seu acesso facilitado devido a mecanismos disponíveis para deslocamento. Todavia, o que o levou a se tornar o campo dessa pesquisa foi a sua aceitação em participar da mesma, e principalmente por ser o primeiro Banco de Tempo do país. Destaca-se que o Banco de Tempo de Santa Maria da Feira, de Portugal, também foi estudado nessa pesquisa, no período de meu Doutorado Sanduiche, que ocorreu no mês de janeiro de 2019. Esse caso foi considerado como dados complementares da pesquisa e não como a adição de outro caso, visto que o conhecimento sobre esse banco de tempo surgiu no decorrer do campo em Garopaba, quando soube-se que o Banco de Tempo de Garopaba foi inspirado no Banco de Tempo de Santa Maria da Feira. A seguir o caminho no campo é apresentado em detalhes.

3.1 AS IMERSÕES NO CAMPO DE PESQUISA

O primeiro com o campo de pesquisa se deu em 14 de julho de 2017, quando enviei, via *Facebook*®, um *Messenger*® para umas das administradoras, que rapidamente retornou. A mesma disponibilizou seu contato pessoal para melhor compreender o estudo e também poder apresentar o banco de tempo. Ressalta-se que, desde o primeiro contato, o banco de tempo se mostrou interessado em participar da proposta de estudo que ainda estava em construção. O projeto de tese foi tomando forma e, em 12 de setembro de 2017, ocorreu a primeira entrevista com uma das administradoras do banco, com duração aproximada de uma hora e meia, via telefone (a qual foi transcrita). Já foi possível perceber a complexidade do fenômeno, em função das relações e práticas dos atores. Também ficou evidenciada a disposição e flexibilidade do grupo em me receber, tanto para a realização de entrevistas e acesso a documentos, quanto para observar e participar de projetos do banco de tempo, denominados projetos socioambientais, e ainda para possíveis ofertas de talentos. Além desses pontos que evidenciam o quanto o caso

está adequado à pesquisa, vale destacar que esse grupo foi o primeiro banco de tempo a ser fundado no país, o que o torna ainda mais oportuno para este estudo. No dia 02 de outubro de 2017, me tornei membro do Banco de Tempo de Garopaba, assim tendo acesso aos demais membros, publicações realizadas no grupo e também às planilhas administrativas do mesmo. A coleta de dados no campo, com o intuito de trazer uma compreensão holística do fenômeno e analisar com maior profundidade a sua complexidade, foi realizada a partir de três diferentes métodos de coleta de dados: entrevistas semiestruturadas, observação em campo e análise de documentos. A estratégia de triangulação de dados permitiu maior riqueza e evitou interpretações equivocadas. A fim de tornar mais didática a apresentação das imersões no campo, essa seção foi organizada em subseções, considerando cada um dos métodos de coleta adotados.

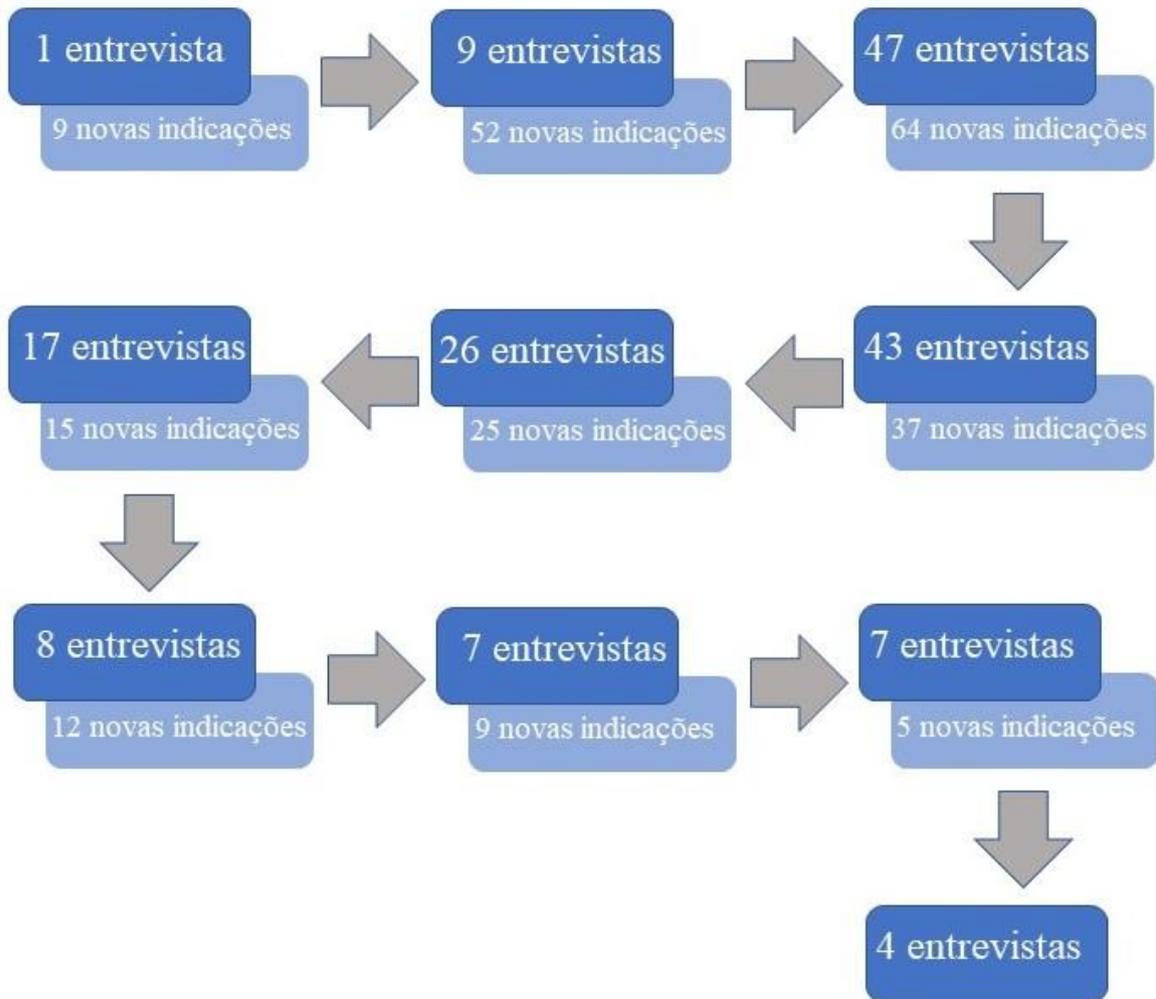
3.1.1 Entrevistas Semiestruturadas

Conforme Flick (2013), as entrevistas semiestruturadas contemplam a preparação de várias perguntas com a finalidade de cobrir o escopo pretendido da entrevista, através da elaboração de um roteiro, uma forma de orientação para os entrevistadores. As entrevistas semiestruturadas permitem que o pesquisador desvie da sequência das perguntas ou mantenha a formulação inicial exata da pergunta. O guia de entrevista semiestruturada visa contribuir com o início do diálogo entre o entrevistador e entrevistados, além de obter as visões dos entrevistados sobre o tema, e não apresentar uma lista de possíveis respostas. Espera-se que os entrevistados respondam de forma livre e extensiva, conforme desejarem, sendo papel do entrevistador sondá-los o suficiente com outras perguntas, quando as respostas não forem suficientemente ricas. Dessa forma, é decisivo para o sucesso de uma entrevista semiestruturada que o entrevistador sonde em momentos adequados e conduza a discussão da questão em maior profundidade. Para a realização das entrevistas, o primeiro passo será identificar quem são os atores humanos envolvidos com o fenômeno, a fim de selecionar os entrevistados, considerando diferentes perfis (FLICK, 2013).

A primeira entrevista ocorreu no dia 02 de março de 2018 com três entrevistados, sendo dois administradores da gestão atual do período e um ex administrador, que ainda dava um suporte para a atual gestão, com enfoque maior na parte de projetos. A entrevista ocorreu num bar da cidade, onde a iluminação não facilitava as anotações no meu caderno, nem a música ao vivo auxiliava a gravação do áudio. No entanto, esse primeiro contato foi a amostra de toda

flexibilidade e adaptabilidade que seria necessária para um campo de economia compartilhada. Destaca-se que essa entrevista coletiva teve o objetivo principal de explicar a pesquisa e conhecer os processos de gestão e história do Banco de Tempo de Garopaba. Posteriormente, não no mesmo dia, cada um dos três concedeu uma entrevista individualmente. Mesmo com acesso a planilha de todos os cadastrados do Banco de Tempo de Garopaba, que conforme informação da administração ultrapassavam 600 associados, a decisão e estratégia de quem e como entrevistar foi bastante árdua. Sendo assim, nos dias 03 e 04 de março iniciaram-se as entrevistas com os associados. As nove entrevistas realizadas naquele final de semana foram agendadas e intermediadas por umas das administradoras, a qual também se tornou minha motorista no final de semana. O campo foi muito agradável, uma vez que os entrevistados foram muito receptivos a contribuir para o estudo. No entanto, observou-se que, mesmo a administradora não ficando na maioria das entrevistas diretamente comigo e o entrevistado, conforme minha solicitação a ela, a sensação de invasão de privacidade ou limitação de exposição de opinião foi percebida, principalmente em assuntos como: gestão e pontos a melhorar. Dessa forma, a cada entrevistado eu solicitava que o mesmo indicasse outras pessoas para as entrevistas, podendo ser tanto outros associados quanto ex-associados. Ou seja, para chegar nesses entrevistados utilizei a técnica Bola de Neve, também conhecida como *Snowball* (BIERNACKI; WALDORF, 1981), a qual é aplicada em pesquisas sociais, objetivando que os participantes iniciais da pesquisa indiquem novos participantes, e assim sucessivamente. Além de a técnica ser oportuna para essa pesquisa, a Bola de Neve também foi aplicada pela inspiração no trabalho de Gehman, Trevino e Garud (2013), o qual chegou a demais partes interessadas e também a eventos e práticas do objeto estudado. Destaca-se que, para essa pesquisa, os entrevistados indicavam pessoas que normalmente haviam comentado ao longo da entrevista, tanto pessoas que admiravam e tiveram boas experiências, quanto as que não tiveram as melhores experiências, ou ainda consideravam muito polêmicas no banco de tempo. Após as indicações, também questionei o entrevistado se ao contatar o indicado eu poderia fazer menção a quem lhe havia indicado, a maioria autorizou a informação e em pouquíssimos casos se manteve sigilo da indicação. A menor parte dos entrevistados não indicaram nenhuma pessoa, principalmente por considerarem que já estavam afastados do banco há algum tempo, ou então porque pensavam que tinham pouca participação e não saberiam nomes de associados. Na Figura 02 apresenta-se como as indicações ocorreram através da técnica Bola de Neve.

Figura 02: Indicações da técnica Bola de Neve



Fonte: A autora (2020).

Todos os nomes indicados foram contatados no mínimo três vezes, mas 23 indicados não visualizaram ou visualizaram e não responderam o *Messenger*® enviado. Onze indicados iniciaram uma conversa para combinação da entrevista, mas não responderam mais. Sete indicados aceitaram participar da entrevista, através de pergunta e resposta via áudios do *WhatsApp*®, no entanto, nunca deram sequência a primeira pergunta. Por fim, 19 indicados não aceitaram participar, os dois principais motivos foram a falta de tempo e terem poucas informações atualizadas sobre o banco de tempo. Destaca-se que, nessas últimas três situações, busquei ressaltar a importância da participação e do retorno de cada indicado, porém não tive sucesso. No total foram 229 pessoas indicadas, sendo que 60 não se conseguiu efetivar as entrevistas e 169 foram entrevistadas. Na Figura 03 apresenta-se os motivos que levaram a 60 indicações não terem se efetivado em entrevistas.

Figura 03: Motivos das não entrevistadas



Fonte: A autora (2020).

Todavia, é importante destacar que a técnica Bola de Neve não foi a única forma de contatar os entrevistados. Também em março de 2018 publiquei no *Facebook*® do banco de tempo o objetivo do meu estudo e que estava aberta a entrevistar todos os associados do grupo, nessa publicação três pessoas se ofereceram para as entrevistas, as quais foram contatadas. Ademais, duas pessoas ficaram sabendo da pesquisa por outros associados e me contataram para participar, e duas pessoas foram contatadas durante a Gratifeira, projeto do banco de tempo, que será detalhado posteriormente. Em seguida, no mês de setembro de 2018 fiz um levantamento do quadro atual do Banco de Tempo de Garopaba, encontrando os seguintes números: 412 associados e 110 talentos classificados em 15 categorias de talentos. Então, analisei se todos os 110 talentos cadastrados tiveram algum entrevistado para o estudo. Nesse momento, foram identificados 27 talentos faltantes, dentro de nove categorias. Dessa forma, contatei todos os cadastrados desses 27 talentos, o que representa 70 pessoas, exceto os cadastrados que já haviam sido indicados e contatados, convidando para participar da minha pesquisa e representar a sua subcategoria de talento. Obtive 35 retornos e todos se efetivaram em uma entrevista. No total foram realizadas 211 entrevistas, tendo a cobertura de todas as 15 categorias, e de 107 talentos distintos. A classificação dos entrevistados quanto a atuação no banco de tempo é a seguinte: 175 associados, 32 ex-associados, e quatro não associados. Destaca-se que houve entrevistados que tiveram alteração em sua atuação no decorrer do período de coleta, mas a classificação considerou a situação de cada entrevistado no momento da entrevista. Assim, houve seis alterações, sendo que três eram ativos e saíram, três eram inativos e retornaram a participar, e um dos não cadastrados se tornou associado. Quanto ao

papel de liderança, sendo consideradas líderes as pessoas que exercem ou exerceram o papel de administrador ou de coordenador de projeto em uma das três gestões, e coordenador de área, atividade desempenhada na primeira gestão do banco, totalizou-se 28 líderes, sendo 21 ativos e sete inativos no banco de tempo. Quanto ao sexo dos entrevistados, 42 são homens, os quais representam 20% dos entrevistados, e 169 são mulheres, representando 80%. As entrevistas que foram realizadas presencialmente representam 55%, e a distância, essas realizadas via *Skype*®, *Facebook*® ou *Whatsapp*®, representam 45%. O tempo médio das entrevistas foi de 33 minutos, e as transcrições de todas as entrevistas totalizaram 2368 páginas. Também é importante apresentar que, além dessas 211 entrevistas, foram realizadas 13 entrevistas para aprofundamento de pontos específicos sobre a administração e os projetos, das quais não se mensurou a média de tempo, devido o enfoque das mesmas serem distintos. No entanto, obteve-se 157 páginas de transcrição.

Para esta pesquisa, devido a informalidade do grupo e sua característica de proximidade, amizade e confiança comigo, na maioria das entrevistas o protocolo de autorização da pesquisa, Apêndice A, não se fez necessário. Pelo contrário, a apresentação do protocolo até parecia ser uma barreira entre a minha pessoa e o entrevistado, pois inúmeras vezes foi citada a seguinte frase: “Estou participando porque confio na tua palavra, na tua intenção de estudo, e não preciso de papel algum, até porque se não confiasse em ti, não seria um papel da universidade que faria que eu passasse a confiar” (DIÁRIO DE CAMPO), o que para mim foram situações inusitadas e que me exigiram flexibilidade. Também o roteiro semiestruturado tornava-se um distanciador entre o respondente e eu, uma vez que dava uma conotação de um ambiente formal, sendo que este não é o perfil dos membros. Dessa forma, como adaptação ao campo, carreguei comigo um *post it* de 38 mm x 50 mm, com palavras-chave: experiências, práticas, administração, controvérsias, mudanças, como lembrete caso o entrevistado livremente não abordasse em seu relato essas temáticas principais do estudo. Apenas dois entrevistados me solicitaram a lista de questões, com a finalidade de melhor responder ao estudo, esses já com um perfil mais conservador, os quais tiveram a solicitação atendida, pois o roteiro estava sempre guardado no diário de campo. Ressalta-se que houve dois roteiros de entrevistas para os associados ao longo das imersões ao campo, que tiveram algumas alterações conforme as análises que ocorreram paralelamente a coleta de dados. Os dois roteiros e também as motivações de seus ajustes foram detalhados na subseção de Análise de Dados.

Mesmo se tratando de um campo dinâmico, foram realizados os preparativos para cada viagem, como contatos prévios com os indicados ou com os selecionados. O processo era iniciar

os contatos na segunda-feira da semana da viagem, sendo que normalmente o *Facebook*® limitava o envio de 40-50 mensagens via *Messenger*® por dia ou período. O contato iniciava com uma breve apresentação minha e da pesquisa, posteriormente eu mencionava como havia chegado na pessoa, ressaltando a importância de sua participação na pesquisa, por fim informando os dias que eu estaria em Garopaba. Conforme o retorno das pessoas, era organizada a agenda das entrevistas, sempre considerando uma hora e meia entre elas, devido os possíveis deslocamentos de um local ao outro. Normalmente, até a quinta-feira eu conseguia agendar de seis a dez entrevistas. Depois, quando chegava na cidade, recordava o futuro entrevistado, com antecedência de um turno ou um dia, da nossa entrevistada agendada. No campo de coleta ocorreram desencontros e desistências, situações que fiquei esperando e ninguém apareceu, como também de a pessoa desmarcar bem próximo do horário da entrevista. Em todas essas situações, o contato foi retomado para agendar uma próxima oportunidade. Conforme Garud (2008), os preparativos, mesmo que nem sempre saiam como planejamos e que sejam bastante demorados, são essenciais para o campo de coleta. Também com o tempo de imersão, não apenas o pesquisador tem interesse em encontrar os entrevistados, mas também os entrevistados facilitam e buscam o encontro com o pesquisador, possivelmente porque também acreditam que esse possa contribuir com alguma nova informação. A abertura e o apreço dos entrevistados do Banco de Tempo de Garopaba foram tão significativos para o estudo que, a partir desses contatos, o meu Doutorado Sanduiche em Portugal surgiu e se viabilizou.

Já no mês de março, tanto na primeira entrevista realizada com os administradores, de forma coletiva, quanto na entrevista com outra idealizadora do projeto, a qual pouco participa atualmente, houve menção de que o Banco de Tempo de Garopaba teria se inspirado no Banco de Tempo de Portugal. Todavia, nenhuma das fontes tinha a informação concisa dessa inspiração e possível contato na época. No mês de maio, quando o roteiro de entrevistas foi ajustado para melhor acompanhar o Banco de Tempo de Garopaba, a partir das análises iniciais, algo latente era como os associados pouco conheciam o início do grupo ao qual pertenciam. No mês de maio retomei o contato com essa idealizadora, que há pouco mencionei, porque ela havia trazido com mais relevância essa inspiração de Portugal. Ela comentou que recordava vagamente de uma notícia lida e compartilhada no *Facebook*®, entretanto, a mesma não foi encontrada em suas publicações. Desta forma, a idealizadora me colocou em contato com uma amiga de infância sua, que estaria residindo em Portugal, com a finalidade de consultá-la sobre informações do Banco de Tempo de Portugal. Mas essa pessoa não estava residindo mais em

Portugal, e tampouco conhecia o projeto banco de tempo. Porém, ao me identificar e expor minha pesquisa, ela logo recordou da Universidade Lusófona do Porto (ULP), na qual estudou na área de Psicologia por alguns anos, e que teve um vínculo com uma docente da ULP da área de Assistência Social, a qual também estudava temas correlatos a minha tese, como desigualdade social e acessibilidade. Prontamente ela se colocou à disposição para intermediar nosso contato, e com ânimo incentivou-me a fazer um Doutorado Sanduiche. No decorrer do doutorado, em muitos momentos me questionava sobre a possibilidade de realizar um Sanduiche, no entanto, com as minhas atividades profissionais e com poucos recursos financeiros próprios, essa porta praticamente estava fechada. Com essa menção e possibilidade de intermediação da amiga de infância de uma das respondentes da pesquisa, ocorreu um novo despertar para a pesquisa. O contato com a docente foi realizado, e no mesmo dia que enviei o *e-mail*, recebi o convite da docente para a pesquisa com sua coorientação na ULP, sendo que em virtude da minha disponibilidade restrita a 30 dias (de 02 de janeiro de 2019 a 01 de fevereiro de 2019), período de férias do trabalho, a universidade não emitiria nenhuma taxa estudantil. A partir desse momento, os trâmites entre as universidades iniciaram, entretanto, os objetivos do Doutorado Sanduiche e como contatar o Banco de Tempo de Portugal ainda eram incertos. Contatei o site do Banco de Tempo de Portugal, descobri a existência de 29 agências e que lá havia uma organização central. O primeiro *e-mail* enviado foi para o Banco de Tempo Central, pedindo autorização para a pesquisa, posteriormente o contato com a agência de Porto, a fim de viabilizar meu acesso ao Banco de Tempo e a ULP. Contudo, seguia desconfortável pela falta de retorno dos *e-mails* enviados, mas principalmente pela curiosidade de qual fonte teria vindo a inspiração do Banco de Tempo de Garopaba. Teria sido uma matéria da Central, ou de uma das 29 agências, qual delas? No mês de junho, novamente na imersão no campo, dois entrevistados, os quais acompanharam o início do Banco de Tempo de Garopaba, um deles até sendo um dos primeiros administradores, reafirmaram que a notícia havia sido via *Facebook*® e que ambos haviam compartilhado, que eu poderia fazer essa busca em seus *Facebooks*®, e que deveria ter sido em torno de um mês antes da fundação do Banco de Tempo de Garopaba. Sendo assim, comecei as buscas com o filtro julho de 2015. Além disso, os dois respondentes e muitos outros que posteriormente falavam dessa reportagem destacavam: “era uma notícia do Banco de Tempo de Portugal, e tinha uma casinha nela, claro que somente figurativa, porque Banco de Tempo não tem sede”. E então localizei a reportagem, a qual realmente tratava especificamente de uma das agências do Banco de Tempo de Portugal, na cidade de Santa Maria da Feira. O sentimento ao localizar era de muita alegria e satisfação, mas

por outro lado ficava pensando: “Será que Santa Maria da Feira é do outro lado de Porto?”. Logo busquei o *Google Maps* para comparar a distância entre as cidades, e para minha tranquilidade ficavam a 35 Km, uma distância muito significativa e favorável para a pesquisa. Nesse mesmo dia, procurei no *Facebook*® “Banco de Tempo Santa Maria da Feira”, e foi localizado Banco de Tempo Feira. Analisei as informações sobre o mesmo, e confirmei que se tratava dessa agência. Fiz o contato via *Messenger*® e ainda no mesmo dia recebi retorno da administradora, a qual prontamente se colocou à disposição e carinhosamente aceitou que a agência participasse da minha pesquisa. A administradora também contactou o Banco Central, e esse respondeu meu *e-mail* enviado em maio, também se colocando à disposição e agendando uma primeira entrevista na agência central em Lisboa. Assim, confirmou-se a viabilidade da coleta de dados complementares para a pesquisa em Santa Maria da Feira em Portugal.

A apresentação na ULP ocorreu no dia 02 de janeiro de 2019. Esse primeiro encontro foi em Lisboa, onde pude vivenciar o dia com a minha coorientadora, oportunidade em que compartilhei com mais detalhes minha pesquisa, as tratativas com o Banco de Tempo de Santa Maria da Feira, análises preliminares da tese e organização de um cronograma de atividades. No dia 03 de janeiro, na sede do Banco de Tempo de Portugal, em Lisboa, pude conhecer uma das coordenadoras, e a funcionária e também considerada administradora, da Agência Central. Nessa entrevista, de quase três horas, pudemos partilhar como cada banco de tempo estava organizado, tanto em Portugal quanto no Brasil. Além disso, algumas controvérsias encontradas no Banco de Tempo de Garopaba, como: significado do tempo e envolvimento monetário, assim como algumas práticas da administração e dos associados. Nessa data, tive o feliz e rico convite para participar do Encontro Nacional do Banco de Tempo de Portugal, evento em que participei e relato com detalhes na subseção de observação.

No dia 07 de janeiro, tive meu primeiro contato com o Banco de Tempo da Feira. Conheci a administradora, o local do encontro foi a sede dessa agência, exatamente naquela “casinha” que os respondentes de Garopaba acreditavam ser apenas uma imagem ilustrativa. Nesse dia, pude entrevistá-la, momento que durou mais de seis horas, com intervalos para apresentação da sede, disponibilidade de documentos do banco e, claro, cafezinhos para driblarmos o frio do inverno. Nesse dia também recebi o convite para participar da festa do 5º aniversário do Banco de Tempo de Santa Maria da Feira, um momento histórico e festivo para eles, e um tanto significativo para a minha pesquisa. Portanto, com a proximidade da festa e a necessidade de organização, no decorrer daquela semana não realizei entrevistas. Me ofereci para ir auxiliar na organização, mas acabou não sendo necessário ou conveniente.

Diferentemente da realidade de imersão no campo de Garopaba, em que as entrevistas ocorreram em lugares muito distintos e também sempre precisava considerar o tempo de deslocamento, em Portugal todas as entrevistas presenciais ocorreram na própria sede, onde eu e o entrevistado nos encontrávamos. As entrevistas ocorreram de 15 a 29 de janeiro, totalizando 37 entrevistas com os associados da agência de Santa Maria, dessas 35 entrevistas foram presenciais, e duas entrevistas foram realizadas via ligação *Whatsapp*®, pois no horário comercial, momento que eu estava na sede, essas respondentes não tinham disponibilidade de me encontrar. Os respondentes eram associados ou administradores, não se teve acesso a nenhum ex-associado. Destaca-se que foram realizadas também duas entrevistas com administradoras do banco central, sendo essas duas presenciais, assim totalizando 39 entrevistas em Portugal. Dessa forma, 95% das entrevistas foram presenciais e 5% a distância. Quanto ao gênero dos entrevistados, aproximadamente 20% eram homens, e 80% mulheres. O tempo médio de entrevistas foi de 40 minutos, e essas geraram 479 páginas de transcrição. Na Figura 04 apresenta-se um resumo das entrevistas realizadas para essa pesquisa.

Figura 04: Resumo das Entrevistas



Fonte: A autora (2020).

3.1.2 Documentos

Consoante Flick (2013), dificilmente uma atividade institucional ocorre sem produzir um registro. Assim, pode-se utilizar os documentos para análise, como estratégia de coleta complementar a outros métodos, tais como entrevistas. Scott (2014) apresenta quatro critérios para decidir ou não pela inclusão de documentos para análise da pesquisa, a saber: autenticidade, a fim de identificar a genuinidade ou origem questionável da atividade; credibilidade, que consiste numa reflexão sobre a possibilidade de o documento conter erros ou distorções; representatividade, para verificar se o documento é típico de sua classificação ou se conhece a sua extensão; e significação, para averiguar se o documento está claro e compreensível. No primeiro contato com a administração do banco de tempo, antes da banca de defesa de qualificação de projeto de tese, havia se compreendido que o banco tinha atas de reuniões, as quais seriam disponibilizadas para o estudo. No entanto, a administração não tinha esses documentos. Durante a inserção no campo foi possível compreender a dificuldade de transição entre as três administrações que o banco de tempo teve em sua trajetória, ponto que é aprofundado na seção de resultados sobre a prática organizar e controlar. Se percebeu que, documentos como atas de reuniões não foram devidamente arquivados e repassados para a administração atual. Quando ex-administradores foram entrevistados, também tentou-se recuperar esses documentos, no entanto, os mesmos não os tinham mais. A primeira administração partilhou, inclusive, que foi elaborado um projeto para a fundação do Banco de Tempo de Garopaba, mas esse também não foi localizado. Quanto às Regras e Funcionamento (Anexo A), Lista de Talentos e Tabela de Saldos, foi possível analisar desde 26 de dezembro de 2016 até o fim da coleta de dados, sendo assim, apenas as informações da primeira administração não foram analisadas. Destaca-se que a segunda gestão tinha as informações também em via física, para *backup* da página do *Facebook*®, caso ocorresse algum problema técnico na página. Esses documentos foram disponibilizados para mim, os quais geraram quatro cadernos de registros de saldos, e em torno de 45 fotografias referente a cadastramento e descadastramento de associados. Ressalta-se que a Lista de Talentos era acessada no início de cada mês, a fim de ter os contatos mais atualizados dos associados, no intuito de facilitar o envio da mensagem para convidar para a entrevista.

Referente aos documentos virtuais, ou seja, as postagens via *Facebook*®, a partir do momento em que me tornei membro do banco de tempo foi possível acessar todas as publicações do grupo, isto é, desde sua fundação. Destaca-se que, para facilitar a coleta desses

dados, foi utilizado o programa “*NCapture for NVivo®*” para coletar as publicações e seus comentários, desde a fundação, que ocorreu em 15 de agosto de 2015, até 24 de julho de 2018, sendo essa parte da coleta denominada sistêmica. Desse período foram contabilizadas 10.507 publicações e 54.081 comentários. Já de 25 de julho a 04 de março de 2019, os dados foram coletados manualmente, devido a um bloqueio do programa para a coleta automática. Desse período, devido ter sido uma análise manual, não me detive a contabilizar a quantidade de publicações e comentários, no entanto, essas publicações e comentários relevantes para a análise de dados foram printados, e esses reunidos em um documento *Word®*. Esse documento totalizou 150 páginas e foi exportado para o *NVivo®*.

No decorrer da pesquisa, muitos entrevistados relataram que houve publicações no grupo de *Facebook®* que foram deletadas pela Administração, as motivações apontadas foram: a Administração não considerava conveniente deixar para consulta pública discussões polêmicas que poderiam gerar uma má reputação do mesmo; e que a Administração não tinha o interesse de evidenciar pontos a melhorar do banco, o que acaba assim gerando falta de transparência. Além disso, notícias, fotos de projetos e de encontros, assim como fotos de camisetas promocionais do banco de tempo, foram disponibilizadas pelos entrevistados.

Quanto aos documentos de Santa Maria da Feira, esses foram acessados na própria agência, onde eu passava o dia pesquisando. Normalmente entre as entrevistas, quando ficava sozinha, eu analisava os mesmos. Tive acesso a todos os *banners* de divulgação dos *Workshops*, cuja frequência é praticamente mensal, e que são colocados na porta da sede. Os mesmos também são feitos em formato de *flyer* e compartilhados nas redes sociais. Esse tipo de documento gerou 48 arquivos. A administradora também compartilhou o seu *Hard Disc (HD)* para eu acessar as fotografias e vídeos realizados nesses cinco anos de história do grupo. Esses arquivos, num total de aproximadamente 3000, foram copiados para o meu notebook. Nesse dia, estava reunida com quatro associados na sede, e logo que foi mencionado em fotografias, já se reuniram em torno do meu notebook e, com alegria, queriam partilhar comigo do que se tratava cada evento, as atividades que tinham realizado e os associados que tinham participado. Assim, foi perceptível a importância e o zelo que se tem com as atividades grupais que o banco de tempo proporciona. Além disso, outros documentos acessados foram: lista de serviços (talentos), regras do banco de tempo e as atas de comparecimento à sede, em que os responsáveis por cuidar da sede registram que lá estiveram. Esses documentos totalizaram aproximadamente 200 páginas. No Anexo B, encontram-se as regras gerais de funcionamento,

e no Anexo C, a lista de serviços disponibilizada na agência de Santa Maria da Feira. Além disso, na Figura 05, apresenta-se o resumo dos documentos considerados para essa pesquisa.

Figura 05: Resumo dos Documentos



Fonte: A autora (2020).

3.1.3 Observações em Campo

Segundo Guba e Lincoln (2005), a observação participante é considerada uma estratégia de coleta que combina, simultaneamente, com a análise de documentos e com as entrevistas. Flick (2013) estabelece que o principal ponto deste método é o mergulho do pesquisador no campo de pesquisa, que observa e paralelamente influencia o que observa, por meio de sua participação. A abertura é essencial na coleta de dados suportada basicamente através da comunicação com os observados (FLICK, 2013). Flick (2013) destaca que uma limitação do método de observação é que nem todos os fenômenos podem ser observados nas situações. Já Angrosino (2009) não classifica a observação participante como um método, mas sim que se aproxima mais de um estilo pessoal adotado por pesquisadores em campo de pesquisa, cujos após serem aceitos pela comunidade em estudo, com uma variedade de técnicas de coletas são capazes de compreender sobre as pessoas e seu modo de vida. Conforme Austrin e Farnsworth

(2005), a observação participante é uma prática fundamental do trabalho de campo, a qual está ainda aberta a concessões, uma vez que frequentemente corre o risco de “perturbar a situação” em virtude da presença do pesquisador de campo no local da pesquisa. Nessas circunstâncias, então, os pesquisadores têm duas alternativas. Uma delas é a observação discreta, ou seja, a abordagem em que é absoluta a distinção entre observador e observado. A outra é a compreensão do participante, em que é maximizada a interação com os informantes, com o intuito de provocar compreensão e discernimento. Sendo assim, a observação participante vem ao encontro do que Latour (1999) apresenta, que os atores entendem o que estão fazendo e os pesquisadores devem buscar a compreensão, não só do que os actantes fazem, mas também do porquê, e da maneira que eles realizam estas coisas. No entanto, faz-se oportuno destacar que o observador participante não tem capacidade de controle sobre todos os elementos da pesquisa, ficando dependente em muitas situações da boa vontade do grupo estudado, e deve compreender que em diversas situações o mesmo deverá “acompanhar a maré” (ANGROSINO, 2009). Para essa pesquisa, a observação das atividades da administração e das trocas de talentos foram discretas, mas essas também maximizaram a interação com os associados, uma vez que os mesmos tinham a iniciativa de explicar para mim o que estava sendo realizado, demonstrando a vontade de me aproximar ainda mais do campo. Já a observação dos projetos e de uma troca de talentos específica, que foi o casamento de um casal associado do banco de tempo, foram observações participantes, essas além de maximizar a interação, também proporcionaram um mergulho na vivência do grupo, visto que nesses ambientes me tornava também uma actante. Dessa forma, o objetivo da observação participante foi aproximar ainda mais a pesquisadora do campo, através do estreitamento da comunicação e da interação com os actantes, a fim de acompanhar as translações que ocorriam nas práticas e controvérsias que passavam a ser identificadas. Ainda segundo Austrin e Farnsworth (2005), se faz necessária uma cuidadosa observação através de “imersão prolongada” em campo, a fim de apurar os desconhecidos supostamente misteriosos (a caixa preta) da inovação científica. De acordo com os autores, o observador tem uma situação preferencial para compreender de que modo os próprios cientistas produzem ordem, pelo fato de estar próximo das práticas científicas localizadas. Sendo assim, o banco de tempo foi acompanhado durante um ano.

As observações, tanto discretas quanto participantes, nessa pesquisa foram bastante desafiadoras, pois o campo é bastante heterogêneo e muito dinâmico, além da distância geográfica entre a pesquisadora e o caso em estudo. Algumas observações de trocas de talentos ocorreram antes ou depois de entrevistas, sendo que o entrevistado buscava conciliar os meus

horários com outro membro, para que eu pudesse observar essas trocas. A cada entrevista, eu compartilhava o projeto e a importância das observações das trocas de talentos com os entrevistados, solicitando que quando os mesmos realizassem uma troca de talentos em um dos finais de semana que eu estivesse na cidade, me convidassem para acompanhar o momento. Todavia, apenas duas trocas puderam ser acompanhadas através dessa via. Nas minhas férias de trabalho, de 13 a 27 de julho de 2018, fiquei instalada em Garopaba, onde via *Facebook*® informei que estaria na cidade por esse período para estudo, e que estaria disponível para acompanhar as atividades do banco de tempo que ocorressem, destacando o interesse em acompanhar possíveis trocas de talentos, conforme convites no Apêndice B. Esse foi o período de maior acompanhamento de trocas de talentos, mas o mesmo aconteceu devido a minha busca em contatar os associados. Na medida em que via algum pedido ou oferta de doação, entrava em contato, via *Messenger*®, para explicar o estudo e solicitar autorização de acompanhamento, assim como alinhar dia e horário.

No total, foram observadas 23 trocas de talentos, 22 observações discretas e uma observação participante, as quais totalizaram 26 horas de observação e 125 páginas de anotações no diário de campo. A primeira observação aconteceu no dia 03 de março de 2018 e a última no dia 30 de setembro. Destaca-se que essas foram as trocas nas quais pude observar do início ao fim e que foram devidamente planejadas para o momento da observação, houve tantas outras que não foram contabilizadas que ocorreram no decorrer de algumas entrevistas e dos projetos do banco de tempo. As trocas de talentos observadas aconteceram em diversos lugares, normalmente na casa de quem oferecia o talento, como nos serviços de massoterapia, pilates, aula de matemática, mapa astral e limpeza de pele. Os talentos em que o produto era entregável, como avental, costura, torta, pizza e brigadeiros, na maioria dos casos eram também trocados na casa de quem ofertava o talento. Todavia, em algumas situações, como a do alho-poró, a troca ocorreu nas casas dos receptores, mas essas especificamente assim ocorreram porque quem ofertava morava um pouco mais afastado da cidade, e então quando ia ao centro realizava várias entregas de seu talento. Também houve trocas que ocorreram em um ambiente externo, como a aula de italiano, que aconteceu numa padaria da cidade, e o book fotográfico, em que o lindo cenário foi a Praia da Vigia. As Figuras 06, 07, 08 e 09 apresentam registros de algumas trocas de talentos acompanhadas no campo.

Figura 06: Troca de Talentos - Artesanato – 03/03/2018



Fonte: A autora (2018).

Figura 07: Troca de Talentos – Book Fotográfico – 01/05/2018



Fonte: A autora (2018).

Figura 08: Troca de Talentos - Aula de matemática – 16/07/2018



Fonte: A autora (2018).

Figura 09: Troca de Talentos – Aula de Pilates – 18/07/2018



Fonte: A autora (2018).

Por fim, gostaria de destacar a minha observação participante no casamento de um casal de associados, que ocorreu no dia 30 de setembro de 2018, na Praia do Ouvidor. O casamento

envolveu em torno de 11 trocas de talentos, sendo os talentos acessados pelos noivos os seguintes: cozinha, copa, limpeza, fotografia, doces, salgados, decoração, cerimonial, transporte de materiais, artesanatos e recepção. A noiva se cadastrou no banco de tempo motivada a realizar seu grande sonho, que era casar-se. A organização do casamento durou quatro meses, um tempo relativamente curto, considerando o estilo e a complexidade do evento, assim como a dedicação e prospecção de talentos que os noivos tiveram que ter no período, para acúmulo de créditos suficientes para a realização dessa grande troca de talentos. Em junho, quando nos conhecemos, a noiva deixou subentendido que eu participaria do casamento, mas no mês de agosto, o convite se formalizou. Por um lado, fiquei extremamente honrada pela oportunidade de acompanhar ainda mais translações do campo de estudo, mas também refleti o quanto consegui me integrar no grupo, a ponto de os atores me possibilitarem acesso a espaços muito privados. Pude além de acompanhar o ensaio, dias antes do casamento, acompanhar também a organização no dia. Foi uma correria como um evento desse porte normalmente gera, imprevistos que surgiram e foram contornados. Após a correria dos últimos detalhes, ocorreu a cerimônia religiosa do casamento e, em seguida, os comes, a música e alegres comemorações. Fiquei acompanhando seis horas do casamento e, nesse período, além de participar efetivamente do evento, também pude conversar com todos os associados que estavam ali presentes. Minhas observações foram realizadas logo após o casamento, gerando 12 páginas no meu diário de campo. Destaca-se que, antes do casamento, acompanhei o ensaio do mesmo, que envolveu os noivos, a cerimonialista e a recepcionista, momento que durou aproximadamente duas horas, sendo as impressões desse anotadas em oito páginas do diário de campo. Posteriormente ao evento, entrevistei os associados que ofertaram talentos, tanto de serviços presenciais, quanto com a oferta de produtos, e essas entrevistas geraram aproximadamente quatro horas, totalizando 43 páginas de transcrições. As Figuras 10, 11, 12 e 13 apresentam registros de alguns momentos do casamento.

Figura 10: Ensaio do casamento - 23/09/2018



Fonte: A autora (2018).

Figura 11: Decoração do casamento – 30/09/2018



Fonte: A autora (2018).

Figura 12: Cozinha do casamento – 30/09/2018



Fonte: A autora (2018).

Figura 13: Pesquisadora organizando e decorando a mesa de doces – 30/09/2018



Fonte: A autora (2018).

Na pesquisa de Garud (2008), as conferências foram destacadas como uma oportunidade de observar os atores interagirem, conhecerem e trocarem informações. As mesmas servem como locais privilegiados para a contestação entre os participantes, legitimando distintas visões

do futuro. As conferências podem servir, ainda, como ambientes de seleção. A partir dessa inspiração, acompanhei também os projetos ativos do banco de tempo. O Banco de Tempo de Garopaba tem dois projetos ativos: a Gratifeira, existente desde 2016 e apoiada pelo banco de tempo, e o Encontro das Mulheres, o qual iniciou em 2018. Quanto à Gratifeira, foram nove edições durante o período de coleta, sendo que pude acompanhar sete, as quais contabilizaram aproximadamente 35 horas de observação participante, e 70 páginas de anotações no diário de campo. A Gratifeira é “um evento público onde cada um é livre para doar o que tiver de excesso, que não usa mais, que poderá ajudar a outro, aquelas coisinhas ali no cantinho da casa, paradas há tanto tempo, aquele monte de roupas, livros, brinquedos... enfim! A Gratifeira não é uma feira de trocas e sim de doações! Claro que temos bom senso, roupas excessivamente velhas, objetos quebrados que não possam ser consertados, devem ter um melhor destino. Se algo na Gratifeira lhe for útil, fique à vontade para levar. Lembrou de alguém? Leve como presente! Ou não, não preciso de nada e não tenho nada para doar, tudo bem, você também é bem-vindo a compartilhar um Domingo com muita alegria” (GRATIFEIRA GAROPABA/SC, 2015). O lema da Gratifeira é “Traga o que quiser (ou nada) e Leve o que quiser (ou nada)”. No Anexo D consta um modelo de convite virtual para participação da Gratifeira, no Anexo E consta o *flyer* de informação sobre o que se trata a Gratifeira, no Anexo F foto do *banner* que é exposto a cada Gratifeira, o qual contém explicações do que se refere o projeto, e no Anexo G a divulgação pós evento no *Facebook*® do banco de tempo.

A Gratifeira normalmente ocorre no quarto domingo do mês, sendo uma edição mensal. As datas somente sofrem alteração caso tenha outro evento na praça ou na cidade, impossibilidade de uma das organizadoras estarem, ou de encontrarem uma pessoa que se responsabilize pelo acompanhamento da feira, assim como muita chuva na data agendada. Uma das Gratifeiras que eu não pude acompanhar, foi por conta da alteração de data para acompanhamento de um evento da cidade, sendo que a nova data foi informada com pouco tempo para programação do meu deslocamento para Garopaba. E a outra Gratifeira que não consegui acompanhar teve alteração de data devido ao tempo chuvoso. Na data marcada, a qual foi cancelada, eu estava na cidade, sendo a nova data durante a semana, impossibilitando a minha participação. A primeira Gratifeira que pude participar foi um momento de conhecer a segunda organizadora, visto que a primeira eu já havia entrevistado, momento esse que levou ao contato mais próximo e à viabilização da minha participação na Gratifeira. Pude também conhecer os demais atores humanos que dela participam, rostos que na minha 9ª Gratifeira, que corresponde a 30ª Gratifeira de Garopaba seriam tão familiares e que partilhas de vida já seriam

trocadas. Logo após a apresentação, começamos a organizar a feira, expomos o *banner* da Gratifeira, colocamos a lona no chão e sobre ela disponibilizamos as primeiras sacolas de produtos doados. A lona e o *banner* são atores não humanos sempre presentes e confirmados na Gratifeira. Já os produtos doados sempre se fazem presentes, contudo, não possuem nenhuma forma de controle, dependem apenas das pessoas aparecerem e realizarem suas doações. É interessante como aquelas poucas sacolas de doações se multiplicam em minutos, as poucas pessoas ao redor da lona também se multiplicam, e tudo isso se dá de maneira muito leve e natural. Atores humanos chegam, cumprimentam-se, partilham, observam, tiram dúvidas, experimentam, comentam, escolhem, levam, despedem-se. Nas Figuras 14, 15, 16 e 17 apresenta-se alguns registros das experiências vivenciadas nas edições das Gratifeiras.

Figura 14: 23º Gratifeira –O começo – 15/04/2018



Fonte: A autora (2018).

Figura 15: 23º Gratifeira –A organização das roupas – 15/04/2018



Fonte: A autora (2018).

Figura 16: 24º Gratifeira– Multiplicação de Pessoas – 20/05/2018



Fonte: A autora (2018).

A Gratifeira foi também um ponto de encontro para entrevistas da tese, cinco delas ocorreram nesse projeto. Duas aconteceram com agendamento prévio, e três pela ocasião, como em conversas aleatórias nas quais o assunto banco de tempo surgia, alguns ex-associados, outros associados, e o convite para a entrevista surgia, sempre com uma resposta positiva. Todavia, teve uma entrevista que foi muito marcante. Depois de duas tentativas de agendamento em dois meses distintos e sem sucesso, mais um desencontro, pois a entrevistada estava sem o celular e não conseguimos nos identificar. No decorrer de uma das edições da Gratifeira, então, através da intermediação de outra associada, após as devidas apresentações, à sombra de uma árvore, sentadas sobre o gramado, a entrevista ocorreu. Essa situação e tantas outras que vivi no campo se assemelham ao que Gaurd (2008) encontrou no seu estudo. As entrevistas podem surgir em diversos lugares, sendo que as que fluem normalmente são desestruturadas e não lineares, se tornando ricas nas especulações do que está acontecendo na experiência vivida (GARUD, 2008).

Figura 17: 29º Gratifeira - Entrevista na Praça – 21/10/2018



Fonte: A autora (2018).

O projeto Encontro das Mulheres teve duas edições, a primeira ocorrida em 05 de maio de 2018, da qual não pude participar devido a questões de trabalho. No entanto, foram realizadas entrevistas com as duas organizadoras do projeto, a fim de compreender o seu objetivo e aprofundar meu conhecimento sobre o mesmo. Elas colocaram que a ideia surgiu de uma

conversa informal entre as associadas, com base nas necessidades percebidas por elas de ter uma rede de apoio para mulheres que estão chegando em Garopaba, ou para aquelas que, mesmo que já estejam há algum tempo na cidade, ainda buscam mais amizades. Dessa forma, o objetivo do projeto é promover apoio e bem-estar às associadas. As organizadoras perceberam que as mulheres que participaram estavam muito dispostas a participar e partilhar com o grupo, no entanto, gostariam que um grupo maior de associadas tivessem participado. O segundo Encontro das Mulheres ocorreu no dia 29 de setembro de 2018, o qual pude acompanhar, apesar da alteração de data que quase impossibilitou novamente a minha participação, por motivos profissionais.

Quando cheguei no sítio, a organizadora do encontro estava preparando os nomes para o sorteio numa linda caixa decorada, na qual ela colocava o nome das participantes que iam chegando para sortear o brinde, que era uma massagem. Ela disse que iria colocar o meu nome na caixinha, um convite afirmativo. Eu disse para ela que de repente não, que eu não queria tirar a vaga de alguém do banco, que achava importante valorizar os que participavam. Mas ela insistiu que eu era uma das participantes do encontro, logo estaria sim incluída no sorteio.

Figura 18: Pesquisadora na Massagem Sorteada



Fonte: A autora (2018).

O encontro foi tão integrativo e tão íntimo entre as associadas, que a gravação das conversas não seria conveniente, meu diário de campo também permaneceu na mochila. Minha participação no encontro foi de aproximadamente cinco horas. Nesse dia de campo, as anotações foram feitas no celular, o qual era um dispositivo utilizado por todas, e à noite os tópicos anotados discretamente no celular foram detalhados, totalizando 13 páginas de observação desse evento, que durou aproximadamente quatro horas. No total foram 16 mulheres que participaram, número mais elevado do que no primeiro encontro. Após o encontro, entrei em contato com todas as participantes, a fim de compreender as percepções que elas tiveram, o que totalizou nove páginas de transcrição.

Estava planejado, na defesa do projeto dessa tese, que as reuniões dos administradores e dos associados fossem acompanhadas e observadas. No entanto, não houve nenhuma reunião formal em que todos os associados fossem convidados a participar. Além disso, a segunda administração, nesse período de coleta, resolveu as questões do banco de tempo mais por telefone, ou então em encontros mais casuais, não ocorrendo nada formal em que eu pudesse me organizar para participar. Contudo, destaco que essa administração me convidou para participar de uma reunião que ocorreu em novembro de 2017, antes mesmo da defesa do projeto, mas nessa data eu estava apresentando um artigo do Doutorado em São Paulo e não consegui participar. Nessa reunião, foi criado um limite máximo de créditos que podem ser cobrados por cada tipo de produto ofertado no banco de tempo. Essa organização se deu através do estabelecimento da Tabela de Produtos, uma das tentativas de transladar sobre a contabilização do tempo, umas das discussões presentes na controvérsia significado do tempo. Ocorreu uma reunião em maio de 2018, com alguns associados do banco de tempo, os quais manifestaram interesse em participar da nova gestão do banco, na publicação de troca de gestão das então atuais gestoras do banco, ou então, foram indicados ou convidados por algum associado. Nessa reunião também não consegui participar, pois estava trabalhando no momento, mas uma das atuais administradoras havia ficado de gravar a reunião e compartilhar o áudio comigo, porém isso não ocorreu. Também não foi feita uma ata, apenas uma lista de presença da reunião. Todavia, nela foi composta a terceira e nova gestão do banco de tempo, a qual passou a ter três novos administradores. Essa nova gestão teve ao menos uma reunião, que somente foi de meu conhecimento após ocorrer. Ademais, outra reunião da gestão ocorreria em data que eu estava em Garopaba, porém próximo da hora foi cancelada, devido a um problema pessoal de uma das administradoras. Posteriormente, mesmo ressaltando a importância de eu participar desses encontros, não fui mais informada de uma nova reunião. Também sei que

muitas questões foram resolvidas entre as administradoras via *Whatsapp*®. Ainda nesse período de coleta de dados, não ocorreu nenhuma reunião em que o convite se estendeu amplamente a todos os associados. No entanto, destaca-se que acompanhei as atividades de uma das administradoras, a qual era responsável pela contabilização do tempo, créditos e débitos do banco de tempo, tanto da segunda gestão quanto da terceira, totalizando três horas de observação, o que totalizaram cinco páginas de anotações no diário de campo.

Quanto às observações realizadas no BdT em Santa Maria da Feira, meu primeiro contato com os membros foi na festa de aniversário da agência, sendo que a minha apresentação e a exposição de minha pesquisa fizeram parte da programação do evento. No dia 12 de janeiro ocorreu a festa do 5º aniversário dessa agência que me acolhia. Tive a oportunidade de me apresentar, partilhar alguns conhecimentos sobre o banco de tempo no Brasil, em especial o de Garopaba, assim como, em nome dos administradores do Banco de Tempo de Garopaba, agradecer o empenho desse grupo e também o compartilhamento dessa linda iniciativa com o Brasil, a qual foi fonte de inspiração para a fundação do primeiro banco de tempo no país. Pude vivenciar aquele alegre encontro, que reuniu em torno de 50 associados e suas famílias e amigos. Também aproveitei essa oportunidade para apresentar minha pesquisa e agendar as primeiras 22 entrevistas que ocorreram ao longo das próximas semanas. As demais entrevistas foram agendadas no decorrer do campo, principalmente pela intermediação da administradora, que fez contatos telefônicos convidando a participar, e também de alguns entrevistados que realizaram contatos pessoais. Nessa coleta de dados, não tive autonomia para contatar diretamente os associados, pois o cadastro era confidencial, via sistema interno, e não um grupo de *Facebook*®, como é organizado o Banco de Tempo de Garopaba. Já no dia 23 de janeiro ocorreu um encontro em Lisboa, na sede do Banco Central, que reuniu representantes das 29 agências espalhadas pelo país, a fim de trocar experiências e estreitar laços. Participar desse evento foi uma oportunidade muito enriquecedora, além da troca de experiências e imersão em uma nova cultura, foi possível observar a existência de particularidades de cada agência, e também seus aspectos culturais distintos. Também demonstraram um carinho muito grande pelo Brasil e ficaram muito alegres por existir bancos de tempo no nosso país, ainda mais que o projeto inicial teve inspiração de uma notícia portuguesa. A observação do 5º aniversário da agência de Santa Maria da Feira foi de cinco horas, gerando seis páginas de anotações no diário de campo. Já a observação no Encontro Nacional foi de oito horas, gerando cinco páginas de anotações. Nas Figuras 19 e 20 há registro desses dois eventos.

Figura 19: 5º aniversário do Banco de Tempo de Santa Maria da Feira – 12/01/2019



Fonte: A autora (2019).

Figura 20: Encontro Nacional do Banco de Tempo de Portugal em Lisboa – 23/01/2019



Fonte: A autora (2019).

A observação também se deu em uma atividade administrativa, através da busca no sistema, da lista de associados, para a localização de um talento, o que levou em torno de 30 minutos. Diferentemente do Banco de Tempo de Garopaba, o Banco de Tempo de Santa Maria da Feira não tem uma rotina administrativa tão fixada para os registros das transações dos talentos. Nos dias que estava em campo, apenas três atividades foram cadastradas, sendo que nenhuma delas acompanhei, porque ocorreram em momentos de entrevistas. Pude observar dois clubes da agência, cujos encontros duraram uma hora cada. A primeira observação foi no dia 21 de janeiro, no Clube de Dança, o qual tem como objetivo partilhar conhecimentos sobre dança de salão, além de proporcionar bem-estar e alegria aos seus participantes. Os encontros normalmente ocorrem nas segundas-feiras, com duração aproximada de uma hora e meia, sendo o número de participantes variável, havendo nesse dia, cinco pessoas presentes. A segunda observação se deu no dia 22 de janeiro, a qual correspondeu à Conversação de Inglês, que tem como objetivo aprimorar os conhecimentos linguísticos do idioma, a fim de que, através da prática do idioma de forma leve e descontraída, o mesmo possa ser mantido e também aprimorado. Os encontros acontecem normalmente às terças-feiras, com duração aproximada de uma hora e meia. O número de participantes também varia, mas nesse dia participaram quatro pessoas. No total, foram três horas de observação. O banco de tempo também conta com *Chi-Kung* e conversas sobre alimentação saudável nas quartas-feiras, Clube de Bordados nas quintas-feiras, e Clube de Cinema nas sextas-feiras, todos com periodicidade semanal. Ainda há o Clube de Leituras, ocorrendo um encontro por mês. No entanto, nenhum desses pude acompanhar, pois não estavam ocorrendo nas semanas que estive em campo. As Figuras 21 e 22 apresentam fotos das atividades em grupo acompanhadas por mim.

Figura 21: Clube de Dança – 21/01/2019



Fonte: A autora (2019).

Figura 22: Clube de Inglês – 20/01/2019



Fonte: A autora (2019).

Quanto à troca de talentos, observei duas, as quais ocorreram na sede. A primeira se tratou do talento costura, em que as combinações da necessidade do serviço foram tratadas presencialmente entre receptora e ofertante. Já a segunda troca acompanhada foi o serviço de culinária, sendo que a entrega do alimento preparado ocorreu na sede, entre as associadas. No total foram 30 minutos de observação. As observações da limpeza da sala (Figura 23), atividades administrativas (Figura 24), trocas de talentos, Clube de Dança, Conversação em Inglês geraram no total 4 páginas de anotações no diário de campo. Ademais, as convivências e relações foram observadas nos dias que estive na sede, no total foram 11 horas de observação, que geraram oito páginas de anotações no diário de campo.

Figura 23: Limpeza da Sede da Agência – 21/01/2019



Fonte: A autora (2019).

Figura 24: Planejamento para o Encontro Nacional – 22/01/2019



Fonte: A autora (2019).

Figura 25: Resumo das Observações



Fonte: A autora (2020).

A coleta de dados como um todo, ocorreu de março de 2018 a março de 2019. Todavia, minha presença em Garopaba/ SC foi até dezembro de 2018. No mês de janeiro de 2019 acompanhei o Banco de Tempo de Santa Maria da Feira, em Portugal. Já nos meses de fevereiro e março de 2019 foram realizadas entrevistas com pessoas que responderam tardiamente ao *Messenger*®, ou então, ficaram sabendo do estudo e quiseram contribuir. Ainda em campo, os dados coletados começaram a ser organizados e analisados. Mesmo que preliminares, algumas práticas e controvérsias já identificadas foram base para discussão e compreensão do fenômeno do banco de tempo em Santa Maria da Feira, em Portugal. Nos meses de abril e maio de 2019,

ocorreram as transcrições das últimas entrevistas de Garopaba e das entrevistas de Santa Maria da Feira, assim como organização dos documentos e diários de campo das observações.

3.2 ANÁLISE DOS DADOS

A imersão que tive em campo de estudo fez com que as análises não ocorressem apenas num período determinado, mas sim foram ocorrendo paralelamente à coleta de dados e às vivências no banco de tempo. No entanto, durante a coleta de dados, as análises ocorreram de forma mais fluida e não sistêmica, motivadas principalmente para possíveis adaptações ao campo e assim melhor aprofundamento de alguns temas que emergiam, o que vem ao encontro de Creswell (2014), ao mencionar que, inegavelmente, os pesquisadores qualitativos elaboram os seus estudos de forma diferente, utilizando procedimentos analíticos que em inúmeras situações evoluem enquanto eles estão no campo. Todavia, eu não tive o devido tempo para dedicar-me para essa organização de dados mais sistemática, uma vez que a própria preparação para os deslocamentos, contatos prévios para as entrevistas e acompanhamento constante no grupo do *Facebook*® foram bastante intensos. Essas análises, paralelas ao campo, ocorriam no dia posterior do último dia de campo do período de coleta de dados. Por exemplo, na coleta de 02 a 04 de março de 2018, a análise ocorreu no dia 05 de março. Como as entrevistas ainda não haviam sido transcritas, a identificação dos temas centrais que emergiram ao campo se deu através da leitura das anotações das entrevistas no caderno de campo, sendo destacado com marca-texto os trechos que continham os temas emergentes. Esses temas foram anotados e discutidos com a orientadora, assim fazendo os ajustes oportunos no roteiro de entrevistas. Tal experiência de análise paralela ao campo vem ao encontro do que Creswell (2014) pensa sobre o trabalho dos pesquisadores qualitativos, alegando que inegavelmente esses pesquisadores preservam muitas vezes o incomum e insólito, ou seja, necessitam formular os estudos de forma diferente, onde seus procedimentos analíticos evoluem enquanto estão em campo. No Apêndice C, encontra-se o primeiro roteiro semiestruturado para os associados, o qual foi utilizado nas primeiras 51 entrevistas, de 02 de março a 01 de maio de 2018. Percebi que a questão: 1) Conte-me como você conheceu o Banco de Tempo Garopaba, estava enfocada no histórico da pessoa com o grupo, uma vez que as respostas vinham no sentido de como a pessoa ficou sabendo que o banco de tempo existia. Contudo, o que se buscava aprofundar eram quais as motivações que levavam as pessoas a se associarem, sendo assim, a questão foi alterada para: 1) O que te levou a participar do Banco de Tempo de Garopaba? As respostas, em sua maioria, continuaram

trazendo a parte histórica, mas a partir da alteração começaram a trazer também, com maior clareza, as motivações enraizadas para a participação nesse grupo. Ao encontro de aprofundar as motivações da participação e também identificar a diversidade de talentos trocados, bem como as translações estabelecidas, a seguinte questão foi incluída: 2) Quais os talentos que você já ofertou e quais você já recebeu? Também identifiquei que as três questões seguintes, considerando o primeiro roteiro: 2) Como tem sido a sua experiência em participar do Banco de Tempo Garopaba?; 3) Conte uma de suas experiências mais interessantes em doar um talento seu; 4) Conte uma de suas experiências mais interessantes em receber um talento; não atingiam a profundidade que se buscava. No entanto, foram importantes para melhor compreender que havia um certo desequilíbrio entre oferta e demanda de talentos, característica de uma das tensões encontradas no trabalho. Desde esse momento, muitos respondentes colocavam que apenas tinham tido experiências de doar talentos, e não conseguiam acessar os demais talentos. Outros ainda, colocavam que não conseguiam participar do banco como gostariam, porque os talentos que ofereciam não eram requisitados. Paralelamente, nota-se nos relatos dos respondentes que havia mais controvérsias no campo, como o significado do tempo, em que aspectos como tempo total e tempo real não estavam estabilizados, assim como o próprio objetivo de troca ou de doação que o banco teria como principal norteador. Mas existia, também, um esforço dos respondentes ressaltarem as características positivas que percebiam no banco de tempo, com o sentimento de que isso fosse mais importante para a pesquisa que eu estava conduzindo, demonstrando zelo com a reputação do banco de tempo. Sendo assim, essas três questões se tornaram duas novas, que são as seguintes: 3) Conte uma experiência que foi muito especial nesse período de participação; e 4) Conte uma experiência que poderia ter sido melhor nesse período de participação. A partir desse momento, as experiências especiais relatadas contribuíram para identificar a aproximação desse campo de economia compartilhada com inovação social. Da mesma forma, os relatos das experiências que poderiam ser melhores contribuíram para a percepção das controvérsias existentes, as quais afastam a economia compartilhada da inovação social, pontos esses que serão discutidos na seção de Resultados. A fim de melhor compreender como as práticas *check-in* e trocar talentos eram transladas na rede banco de tempo, assim como melhor identificar as motivações da participação dos associados, uma nova questão surgiu: 4) Como escolheu um talento para oferecer? Ele é o mesmo da sua profissão? É um *hobby*?. Também a questão: 6) Quais são as práticas do banco de tempo?, referente ao primeiro roteiro, normalmente não era respondida pelo entrevistado. Este pedia a definição de prática e, considerando a definição de prática adotada, se tornava complexa a sua

definição para o respondente. Esse momento acabou por adquirir um teor mais teórico, o que não era o objetivo da questão. Os entrevistados que respondiam de maneira espontânea, normalmente associavam as práticas aos projetos do banco de tempo, mas muitos projetos que estão inativos eram mencionados como ativos. Identificou-se assim que a prática promover encontros, em especial a atividade promover projetos em prol da comunidade, é bastante expressiva, mas, paralelamente, possui fragilidades, uma vez que os associados desconhecem o que de fato está sendo promovido pelo banco de tempo nesse sentido. Em poucos casos, essa questão remetia a respostas como a contabilização de créditos e débitos realizada pela administração, a qual é uma das atividades da prática organizar e controlar. Sendo assim, a questão foi alterada para: 7) Como o banco funciona e o que ele promove?, sendo removidas as questões: 9) Como o banco de tempo é/está organizado?, e 10) Da forma que o banco de tempo está organizado, ele atende os seus propósitos?, visto que funcionamento e organização, nesse contexto, são considerados sinônimos. Então, as práticas promover encontros e organizar e controlar continuaram emergindo, no entanto, ocorreu um aprofundamento das relações na rede, uma vez que as atividades das práticas *check-in* e trocar talentos também emergiram, e nas suas contextualizações sobre o funcionamento e a promoção, tensões como o desequilíbrio entre demanda e oferta, e embate entre sistemas foram encontradas. A questão do primeiro roteiro de entrevista: “Você percebe que o Banco de Tempo promove mudanças?” se fez presente nos dois roteiros de entrevistas utilizados, tendo essa questão o objetivo de encontrar possíveis mudanças que se caracterizassem como aproximações ou afastamentos da economia compartilhada com a inovação social. Já a questão do primeiro roteiro de entrevistas, 8) Como as pessoas podem identificar essas mudanças mencionadas?, foi eliminada, pois percebi que a mesma direcionava para uma questão de busca de evidência, o que não era o seu objetivo, uma vez que essas mudanças seriam também percebidas no campo, onde ocorreu a imersão da pesquisadora. A questão: 11) De que maneira um banco de tempo deve ser administrado?, normalmente era respondida com aspectos apenas operacionais, como a existência da tabela de saldos, a contabilização de créditos e débitos do tempo, ou o respondente sugeria que eu fizesse essa questão aos administradores, porque o mesmo sentia não ter conhecimento suficiente para respondê-la, uma vez que nunca havia participado de nenhuma das administrações do banco de tempo. Dessa forma, a questão foi reformulada a fim de aproximar o respondente com a administração, sendo a nova questão a seguinte: 9) Considerando a sua experiência como associado, na sua opinião, como o banco de tempo é administrado? O que é semelhante a uma empresa? O que é diferente a uma empresa?. Busquei trazer o termo empresa para que alguns

elementos pudessem ser recordados ou até mesmo refletidos pelo entrevistado, não com o intuito de comparar a gestão do terceiro setor com a iniciativa privada, mas de tentar aproximar o respondente com elementos de gestão. A partir desse momento, elementos como promoção de eventos, orientação e acolhimento, desenvolvimento de talentos e as trocas de gestão emergiram. A questão: 12) Quais são as pessoas que se envolvem no Banco de Tempo de Garopaba?, foi descartada, porque no relato sobre as experiências e as mudanças esses pontos já emergiam. A fim de aprofundar as controvérsias no banco de tempo, uma nova questão foi elaborada: 10) O que ainda poderia ser melhor no banco de tempo?. Com isso, na maioria das entrevistas, foi retomada, pelo respondente, temática relacionada ou geradora de suas experiências que poderiam ter sido melhores. Assim, essa questão proporcionou que tensões fossem melhor compreendidas, destacando-se que parte significativa dos associados se deu conta da complexidade de participar e administrar um grupo de economia compartilhada, identificando que soluções podem ser difíceis de serem transladas. Já a questão: “Qual(is) é(são) o(s) propósito(s) do Banco de Tempo?” se manteve sem alteração nos dois roteiros, uma vez que essa tinha o objetivo de compreender como o grupo é percebido pelos seus associados, e como esse propósito se aproxima da inovação social. Também a questão “Quais outras pessoas você me indica para conversar/entrevistar sobre o Banco de Tempo?”, não sofreu mudanças, essa sendo a questão que apresentava a técnica bola de neve. Ainda no Apêndice D, apresenta-se o roteiro de entrevistas semiestruturado aplicado para Ex associados, também de 02 de março a 01 de maio de 2018, e no Apêndice E o roteiro de entrevistas semiestruturado para Idealizadores/Administradores. Já no Apêndice F, consta o roteiro de entrevistas semiestruturado para Associados, e no Apêndice G está o roteiro de entrevistas semiestruturado para Ex-Associados, que foram aplicados aos respondentes do Banco de Tempo de Garopaba de 02 de maio de 2018 a 11 de março de 2019.

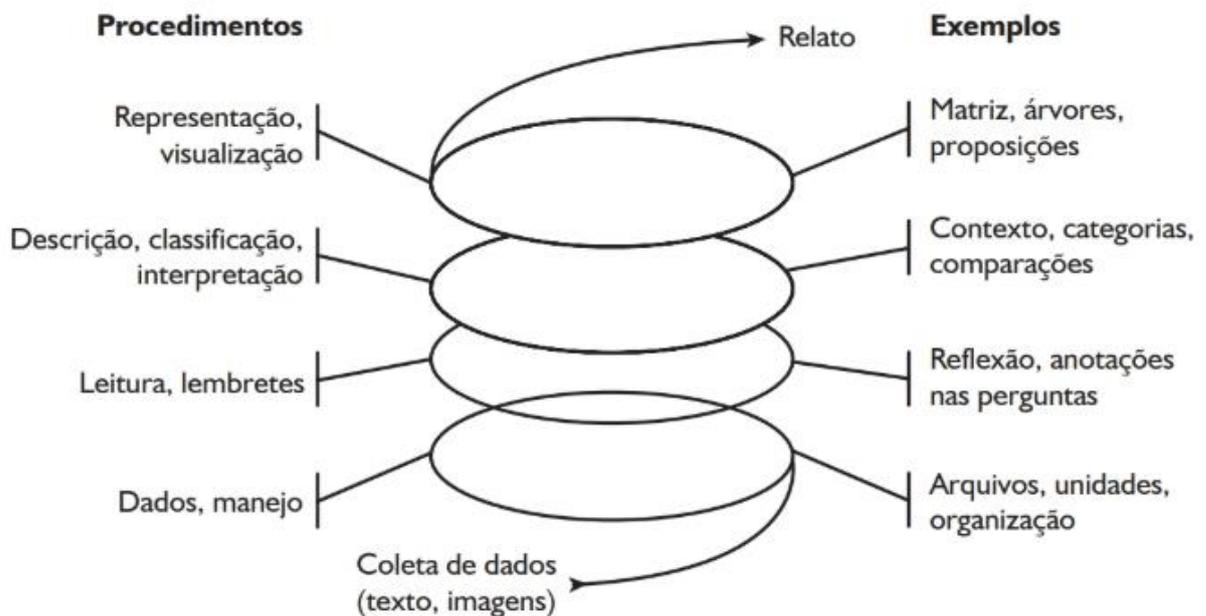
No mês de junho de 2019 foi realizada uma entrevista com um respondente que não era cadastrado no banco de tempo, ele foi indicado por um associado que participou da pesquisa e que o considerou associado. Contudo, apenas foi percebido que ele não era associado durante a entrevista, pois o mesmo havia aceitado participar da pesquisa. Identificado isso, fiz perguntas amplas, como: “O senhor conhece o Banco de Tempo de Garopaba?”. Mas o respondente nunca tinha ouvido falar a respeito, o que me gerou bastante estranheza. Com isso, expliquei minha pesquisa, as indicações que recebia de entrevistados e me desculpei pelo equívoco, no entanto o respondente foi muito compreensivo e também interessado em obter informações a respeito desse grupo de economia compartilhada. A partir dessa situação, identifiquei que era também

necessário um roteiro de entrevista para não cadastrados, para caso se repetisse essa situação. No Apêndice H, pode ser consultado o roteiro de entrevista para não cadastrado, o qual foi aplicado em duas situações, ambas entrevistadas eram membras do Grupo no *Facebook*®, sendo a mesma participação que eu, como pesquisadora, tinha no grupo virtual.

A partir do momento que a universidade e o campo de pesquisa em Portugal estavam alinhados, juntamente com minha orientadora, os dois objetivos principais da pesquisa em Portugal foram definidos: discussões sobre alguns dos resultados preliminares com gestores do banco de tempo em Portugal; e coleta de dados complementares no Banco de Tempo de Santa Maria da Feira de Portugal. Portanto, no mês de dezembro, após a última viagem a Garopaba, busquei organizar os dados no *Nvivo*, a fim de tornar mais sistemáticas as análises preliminares. Todavia, tanto o grande volume de dados coletados, quanto os preparativos da viagem, que já ocorreria no fim daquele mês, inviabilizaram essa análise aprofundada. Sendo assim, buscou-se focar nas práticas e controvérsias identificadas até o momento, como: significado de tempo; envolvimento monetário; talentos disponibilizados; motivações para a participação; interação entre os atores e práticas da administração e dos associados. No Apêndice I encontram-se esses primeiros nós, com alguns elementos, os quais embasaram a discussão com os administradores do BdT de Portugal. Já para a condução das entrevistas com os associados, na agência de Santa Maria da Feira, optou-se pela aplicação do mesmo roteiro de entrevistas, Apêndice M, sendo que se trataria de dados complementares à base central da tese. Entretanto, as entrevistas com os administradores do banco central e da agência em foco, além de buscarem compreender o funcionamento e gestão do Banco de Tempo de Portugal, procuraram entender se as práticas e as controvérsias, preliminarmente identificadas, também eram conhecidas da realidade deles.

Creswell (2014) compreende que, mesmo com as peculiaridades de o pesquisador de estudos qualitativos ter diversos desafios para analisar sua pesquisa e inúmeros mecanismos analíticos para adotar, o processo analítico como um todo se aproxima a um contorno geral. Esse contorno é melhor compreendido em uma imagem de espiral, denominada espiral da análise de dados, conforme Figura 26. No mês de junho de 2019, inspirado na espiral da análise de dados, a organização e interpretação de dados iniciaram.

Figura 26: Espiral da Análise de Dados



Fonte: Creswell (2014).

O início do processo de análise se dá na primeira volta da espiral, que é a organização de dados, mais especificamente o manejo dos dados, que pode ser feito via manual ou com auxílio de algum programa computadorizado (CRESWELL, 2014). Com a quantidade expressiva de materiais coletados em 1 ano de campo, contei com o suporte do *software NVivo 12 Plus®* para auxiliar na organização dos dados. Mozzato e Grzybovski (2011) ressaltam que a adequada utilização de *softwares* é uma das boas formas de buscar a validação dos resultados de uma pesquisa. Os autores apontam o uso de diversos *softwares* de análise, entre eles o *NVivo®*, e asseguram que este vem sendo empregado cada vez mais no campo da Administração. Dessa forma, além de facilitar e qualificar o processo de análise, constitui-se como um meio válido para a análise de dados qualitativos. Salienta-se que o *NVivo®*, além de acelerar as análises, tem a função de validar e gerar confiança, o que qualifica o material coletado. Vale lembrar, conforme os autores, que os *softwares* facilitam a análise e a interpretação, mas o pesquisador deve estar sempre ativo na sua condução apropriada ao propósito almejado. Gray (2012) enfatiza que esse tipo de *software* proporciona ao pesquisador maior facilidade para o tratamento desses dados e pode ser bastante eficaz, se usado adequadamente. Dessa forma, a partir do mês de junho de 2019, os dados foram reorganizados no *NVivo®* e interpretados de forma aprofundada.

A partir da reunião de todos os dados no NVivo®, iniciou-se a interpretação. Conforme Creswell (2014), realizar anotações e escrever lembretes nos documentos como diário de campo, transcrições e documentos coletados, auxilia na exploração inicial dos dados. A partir disso, ocorrem reflexões de pensamentos mais amplos e categorias iniciais são formadas (CRESWELL, 2014). Nessa espiral de leitura e lembretes, os temas e ideias que emergiam foram sendo anotados através do próprio *software*. Se realizava uma nova anotação, sendo que a primeira organização de dados se deu a partir das questões-chave do roteiro de entrevistas semiestruturado, no qual foram criadas as seguintes categorias de primeira ordem: (1) motivação a participar, (2) talentos ofertados e recebidos, (3) experiência especial, (4) experiência insatisfatória, (5) origem do talento, (6) propósito do banco, (7) mudanças percebidas, (8) características da administração e (9) melhorias necessárias. Dessa forma, a leitura de todo material levou à classificação dos dados em uma dessas nove categorias, totalizando aproximadamente 285 códigos. Ressalta-se que, durante a leitura, os *insights* eram anotados, a fim de recordá-los ao longo da interpretação dos dados. No Quadro 01 é apresentada a descrição destas nove categorias.

Quadro 01: Descrição das Categorias de Primeira Ordem

Categoria	Descrição
Motivação a participar	Os motivos centrais que levou o ator a participar do grupo
Talentos ofertados e recebidos	Os talentos que são ofertados e recebidos no grupo
Experiência especial	A experiência mais significativa positivamente que o ator vivenciou no grupo
Experiência insatisfatória	A experiência mais significativa negativamente que o ator vivenciou no grupo
Origem do talento	A origem do talento que o associado oferece
Propósito do banco	O propósito/motivo central do BdT Garopaba existir
Mudanças percebidas	As mudanças promovidas pelo BdT Garopaba percebidas pelos atores
Características da administração	Características que a administração do BdT Garopaba possui
Melhorias necessárias	Melhorias necessárias indicadas ao grupo

Fonte: A autora (2020).

A terceira espiral constitui-se no avanço da leitura e lembretes para a descrição, classificação e interpretação dos dados. Nesta curva ocorre a formação de categorias (nós) e códigos (subnós), os quais representam o coração da análise qualitativa dos dados (CRESWELL, 2014). Conforme o mesmo autor, é nessa curva que os pesquisadores elaboram as descrições detalhadas, desenvolvem temas e fornecem uma interpretação à luz da sua visão ou das visões das literaturas consultadas. Foi nessa espiral, por meio das anotações e lembretes realizados, a partir dos meus *insights* e impressões, à luz da visão da TAR, que os resultados começaram a ser descritos conectadamente, iniciando também a exposição dos mesmos. Dessa forma, os dados organizados na segunda espiral, os quais tinham gerado nove categorias *a priori*, foram relidos e então aprofundados analiticamente, gerando assim duas categorias centrais: práticas e controvérsias. As práticas resultaram em quatro códigos: *check-in*, trocar talentos, promover eventos e projetos entre os associados, e organizar e controlar. Estes, por sua vez, foram aprofundados com demais elementos, que se identificam como atividades, as quais totalizaram 22 categorias. Também as controvérsias geraram uma macrocontrovérsia – código – denomina embate entre sistemas, contemplando três categorias, que representam as três controvérsias do grupo, sendo elas: significado do tempo, desequilíbrio entre demanda e oferta, e liberdade X regulação. Ressalta-se que os elementos translação e agência, que ocorriam na rede, esses também elementos da TAR, foram considerados na análise das práticas e controvérsias.

Segundo Creswell (2014), a contagem do número de vezes em que um código se sustenta na base de dados que está sendo analisada, ou seja, um indicador de frequência de ocorrência, normalmente é utilizado, e não é relatado nos trabalhos acadêmicos. Isto porque essa contagem pode transmitir uma orientação quantitativa, o que aparenta ser contrário à pesquisa qualitativa, embora a mesma seja abundantemente utilizada. Para essa pesquisa, a preocupação numérica de frequência de cada código não foi adotada, todavia, em todos os códigos levou-se em conta a relevância e significância dos dados, onde a intensidade percebida nas narrativas dos entrevistados se sobrepôs a qualquer contagem ou indicador de frequência. Ademais, outra questão que Creswell (2014) coloca sobre a espiral descrição, classificação e interpretação dos dados, é que a origem dos nomes dos códigos pode ser de diversas fontes. Por exemplo, podem ser códigos *in vivo*, que se tratam de palavras exatas usadas pelos participantes da pesquisa, também podem ser nomes extraídos da literatura, ou ainda, nomes que o pesquisador cria para melhor apresentar a informação. Nesta pesquisa, as categorias foram

denominadas sob a luz da literatura, já os códigos foram denominados conforme considere que melhor expressam os resultados encontrados.

De acordo com Creswell (2014), a posteriori da interpretação de dados, busca-se abstrair das categorias e códigos apresentados o significado maior dos dados, para melhor compreensão dos resultados. Sendo assim, chega-se na fase final da espiral, na qual, em forma de texto, tabelas e/ou figuras, bem como imagens, se apresenta uma síntese do que foi encontrado (CRESWELL, 2014). Nesta pesquisa, na última subseção de resultados, discutiu-se, em forma de texto e também com a utilização de imagens, os desfechos da pesquisa, ou seja, a compreensão, à luz das práticas e controvérsias, sobre a aproximação e o afastamento da inovação social num contexto de economia compartilhada.

4 SOBRE O CAMPO: BANCO DE TEMPO DE GAROPABA

Sendo assim, a unidade de análise neste contexto de economia compartilhada específico foi o Banco de Tempo de Garopaba, o qual foi fundado em 14 de agosto de 2015, no Sul do estado de Santa Catarina, e é responsável pela conexão entre as pessoas e a Administração. Os elementos essenciais dessa comunidade são tempo, interação e investimento social, que fomentam uma série de projetos socioambientais. O banco de tempo reúne diversos serviços e talentos divididos em categorias, sem ocorrer circulação monetária. As transações acontecem por mecanismos de créditos, débitos e movimentos de trocas. Serviços como ensinar a andar de bicicleta, fornecer hospedagem, realizar consultas na área da saúde, ser um cuidador de passarinhos, oferecer um bolo, cortar o cabelo, confeccionar artesanatos, fazer uma massagem, oferecer consultoria em astrologia, entre outros, são ofertados no banco de tempo. Conforme o levantamento realizado em setembro de 2018, a quantidade de talentos foi de 110, classificados em 15 categorias, sendo elas: Saúde; Moda e Beleza; Pet; Artes; Casa, Horta e Jardim; Lazer e Esportes; Alimentos e Bebidas; Social; Projetos, Marketing, Administração, Jurídico e Consultoria; Festas e Eventos; Turismo e Lazer; Informática e Celulares; Automotivo; Educação; Projetos Sociais e Talentos em Grupo. Pode ser consultado, no Anexo H, a Lista de Talentos do Banco de Tempo Garopaba, a mesma foi elaborada com as informações disponíveis aos membros do grupo.

Quanto à história do Banco de Tempo de Garopaba, a mesma não está escrita em nenhum documento, talvez em virtude da ausência de registro muitas informações não estejam disponíveis de maneira fácil até mesmo para o conhecimento de seus associados. Todavia, a história está registrada nos corações daqueles que estão ou passaram pelo Banco de Tempo de Garopaba. Para mim, essa história foi sendo revelada em campo, justamente por estar viva na memória de tantos que acompanharam o início do banco, mas também daqueles que deram continuidade ao projeto. Nenhuma das questões do roteiro buscava questionar sobre a história do banco, naquilo que se compreende por origens e trajeto trilhado, no entanto, ao buscar compreender a história e relação do entrevistado com o grupo, a história do Banco de Tempo de Garopaba foi sendo contada. Ademais, o histórico das publicações no *Facebook*® foram ricas para melhor compreensão da vivência desse grupo.

Muitos entrevistados comentavam que o grupo havia se inspirado no Banco de Tempo de Portugal, mas poucos sabiam contar como esse contato se deu. Conforme relatado na seção anterior, através desse contato com associados e ex-associados, foi possível chegar na notícia

inspiradora, vastamente lida e compartilhada na época, que agora sabe-se que foi da fonte Notícias Positivas (2015).

Diante do exposto, a história do Banco de Tempo de Garopaba vem ao encontro do que Wittmayer et al. (2015) apresentaram, de que constantemente as iniciativas de inovação social operam na capacidade das palavras de persuadir indivíduos, unir grupos, enquadrar a realidade e despertar a imaginação: as histórias, além de contar experiências, abrem novas maneiras de ver as coisas, bem como novas possibilidades de ação. Elas refletem e, concomitantemente, criam realidade. A partir de notícias, palavras contadas e situações imaginadas, uma ação foi tomada, e um grupo de economia compartilhada com potencial para gerar inovação social surge em Garopaba/ SC. Sendo assim, ao compreender que o Banco de Tempo de Santa Maria da Feira, de Portugal, tem um papel importante na fundação do Banco de Tempo de Garopaba – caso específico dessa pesquisa – considerou-se que o mesmo enriqueceria a pesquisa se fosse conhecido e estudado, com a finalidade de complementar dados. Além disso, também possíveis controvérsias e práticas encontradas no caso poderiam ser observadas e melhor compreendidas sob a análise do Banco de Tempo de Santa Maria da Feira.

Na Figura 27, um *print* da mesma e, na Figura 28, um dos compartilhamentos da notícia em Garopaba, o qual originou a formação do grupo na cidade.

Figura 27: Publicação de Notícias Positivas



Fonte: *print screen* da rede social Facebook® (2018).

Figura 28: Compartilhamento da Notícia em Garopaba



Fonte: *print screen* da rede social Facebook® (2018).

No entanto, também foi relatado no campo, por menos entrevistados, que haveria uma notícia televisiva divulgando o Banco de Tempo de Portugal, onde se apresentaram trocas de serviços acontecendo, com muita alegria e detalhes os trechos dessa notícia eram compartilhados comigo. Encontrar essa fonte não foi uma tarefa fácil, mas possível. A notícia é da Globo® (EM PORTUGAL, FUNCIONA ..., 2015), a qual foi publicada em 30 de maio de 2015, ou seja, mais recente que a divulgação de Notícias Positivas. A notícia pode ser visualizada na Figura 29. Também a partir (BANCO ACEITA TEMPO ..., 2015) é possível acessar o vídeo gravado em Portugal, especificamente em Santa Maria da Feira, no qual, com tantos detalhes, os associados (atores, como se denominavam) me relatavam a experiência da

gravação e divulgação de sua história para o Brasil. Interessante também destacar que quando cheguei em Santa Maria da Feira, esse mesmo vídeo logo me foi apresentado, com a expressão: “Lisilene, aqui está o vídeo que foi gravado para o Brasil, está muito giro” (DIÁRIO DE CAMPO). Mais emocionante que visualizar o vídeo em Portugal, foi poder conhecer quase todos entrevistados para a reportagem da Globo, aqueles rostos passaram a ser familiares. Além da feliz surpresa, aquela linda casinha que saiu nas manchetes das notícias, Figura 29, se tornou meu ponto de encontro e vivência com o Banco de Tempo de Santa Maria da Feira. Na Figura 30 está um registro feito na mesma casinha da notícia amplamente divulgada no país, mas agora também comigo fazendo parte, juntamente com alguns associados.

Figura 29: Notícia com foto da sede do BdT de Santa Maria da Feira

30/05/2015 07h24 - Atualizado em 30/05/2015 07h24

Em Portugal, funciona um banco que lida com tempo, ao invés de dinheiro

Pessoas fazem serviços para outras, em troca de benefícios gratuitos

imprimir



Fonte: *print screen* do portal de notícias globo.com (2018).

Figura 30: Pesquisadora e associados na sede do BdT de Santa Maria da Feira



Fonte: A autora (2019).

Nas entrevistas, era relatado que o Banco de Tempo de Garopaba foi o primeiro banco de tempo do Brasil. Todavia, como não há registros centralizados dos bancos de tempo em nosso país, diferentemente do Banco de Tempo de Portugal, que tem uma agência central que reúne todas essas informações, fica difícil validar essa informação de forma precisa. Contudo, localizei um grupo, também no *Facebook*®, que tem características de um banco central (BANCO DE TEMPO BR, 2017), esse havia disponibilizado uma lista com o nome e *link* para todos os bancos de tempo do Brasil, a qual também acessei em setembro de 2018. Com base nessas informações disponibilizadas, acessei cada um dos *links* e consultei a data de criação de cada grupo, realmente o mais antigo se confirmou ser Garopaba/SC. Além dessas informações, foi possível identificar que são 23 agências espalhadas pelo Brasil. Essa explanação geral das agências brasileiras foi apresentada no Encontro Nacional do Banco de Tempo de Portugal. No Anexo I, fiz uma representação das agências nos estados brasileiros, em que cada imagem de relógio representa uma agência naquele estado.

Já o Banco de Tempo em Portugal foi fundado em 2002, sendo resultado de diversas parcerias locais e o Graal, que é um movimento internacional que congrega mulheres de diferentes culturas, países, etnias e idades, o qual possui inspiração cristã, e tem por objetivo a busca por um sentido de se estar neste mundo. Destaca-se que Portugal se inspirou no Banco de Tempo da Itália, assim sendo percebida a força que iniciativas como essa tem no estímulo

de replicações e ampliações do modelo. A agência de Santa Maria da Feira foi iniciada em setembro de 2013, ou seja, a partir desse momento, se teve a autorização da agência central para que a idealizadora de Santa Maria da Feira buscasse parcerias locais e também associados-chave para a concretização da agência. Dessa forma, em janeiro de 2014, foi oficialmente fundado o Banco de Tempo de Santa Maria da Feira. Também é oportuno destacar que a idealizadora participou durante o ano de 2013 de formações na agência central, para melhor compreender o projeto e assim se preparar para levá-lo para essa cidade de Portugal. Desde o início da agência, seus objetivos foram muito claros, os quais poderiam ser resumidos em: criar relações sociais mais profundas e de cuidado na comunidade, congregando diferentes idades e talentos, construindo assim uma sociedade mais solidária, valorizando o tempo e as relações dentro da vizinhança.

A agência tem suas trocas intermediadas por solicitações diretamente feitas na sede, ou contatos diretos entre seus membros, normalmente por telefone, visto que não há uma plataforma tecnológica que faça a mediação dessa comunicação. Entretanto, há um sistema próprio, em que todas as agências são interligadas, e nesse sim, há os nomes dos membros, pessoas participantes do banco de tempo, os talentos cadastrados, e também o registro dos tempos trocados, porém, o acesso fica restrito aos administradores. No período de meu doutorado sanduiche, o qual coincidiu com os festejos do 5º aniversário do grupo e também o balanço geral de 2018, a agência de Santa Maria da Feira contava com 192 membros, os quais compõem nove distintas categorias de serviços. Nota-se que Portugal denomina serviços e não talentos, totalizando 119 serviços cadastrados, os quais foram disponibilizados no Anexo C. Diferentemente do Banco de Tempo de Garopaba, a agência Santa Maria da Feira tem a sua história documentada. Além disso, a cada ano, quando completa aniversário de fundação, os membros se encontram para comemorar, e nesse momento também a sua história é recordada. Há também nessa celebração a apresentação do balanço anual de atividades da agência, sendo que são convidados a participar desse momento os membros e também a comunidade local, da qual pertencem parceiros públicos e privados.

5 RESULTADOS

Conforme Latour (2005), mapear as práticas auxilia a observar e descrever os diversos papéis que os actantes desempenham durante a implantação da prática e como os atores humanos e não humanos interagem para formar redes que apoiam regras sociais específicas. Dessa forma, partindo das práticas, a subseção 5.1 apresentará os actantes do Banco de Tempo de Garopaba, e a subseção 5.2 trará as práticas encontradas e suas translações nesse contexto de economia compartilhada. Com isso é atendido o primeiro objetivo específico dessa pesquisa, que foi identificar os actantes (atores humanos e não humanos) envolvidos e as práticas realizadas na economia compartilhada. Venturini (2012) apresenta as controvérsias como conflitos que dificultam ainda mais a rede coletiva de um grupo, num contexto onde há diversos fatores não solucionados, esses podendo ser incertezas, competições. Conforme Latour (1987) essas controvérsias são identificadas quando analisadas as trajetórias do grupo, deparando-se com caixas pretas frias. Dessa forma, na subseção 5.3 foram apresentadas as controvérsias encontradas e suas translações no Banco de Tempo de Garopaba, assim respondendo ao segundo objetivo específico dessa pesquisa, que foi levantar as tensões (controvérsias) existentes no contexto de economia compartilhada. Também ressalta-se que mesmo não seguindo os quatro momentos no processo de translação propostos por Callon (1986), que são: problematização, dispositivos de interesse, definição e coordenação de papéis, e a mobilização de aliados (CALLON, 1986; LATOUR, 2012), as translações foram acompanhadas nessa pesquisa, mas de maneira fluida. Dessa forma, as mesmas têm a finalidade de auxiliar na identificação e compreensão dos actantes, práticas e controvérsias pertencentes a rede banco tempo, através dos deslocamentos e transformações dos processos. Os objetivos e interesses eram diversos e opostos, esses sendo seguidos no campo de pesquisa, através de documentos, entrevistas e observações. Por fim, a subseção 5.4 apresenta os pontos de afastamento e aproximação da inovação social na economia compartilhada, atendendo o terceiro objetivo específico da pesquisa, que foi compreender as relações de aproximação e afastamento entre a economia compartilhada e a inovação social.

5.1 OS ACTANTES

No Banco de Tempo de Garopaba foram identificados cinco grupos de atores humanos, que são os idealizadores, membros, associados, administradores e os ex-associados. Também

foram localizados sete atores não humanos: o talento, o *Facebook*®, a moeda, a lista de associados, a tabela de saldos e a tabela de produtos. A seguir, serão apresentados os principais elementos de cada um desses actantes.

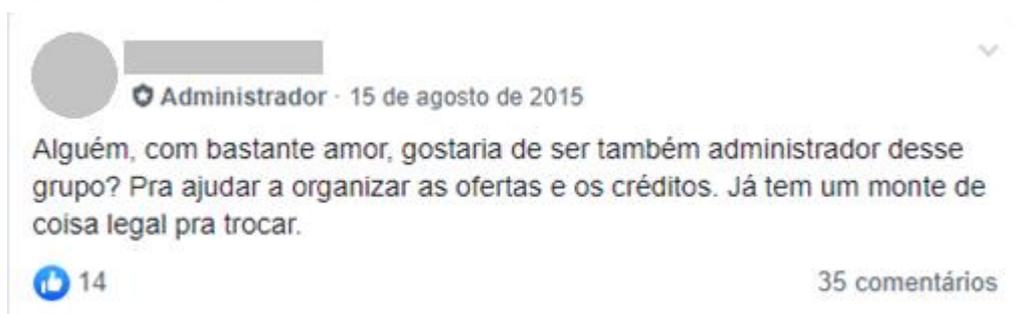
O primeiro ator humano atuante no banco de tempo foi seu idealizador, e identificá-lo, no campo de pesquisa, não foi uma tarefa simples, uma vez que não há registros sobre a origem do grupo. No caso do Banco de Tempo de Garopaba, seus idealizadores trocaram ideias sobre a abertura do projeto na cidade, e um deles criou o grupo público no *Facebook*®, o qual ainda permanece como administrador da comunidade na rede social adotada. Esse ator idealizador não é mais tão ativo na comunidade, devido a deslocamentos profissionais, mas segue preocupado com os problemas sociais que esta enfrenta e proativo para aplicar em sua localidade projetos que deram certo em outros lugares. Conforme relatos, o grupo, através de divulgações de familiares e amigos desses idealizadores, foi se expandindo e agregando mais e mais pessoas. Destaca-se, todavia, que alguns idealizadores já não participam efetivamente das atividades do banco de tempo, por diversos motivos, como, por exemplo, mudança de cidade, ou então, em meio a tantos desafios em função da complexidade do projeto, perda do encantamento pela iniciativa.

O segundo ator humano é o membro, caracterizado por pessoas que acessaram a página do banco de tempo no *Facebook*® e clicaram no recurso “participar do grupo”. São sujeitos, de qualquer lugar do mundo, que têm interesse e curiosidade pelo tema, além de iniciativa para acompanhar, acessando as publicações e comentários do grupo, podendo comentar e curtir as postagens. Considerando o levantamento realizado em setembro de 2018, o Banco de Tempo de Garopaba conta com 6.030 membros – dos quais também faço parte, assim como a administradora do Banco de Tempo de Santa Maria da Feira.

Já o terceiro tipo de ator é o associado, aquele que de fato realiza seu cadastro para participar das trocas de talentos e demais atividades do banco de tempo. Encontraram-se 412 associados – 408 pessoas físicas, entre elas 316 mulheres (77,5%) e 92 homens (22,5%), e quatro pessoas jurídicas, que apenas recebem talentos, não ofertam. Quanto ao perfil dos associados, destaca-se que muitos vivem em Garopaba, mas não são naturais da cidade, vindo inclusive de outros estados e países. Mesmo essa informação não sendo embasada nos associados, porque a agência não pede a naturalidade no cadastramento, mas sim foi obtida com base nos 211 respondentes, considerarei importante apresentar. Sendo assim, 14 respondentes, o que corresponde a 6,64%, são de países estrangeiros, como Uruguai, Argentina, Chile e Itália. Os respondentes de outros estados correspondem a 164 pessoas, respectivamente 77,73%,

sendo esses estados os seguintes: Bahia, Ceará, São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Paraná, Maranhão, Roraima e Minas Gerais, totalizando nove estados. Já os respondentes de outras cidades do estado de Santa Catarina, exceto Garopaba, totalizaram 19 pessoas, o que representa 9%. Os respondentes naturais de Garopaba, por sua vez, foram 14 pessoas, respectivamente 6,64% dos respondentes. É interessante observar que há o mesmo número de respondentes naturais de Garopaba e de respondentes de outros países. A diversidade de naturalidade, principalmente de culturas dos associados, é rica, pois faz com que as pessoas se abram ao novo, a projetos como o Banco de Tempo. Todavia, muitas delas não conseguem se manter financeiramente na cidade e acabam se mudando, gerando assim uma rotatividade no grupo. São os atores que mantêm vivo o dinamismo do grupo, porque é através da oferta e da recepção de tempo dos mesmos que o banco de fato realiza sua finalidade. Destaca-se que todo associado também é um membro, ou seja, também participa da comunidade virtual. O quarto tipo de ator humano do banco de tempo são os administradores, esses também são associados, ou seja, são pessoas participantes do grupo. Desde o primeiro dia de criação, foi feita uma publicação motivacional, convidando que mais pessoas se tornassem administradoras do grupo. Desse convite, obteve-se a manifestação de cinco pessoas interessadas e, nos comentários, foram sendo levantadas as atividades que esses administradores teriam, que eram três. A primeira é acolhida, sendo um administrador que motivaria e explicaria o funcionamento do BdT para os novos. A segunda é pesquisa, sendo um administrador que buscaria informações sobre o funcionamento de outros bancos de tempo do mundo. Por fim, atividade de mediação de infraestrutura, sendo um administrador que buscaria fazer levantamentos e contatos de possíveis locais para a sede física do banco. Na Figura 31 está o *print* que consta o convite a todo o grupo.

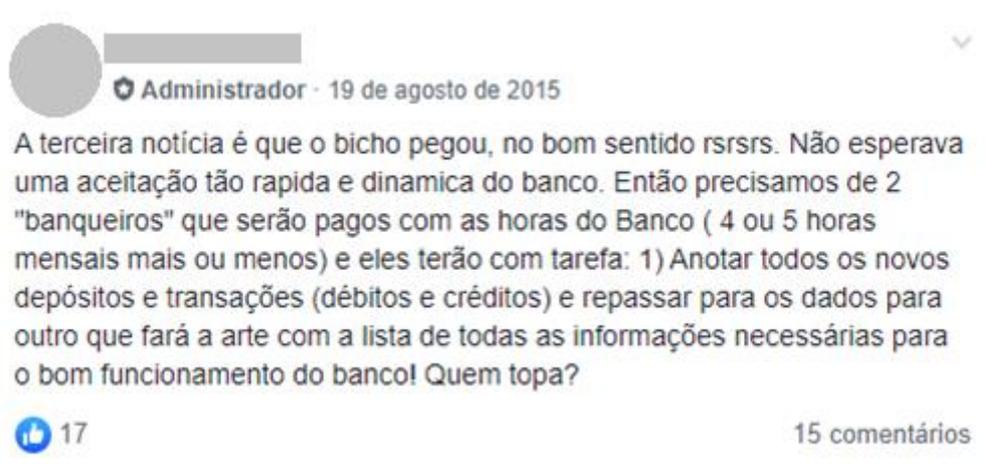
Figura 31: Convite para integração à administração 1



Fonte: *print screen* da rede social Facebook® (2018).

Já com quatro dias de criação, o idealizador fez uma publicação, conforme pode ser consultado na Figura 32, solicitando mais dois administradores, na época denominados “banqueiros”, denominação que não se popularizou na comunidade. A finalidade da publicação, a qual pode ser consultada na Figura 32 era buscar ajuda para controle dos créditos e débitos, e também para a criação de regras de funcionamento do grupo. Desta publicação, quatro pessoas se disponibilizaram, mas, conforme observado, apenas uma se tornou administradora.

Figura 32: Convite para integração à administração 2



Fonte: *print screen* da rede social *Facebook*® (2018).

O perfil dos administradores consiste em pessoas que tenham disponibilidade de se dedicar horas, praticamente diárias, para o funcionamento e gestão do grupo. Normalmente, são pessoas que acreditam muito no objetivo do projeto e querem vê-lo expandir. Também são pessoas que costumam realizar um número considerável de trocas e já participaram de alguma promoção de eventos, além de não possuírem grandes limitações em acessar a *internet* e acompanhar o grupo na rede social. Ainda, em sua maioria, não são pessoas formadas em área de gestão, nem possuem experiência na mesma.

Por fim, o quinto tipo de ator humano são os ex-associados, que são pessoas que participaram ativamente do grupo, inclusive algumas também foram administradoras. A maioria desses ex-associados continua participando como membro. Os motivos que os levaram a se tornar ex-participantes são diversos, mas as principais motivações daqueles que continuam como membros são a troca de cidade, a falta de tempo para atuarem e a pouca procura por seus talentos. Já as motivações daqueles que preferiram se desvincular totalmente do grupo, inclusive não acompanhando mais o grupo público do *Facebook*®, foram: envolvimento ou insatisfação com discussões públicas e a decepção de que as expectativas que tinham frente ao

grupo, em questão de acessibilidade e mudança social, não ocorreram. Todavia, é importante compreender que, mesmo essas pessoas não mais participando do banco de tempo, ainda exercem um papel de memória da história do grupo. Ademais, são pessoas que indicam ou criticam o projeto, ainda podendo exercer influência na comunidade. Na Figura 33 apresenta-se ilustrativamente os atores humanos do Banco de Tempo de Garopaba.

Figura 33: Atores Humanos do Banco de Tempo de Garopaba



Fonte: A autora (2020).

O primeiro ator não humano encontrado na pesquisa, por sua vez, é o próprio talento, denominado em Portugal como serviço, mas em Garopaba apresentou-se com maior complexidade ou até mesmo relevância. No campo, foram apresentadas as características desses talentos, sendo as seguintes: (1) aquilo que o associado faz, ou seja, é algo que o próprio associado desenvolve e sua elaboração não é terceirizada; (2) aquilo que é feito com amor, leveza e gosto para si ou para o outro; (3) aquilo que o associado faz bem, ressaltando que é algo feito com qualidade e profissionalismo; e (4) aquilo que é um serviço, nota-se que não há exclusão do produto, mas sim o talento tem foco no processo, o qual constitui-se pela mão de obra ofertada. Todavia, na subseção de controvérsias serão apresentadas as tensões sobre como conduzir algumas situações de produtos. Percebe-se também que muitas pessoas têm dificuldade de identificar seus talentos, o que é uma barreira para o cadastramento e de fato

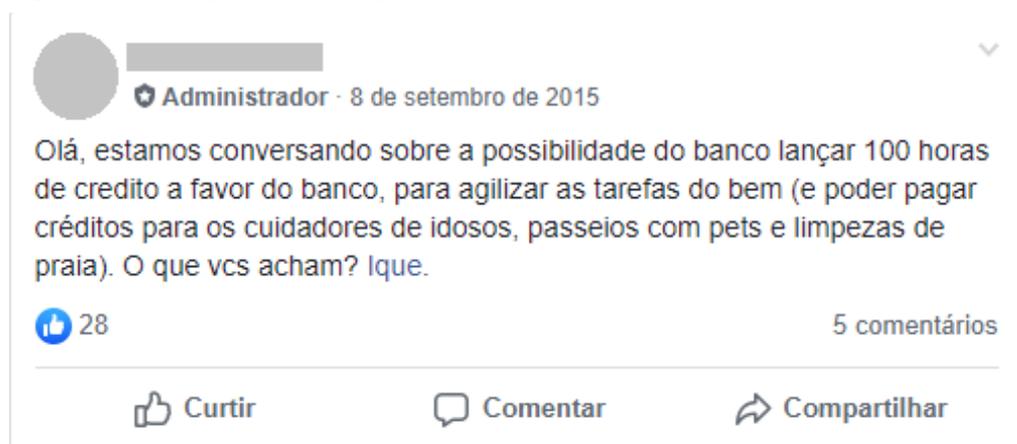
participação no grupo. No entanto, a fim de amenizar tais situações, o auxílio da administração na descoberta e desenvolvimento de talentos é essencial, o que também será discutido em outra seção. Ademais, os talentos são diversos, uma vez que se identifica mais de 100 talentos distintos no grupo. Sendo assim, esse é o ator não humano que faz com que as pessoas se relacionem através das trocas. Essa busca de acessá-lo faz com que pessoas doem e recebam dentro do banco de tempo.

O segundo ator não humano identificado é o grupo público do *Facebook*®. A comunicação e interação do Banco de Tempo de Garopaba ocorre por meio *Facebook*® (BANCO DE TEMPO GAROPABA/SC, 2015). Por se tratar de um grupo público, o mesmo permite e incentiva que tenha vários membros, mesmo que esses não sejam de fato cadastrados no grupo Banco de Tempo de Garopaba. Acredita-se que esse formato permite a maior divulgação do projeto. Ainda sobre o começo do Banco de Tempo de Garopaba, é interessante destacar que, desde sua fundação, os contatos são realizados via *Facebook*®, sendo esse ator não humano essencial para o seu funcionamento. Tanto a motivação inicial quanto todos os registros de trocas realizadas, acontecem por meio dessa rede social. Desde 22 de agosto de 2015 foram iniciadas as discussões sobre ter um aplicativo, ou um programa simples para gerenciar o banco de tempo, todavia, até hoje o banco funciona via *Facebook*®. Um dos principais motivos para essas duas ideias não se tangibilizarem foi a descontinuidade das administrações, sem uma transição articulada e transparente, também dos responsáveis em conduzir esse projeto. Além disso, há associados que defendem que se continue a usar o *Facebook*®, devido a sua ampla divulgação e ao fácil acesso. A tabela de talentos, ou lista de talentos, disponível também no grupo virtual, se refere ao ator não humano que contém as informações dos talentos disponíveis no banco de tempo, assim como quem são os associados que ofertam cada um deles. Esse ator está presente desde o início do grupo, quando se percebeu a necessidade de iniciar a organização das informações relacionadas com as trocas de talentos. Acrescenta-se que, no terceiro dia de funcionamento, o banco contava com 35 associados. A primeira tabela de cadastrados está disponível para consulta no Anexo J.

A moeda utilizada pelo banco, que é o tempo, ou também denominada crédito, é um ator não humano importante para a sua funcionalidade, visto que é ela que possibilita que exista algo e, por mais que seja imaterial, permite que as trocas sejam contabilizadas. É interessante destacar que a moeda do BdT de Garopaba é intangível, já a moeda do BdT de Santa Maria da Feira é tangível, sendo representada por um cheque próprio. Ademais, desde o início do banco a condução e criação da mesma foi incerta, pois existiam dúvidas de como proceder. Foi

encontrado um registro de criação de moedas, conforme pode ser consultado na Figura 34. No entanto, não foi possível esclarecer se, na medida em que o banco gerou moedas através dos trabalhos em grupo, onde o oficineiro, aquele que conduz uma oficina/ atividade de três horas para um grupo de, por exemplo, cinco pessoas, tendo a geração de no total 15 horas, dessas três horas ficam para o oficineiro, pois foi o seu tempo real investido, e 12 horas ficam para o banco de tempo, essa prática de criação foi encerrada ou ainda teve um “acerto contábil” dessa criação, o que poderia ocorrer, como uma espécie de empréstimo, lógico que não envolvendo um outro gerador. Atualmente, a reserva do banco é o valor que foi gerado de moedas. A última regra para essa criação, também implantada em 2015, versa que, a cada associado que se cadastrasse, cria-se dez moedas. Dessas, quatro seriam destinadas ao associado, como um empréstimo, o qual já poderia usufruir dos talentos antes mesmo de ofertar. As outras seis moedas são reservas para o banco de tempo, utilizadas tanto para a promoção de projetos quanto para o pagamento dos administradores, os quais recebem dez créditos mensais pelo seu talento na gestão.

Figura 34: Publicação sobre a criação de moedas



Fonte: *print screen* da rede social Facebook® (2018).

“A reserva do banco, na real o limite é o número de associados, se tiver 100 associados, tem lá 600 créditos, se sair associados a gente também retira esses créditos né, essa média, então a partir daí a gente vai tendo um controle, a gente vai vendo”. (ENTREVISTADO 1, não p.).

Portanto, o papel desse ator não humano é ser um mecanismo de contagem dos tempos transladados, seja no recebimento de um talento ofertado, gerando crédito, seja no pagamento de um talento recebido, gerando um débito. O quinto ator não humano, por sua vez, se trata da tabela de saldos, a qual teve existência justamente por haver o ator não humano, moeda. Esse

tem o papel de manter os registros das transações. A tabela de saldos é atualizada pelos administradores, que possuem o acesso para editá-la. Já os demais membros podem acessá-la de modo a visualizar e acompanhar os seus saldos, assim como consultar o saldo de um associado com quem estão iniciando uma negociação, a fim de verificar se possui crédito suficiente para acerto da troca. Embricado com os atores não humanos moeda e tabela de saldos, identificou-se outro ator não humano, a tabela de produtos. Seu formato é uma planilha de *Excel*® que apresenta a lista de talentos, bem como indica para cada um deles um limite máximo de tempo/créditos que pode ser cobrado. Esse ator é o não humano mais recente do banco de tempo, uma vez que sua origem se deu no final de 2017. O papel do mesmo é regular um teto de tempo para o desenvolvimento de talentos que constituem na entrega de um produto, visto que esses talentos estariam gerando suspeitas de tirar vantagem por parte de alguns associados, discussão que será feita na subseção de controvérsias.

Por fim, o sétimo ator não humano identificado é o espaço em que as pessoas realizam suas trocas de talentos, seja quando esses talentos ocorrem com a presença concomitante do ofertante e receptor, seja quando geram um produto e precisam chegar do ofertante ao receptor. Esse espaço é a casa dos associados, isto é, as pessoas recebem em suas casas demais associados para que as trocas de talentos de fato se efetivem. Assim, esses pontos de encontros possibilitam que os vínculos sejam criados ou fortalecidos. Destaca-se também que, no campo de pesquisa, parte significativa dos associados apresentaram a vontade da existência de uma sede para o BdT, na qual as trocas de talentos e encontros pudessem ser centralizados em um local característico do grupo. Esse espaço desejado pelo BdT de Garopaba é um ator não humano que se faz presente desde o início do BdT de Santa Maria da Feira. Inclusive, é uma exigência do Banco Central de Portugal para a abertura de uma nova agência, pois acredita-se que esse ator tem um papel importante de materializar um espaço do grupo, a fim de proporcionar com facilidade pontos de encontros e realização de atividades em grupo. Na Figura 35 apresenta-se os actantes não humanos do Banco de Tempo de Garopaba.

Figura 35: Atores Não Humanos do Banco de Tempo de Garopaba



Fonte: A autora (2020).

Com base nas definições de Latour (2005) sobre o papel dos actantes mediadores e intermediadores dentro da rede e seus embricamentos entre o social e o material, classificaram-se os actantes encontrados no campo, a fim de aprofundar a análise de seus papéis dentro da rede Banco de Tempo de Garopaba.

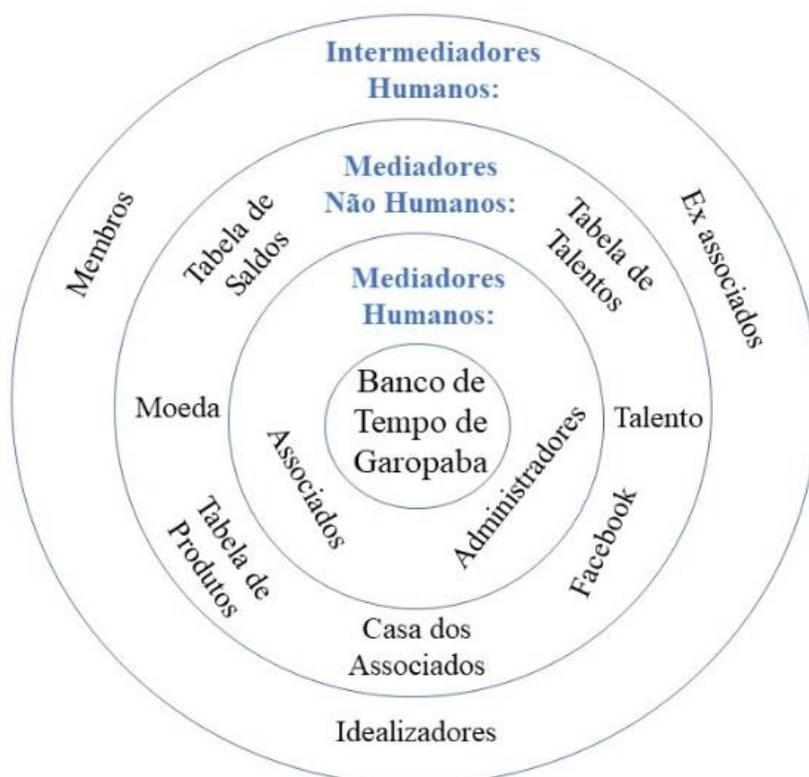
Considerando que os actantes intermediadores são aqueles que transportam significado e fortalecem uma situação sem provocar alterações (LATOUR, 2005), o BdT conta com: (1) idealizadores, que, quando acessados, apresentaram a história e os objetivos do banco de tempo, mas que, mesmo exercendo papel de forte liderança na fundação do grupo, atualmente não alteram mais as relações estabelecidas; (2) membros, que acompanham o BdT e, em algumas situações, até se manifestam em publicações, a fim de fortalecê-las, no entanto, não possuem um vínculo forte o suficiente para modificar a rede; e (3) ex-associados, que, mesmo tendo vivido a experiência de estar ativamente na rede, e ainda opinarem e até mesmo avaliarem como o grupo era e é, cumprem apenas o papel de transportar significado. Destaca-se que não foram localizados actantes não humanos que sejam intermediadores.

Em relação aos actantes mediadores, os que realizam translação e modicam significados e situações na rede (LATOUR, 2005), identificaram-se os seguintes: (1) associados, os quais

têm acesso para realizar translações e modificar a situação, seja na troca de talentos, na promoção de encontros ou na opinião de melhorias de que o grupo necessita; e (2) administradores, que têm todo o acesso de um associado, até mesmo porque também são associados, e detêm uma posição de maior autonomia e influência para envolver os demais em translações mais complexas, como alterações de regras, chamadas de reuniões e promoção de mais encontros, além de serem fortes modificadores no grupo. Ainda configuram-se como actantes mediadores todos os atores não humanos: (3) talento, exercido pela sua descoberta e desenvolvimento, oferta ou recebimento, permitindo que translações aconteçam e, principalmente, que modificações naqueles actantes envolvidos ocorram; (4) tabela de talentos, que, conforme o resultado da busca/consulta, irá gerar um tipo de alteração, seja o avanço de um contato entre associados para transladar um talento, seja a insatisfação de não encontrar alguém que permita esse acesso demandado, isto é, modificando a situação; (5) *Facebook*®, que medeia a comunicação e as transações do BdT, desempenhando papel essencial na rede, o qual altera a situação através de sua acessibilidade e funcionalidade; (6) moeda, que possibilita o acesso a talentos, ou seja, permite a alguém se tornar ativo no BdT, da mesma forma que limita a participação de outros; (7) tabela de saldos, que, semelhantemente ao actante anterior, possibilita ou não a troca de talentos, ou seja, contato e translação com outro associado; (8) tabela de produtos, que modifica a situação no grupo, haja vista que sua implantação impactou na participação dos associados: aqueles que entenderam que a regulação afeta negativamente a contabilização de seu tempo de troca deixaram o grupo, enquanto os associados anteriormente insatisfeitos pela percepção de que alguns “tiravam vantagem”, através da regulação, sentiram-se mais seguros quanto a isso; (9) casa dos associados, espaço que possibilita que as transações e os encontros ocorram – porém, por vezes, a localização dessas casas ou a desconfiança em receber um associado dificulta que tais atividades aconteçam dessa forma, ficando claro que esse ator não humano é também um intermediador.

Por meio dessa análise, foi possível identificar, além dos diferentes papéis que os actantes ocupam na rede, o quanto os atores não humanos são relevantes para que as situações sejam modificadas e as translações realizadas. Na Figura 36, buscou-se representar mediadores e intermediadores considerando que as camadas mais próximas do centro da figura possuem maior intensidade na mediação das transações do banco de tempo.

Figura 36: Intensidade dos Mediadores e Intermediadores do Banco de Tempo



Fonte: A autora (2020).

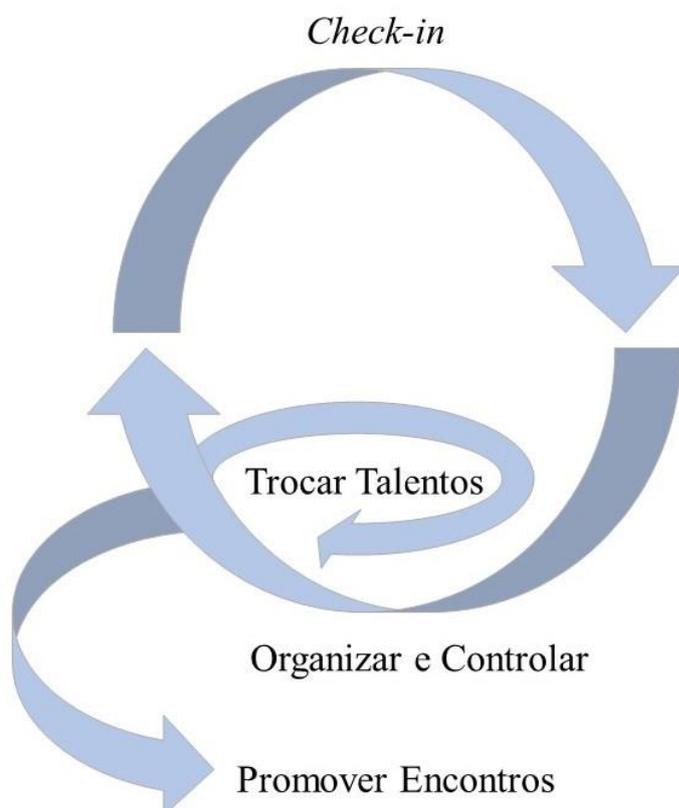
5.2 AS PRÁTICAS

As práticas do banco de tempo foram localizadas através das três técnicas de coleta de dados. Na técnica de entrevistas, as práticas foram mapeadas com maior aprofundamento no decorrer dos relatos dos entrevistados sobre diversos pontos mencionados sobre o banco, considerando as questões que envolviam: suas experiências especiais e as que poderiam ter sido melhores, assim como a sua história com o banco, como o banco funciona e o que ele promove, assim como a sua gestão se dá. Também considerando os apontamentos de Shatzki (2001) adota-se como práticas nessa pesquisa como associações de entendimentos que promovem atividades, os quais não são fixos, ou seja, através do dinamismo da rede podem ser trasladados ao longo do tempo. Além disso, se considerou as características indicadas por Cavalcante e Bispo (2014) e Gherardi (2006) para a compreensão e identificação de práticas no campo desse estudo, sendo elas: os significados atribuídos a sua execução, a sua temporalidade, o ser um fenômeno social reconhecido, o modo como é organizada, e também a sua natureza dinâmica.

As práticas encontradas no contexto do Banco de Tempo de Garopaba são quatro: (1) *Check-in*, a qual contempla as atividades e comportamentos que buscam bem inserir os

associados no grupo, assim como verificar condições necessárias para a continuidade de suas atividades no mesmo; (2) Trocar Talentos, que abrange as atividades e comportamentos que possibilitam que as trocas de talentos ocorram, desde atividades mais operacionais, como também relacionais; (3) Promover Encontros, a qual refere-se às atividades e comportamentos que estimulam interação coletiva na rede, a fim de zelar pelos relacionamentos e também entregas sociais; e (4) Organizar e Controlar, que trata de atividades e comportamentos que visam o funcionamento organizacional eficiente do grupo, essas normalmente desenvolvidas pelos administradores. Na Figura 37, apresenta-se as quatro práticas e também o dinamismo entre elas, uma vez que são contínuas, sendo que as práticas *Check-in* e Organizar e Controlar servem de apoio para que, por meio da interação entre os atores humanos, as práticas Trocar Talentos e Promover Encontros aconteçam, também essas sendo constantes.

Figura 37: Práticas do Banco de Tempo de Garopaba

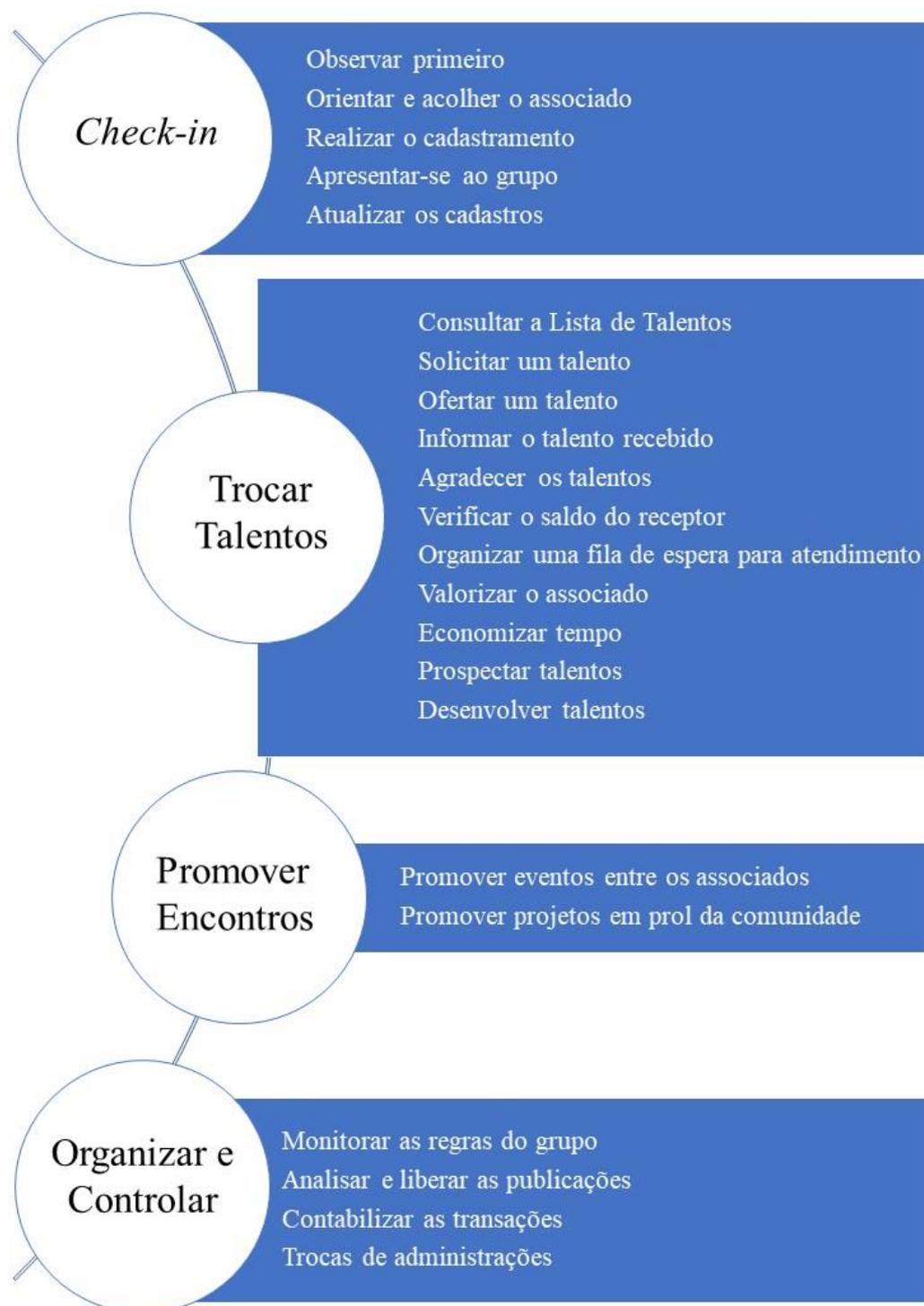


Fonte: A autora (2020).

Na Figura 38 são apresentadas as 22 atividades que englobam as quatro práticas encontradas no BdT de Garopaba. As atividades se referem a ações significativas que acontecem nas relações e translações da rede. A fim de tornar mais didática a discussão sobre

as práticas e suas respectivas atividades, a seguir, cada subseção apresentará as características essenciais de cada uma e como elas são transladadas na rede, essas subseções sendo 5.2.1 *Check-in*, 5.2.2 Trocar Talentos, 5.2.3 Promover Encontros e 5.2.4 Organizar e Controlar.

Figura 38: Atividades das Práticas



Fonte: A autora (2020).

5.2.1 *Check-in*

A prática *check-in* contempla as atividades e comportamentos que buscam bem inserir os associados no grupo, assim como verificar condições necessárias para a continuidade de suas atividades no mesmo corresponde a atividades e comportamentos que levam a pessoa a se cadastrar e manter-se atualizado, ou seja, efetivamente se tornar um possível e estável participante do banco de tempo. Essa prática compreende as seguintes atividades e comportamentos: observação prévia do grupo, orientação e acolhimento do associado, realização do cadastramento, apresentação do novo associado ao grupo, e atualização de cadastros.

O comportamento **observar primeiro** é realizado pelos associados antes de propriamente se tornarem associados, ou seja, antes de realizarem o cadastramento de participação no banco de tempo. Foi possível identificar que as informações disponibilizadas no *Facebook*® sobre o funcionamento do banco de tempo, não costumam ser esclarecedoras ou suficientemente convincentes para a adesão do membro como associado. No entanto, as publicações das relações que ocorrem entre os actantes despertam curiosidade, o que faz com que os membros acompanhem com mais afinco as publicações e busquem melhor compreender o funcionamento, a fim também de amenizar a desconfiança a respeito desse novo modelo de compartilhamento. Como o banco de tempo, no Brasil, se refere a um tipo de economia compartilhada relativamente recente, também gera desconfiança ou incredulidade sobre o seu funcionamento, interferindo no tempo que os membros levam para se cadastrarem, conforme percebido nas citações a seguir:

“Eu não me lembro da data exata, mas eu acredito que eu acompanhei por quase seis meses antes de me cadastrar (ENTREVISTADO 36, não p.)”

“Daí eu me interessei entrei ali e tal, fiquei um tempo só observando. Tipo entrei no grupo e não me inscrevi de cara. Fiquei um tempo assim cuidando (ENTREVISTADO 111, não p.)”

Já a **orientação e acolhimento ao associado**, realizado pela administração, consiste em auxiliar o associado a como fazer parte do grupo. Muitas vezes o mesmo tem o desejo de participar, mas não localiza as regras e não compreende o funcionamento apenas através de leituras do que está compartilhado no *Facebook*®. Outras vezes ele não sabe qual talento pode oferecer, nesse sentido a administração, normalmente o administrador responsável pelo cadastramento, faz alguns questionamentos como: o que você faz bem?; o que você gosta de

fazer?; a fim de auxiliar o associado a descobrir seu talento para participação do grupo. Essa abordagem auxiliando na descoberta e desenvolvimento de talentos. Além disso, auxilia em como contabilizar o tempo investido no talento ofertado, com o intuito de esclarecer que o tempo é o balizador do grupo. A segunda gestão também implantou um “boas-vindas” para o novo associado, que acontece via *Messenger*® mesmo, a fim de acolher e fazer o mesmo se sentir parte da família banco de tempo. Também destaca-se que na primeira gestão, o que não se deu sequência nas duas demais, um dos administradores, o coordenador da categoria que a pessoa tinha interesse em se associar, realizava uma visita na casa ou estabelecimento comercial do associado, com o objetivo de se aproximar, acolher, mas principalmente fiscalizar cuidados e de certo modo o profissionalismo que aquela pessoa tinha ao realizar o talento ofertado, por exemplo, os cuidados de higiene para a produção de alimentos, conforme relatado nas citações a seguir:

“Mas o banco em si tinha umas coisas que eu achava muito legal assim, por exemplo, eles tinham um tipo um comitê para avaliar o teu talento também, né. (ENTREVISTADO 139, não p.).”

Agora o banco era tão certinho, é tão certinho que existia uma fiscalização, se você fazia comida ia uma pessoa na sua casa e via se tu tinha condições higiênicas para fazer uma comida, para as pessoas saberem que as pessoas estavam trocando para algo de valor e que é feito com coração, que é feito por você. O talento é isso, o que vem de você. (ENTREVISTADO 62, não p.).

“Pedi para as coordenadoras me explicarem melhor como é que funcionava o grupo. Aí as coordenadoras nesse momento falaram para mim como era cada detalhe assim. Aí entrei no banco. (ENTREVISTADO 108, não p.).”

Aí eu olhei e não entendi muito bem na verdade: “Banco... Banco de Tempo?”. Sempre ficou assim por entender e entender, e nunca lia ali, entrava ali e olhava. E aí ela (administradora) que me explicou. E me explicou assim como funcionava, neah, que era tempo por tempo, neah... Aí eu disse assim: “Ah, que legal. Agora que eu entendi! Porque não fazia sentido. Você vê de fora e nada faz sentido, neah, tipo... Como assim um crédito por bolo? – Ahã????” – Neah, não entendia nada. (ENTREVISTADO 157, não p.).

Considerando as devidas proporções, pude identificar que também experimentei a prática “acolher associado”, mesmo eu não realizando o cadastramento como associada, fui uma membra acolhida. Além do acolhimento por parte da administração para a pesquisa, também a receptividade dos associados e demais atores para as entrevistadas é perceptível apenas sob o olhar de número de entrevistados. Ainda, vale destacar esse sentimento identificado nas inserções das atividades coletivas.

Fiquei muito surpresa e feliz com a receptividade das organizadoras e das demais associadas comigo, foi muito calorosa, realmente buscaram que eu me sentisse parte da família banco de tempo. Não mediram esforços para que eu me sentisse uma delas. (DIÁRIO DE CAMPO).

A outra atividade pertencente a prática *check-in* dirige-se diretamente a tornar associado, sendo para isso necessário que esses atores **realizem o cadastramento** com os administradores. A realização do cadastro é feita via *on-line*, através de trocas de mensagens via *Messenger*®. Algumas informações são consultadas e registradas, como: nome da pessoa informado no *Facebook*®, para facilitar a busca e os contatos; o talento que disponibilizará, sendo analisado se este ainda não atingiu o limite conforme a Regra 3.3 do banco, a qual diz que o “limite de pessoas para ofertarem o mesmo Talento começa com cinco pessoas. A partir do 250º associado, a cada 50 novos, abre-se mais uma vaga em cada talento. Assim, com 250 associados passam a ser seis vagas por talento, com 300 associados, sete vagas... com 350 associados, oito vagas, e assim por diante. As atividades que já passaram este limite serão mantidas. No caso de artesanatos, por ser muito abrangente, o limite de vagas será metade das ofertadas em geral para cada segmento”, cada associado também pode cadastrar até cinco talentos distintos; a disponibilidade de tempo para ofertar o talento para o banco, sendo que essa informação menos de 10% cadastram, inclusive esse campo na tabela de cadastros normalmente é utilizado para observações como “Afastado temporariamente”; em alguns casos também é localizado o bairro onde a pessoa mora, mas não é obrigatória essa informação. Nesse momento do cadastro, também são tiradas dúvidas que o novo associado possa ter sobre o grupo, caso não haja questionamentos, é informado o *link* da tabela dos cadastros, dos saldos e também dos limites de horas de produtos. Além disso, caso o novo associado ofereça um novo talento para o Banco de Tempo, ou seja, um talento que nenhum outro associado oferte, e os administradores tenham dúvida de como o mesmo é realizado, a administração pode solicitar maiores explicações e também fornece auxílio na contabilização do tempo desse novo talento ofertado. Essa atividade também é uma regra, sendo que a pessoa apenas pode se tornar associado após o seu cadastramento, identificando-se assim que há regulamentações nesse grupo de economia compartilhada.

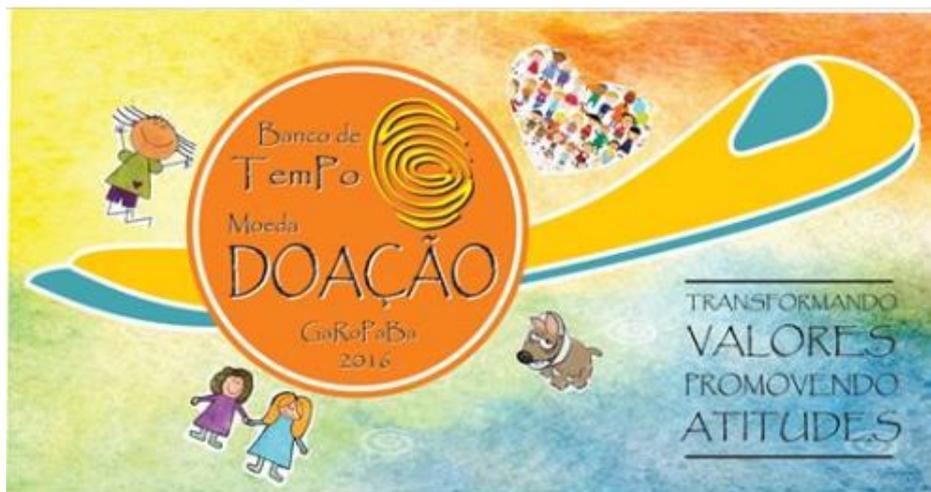
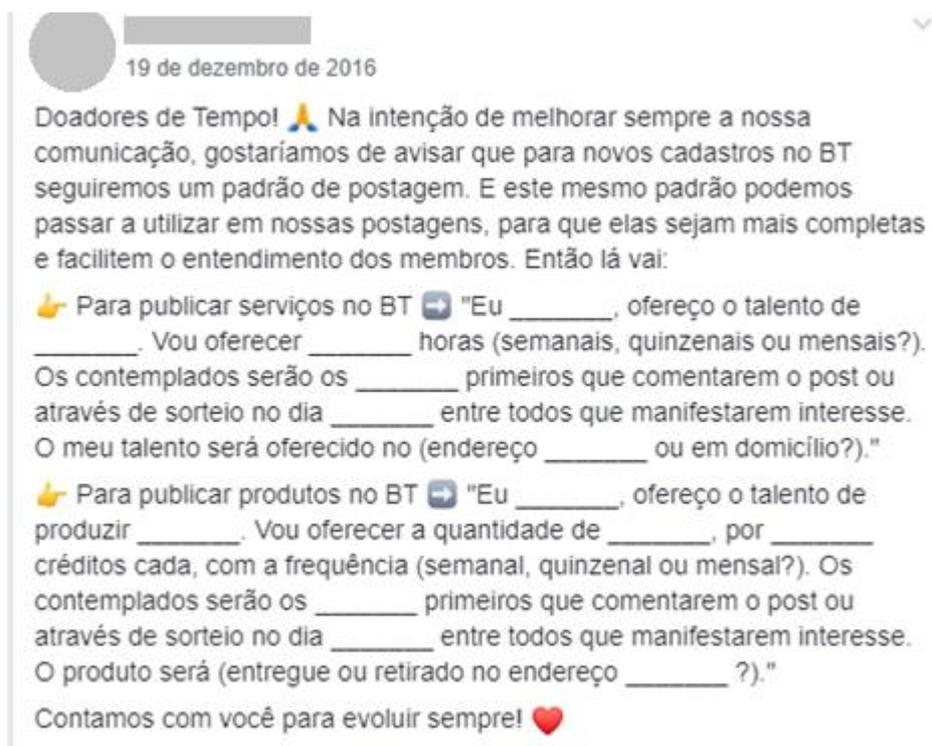
O comportamento **apresentar-se ao grupo**, além de ser interessante para o grupo saber que tem mais um associado no banco, também é uma oportunidade de vitrine do talento do novo associado. Esse iniciou ainda em 2015, mas em dezembro de 2016 buscou-se implantar um padrão para a apresentação, conforme pode ser consultado na Figura 39, a qual até o momento segue características muito semelhantes, apenas na maioria das vezes não constando a proposta

de entrega e também a modalidade de organização para atendimento dos interessados, como sorteio ou o primeiro a manifestar interesse. Também em algumas dessas situações, os associados aproveitam essa apresentação para darem as boas-vindas ao novo participante. Normalmente, nessa primeira publicação, o novo associado já tem seu talento requisitado para atender um pedido, contudo, às vezes ninguém manifesta o interesse naquele momento, e como o novo associado inicia no banco com muita ansiedade para logo participar, acaba de certo modo se frustrando pela aparente não adesão. Dessa forma, podendo essa falta de adesão indicar um possível desequilíbrio entre demanda e oferta sob os diferentes talentos cadastrados, conforme relatam as citações que seguem:

Logo que você posta o talento, bomba de gente interessada, né... Daí as pessoas vem, te procuram e tal, daí foi nesse momento foi que eu mais fiz atendimentos, teve alguma coisa com cosmologia natural e aí depois as pessoas não procuram tanto assim, vão lá olhar na lista antes (ENTREVISTADO 167, não p.).

“Quando a gente faz a inscrição lá, a gente coloca lá no mural o nosso talento, daí essa foi a divulgação que eu fiz, assim, mas ninguém nunca fez contato comigo e daí eu não participei até hoje de nenhuma troca (ENTREVISTADO 168, não p.).”

Figura 39: Orientação para apresentação padrão no grupo



👍❤️ 30

2 comentários

Fonte: *print screen* da rede social *Facebook*® (2018).

Por fim, a atividade que está embriçada com a realização do cadastro, é **a atualização desses cadastros**. Essa é muito valorizada pelos associados, uma vez que mencionam a atualização de cadastros como sendo trabalhosa para a administração, e também de extrema importância para a agilidade na conexão entre o associado que oferta e o associado que demanda o talento. Não há um período padronizado para acontecer a atualização de cadastros, mas identificou-se que as três administrações que o banco de tempo teve realizou-a. Na primeira

gestão (agosto de 2015 a dezembro de 2016), não foi possível identificar em qual período ocorreu. Na segunda gestão (dezembro de 2016 a junho de 2018) foram realizadas duas atualizações, a primeira em outubro de 2017, e a segunda a partir de fevereiro de 2018, inclusive não estava finalizada quando houve a troca de gestão. Na terceira e atual gestão (desde junho de 2018), foi realizado no início. Destaca-se que eu pude acompanhar essa atividade, pois duas dessas atualizações ocorreram enquanto estava em campo. A segunda gestão, para realizar a atualização dos cadastros, contou com a ajuda de uma pessoa de fora da administração, que se ofereceu para ajudar em uma discussão pelo *Facebook*®, na qual sugeriam a necessidade de atualização dos cadastros. A mesma estabelecia a sua forma de abordar o associado e também o tempo que poderia dedicar-se para tal atividade. Todavia, quando houve troca da administração, essa atividade foi parada, o principal motivo se deu pela falta de uma boa condução na transição da gestão, aspecto que será discutido na atividade troca de administradores. A terceira gestão iniciou já realizando esse recadastramento, ou então, atualização de cadastros, levou-se em torno de dois meses e meio para a realização de toda tarefa, sendo que as administradoras entre elas dividiam as demandas. Também vale ressaltar que as administradoras não a realizaram sozinha, as mesmas envolveram outros associados, inclusive pedindo para todos ajudarem nos contatos, principalmente dos quais não são amigos no *Facebook*®, pois a ferramenta às vezes dificulta a comunicação direta. Essa atividade foi algo mencionado em campo, as pessoas recordavam com clareza porque era recente e também acreditavam que poderia facilitar os contatos entre os associados. Isso porque compreendiam que regular quem está ou não ativo poderia refletir positivamente nas trocas de talentos, e até mesmo amenizar o desequilíbrio entre demanda e oferta de talentos.

5.2.2 Trocar Talentos

A prática **trocar talentos** abrange as atividades e comportamentos que possibilitam que as trocas de talentos ocorram, desde atividades mais operacionais, como também relacionais. Essa prática pode ser considerada o coração do banco de tempo, pois, ela é a finalidade em si do grupo, ou seja, promover trocas indiretas de talentos, uma vez que é o seu dinamismo e continuidade que faz com que o banco de tempo de fato realize seu propósito. Essa prática abrange as seguintes atividades e comportamentos: consultar lista de talentos, solicitar ou ofertar um talento, verificar o saldo do receptor, organizar uma fila de espera para atendimento,

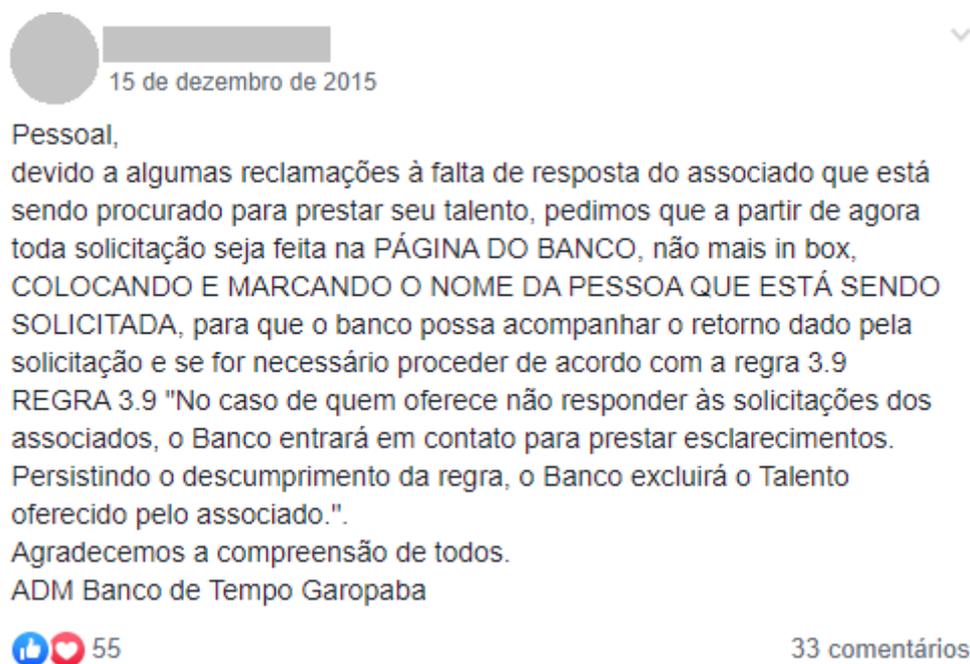
informar o talento recebido, agradecer os talentos, valorizar o associado, economizar tempo, prospectar talentos e desenvolver talentos.

Referente a atividade **consultar a Lista de Talentos**, essa ocorre quando o associado tem a necessidade de algum talento, e então consulta a lista para verificar se o banco de tempo tem esse talento e quais são as pessoas que o realizam. A consulta se dá através do *Facebook*®, no *link* disponibilizado na seção de avisos, ou então, na postagem fixa do grupo. Essa atividade foi bastante estimulada pela administração, porque ela facilita os contatos entre os associados e também diminui as dúvidas sobre o banco ter ou não ter esse talento, conforme nota-se no relato a seguir:

“Daí acontece com a demanda, você acaba indo direto na pessoa que você precisa do talento e propõem uma troca. Então, está precisando de uma nutricionista para ela eu abri a nutrição, entendeu, então, eu fiz o contato (ENTREVISTADO 130, não p.)”

A partir dessa atividade, surge outra que é **solicitar um talento**, essa pode ocorrer de duas formas. A forma mais comum é a publicação da demanda no grupo virtual, marcando os associados que prestam aquele talento, conforme consultado na Lista de Talentos. A segunda forma é enviar um *Messenger*® diretamente para o associado que oferta esse talento, expondo a sua necessidade. Também se destaca que, na terceira gestão do banco, essa atividade foi mais plenamente vivenciada, pois anteriormente a ela ainda havia um significativo número de associados que apenas solicitava o talento, mas não realizava a prática, anteriormente relatada, de consultar na lista de talentos. A partir de cada publicação desse tipo, as quais foram muitas, uma das administradoras passava a informação que para uma maior eficiência no retorno dos associados, indicava-se consultar a lista de talentos e também marcar os associados que ofertam esse determinado talento, o que gerou bons resultados, no entanto, ainda há casos que a administração precisa orientar. Ainda sobre a solicitação de talento, também em dezembro de 2015 se determinou que ocorresse sempre publicamente no grupo do *Facebook*®, mas essa alteração se deu devido muitos associados não retornarem aos contatos realizados no privado, desde o primeiro ano do banco de tempo se percebia uma certa indiferença ou demora no processo de retorno. Destaca-se, através da publicação que pode ser consultada na Figura 40, que essa situação embricou-se com o fortalecimento de mecanismos de controle e cumprimentos de prazos regimentais, logo encontrando-se o aspecto regulatório presente no grupo. Atualmente as duas formas de solicitação de talentos são utilizadas.

Figura 40: Alteração no formato de solicitação de talentos



Fonte: *print screen* da rede social *Facebook*® (2018).

Outra atividade da prática trocas de talentos é a **oferta de talentos**, essa consiste no associado ofertar seu talento, informando no *Facebook*®: a sua disponibilidade, as características de seu serviço ou produto, também para quando será, assim como a quantidade de créditos e as suas condições de atendimento, que basicamente são três: todos os interessados, o primeiro a mencionar “Eu quero”, e a proposta de um sorteio para os interessados que se manifestarem, nessa última condição, informando quando será o sorteio. Percebeu-se também que essa atividade visa evidenciar o talento oferecido, e assim proporcionar maior dinamismo na atuação no banco de tempo. No entanto, por alguns ela é percebida como um jogo de azar ou ainda um estímulo ao consumismo, conforme relatado anteriormente e nas citações a seguir:

“Alguém tem que querer o teu talento... “Ah, e se ninguém quiser o meu talento?”. Daí tu não vai ter crédito, tu tem que oferecer o teu talento (ENTREVISTADO 34, não p.).”

“Eu ofertava... Ahã... Uma vez a cada dois meses eu... Ia na página para ofertar, porque o pessoal dava uma esquecidinha. Porque é tanta coisa acontecendo... *risos* (ENTREVISTADO 173, não p.).”

“É, as vezes eu vou agir neste impulso: “Ah! Eu quero! Eu quero!” – Tanto que, quando tem sorteio ali todo mundo se joga querendo... TUDO! É que é sempre tudo nos sorteios, e eu sou um cara azarado, pois nunca ganho nenhum sorteio (ENTREVISTADO 102, não p.).”

A atividade **verificar o saldo do receptor** não foi tão mencionada pelos associados, mesmo se tratando de uma regra do banco de tempo, possivelmente porque transpareça uma certa desconfiança da integridade do associado receptor com quem será negociado um talento. Contudo, ela é importante para evitar transtornos como não receber, e também ter que envolver a administração nessa situação. A verificação de saldos ocorre via *Facebook*®, onde o associado ofertante acessa a tabela Saldo de Moedas a fim de consultar se o associado receptor tem saldo suficiente para a realização do talento. Dessa forma, percebe-se que nem todas as formas de regulação são praticadas, assim também como em muitas relações a desconfiança não surge.

Quando tu vai fazer um serviço, tu não verifica se os cheques têm fundo, o cartão, não passa maquininha, nãñã, mesma coisa, eu vou te oferecer um serviço, vou ali dar uma olhadinha, se tu tem condições de pagar por aquilo que eu tô te oferecendo (ENTREVISTADO 10, não p.).

A atividade **organizar uma fila de espera** surgiu da necessidade dos associados ofertantes, quando muito demandados, terem uma organização para atenderem o máximo de associados, novamente percebendo-se que há um desequilíbrio entre demanda e oferta dentro do banco de tempo. Essa fila de espera pode ser organizada e divulgada via *Facebook*®, ou então via contato direto com cada associado que demonstrou interesse no talento. Normalmente os associados que realizam essa atividade estão preocupados também em atenderem diferentes pessoas, e poderem ter um critério transparente de quem são e serão os atendidos. Essa vem como uma alternativa de amenizar a desconfiança, por parte de alguns associados, de que há privilégios para quem ofertar o talento, ou seja, novamente necessitando uma espécie de regulamentação/ordenação, mesmo que não partindo da administração do grupo, conforme nota-se nos relatos a seguir:

“Eu organizo o tempo que eu vou dispor pra isso (banco de tempo) né, e ali então choveu de gente dizendo: eu quero, eu quero. Então o que eu fiz, eu fiz uma lista, então eu estou seguindo direitinho aquela lista das pessoas tipo uma ordem (ENTREVISTADO 15, não p.).”

Tem gente que pega muita coisa e outros não conseguem nada, por exemplo assim ah, esse mês a fulana já pegou tal coisa, deixa uma vaguinha pra outra que ainda não né, por exemplo assim, às vezes eles expõem, digamos, um docinho, uma vez por semana um vai lá e expõe tantos docinhos, se um já pegou, deixa pro outro participar, acho que a fila de espera resolve esse problema (ENTREVISTADO 3, não p.).

Outra atividade que foi identificada é **informar o talento recebido**, consiste no receptor do talento informar na página do banco de tempo que recebeu um talento, nessa publicação menciona o talento, a quantidade de tempo a ser transferida/paga, e também marca o associado

que ofertou o talento. A partir dessa publicação a administração realizará a contabilização da transação, prática relatada na subseção anterior. Essa atividade, que também é uma regra (regulamentação) do banco de tempo, se refere diretamente ao “acerto de contas” entre o contratante e o contratado. A atividade **agradecer/elogiar o talento recebido** parte da atividade anterior, todavia, não tem a mesma formalidade, ela ressalta a natureza humana e amorosa entre os associados, em que os receptores sentem o desejo de engrandecer o que foi recebido pela moeda tempo, além de proporcionar credibilidade ao associado que ofertou, ou seja, fortalecendo a rede, e demonstrando que a confiança depositada foi recompensada.

Não sei se tu já entrou e viu, é, alguém sempre tá oferecendo seu serviço e tudo também por gratidão. Uma palavra que eu aprendi com eles, que tudo fala assim: “Gratidão pela pessoa, é gratidão pelo que ele fez, gratidão...” E essa palavra me, me deixou assim muito motivada também (ENTREVISTADO 41, não p.).

É muito legal ver as pessoas agradecendo ali os serviços que foram oferecidos, sabe?! E tu vai conhecendo uma diversidade também de talentos. Isso que é incrível também: conhece uma diversidade de talentos. Porque... é isso que as pessoas oferecem (ENTREVISTADO 57, não p.).

Já **valorizar o associado** consiste em o associado receptor indicar o ofertante (cujo talento pode ser também sua profissão) para outros, tanto para associados quanto para pessoas que não pertencem ao banco de tempo. Também há associados receptores que acessam os talentos dos ofertantes por meio de dois mecanismos: primeiro, seguindo a proposta do grupo, ou seja, negociando por talentos/créditos os talentos de que necessitam, ou, segundo, negociando com o associado monetariamente, ou seja, contratando o serviço profissional via sistema vigente. Os associados receptores que adotam esse comportamento demonstram se preocupar em proporcionar que os associados ofertantes conciliem a sua participação no grupo e possam ter condições financeiras para suas demandas não atendidas plenamente pelo banco de tempo. Além disso, buscam contratar os associados do banco de tempo, quando possuem necessidades a serem atendidas fora ao grupo, ou seja, no sistema vigente, assim buscando valorizar os serviços dos mesmos.

Tá no banco ajuda bastante assim o pessoal a divulgar seu trabalho, principalmente, assim até de um falar para outro, entendeu... Indicar, né: “Ah, a moça que participa lá do Banco de Tempo ela faz docinho para festa de aniversário” – “Ah, mas eu não participo do Banco de Tempo” – “Ah mas pega o telefone dela”, entendeu?! (ENTREVISTADO 136, não p.).

Porque já que trocou alguma coisa porque conhece o trabalho da pessoa, sabe o que ela faz, eu sei que alguém pode me indicar por aí, porque sabe qual o trabalho que eu faço, na mesma forma como eu posso indicar outra pessoa, sabe, essa rede de contato forte (ENTREVISTADO 146, não p.).

Eu fiz massagem, tô trocando pela parte de mídia, ele está fazendo o facebook, fotografou algumas coisas. Se você pegar na minha página, você vai ver que algumas coisas ele publicou e teve uma publicação de dois meses que ele vai fazer para mim, e contrapartida eu vou contatar ele para pedir um orçamento para fazer um site para mim, que eu vou pagar. Então esse é o legal, valorizar o trabalho do outro (ENTREVISTADO 18, não p.).

A atividade **economizar créditos** trata da reflexão dos associados sobre suas reais necessidades, levando-os a ponderar se aquele talento que está sendo oferecido ou que está disponível na lista de talentos realmente vale o investimento de seu tempo, ou então, créditos. Nota-se uma preocupação em investir no que de fato é indispensável. Essa atitude confronta a situação de estímulo ao consumismo, demonstrando que o associado busca utilizar seus créditos para necessidades reais, apresentando uma consciência de consumo sustentável. Tal comportamento também pode ser uma repetição do hábito de um sistema vigente, ou seja, aplicar os créditos com cautela, como visualiza-se nos relatos a seguir:

No momento tenho um saldo positivo de créditos, que estou guardando caso apareça algo que precise e me interesse, principalmente coisas para bebê agora nesta fase. Os talentos que mais me interessam como troca dos meus, são de alimentação e artesanato (ENTREVISTADO 191, não p.).

“Eu guardo os créditos para a hora que eu realmente precisasse, porque eu me envolvo geralmente com o dinheiro e com o meu trabalho, mas daí quando eu tenho um tempo, quando eu não tenho dinheiro eu recorro ao banco (ENTREVISTADO 27, não p.).”

“Quando eu vou escolher os produtos ou os serviços que eu quero, eu penso muito antes de querer (manifestar interesse), de querer pegar aquilo, penso: eu não preciso pegar isso (ENTREVISTADO 77, não p.).”

Outro comportamento existente no banco de tempo é o **prospectar talentos**, que se assemelha ao ofertar talentos, prática relatada anteriormente, no entanto, mesmo ela partindo da oferta de um talento, o que se acrescenta é a motivação por trás da oferta, que é gerar dinamismo nas relações de talentos, onde busca-se ofertar tempo para poder ter tempo para atender suas necessidades, e também manter-se ativo no grupo. Nesse comportamento, não se percebeu a busca de acumular créditos por parte dos ofertantes, ou, o anseio de se obter muitos talentos, mas realmente um mecanismo para manter a participação ativa no grupo.

Eu sinto que algumas pessoas que são requisitadas pela função delas serem muito interessante, outras menos, de repente eles precisariam fomentar mais essa troca de pontos para as pessoas não ficarem acumulando tantos pontos e morrer com um monte de pontos na mão, algumas pessoas adotaram sempre ofertar, toda hora lembrar o que fazem (ENTREVISTADO 141, não p.).

Quando as pessoas colocam a foto do que tão oferecendo, colocam direitinho a descrição, elas são lembradas e seus talentos são pedidos. Agora a se a pessoa fica lá, está cadastrada, mas esperando que alguém a solicite é mais difícil assim de movimentar (ENTREVISTADO 4, não p.).

Por fim, o comportamento de **desenvolver talentos** consiste em proporcionar que os membros reflitam, com base nas características apresentadas na seção anterior sobre o que é um talento, e descubram quais talentos possuem ou tem potencial de desenvolver. Sendo assim, o banco de tempo se torna um ambiente para a prática, lapidação e desenvolvimento desse talento. Ambientes assim geram espaços propícios para aprendizado, pois incentivam e valorizam, empoderando os associados, alavancando experiências que tem o potencial de transformar a atuação profissional desses, conforme as citações a seguir relatam:

“Aí eu falei: ‘Vamos colocar nossa produção de sabão no Banco de Tempo!’ – Aí eu coloquei, guria, foi uma loucura, né!? O sabãozinho que a gente tinha feito, que não tem nada a ver com a minha profissão foi um sucesso (ENTREVISTADO 162, não p.).”

Eu fiz um ensaio fotográfico de uma grávida, que foi também muito legal, sabe, foi uma coisa muito bonita. Foi o meu primeiro ensaio de grávida e foi uma experiência bem interessante também, que eu curtia muito e não tinha fotografado ainda grávida. Depois disso surgiu mais uma ou duas, que me gerou portfólio, foi bem legal (ENTREVISTADO 173, não p.).

Eu comecei a fazer um curso de terapia holística e aconselhamento familiar, só que é um pouco difícil assim, porque você ainda não é reconhecido no mercado de trabalho, eu não tenho espaço ainda, eu não tenho uma grana pra fazer um superinvestimento. E aí o que faço é oferecer pelo banco. E eu vejo como isso é bom pras pessoas e pra mim sabe? É uma forma de você oferecer um trabalho e... que realmente é importante pra alguém. É muito legal e a gente pode se desenvolver também. É um caminho muito bacana (ENTREVISTADO 32, não p.).

Vale destacar que como pesquisadora também vivenciei essa prática, considerando as devidas proporções de participação no grupo, a qual não me impulsionou a uma nova profissão, mas fez com que identificasse uma nova habilidade e me proporcionasse o sentimento de utilidade e realização. Enfim, a necessidade de um associado fez com que eu descobrisse um novo talento meu.

Minha primeira intenção era participar do casamento dos associados como observadora discreta, sendo que meu presente aos noivos não foi um talento desempenhado por mim, mas doces decorados para a festa de casamento, os quais foram terceirizados. No entanto, no dia do casamento, ocorreu um imprevisto, pois, a decoradora oficial da festa, a qual também é uma associada do banco de tempo, não apareceu para desempenhar seu talento. Dessa forma, outros associados entraram em cena e, no intuito de fazerem de tudo para que o casamento dos sonhos acontecesse. O interessante é que a imersão foi tanta que, envolvida no espírito de equipe que estava rodeando o ambiente, também descobri um novo talento meu, organização e decoração da mesa de doces, o qual acabei desempenhando no casamento e, modéstia à parte, a mesa ficou muito linda. (DIÁRIO DE CAMPO).

5.2.3 Promover Encontros

A prática **promover encontros** refere-se às atividades e comportamentos que estimulam interação coletiva na rede, a fim de zelar pelos relacionamentos e também entregas sociais. Essas promoções são oportunidades de conhecer os demais associados, estreitar as relações já estabelecidas, e também proporcionar a comunidade benefícios sociais. Essa prática abrange duas atividades e comportamentos: promover eventos e projetos para os associados e promover projetos em prol da comunidade.

Quanto a atividade **promover eventos e projetos para os associados**, ela não necessariamente é coordenada pelos administradores, mas o apoio e estímulo dos administradores são essenciais para que eventos dessa natureza ocorram. Essa prática não tem frequência determinada, nem um modelo definido, entretanto sabe-se que o banco já teve quatro encontros para todos os associados com a finalidade de proporcionar que os associados se conhecessem pessoalmente e também terem espaço para divulgarem alguns dos seus talentos. A grande parte dos entrevistados traziam essa atividade à tona, assim como as publicações no *Facebook*® a respeito, eram todas muito positivas, inclusive em sua maioria colocavam o anseio do próximo encontro e a vontade de que houvesse momentos como esses mais seguidamente. Nota-se a importância de minimizar o virtual, e tornar mais humanas as relações na rede, o quanto o “olho-a-olho” é importante para o sentir-se comunidade, sendo esses eventos também oportunidades de fortalecer a confiança no grupo. Destaca-se também que associados que não tiveram a oportunidade de participar dos encontros, devido à falta de disponibilidade ou prioridade, mencionam a importância desses momentos (como mostram as citações a seguir), e também a Figura 41, o que a torna ainda mais interessante. A intenção principal de ter qualificado o projeto de tese ainda em janeiro era iniciar minha inserção em campo ainda no mesmo mês, para assim participar do evento dos associados que estava previsto para 28 de janeiro de 2018, o convite pode ser consultado na Figura 42, mas conforme relatado na seção *Imersão no Campo*, por falta de comunicação com a administradora, até então meu único contato com o banco, não foi possível. Esse evento ocorreu e foi o último realizado até então, o mesmo contou com oficinas e trocas de conversas, pelos relatos pareceu-me que foi o menor ocorrido, mas não é possível precisar essa informação devido à falta de registros documentais dos mesmos. Os associados que alegaram essa menor participação, de fato não participaram do evento, e também se colocavam muito insatisfeitos com a decisão ocorrida na última reunião do banco, em novembro de 2017, na qual foi implantada a Tabela de Produtos, mais uma

regulamentação do grupo. Portanto, pode-se perceber que a insatisfação com decisões do banco pode interferir na participação ou na forma de enxergar os eventos dessa natureza.

“A mais incrível foi a participação efetiva nos almoços que servimos para o encontro do banco que aconteceu (ENTREVISTADO 128, não p.)”

“Então nos encontros dos associados temos um contato bem legal e a gente acaba conhecendo pessoas pelo banco, mas que não se conhece pessoalmente (ENTREVISTADO 18, não p.)”

“O banco promove encontros, todos os anos teve, esse ano teve, acho que era no final de janeiro, não consegui participar, mas vi que foi muito legal (ENTREVISTADO 24, não p.)”

Figura 41: Manifestação de satisfação em participar do encontro



Fonte: *print screen* da rede social Facebook® (2018).

Figura 42: Convite 4º Encontro do BdT Garopaba



Fonte: *print screen* da rede social *Facebook*® (2018).

Também em junho a terceira gestão do banco assumiu e, logo em seguida, um associado apresentou a ideia de fazer um Arraial do Banco, alusivo às festas juninas da região, a qual pode ser consultada na Figura 43. A proposta de evento foi muito bem aceita pelos associados, todos os comentários na publicação mostravam o desejo de se encontrar, reforçando a importância de experiência desse tipo. Todavia, a administração que recém tinha assumido não se manifestou e também em conversas colocou para mim que não poderiam ajudar a organizar, uma vez que estavam recentemente se inteirando do funcionamento do banco e de suas atividades principais. Logo, o evento denominado “Arraial do Banco” acabou não ocorrendo, nem em junho e nem nos próximos meses. Por isso, reitero a importância dessa atividade ser apoiada e de certo modo suportada pelos administradores.

Figura 43: Proposta de um Arraial Junino



Fonte: *print screen* da rede social Facebook® (2018).

Uma promoção de eventos que ocorre no banco de tempo, cujo tem o propósito de ser contínuo, mas o qual se destina apenas para mulheres, ou seja, para uma parte do grupo, se denomina Encontro das Mulheres. O Encontro das Mulheres, esse é mais recente no banco de tempo e teve apenas duas edições, a primeira ocorrida em 05 de maio de 2018, da qual não pude participar devido a questões de trabalho. No entanto, foram realizadas entrevistas com as duas organizadoras do projeto, a fim de compreender o seu objetivo e aprofundar meu conhecimento sobre o mesmo. Elas colocaram que a ideia surgiu de uma conversa informal entre as associadas, com base nas necessidades percebidas por elas de ter uma rede de apoio para mulheres que estão chegando em Garopaba, ou para aquelas que, mesmo que já estejam há algum tempo na cidade, ainda buscam mais amizades. Elas perceberam que as mulheres que participaram estavam muito dispostas a participar e partilhar com o grupo, no entanto, esperavam que um grupo maior de associadas participassem. O segundo Encontro das Mulheres ocorreu no dia 29 de setembro de 2018, o qual pude acompanhar, apesar da alteração de data que quase impossibilitou novamente a minha participação, por motivos profissionais. Percebi que nesse segundo encontro houve uma programação prévia, em que três atividades-chave

foram organizadas, sendo elas: aula de *yoga*, aula de pilates (Figura 44) e palestra e bate-papo sobre alimentação natural e viva (Figura 45), todas essas conduzidas por associadas do banco de tempo. Além dessas atividades, também houve muitas partilhas pessoais entre as associadas, desabafos e aconselhamentos, momentos de lágrimas e de risos. Destaco que me chamou muito a atenção o fato de, nas apresentações, elas dizerem o seu nome e, em seguida, o talento que tinham cadastrado no banco. Por exemplo: “Eu sou a Maria, do pão”. Isso representa tanto o elo delas com seus talentos, e desses com o banco de tempo, quanto a importância das postagens visuais dos talentos no *Facebook*®, visto que muitas recordavam, nesse exemplo, do pão. Vários talentos foram sorteados entre as participantes, sendo alguns: depilação, massas caseiras, artesanato e vaga em um curso de alimentação farmacêutica. O Encontro das Mulheres também proporcionou a entrega de vários produtos, além da carona para outros, ou seja, a rede que há no banco de tempo.

Figura 44: Aula de Pilates



Fonte: A autora (2018).

Figura 45: Palestra e bate-papo sobre alimentação natural e viva



Fonte: A autora (2018).

Muitas também destacaram o desejo de que mais associadas participassem, no entanto, também ressaltaram que a confiança e intimidade normalmente são geradas em círculos menores. A expectativa para um próximo encontro também foi demonstrada, assim como a preocupação de que esse projeto, como outros que o banco de tempo já teve, não tenha continuidade. O próximo encontro não teve data agendada, mas a intenção era que ocorresse em novembro de 2018. Todavia, até março de 2019 o mesmo não havia ocorrido.

Já a segunda atividade dentro da prática promover encontros é **promover projetos em prol da comunidade**, essa também é bastante significativa para o banco de tempo, no sentido de que desde seu primeiro ano de funcionamento foi estimulado que esses projetos fossem proporcionados. É oportuno também destacar que esses projetos são destinados para a comunidade externa ao banco de tempo, no entanto, conforme a característica de cada projeto, isso não impede que os associados também sejam beneficiados do mesmo. Os projetos se referem a ações organizadas com um fim social ou ambiental, os quais podem ser promovidos por qualquer associado, o qual se torna coordenador do mesmo. A proposta de projeto é encaminhada para a administração, a qual avalia a sua potencialidade e dá um retorno aos proponentes. Interessante ressaltar que durante esses anos de atuação do banco de tempo nenhuma proposta foi recusada, no entanto, destaca-se que projetos como: Geladeiroteca e Limpeza de Praias não foram mais apoiados/vinculados ao banco de tempo, os projetos como Naninhas do Bem e Adestramento de Cães para Adoção foram descontinuados, e também o

projeto Contação de Histórias Infantis em Libras, o qual foi anunciado próximo de minha inserção ao campo, acabou nunca iniciando. Dessa forma, percebe-se que mesmo esses projetos sendo desvinculados, descontinuados e até mesmo não iniciados, são lembrados pelos associados com o caráter de iniciativas importantes para o grupo, tanto pelo aspecto de fortalecer os benefícios sociais na comunidade, quanto como ponto de encontro e aumento de vínculo entre os associados. Os principais motivos identificados para a desmobilização desses projetos foram: a falta de desenvolvimento de liderança para que novos coordenadores de projetos assumam quando os anteriores se afastarem, e também a transição desorganizada entre as administrações do banco de tempo, o que faz com que os coordenadores atuais e os novos administradores gerais tenham pouco contato, ou ainda, os projetos estavam muito embricado com os administradores da antiga administração e não necessariamente a comunidade banco de tempo. Essas situações demonstram o quanto a confiança nesse modelo de economia compartilhada, assim como estabelecimento ou fortalecimento desse mercado alternativo, precisam ser mais enraizados.

O único projeto ativo apoiado pelo banco de tempo em prol da comunidade é a Gratifeira. A Gratifeira foi fundada em Garopaba em 04 de outubro de 2015, ou seja, antes da fundação do Banco de Tempo de Garopaba, no entanto, desde os primeiros meses de história do Banco de Tempo, a Gratifeira foi apoiada pelo mesmo. O apoio se dá na divulgação dos eventos no *Facebook*® do banco, na motivação e participação de seus associados, e também na organização do evento, visto que as duas organizadoras da Gratifeira são também associadas do banco de tempo, cada uma recebendo um crédito por hora de participação, o que totaliza cinco horas por evento, sendo que este normalmente ocorre no quarto domingo do mês, das 13h às 18h, na Praça Central de Garopaba.

As necessidades que se busca sanar numa Gratifeira são muito peculiares. Recordo-me de um casal que estava aguardando na Praça a Gratifeira começar, procuravam roupas para as filhas. Eles ficaram em torno de uma hora durante o evento, mas até esse momento roupas infantis não tinham surgido. Os dois avisaram, de modo geral a todos, que iriam embora porque tinha terminado o intervalo de almoço do trabalho e precisavam retornar, mas que se não precisassem ficar após o horário de trabalho passariam novamente na Gratifeira para “dar mais uma olhadinha” (DIÁRIO DE CAMPO). Não consegui observar se eles retornaram ou não, mas foi possível perceber a organização que os mesmos tiveram em acompanhar a Gratifeira a fim de sanar essa necessidade específica, e também que não é possível o projeto atender todas as necessidades da comunidade. Outra situação muito interessante foi a de uma senhora que pegou

um nebulizador. Logo que eu vi o produto disponibilizado fiquei me perguntando: “Nossa, um nebulizador, quem pegará isso?”. O evento não tinha iniciado há duas horas e uma senhora pegou e observou o nebulizador, em seguida me perguntou: “Moça, o nebulizador também é para doação?” (DIÁRIO DE CAMPO). Eu respondi que sim, que estava à disposição. Ela, feliz, complementou: “Nossa, não acredito, o nebulizador do meu neto estragou essa semana, estava levando ele no Postinho de Saúde para fazer as nebulizações, porque ele tem muita falta de ar, agora poderei fazer em casa”. Realmente desconhecemos as necessidades das pessoas. Uma outra situação que me despertou muita atenção, foi um homem que chegou na Gratifeira e perguntou se tinha boneca para doação. As organizadoras explicaram que no momento não tinha, mas que às vezes brinquedos eram doados. Ele prontamente acrescentou: “Vou sentar e esperar então, porque essa semana é aniversário da minha filha e ela me pediu uma boneca de presente” (DIÁRIO DE CAMPO). Ali ele ficou, nessa situação não tive noção de quanto tempo ele esperou, mas a boneca apareceu (Figura 46). Ele pegou e comentou: “Era bem assim que ela me explicou que queria” (DIÁRIO DE CAMPO). O intermédio da Gratifeira permitiu que uma criança tivesse acesso ao presente de aniversário que pediu, conforme Figura 45. Também em uma das edições do projeto, dois homens que estavam trabalhando temporariamente na cidade de Garopaba encontraram a Gratifeira e vieram procurar se havia toalha de banho. Esse é um item que não se faz presente em todas as edições, mas naquela ali estavam as toalhas, sanando a necessidade desses dois trabalhadores. Outra situação interessante, foi um morador de Garopaba que buscou a Gratifeira procurando um par de meia, porque estava com muito frio nos pés. Quando ele chegou não havia meias, então ficou sentado em um dos bancos próximos ao projeto e aguardou alguém trazer essa doação. Esse é um item que normalmente comparece ao projeto. Após umas duas horas chegaram suas meias, ele as pegou da lona, alegre e exclamou: “Vou até o mar lavar meus pés e vou já usar” (DIÁRIO DE CAMPO). De modo geral, percebe-se o quanto ações desse tipo promovem bem-estar às pessoas.

Figura 46: 26º Gratifeira – Boneca: o presente de aniversário – 22/07/2018



Fonte: A autora (2018).

Mesmo a Gratifeira já sendo organizada desde 2015, sendo praticamente mensal e tendo um público relevante na participação das edições, muitas pessoas ainda desconhecem o projeto. Talvez parte desse desconhecimento se dê pela alta rotatividade na cidade, o que faz com que sempre tenha novos moradores. Muitas pessoas perguntavam como funcionava a feira, a maioria achava que era um brechó, e as principais dúvidas estavam envolvidas com o valor: “Quais os valores dos produtos?”, e quando era respondido que eram gratuitos, o espanto era expressado. As pessoas também mencionavam que não tinham trazido nada, questionando se igualmente poderiam levar, interpretando como uma feira de trocas. As pessoas ficavam admiradas com a gratuidade, felizes por poderem acessar. Ainda destaco que não buscavam tirar proveito dessa gratuidade, pelo contrário, analisavam muito o produto, experimentavam e então decidiam se levariam ou não. Consegui acompanhar três pessoas especificamente nessa situação, e as vi retornar nas outras edições acompanhadas de alguma doação. Essas situações mostram o papel do projeto para a conscientização do consumo sustentável.

A Gratifeira também se mostrou um lugar de conscientização e aprendizagem para as crianças. Os pais levam seus filhos para, além de realizarem um bonito passeio na Praça Central, sanarem possíveis necessidades e também exercitarem a caridade, ensinarem a importância do consumo sustentável e da abundância de recursos. Uma das meninas que conheci já tem a prática mensal de separar roupas e brinquedos para a Gratifeira. Também conheci um menino que trouxe um brinquedo para doação e levou outro para casa, com o sentimento de troca. Outra

criança experimentava um tênis com muita tranquilidade, sentada no banco da praça, levou-o após bem servir. Também duas meninas, que pela primeira vez vivenciavam a Gratifeira, logo perguntaram qual o valor de uma bolsa florida. Após ter a resposta que eram gratuitas, foram até seus pais explicar e pedir autorização se poderiam pegar a bolsa para elas. Voltaram felizes porque poderiam, e disseram que no próximo mês trariam algo delas para doar. Não as vi novamente nas outras edições, no entanto, a vontade de também retribuir o que receberam foi despertada.

Mesmo não sendo esse um dos objetivos estabelecidos pelo projeto, a Gratifeira é um espaço de convívio entre os associados do Banco de Tempo de Garopaba, onde a promoção de encontros acontece. Com o passar das edições, em que cada vez o número de entrevistados da tese era maior, mais associados eu reencontrava lá. Inclusive dois associados que eu havia entrevistado a distância, conheci posteriormente na Gratifeira. Percebi os reencontros afetuosos entre eles, trocas de talentos ocorrendo na Praça Central e, claro, conversas sobre o banco de tempo, como troca da gestão e Encontro das Mulheres, conforme o que o banco estava vivendo.

As organizadoras da Gratifeira não apenas organizam o evento. Elas vão além de divulgar o projeto no banco de tempo e, externamente, trazem o *banner* e a lona nas edições, orientam o funcionamento durante as mesmas e acompanham o projeto no decorrer daquelas horas. A liderança e credibilidade das organizadoras são fortes e significativas para o sucesso do projeto, o elo de afetividade que desenvolvem com aqueles que ali passam e vivenciam é singular. Sempre possuem uma palavra de carinho e encorajamento para tantos que necessitam mais do que objetos materiais, mas também cuidado emocional. Realmente um ambiente de amizade é vivenciado. Quando as questioneei sobre a frequência com que encontravam essas pessoas, elas me disseram que é basicamente nas edições da Gratifeira, quanta diferença pode se fazer em apenas uma tarde de um domingo mensal. Além disso, essa liderança e credibilidade não faz com que a autonomia do projeto não ocorra. Em uma das edições da Gratifeira, coincidiu que as duas organizadoras do projeto não estariam disponíveis para acompanhar o evento. Cogitaram alterar a data, mas por experiências anteriores sabiam que o quarto final de semana do mês já era fixado por boa parte da comunidade como o domingo da Gratifeira. Sendo assim, mantiveram a edição, as organizadoras foram três participantes assíduas da Gratifeira e também puderam contar com o meu apoio. A Gratifeira teve autonomia suficiente para bem funcionar, e mais uma edição do projeto foi realizada.

5.2.4 Organizar e Controlar

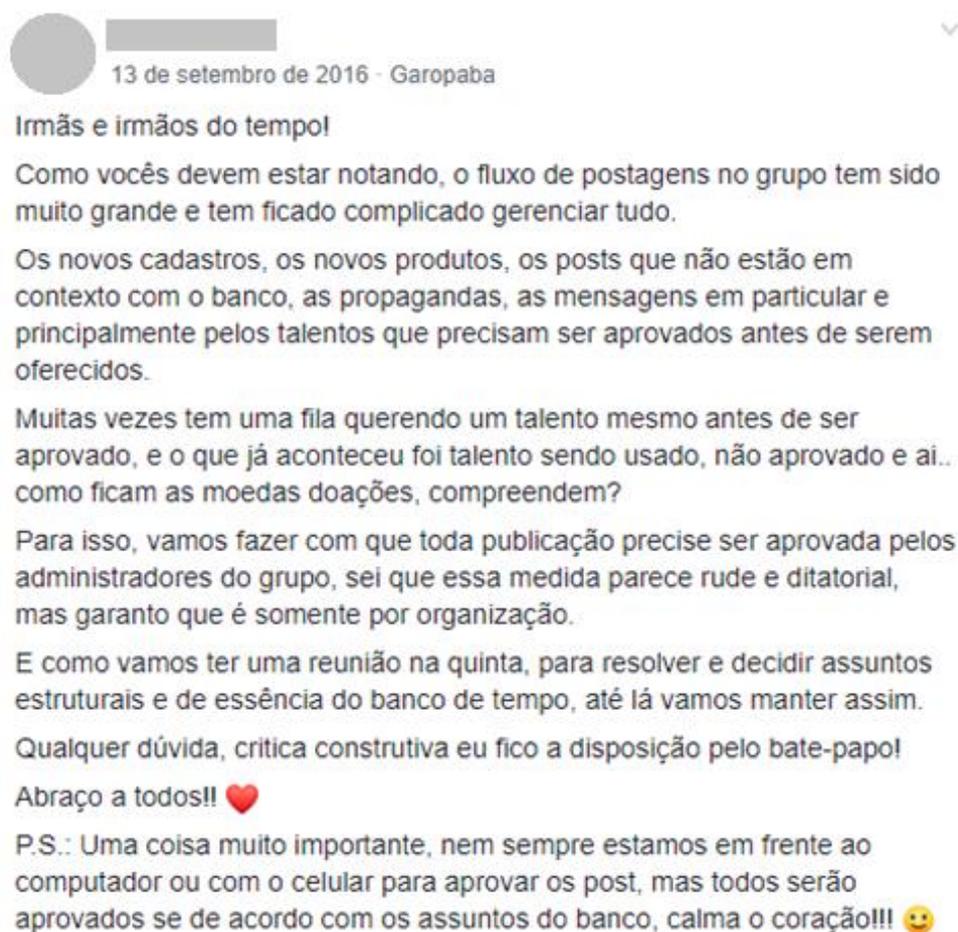
A prática **organizar e controlar** trata de atividades e comportamentos que visam o funcionamento organizacional eficiente do grupo, essas normalmente desenvolvidas pelos administradores. Sendo assim, consiste em desenvolver mecanismos em que a administração possa gerenciar atividades-chave para o funcionamento do banco de tempo, provendo uma estrutura de organização e de procedimentos padrões que orientem as atividades do grupo. O controle passa por intervir e mediar situações que possam gerar incertezas ou conflitos entre associados. As atividades centrais abrangidas nessa prática são: monitorar as regras do grupo, analisar e liberar as publicações dos associados no grupo do *Facebook*®, contabilizar as transações de trocas de talentos, e as trocas de administrações.

A atividade **monitorar as regras do grupo**, ela aparenta ser de maior responsabilidade dos administradores, no entanto, é responsabilidade também dos associados acompanharem e auxiliarem para que as mesmas ocorram em conformidade com os procedimentos estabelecidos. Também é importante destacar que essas regras/regulamentações foram criadas pelo grupo, debatidas em reuniões, e também postadas no *Facebook*®, para conhecimento dos que não estavam presentes na decisão, como também dada a oportunidade para discussão. O primeiro esboço das regras do Banco de Tempo de Garopaba ocorreu em 10 de outubro de 2015, bem no início do banco. Ao decorrer de sua história as regras foram sendo alteradas, publicações dessas atualizações e de fortalecimentos das mesmas foram realizados, no entanto, no segundo semestre de 2016 foi intensificada as discussões a respeito, o que apresentou desgaste e culminou com a saída da primeira administração. Quanto a segunda administração, nessa ocorreram atualizações das regras, quase ao completar um ano de gestão, especificamente no dia 17 de novembro de 2017 elas foram oficializadas, a partir da divulgação das regras atualizadas. No entanto, as publicações de atualizações não explicavam como era e como é agora, além de não se ter os arquivos das regras anteriores, assim dificultando-se a análise do que realmente mudou. A principal alteração foi a criação da tabela de produtos, a qual estabelece um valor máximo de tempo que pode ser cobrado por produto. A finalidade dessa tabela era minimizar a cobrança abusiva de créditos por produtos que supostamente se compreende que não gerem tanto tempo. O ponto a ser aqui apresentado não se foca em quais são as regras vigentes do grupo, mas sim destacar que na caminhada do banco de tempo sentiu-se a necessidade da criação de regras, a fim de tornar mais palpáveis seus objetivos e amenizar possíveis desconfortos. A vivência da comunidade e as translações que foram ocorrendo na rede

foram gerando mecanismos que pudessem melhor estabelecer o formato e funcionamento do grupo. Normalmente as intervenções aplicadas ocorrem no privado, via *Messenger*®. Os administradores colocam o quanto essa prática é desgastante para eles, porque sempre parecem os vilões da história, e a dificuldade em tornar clara e convencer o valor daquela regra. Contudo, os associados destacam a importância de ter esse monitoramento, e também relatam situações em que necessitaram e tiveram a intervenção dos administradores. A controvérsia liberdade e regulação será discutida com mais profundidade na próxima subseção.

Outra atividade é **análise e liberação das publicações** no *Facebook*®, cuja é realizada pelos administradores, ou seja, cada publicação que um membro faça passará pela análise do administrador, quem decide se a mesma será ou não publicada. No entanto, até 12 de setembro de 2016 essa atividade não existia, conforme Figura 46, tudo poderia ser publicado diretamente por qualquer membro, note que nem associado precisaria ser, uma vez que o *Facebook*® não tem essa distinção de membro ou associado. A análise de publicações passou a existir devido ao número elevado de publicações, que dificultava a gestão e controle por parte dos administradores e também por muitas publicações não terem relação com os propósitos do grupo. Essa necessidade de análise faz com que os administradores tenham mais trabalho e o fluxo de comunicação no banco de tempo seja mais lento. Contudo, essa atividade é algo que gera certo sentimento/percepção de privilégio para os administradores ou até mesmo falta de transparência, mais um aspecto da falta de confiança presente no grupo. Também se percebeu que o estabelecimento dessa regulação gerou alguns desconfortos, a ponto de uma administradora da primeira gestão propor uma enquete sobre como proceder com publicações de assuntos distintos ao banco de tempo, buscando um processo decisório mais coletivo a respeito dessa regulação. Entretanto, ainda durante o período da enquete, houve troca da primeira para a segunda gestão, não sendo possível concluir sobre o resultado da enquete proposta. Até a minha saída do campo, a atividade permanecia e o ponto de tensão ainda existia. Na Figura 47, a publicação sobre a implantação dessa nova atividade.

Figura 47: Implantação da prática análise e liberação das publicações



Fonte: *print screen* da rede social *Facebook*® (2018).

Já a atividade **contabilização das transações** existe desde a fundação do Banco de Tempo de Garopaba. No início o associado avisava diretamente o administrador a respeito das trocas de talentos realizadas, normalmente via *Messenger*®, no entanto, a partir de dezembro de 2015, todos os registros dessas transações passaram a ocorrer via *Facebook*® no próprio grupo, ou seja, de uma forma pública e mais transparente. Essa atividade é realizada conforme a disponibilidade do administrador, uma vez que ele a realizará no momento de análise da publicação pendente no grupo, atividade anteriormente mencionada. Na segunda gestão, as administradoras buscavam realizar num prazo de 24 horas, se tratava de um combinado interno e não de uma regra em si. Contudo, esse tempo de espera para a contabilização das transações em alguns casos gera ansiedade, tanto na pessoa que recebeu o talento que quer logo fazer o acerto do tempo, como a que ofertou que logo quer ver seu crédito depositado. No entanto, esse tempo de espera não tem gerado reclamação, o que às vezes gera essas situações são pedidos de contabilização que não contam com todas as informações necessárias, informações essas que

foram estabelecidas desde a primeira gestão. Na falta de tais informações, a contabilização não é realizada e a administração aguarda o associado receptor do talento fazer a edição na publicação, então sim, a contabilização é realizada.

Por fim, a atividade **troca de administradores**, que não necessariamente é organizada pelos administradores em si, pois todos os associados podem se tornar um administrador. Essa troca de administração não ocorre num período determinado, também não há regras de como ela deve funcionar, no entanto, ela acontece. O que se percebeu é que normalmente a troca se dá quando os atuais administradores se cansam das atividades, quando se fala de cansaço não se quer dizer exatamente uma exaustão física ou até mesmo de falta de disponibilidade de tempo, mas sim um cansaço emocional, normalmente intensificado por pontos de tensão dentro do grupo. A troca de administradores é pública, ou seja, são postados no *Facebook*® a saída dos administradores, assim como a liberdade dos associados se oferecem para participarem da nova administração, as mudanças que ocorreram, e os novos responsáveis pela administração.

Primeiro que a gente acha que assim, que tem que ter uma rotatividade entendeu, de todo mundo um pouco participar, né. Vou te dizer que talvez a gente até ficasse mais se não fosse, a gente deu uma cansada assim, das críticas assim, sabe, de só algumas, sempre das mesmas, né (ENTREVISTADO 7, não p.).

Vamos ver como ficará a formação da nova ADM, ainda nada definido, por enquanto são só nomes. Na próxima semana tentaremos fazer uma reunião para melhorar definir. O objetivo principal nesse momento é dar continuidade ao Banco de Tempo, as possibilidades são muitas (ENTREVISTADO 39, não p.).

Durante um bom tempo a administração foi entre quatro e cinco pessoas no máximo. Aí quando a gente saiu (o entrevistado e mais um administrador da primeira gestão), a gente sempre queria abrir para mais pessoas serem da gestão, mas as pessoas diziam que não tinham tempo, não queriam. (ENTREVISTADO 45, não p.).

Então eu não entendi muito bem o porquê aconteceu essa troca de administração, mas eu tive a impressão pelo que foi postado e foi falado no grupo, que os administradores estavam um pouco cansados, e que o Banco de Tempo estava pedindo muito (ENTREVISTADO 163, não p.).

Uma característica bastante latente das trocas de gestão é as suas transições desorganizadas, dessa forma vou explorar as trocas de administração que ocorreram no banco de tempo. A primeira gestão foi a que iniciou o grupo, mas uma administração que foi sendo composta ao longo do tempo, tendo assim administradores adicionados e até mesmo substituídos. Essas adições e substituições sempre foram informadas no grupo, mas destaca-se que não ficou claro o processo de escolha da maioria dos administradores. No entanto, a troca de gestão ocorreu, ou seja, quando a segunda gestão assumiu, nessa fase não havendo de fato uma despedida formal de todos os administradores. Pelo contrário, os relatos dos entrevistados

é que próximo do natal de 2016 houve discussões públicas no *Facebook*®, entre administradores e associados, muito ardorosa, que fez com que os administradores saíssem. Dada a repercussão negativa da publicação e de seus mais diversos comentários, a mesma foi deletada por algum administrador ainda da primeira gestão, sendo assim não foi possível analisar profundamente esse material. Contudo, as entrevistas, principalmente com esses ex-administradores demonstram que dois foram os principais motivos para o fundamento dessa gestão. O primeiro foi a distinção de pensamento sobre os fundamentos do banco no sentido de gestão, sendo que uma parte da administração pensava que seria necessário o grupo ter alguma geração de fonte financeira, para arcar despesas em que somente o dinheiro permitiria acessar, assim como a possibilidade de remunerar seus administradores não apenas por tempo, o que foi chamado por “empresalização”. No entanto, essa “empresalização” nunca ocorreu, mas somente a intenção de tê-la já enfraqueceu os elos do grupo. Também essa iniciativa que buscou-se aplicar é mais um indício da busca de replicação de aspectos do sistema vigente no sistema alternativo, uma das controvérsias identificadas nesse estudo. Essa dificuldade do banco de tempo se estabelecer como um sistema alternativo, ou então, ser compreendido como um sistema complementar, faz com que também o segundo motivo seja percebido, cujo se refere ao desgaste emocional com discussões tanto entre os próprios administradores quanto com os associados, normalmente relacionados com a falta de consenso sobre o significado do tempo, e as regras que foram sendo criadas com o objetivo de melhorar o funcionamento do grupo, pontos também que serão discutidos na subseção de Controvérsias.

Já a segunda gestão se manteve, do início ao final, com duas administradoras, conforme analisado no *Facebook*® e também percebido tanto nas observações quanto nas entrevistas, entre elas não houve desavenças de gestão, seguiam a mesma linha de pensamento. Uma das administradoras entrou no grupo em torno de dez dias antes da primeira gestão se dissolver, assumindo a parte de cadastros, função essa que continuou exercendo em toda sua gestão. Já a segunda administradora entrou no dia que a administração anterior se dissolveu, não foi possível localizar essa publicação no *Facebook*®, porque a sua disponibilização para ajudar ocorreu no mesmo *post* do rompimento da primeira gestão, o qual foi deletado. As duas administradoras, de maneira informal e não pública, contaram com o auxílio de três administradores da gestão anterior, dois deles idealizadores, os quais ajudaram em momentos distintos, pois são de diferentes linhas de pensamentos, esses sendo consultados quanto a dúvidas de princípios do banco de tempo, por exemplo, compreensão de algumas regras. O terceiro, por sua vez, auxiliou na parte prática, que foi no controle e registro da contabilização das transações, compreensão e

manuseio das planilhas de *Excel*. Importante apresentar que essas ajudas, informais e pontuais, eram feitas via *Messenger*®. De certo modo, ocorreu uma transição, mas foi de maneira pontual e partiu da busca da então atual gestão, e não da preocupação da gestão anterior em preparar a atual. Essa administração foi a que contatei para iniciar a pesquisa e me introduziu ao campo. Confesso que quando li o *post*, em 20 de abril de 2018, das atuais administradoras anunciando que estariam saindo da administração, fiquei bastante preocupada, no sentido de como seria a aceitação da nova administração para a pesquisa, como também o quanto haveria pessoas disponíveis para dar continuidade ao banco de tempo. Ao mesmo tempo, foi muito rico para a pesquisa poder acompanhar essa troca e transição, porque nessas vivências que práticas mais ocultas como essas foram possíveis de serem enxergadas. Nessa publicação ficou claro o cansaço mental que as administradoras estavam enfrentando e também a importância da rotatividade da gestão, mas destaca-se que elas se disponibilizaram a administrar mais 30 dias o banco, uma espécie de aviso prévio, e também de transmitir o que sabiam para a nova gestão. Ainda nesse *post* houve diversos comentários, unanimemente de elogios frente à gestão que tiveram, bem como pedidos de desculpas por em algumas situações os associados não terem conseguido se colocar no lugar dos administradores, e possivelmente as críticas terem sido muito fortes ou até mesmo sem embasamento. Nessa publicação, também foram sendo marcados possíveis novos administradores, destaca-se que todos marcados e mencionados eram mulheres. Contudo, não teve nenhum comentário de alguém interessado se colocando à disposição para fazer parte da nova administração. No dia 16 de maio de 2018, próximo a completar os 30 dias de “aviso prévio”, a administração fez mais uma publicação pedindo que mais pessoas manifestassem seu interesse em participar da administração. Ou seja, nesse momento algumas pessoas já pareciam ter se manifestado, mas não de maneira pública em todo grupo, no entanto, se buscava dar mais espaço para as pessoas se engajarem nessa atividade. Nessa sim, teve sete mulheres que se ofereceram para integrar a nova gestão, ou ao menos compreender melhor como funcionaria. No dia 08 de junho de 2018 ocorreu uma reunião dos associados, a fim de montar a terceira gestão do Banco de Tempo de Garopaba. Não tive como participar dela, devido ao compromisso de meu trabalho, entretanto, entrei em contato com uma das administradoras e pedi para que gravasse a reunião para mim, ela se disponibilizou a isso. Todavia, a reunião não foi gravada, e a ata que foi feita menção de ser elaborada não foi possível acessar, acredito que tenha sido por todo envolvimento e tensão desse período, mas também sobre a possível exposição das falas nessa reunião. Em seguida, foi publicada a composição da nova gestão, que então passou a ter três administradoras, sendo que uma havia se associado em

2015, outra em 2016 e outra bem recentemente, ainda em 2018. Também nesse dia já foram combinadas demais conversas, que seriam em maioria por *Whatsapp*®, mas também foi montado um grupo via *Messenger*® para explicações das práticas de gestão, assim como orientações gerais com base nas experiências das duas administradoras anteriores. No entanto, sabe-se, pela observação em campo, que conflitos nessa transição de administração ocorreram, possivelmente motivados pela dificuldade de a antiga administração compreender que novos processos poderiam ser criados e outros melhorados pela nova, mas também a falta de abertura da nova administração em aceitar ser acompanhada por um tempo pela antiga. Esses conflitos, que não foram públicos, acabaram gerando um rompimento de relações entre algumas administradoras, o que sabe-se que impactou o banco, porque houve a ausência de afirmação e elogios da antiga para com a nova, e também falta de agradecimento da nova com a antiga, aspectos que seriam bastante significativos e estimuladores para os demais associados, que tinham suas incertezas quanto à continuidade do banco e também a credibilidade da nova gestão. Ademais, com oito meses de gestão, uma das três administradoras acabou se desligando da administração do banco, por motivos pessoais, mas que se sabe que foram intensificados pelo desgaste emocional com críticas que recebia. Sendo assim, a terceira administração permaneceu com as duas administradoras, não ocorrendo por parte delas pedido de ajuda ou abertura para indicações de um novo membro, mas também sem o despertar de interesse de nenhum associado em se oferecer a contribuir sem esse pedido, ao menos não de maneira pública. Essa composição da administração se manteve até o fim da coleta de dados, podendo este fato ser notado nas falas a seguir:

As gurias estavam bem cansadas porque, querendo ou não, é uma coisa também esgotante porque tu lida com o ser humano. Então o ser humano nunca tá contente com nada né. Então sempre tem reclamação, sempre tem bastante coisa, mas as meninas são tipo muito organizadas e extremamente profissionais assim. As duas passaram várias coisas pra gente pra transição (ENTREVISTADO 81, não p.).

Continuo como associado. Muita gente acha que eu sou da administração, que eu sou bastante ativo. Mas sou ativo como associado. Passei para o lado de cá, como associado. As meninas sabem que eu criei um monte de coisas, que eu sugeri um monte de coisas. Quando elas têm dúvidas ou insegurança de algo sou procurado por elas (ENTREVISTADO 1, não p.).

“Nesse momento, nós entramos juntas, não, ela já fazia parte como membro né, mas como administradora, nós fizemos algumas reuniões com o (Fulano) que também foi um dos idealizadores né. (ENTREVISTADO 10, não p.)”

E aí nessa panela eu não tive mais acesso aos números né, a tal ponto que eu era administrador do banco ainda, quando quebrou a empresarização eu fiquei

administrando sem dar a cara na frente, sem aparecer, mas fiquei administrando com as meninas um tempo (ENTREVISTADO 86, não p.).

Outra característica da troca de administradores, refere a divisão de atividades entre os administradores, a qual ocorre desde o início das atividades do banco de tempo. Aliás, desde o primeiro dia o administrador do grupo público no *Facebook*® convidou abertamente para associados integrarem a administração, conforme relatado na seção: Sobre o campo: Banco De Tempo de Garopaba. Em cada gestão buscou-se destinar atividades específicas a cada administrador, a finalidade era tornar os processos mais dinâmicos e fluídos, não gerando assim retrabalhos e até mesmo confusões. Ademais, mesmo de maneira rasa, ou seja, sem análise e critérios definidos, buscou-se que as atividades fossem realizadas por pessoas que tivessem o perfil compatível, ao menos traços significativos, que a fizesse se sentir à vontade em seu desempenho. O número preciso de administradores da primeira gestão não foi localizado, mas sem dúvidas foi a gestão com maior quantidade, alguns entrevistados mencionaram em torno de dezesseis administradores, sendo que cada um tinha uma atividade específica. Algumas atividades, ou até mesmo poderíamos denominar cargos, eram: coordenadores de uma categoria de talentos, por exemplo, categoria da saúde, esse de certa forma fiscalizava e promovia reuniões específicas com os associados da mesma categoria; coordenador de projetos, o qual estimulava e controlava os projetos do banco com os seus respectivos coordenadores; coordenador de eventos, que organizava os encontros dos associados; e coordenador de SAA, que se tratava de uma espécie de SAC, que denominavam Serviço de Atendimento ao Associado, o qual filtrava as insatisfações dos associados. Além dessas atividades mencionadas, também havia responsáveis pela contabilização de transações e realização de cadastros, sendo que essas duas atividades foram as únicas que se mantiveram na segunda e terceira gestão, conforme relatado nas citações que seguem:

Porque assim, eu acho que cada um que entra para participar da administração tem uma característica né, eu entrei pra cuidar dessa parte dos saldos, eu não sou nenhuma pessoa dinâmica, eu não sou líder de torcida, eu não conseguiria fazer esse trabalho dinâmico, o meu perfil é outro, né, já a Fulana tem um outro perfil, ela faz os cadastros, ela tem mais um tato com as pessoas, então assim, o banco nesse momento precisa de um líder de torcida, tipo um publicitário, um lance assim, sabe, aí, vamos né, elevar...no momento (ENTREVISTADO 10, não p.).

“Eu fiquei pela parte responsável de atualização do saldo, que é uma coisa que o pessoal cobra porque quer que seja logo feito a publicação e que seja logo vista e tudo mais. E sou uma pessoa muito chata: eu sou muito organizada com horários (ENTREVISTADO 81, não p.).”

Ao compreender as práticas do BdT, interseções com inovação social foram identificadas, como o empoderamento e desenvolvimento de habilidades de seus associados, assim como a promoção de benefícios sociais a comunidade local. Schatzki (2002, 2001, 1996) compreende as práticas de acordo com duas tipologias (1) teleológicas que carregam aspectos mais objetivos e operacionais, e de certo modo mais processuais e (2) afetivas, relacionadas mais a aspectos emocionais encontrados na rede. Com base nessa tipologia, buscou-se analisar as quatro práticas centrais do trabalho, as quais totalizam 22 atividades. O olhar foi mais individual para cada atividade, a fim de buscar entender se alguma prática não apresentaria tanto aspectos teleológicos quanto aspectos afetivos. No Quadro 02 apresenta-se as 22 atividades das práticas identificadas, essas classificadas em teleológicas ou afetivas.

Quadro 02: Classificação das Atividades

Prática	Atividade	Teleológica	Afetivas
<i>Check-in</i>	Observar primeiro		X
	Orientar e acolher o associado		X
	Realizar o cadastramento	X	
	Apresentar-se ao grupo	X	
	Atualizar os cadastros	X	
Trocar Talentos	Consultar a Lista de Talentos	X	
	Solicitar um talento	X	
	Ofertar um talento	X	
	Informar o talento recebido	X	
	Agradecer os talentos		X
	Verificar o saldo do receptor	X	
	Organizar uma fila de espera para atendimento	X	
	Valorizar o associado		X
	Economizar tempo		X

	Prospectar talentos		X
	Desenvolver talentos		X
Promover Encontros	Promover eventos e projetos entre os associados		X
	Promover projetos em prol da comunidade		X
Organizar e Controlar	Monitorar as regras do grupo	X	
	Analisar e liberar as publicações	X	
	Contabilizar as transações	X	
	Trocas de administrações		X

Fonte: A autora (2020).

As atividades classificadas como teleológicas são aquelas que indicam atendimento e fluxo nos processos rotineiros da rede. Considerando o conjunto de 22 atividades, 12 são atividades teleológicas. A realização do cadastramento, atividade de *Check-in*, informar talento recebido abrangida em Trocar Talentos, e monitorar as regras do grupo pertencente a Organizar e Controlar, são exemplos de atividades nessa classificação identificada. Ressalta-se que a prática Promover Encontros não teve nenhuma atividade dessa classificação. Já as atividades afetivas totalizaram em 10, essas são que apresentam vínculos emocionais, e de certo modo mais significativos para o fortalecimento dos laços da comunidade e também são potenciais de geração de inovação social. Essas atividades compreendem todas as quatro práticas encontradas. Um exemplo delas, é o valorizar o associado da prática Trocar Talentos, cujo o receptor do talento indica o mesmo para demais associados e também para pessoas externas ao grupo, assim tendo potencial de promover o empreendedorismo, gerar renda e autoestima ao associado ofertante. Outro exemplo, é a troca de administradores da prática Organizar e Controlar, mesmo que ao apresenta-la anteriormente pontos a melhorar foram destacados, essa atividade possibilita que aja uma renovação em quem administra o grupo, possibilitando que nossas ideias surjam e sejam colocadas em prática, assim como tem potencial de capacitar também via experiência prática associados líderes e gestores. Por fim, destaca-se que ao rastrear/analisar as práticas percebeu-se controvérsias também estão presentes no banco de tempo, as quais serão discutidas na próxima subseção.

5.3 AS CONTROVÉRSIAS

Conforme Venturini (2010), as controvérsias são as melhores condições acessíveis para observar o mundo social, devido ao fato de exporem o social em sua forma mais dinâmica. As controvérsias também resistem à redução, visto que os atores discordam em seus posicionamentos; normalmente essas divergências acontecem quando se iniciam discussões a respeito de coisas que antes eram tidas como certas (VENTURINI, 2012). Venturini (2012) define as controvérsias como lutas conflitantes em que a vida coletiva se torna mais complexa. Sendo assim, configuram-se como uma série de fatores ainda não solucionados, tais como incertezas, tomadas de decisões e competição, os quais se referem a controvérsias obtidas ao fazer um *flashback* de certas caixas-pretas frias (LATOUR, 1987). Nesta pesquisa, através da imersão no campo e da atenção às situações acessíveis, identificaram-se fatores ainda não resolvidos pelo grupo, uma vez que apresentavam divergências de opiniões e tornavam a vida do banco mais complexa. As controvérsias foram melhor compreendidas pela análise histórica do grupo no *Facebook*® (quando as principais discussões não haviam sido deletadas pelos administradores) e principalmente pelo aprofundamento das entrevistas, surgindo normalmente quando os atores eram questionados sobre: talentos ofertados e recebidos, visto que no decorrer dessa reflexão se lembravam de situações polêmicas; uma experiência que poderia ter sido melhor, que também costumava remeter a algum conflito do banco, não necessariamente pessoal; o funcionamento do banco, quando muitas vezes traziam seus posicionamentos de insatisfação sobre essa forma de agir; sua opinião acerca da administração, o que muitas vezes remetia às confusões já ocorridas no decorrer da história do banco e à identificação de melhorias, as quais também apontavam discordâncias. Por fim, de maneira surpreendente para mim, as controvérsias surgiam quando eram pedidas indicações de outras pessoas para serem entrevistadas, e os respondentes indicavam pessoas que consideravam pensar diferente, normalmente indivíduos com os quais já tinham entrado em conflito, ou que aparentemente nutriam conflitos com outros associados. As translações ocorridas no banco de tempo, diante das controvérsias identificadas, também são exploradas nesta seção, justamente porque tinham a intenção de resolver a tensão – algumas até amenizaram, mas em sua maioria não surtiram nenhum efeito. Com a finalidade de tornar mais didática a apresentação das controvérsias, elas serão apresentadas

separadamente, uma em cada subseção, cada uma com seus principais elementos, assim como as consequências para o grupo.

5.3.1 Significado do Tempo

A primeira controvérsia a ser apresentada é o significado do tempo que ocorre na rede do BdT de Garopaba. O significado do tempo apresenta-se tensionado com nuances interligadas: doação ou troca? O que deve ser contabilizado: só tempo de transação, o tempo total envolvido, os materiais utilizados? O tempo atribuído é o mesmo independentemente do talento?

Quando se analisa a seção “Sobre” no *Facebook*®, já se identifica uma falta de clareza quanto ao elemento da natureza da moeda e das transações, pois, por um lado, consta que o banco tem seu funcionamento regido por troca indireta, e que ela se dá pelo tempo envolvido na realização ou no recebimento de um talento. Por outro lado, a informação traz que a moeda é denominada doação, ou seja, um processo de dar ou doar algo, com caráter caritativo, diferentemente da vertente de troca. Contudo, também se percebe, analisando essa mesma informação disponibilizada na página, que houve uma alteração no nome da moeda, uma vez que agora ela se chama doação, ou seja, foi uma transação que se deu na rede a fim de estabelecer que o banco é regido pela doação; no entanto, a falta de clareza persistiu.

A controvérsia ficou evidente durante a imersão no campo. Os atores que reforçam que a natureza do banco é a troca destacam que essa permutação se dá de tempo com tempo, ou seja, começam a indicar que nada além do tempo deve ser considerado em um banco de tempo. Quando essa ressalva se faz necessária, é porque algo precisa ser reafirmado, apontando assim um elemento significativo, que é a controvérsia em contabilizar o tempo, discutida a seguir. Já os atores que compreendem que a moeda do banco é a doação buscam salientar que valorar e contabilizar as transações por tempo já seria uma forma de doação, uma vez que não estaria envolvendo a moeda monetária (a busca de se distanciar do sistema vigente). Além disso, eles compreendem que a moeda tempo ou créditos apenas existiria para gratificar o tempo oferecido, a fim de reconhecer aqueles que são caridosos. Entretanto, quando se observam as relações ali postas, o tempo é o que rege o banco de tempo, logo, ele não é doado, e sim trocado, ou seja, ofertado meu tempo e acesso o tempo de outro, e não dou meu tempo e não recebo nenhum outro tempo de outro. Logo, essas

compreensões conflitantes, quanto à natureza da moeda e das transações do BdT, apontam para a controvérsia significado do tempo. Os relatos a seguir demonstram essas compreensões conflitantes (doação x troca):

A base é isso, adicionar moeda a tempo é só pras pessoas não se sentirem que tão trabalhando demais, ou fazendo demais, ou ainda poderem ter as liberdades de trocar, entendeu. Se o grupo não tiver a visão, de gostar de fazer coisas voluntárias, não vai rolar, não vai ter como dar continuidade (ENTREVISTADO 113, não p.).

“É doar seu tempo. É tudo é doação de tempo não escambo, entende, eu acho que essa é uma... Porque muita gente confunde: “Ah, é um escambo” – Não, não é um escambo (ENTREVISTADO 132, não p.).”

Tu viu que o nome da moeda do banco é doação né? Pra mim isso é errado. Porque doação é tu fazer algo ou dar algo a alguém sem esperar nada em troca. E ali as pessoas fazem pra ganhar o crédito. Na verdade, é um mercado com dinheiro, que apesar de ser uma troca e não envolver dinheiro, assim como tinha escrito sobre a moeda, aquelas coisas pra mim é um dinheiro. Quando tu faz alguma coisa, e recebe algo que simboliza tu trocar por outra coisa você tem um dinheiro né (ENTREVISTADO 19, não p.).

Os administradores, e por consequência os associados, não viam com esse olhos, assim, que nós não estamos fazendo caridade, o que nós queremos fazer é uma motivação pra que todos tenham um trabalho, pra que todos vejam que têm talento ofertem e também acessem outro talento (ENTREVISTADO 35, não p.).

Ainda sobre esse elemento em compreender a natureza da moeda e as transações do banco de tempo, em que nem a doação nem a troca parecem estar claras (ou seja, conflitos ainda não solucionados), percebe-se que alguns associados realmente gostam e se realizam em efetuar doações; sua atividade no banco de tempo de fato centraliza-se no ato de ofertar tempo, e não estão disponíveis para receber o tempo do outro, ou não é esta a sua prioridade. Dessa forma, identifica-se uma consequência dessa controvérsia, na qual parte dos associados não solicita talentos, ou seja, encontra dificuldades em pedir ajuda no atendimento de suas necessidades e se permitir usufruir dos talentos ofertados por tempo, conforme percebido nos relatos que seguem:

Só que eu nunca tinha tempo de eu usar as minhas trocas. Tava sempre cheia de créditos e não conseguia olhar. A minha agenda é bem apertada e não conseguia ficar olhando: aí o dia que eu ia ter bolo, o dia que tinha não sei o que... Pra conseguir marcar um horário era difícil, os meus horários né, a disponibilidade das pessoas. E eu acabei deixando. E até fiquei com muito crédito lá ainda (ENTREVISTADO 114, não p.).

“Sou participativa, faço qualquer coisa para somar, mas vou te falar, fiquei mais de um ano e nunca usei o banco de tempo para algo pra mim, mas não consigo negar uma ajuda pra alguém (ENTREVISTADO 18, não p.).”

Eu nem peço crédito de volta, assim, né, porque eu uso pouco o banco, porque como eu não tempo pra receber, eu tenho tempo pra dar, entendeu? Assim eu não tenho tempo para usufruir, eu acho que usei uma vez, não lembro o que que eu usei, acho que eu usei uma limpeza de pele (ENTREVISTADO 51, não p.).

É oportuno destacar que mesmo eu não sendo uma associada do banco de tempo, e sabendo do meu papel como pesquisador, identifiquei na inserção no campo, onde estava como observadora participante, também tive bastante dificuldade em me permitir receber o talento do outro, e que oferecer meu tempo foi muito mais tranquilo. A seguir uma vinheta sobre minha sensação no campo quando a administradora do evento “encontro das mulheres” me incluiu no sorteio da massagem.

Depois de resistir a participar do sorteio, a administradora insistiu dizendo que eu também havia vindo participar do Encontro das Mulheres e que deveria participar como qualquer participante. Fiquei muito desconfortável, porque ao mesmo tempo que eu não deveria recusar, pois poderia parecer uma má educação, eu também não queria ser sorteada e gerar algum conflito, ou até mesmo fazer com que alguém não participasse de algo que é delas. O sentimento de que estaria tirando a oportunidade de alguém que precisasse mais do que eu. Enfim, meu nome acabou sendo incluído. Nunca torci tanto para não ser sorteada, mas fui e ganhei a massagem, a qual realmente estava muito boa e, no meio de tanta correria e horas de viagem para a pesquisa, foi muito bem aproveitada, e percebi que realmente eu precisava muito. (DIÁRIO DE CAMPO).

Também se verificou que, devido à compreensão por parte do grupo, de que a transação central é a troca, isso descartaria totalmente a possibilidade de doação. Além disso, ficou evidente a preocupação com a contabilização desse tempo gerado no talento prestado, outro elemento pertencente à controvérsia em discussão. Dessa forma, constatou-se, como consequência da controvérsia do significado do tempo, que ações voluntárias em prol da comunidade, ou seja, que aconteciam antes de maneira que os atores não recebessem créditos no banco de tempo, diminuíram, uma vez que as pessoas compreenderam que seria justo (ou seu por direito) receber algo em troca.

Tinha o projeto que se fazia as naninhas do bem pro Hospital do Câncer, e aí tinha um grupo de voluntários que fazia, a partir do momento que nós criamos o banco do tempo, elas só queriam fazer por créditos, então a função não era acabar com o trabalho de voluntariado, social, né, não era essa, porque se não nós estamos desestimulando, a função é justamente assim ó, aquelas ali poderiam fazer, eu conseguia paralelo, conseguir doações, tudo, que não tinha nada a ver com o banco, então a gente ajudava aquela causa (ENTREVISTADO 35, não p.).

A grande maioria das pessoas, pra te dizer a verdade vou te contar no dedo, tinha 3 pessoas lá que elas se envolveram no projeto e muitas vezes elas não queriam nem os créditos, as outras sempre exigiam os créditos, se elas olhavam lá, ou até o próprio banco por não olhar, por não ter tempo ou sei lá o que, o que o crédito não caísse na conta elas já entravam em contato comigo, “ai meu crédito não caiu lá”, ai eu sempre

dizia para o banco colocar, mas as vezes o banco, a administração ou quem colocava os créditos na hora, demorava um pouco, e ai dava aquela confusão (ENTREVISTADO 65, não p.).

Em decorrência da controvérsia do significado do tempo como doação ou troca, identifica-se outro ponto tensionado, o qual está relacionado com a contabilização do tempo nas transações realizadas. Inicialmente a proposta consistia em algo simples: o banco de tempo teria como propósito central proporcionar trocas indiretas de talentos, sendo essas contabilizadas em tempo pelos próprios associados no momento da realização do talento, e então informadas à administração. Todavia, incertezas começaram a surgir a respeito da contabilização desse tempo, por exemplo: se o tempo que um associado levava para se deslocar até o receptor – como no caso de um arquiteto que vai até a obra para compreender a necessidade do associado e conhecer o ambiente, ou a faxineira que vai até a casa do associado para realizar a limpeza – também deveria ser contabilizado no tempo de oferta do talento. Percebe-se que, por trás dessa incerteza, está também a falta de compreensão sobre se o banco de tempo é regido pela troca ou pela doação. Os defensores da troca consideram que esse tempo de deslocamento já faz parte, indiretamente, da oferta de seu talento. Os defensores da doação, por sua vez, entendem que esse deslocamento somente está ocorrendo para a realização do talento, logo, deve ser considerado na cobrança. Essas lutas conflitantes acarretaram como consequência o afastamento de parte dos associados do grupo, uma vez que esses compreendiam que seu tempo não estava sendo contabilizado/valorizado adequadamente.

Outra coisa que as pessoas questionavam era a locomoção: “Eu levo meia hora para me deslocar até a casa dela, por que eu não posso cobrar meia hora?”. Porque isso é doação. Se você acha que não vale a pena se deslocar até a casa dela, não vai (ENTREVISTADO 1, não p.).

A questão de deslocamento, eu acho injusto cobrar isso, eu não cobrar o deslocamento. Mas quando o atendimento é a domicilio, por exemplo, eu acho que teria que envolver o deslocamento. Não o custo de gasolina, mas o tempo que a pessoa perde para se deslocar (ENTREVISTADO 90, não p.).

Ainda nessa discussão entre a contabilização total do tempo ou somente o seu emprego direto no momento da realização da tarefa, alguns talentos ofertados necessitam de um tempo de negociação entre o receptor e ofertante, como, por exemplo, no caso da arquitetura ou da organização de eventos, uma vez que alguns encontros de discussão sobre o serviço não necessariamente levarão à sua contratação. No entanto, quando o tempo é quem rege, e de fato o tempo entre os associados é vivenciado, indica-se que ele já seria contabilizado e geraria uma transação. Mas essa discussão também apontou para a complexidade de compreensão do

significado do tempo para o grupo, o que fez com que alguns associados também se afastassem do banco de tempo, conforme as citações abaixo relatam:

Ficou por isso assim, acabou que eu não recebi os créditos, mas eu fiz uma parte do trabalho. Mas isso também é parte do processo do projeto, de fazer um orçamento inicial que não tenha complemento nenhum, porque se não a pessoa não tem como enxergar o projeto, tem que de alguma maneira desenhar, né?! Do projeto, ele é tão inferior ao tempo da execução, daí a partir do momento que tu fez um, que tu criou aquilo e a pessoa aceitou, aqui também passa a ser o trabalho dela. (ENTREVISTADO 104, não p.).

Me desiludi com o banco, pois eu achei que não valia a pena assim, entendeu, porque assim eu fui, eu fiz um rabisco, um projeto assim e fiquei lá assim um tempão na pessoa e ganhei um crédito, é muito pouco, trabalhei muito mais que uma hora (ENTREVISTADO 160, não p.).

Outra tensão relacionada à contabilização do tempo é o tempo de formação ou de experiência que determinado associado despendeu para bem ofertar o seu talento. Destaca-se que essa tensão tomou relevância a partir da discussão acerca da contabilização do tempo dos deslocamentos, uma vez que associados perceberam que a complexidade ainda poderia ser maior quando considerado se o talento exige ou não formação, e reflexões sobre quanto tempo a pessoa necessitou para desenvolver tal habilidade. Em outras palavras, alguns advogam que o tempo deveria ter “pesos” diferentes em função da formação e do tipo de talento. Também essa tensão fez com que os associados, em especial aqueles que se consideravam com formação e experiência superior aos demais, se afastassem do banco de tempo.

Porque assim ó, veja na minha área por exemplo, na tua área também, quanto tempo tu gastou pra aprender o que tu tá fazendo? Quando tu realiza um trabalho no banco do tempo é a premissa que aquele tempo é relacionado apenas ao tempo que tu gastou pra fazer o trabalho, mas falta todo o tempo do conhecimento que tá pra trás? Sempre foca na execução e não na formação, mas eu passei quatro anos de faculdade, qualquer coisa que eu faça de trabalho envolve esses quatro anos que eu tive pra poder executar aquele trabalho (ENTREVISTADO 113, não p.).

Uma pessoa não achava justo dar uma hora de aula de yoga, por um prato de comida, isso foi uma polêmica que surgiu: “Mas eu vou lá, o prato já tá pronto, eu como em 15 minutos e no entanto, eu tenho uma formação de 10 anos pra minha aula de yoga, fiz cursos no exterior, então eu acho que a minha hora de yoga custa três créditos, por que eu tenho que cobrar um crédito?” (ENTREVISTADO 176, não p.).

Surgiu ainda outra tensão dentro da controvérsia do significado do tempo, mas esta não está diretamente relacionada ao tempo de transação, mas sim às despesas com materiais utilizados nessa prestação do talento, ainda regidas pelo sistema vigente. Exemplos de despesas de materiais são os cremes utilizados durante uma massagem ou o tecido usado na confecção de um avental, os quais, sob o olhar dos associados que defendem que o banco de tempo é doação, seriam sempre assumidos pelo associado ofertante do talento. Entretanto, para os que

compreendem que o banco tem sua centralidade na troca de tempo, essa despesa deveria ser de responsabilidade do receptor, uma vez que esse se dispôs a receber o talento, compreendido como mão de obra, regido pelo tempo. Ao longo da história do banco, translações aconteceram, e novos mecanismos foram sendo implantados e testados, a fim de amenizar essas situações relacionadas ao elemento - envolvimento ou exclusão do monetário. O primeiro foi que, a cada transação, a negociação de despesas com materiais aconteceria diretamente entre os associados – mecanismo enraizado na liberdade que a economia compartilhada visa, conforme as citações a seguir:

As pessoas compravam as coisas, eu digo, se é pra seis pessoas se é pra quatro, faço uma listinha do que precisa, a pessoa compra e eu faço esse sushi, essa janta pra pessoa. Leva umas cinco horas geralmente, todo o processo pra fazer sushi, umas cinco ou seis horas. Aí eu fazia, ficava com esse banco de horas (ENTREVISTADO 171, não p.).

“No início era pago o valor da lâ, as pessoas pagavam, podiam me dar a lâ, não tinha problema nenhum, e eu cobrava somente o tempo que gastei para fazer a touca (ENTREVISTADO 190, não p.).”

Por exemplo como eu, o meu trabalho, o meu trabalho eu dou a mão de obra, mas não dou as peças, as peças de eletrônicos são caras, não tem como. Então, a pessoa tem que entender que, a peça ou ela traz ou até a gente fornece, e ela paga, que banco de tempo é dar a mão de obra, é tempo (ENTREVISTADO 161, não p.).

Diante da mesma tensão sobre quem deveria ou não assumir as despesas com os materiais, outros associados também buscaram ser compreendidos no sentido de que seus talentos também envolviam despesas financeiras, tais como a comissão (taxa) que o cabeleireiro deve repassar a cada atendimento para o salão no qual trabalha e o combustível utilizado no deslocamento até a casa do receptor, e eles entendiam que também poderiam ter liberdade para transladar com o receptor sobre tais dispêndios, uma vez que argumentavam que não poderiam arcar com as despesas para a oferta de talentos. Contudo, as discórdias seguiram, pois, por seu turno, os associados receptores consideravam injusta essa cobrança de dinheiro, uma vez que o banco de tempo era regido pelo tempo, assim entendendo que o envolvimento monetário deveria ser excluído das transações do grupo. Por outro lado, os associados também compreendem que as despesas monetárias ainda são inevitáveis dentro do grupo, e para que possam ocorrer transações regidas pelo tempo, em algumas situações, o envolvimento monetário terá que ser incluído, discussão essa que será aprofundada na subseção embate entre sistemas.

Ah, eu queria fazer uma depilação, por exemplo, então o custo dessa depilação para depiladora, o SPA era é quantificada este custo: “Meu custo custa R\$ 10,00!” – Ia lá fazia uma depilação de R\$ 100,00, por exemplo, ela disse: “O meu custo é R\$ 10,00.” – Ninguém se importava em pagar, porque o custo essa pessoa está pagando aquilo ali, então, nada é mais justo que se ela está usando o dinheiro, ela receber essa parte, ela estava doando o tempo, mas o valor dela, o material dela, ela estava repassando (ENTREVISTADO 119, não p.).

Se você não tiver um pouco dessa visão diferenciada, você não consegue participar. Tem gente no banco que não consegue, por exemplo, retirar essa visão monetária, entende? Eu poderia, por exemplo, no meu programa de adestramento cobrar o petisco que eu utilizo, o material, o clicker de treino que é uma pecinha, entendeu? Mas eu acho que não é a ideia. Se eu não puder ceder isso eu não devo fazer o programa, porque eu acho que então foge um pouco, sabe? A ideia do banco não é dar um desconto (ENTREVISTADO 26, não p.).

Visto que a autonomia dada para que as translações ocorressem entre os associados, caso a caso, não solucionou a controvérsia, a administração do banco de tempo acabou adotando mecanismos regulatórios, esses apontando outra consequência da controvérsia significado do tempo. Com isso, surge uma nova regra: “3.6 Em hipótese alguma pode se cobrar moedas referente a qualquer CUSTO MATERIAL, bem como para LOCOMOÇÃO”. Essa regulação buscou findar a combinação de tempo mais dinheiro, com a finalidade de ter um balizador e reforçar o aspecto de doação que se entende que envolve o grupo. Todavia, os associados insatisfeitos com a nova imposição, mas que permaneceram no grupo, buscaram criar um mecanismo para compensar suas despesas extras na oferta do talento. Como o dinheiro não poderia ser envolvido, buscou-se transformar as despesas financeiras, uma vez que esses produtos são comprados com dinheiro, em tempo (conforme as citações a seguir). Por exemplo: uma massagem que levasse uma hora, para suprir as despesas com os cremes, passava a valer dois créditos, ou seja, era como se tivesse durado duas horas de tempo, ou ainda, por um artesanato que levou duas horas para ser confeccionado passaram ou a ser cobrados três créditos, a fim de suprir despesas inerentes aos materiais envolvidos na fabricação do produto.

“Poxa, dois sabonetes artesanais, de 90 gramas cada um, não sei se era 90, mas eu lembro que era pequeno tá!? Era pequeno o sabonete, e cobrava quatro créditos, não dá. Houve até uma discussão nessa postagem, por causa disso (ENTREVISTADO 151, não p.).”

“Aí criamos o teto para estancar essa valorização. E sempre que perguntávamos: “Por que você reajustou o valor de um para dois créditos?”, recaía na história do aumento de custos (ENTREVISTADO 1, não p.).”

Fui pegar produtos do aniversário, eu falei tá, quanto que você me cobra, é isso, quanto você me cobra pelos 20 cupcakes, ela embutiu ali o custo, entende, então falou: “ah, 3 créditos, 4 créditos”, então ela embutiu as despesas no tempo, e eu aceitei o valor dela (ENTREVISTADO 38, não p.).

Diante da permanência da tensão, a administração buscou reforçar essa regra quanto ao serviço, principalmente porque esse talento normalmente ocorre na presença do ofertante e do receptor, como a aula de matemática ou o corte de cabelo. Já nos serviços que não necessariamente são desenvolvidos sob a presença do receptor, como o talento da costura ou o desenvolvimento gráfico, essa conferência não era possível. Porém, no desenvolvimento de produtos, a complexidade era ainda maior - conforme citação a seguir - porque além de o receptor não acompanhar, esses frequentemente nem são solicitados via demanda, mas já ofertados diretamente pelo receptor, conforme apresentado na subseção de práticas.

É, esse é o problema do produto, tu não acompanha, né? Porque no serviço, quando tu tá prestando ou pra mim ou pra ti junto aqui, é no relógio né? Tipo, se tu vem me emprestar uma consultoria pra minha empresa, tu vai ficar três horas aqui, e três horas aqui e acabou: não tem o que contestar (ENTREVISTADO 19, não p.).

Dessa forma, percebe-se a importância da confiança entre os associados, em acreditarem um no outro sobre a contabilização do tempo, o que será aprofundado em outra controvérsia. No entanto, a fim de amenizar a desconfiança quanto a estarem ocorrendo situações oportunistas, como o aumento de tempo para compensar os gastos envolvidos, criou-se a Tabela de Produtos, mencionada na subseção de práticas. Essa regulação, através da implantação de um teto que poderia ser cobrado para os produtos ofertados no banco de tempo, foi motivo de outras lutas conflitantes, pois associados se sentiram injustiçados por, de certo modo, passarem a ser tabelados, não havendo mais a possibilidade de cobrarem realmente o tempo que levaram para a elaboração do talento, quando esse fosse superior ao limite. Logo, como consequência dessas insatisfações, os associados diminuíram sua participação no grupo.

O Banco do Tempo me diz que só posso cobrar um crédito, mas, ela leva quase duas horas para fazer, eu sei que ela leva quase duas horas, eu já acompanhei, e ela não pode cobrar 2 créditos. Mas, eu pagaria dois créditos pela plaquinha, não acho isso certo (ENTREVISTADO 12, não p.).

Aí elas (administradoras) pegaram e disseram pra minha amiga que não podia mais estabelecer as saboneteiras por quatro créditos. E começaram a botar saboneteiras na lista: um crédito e meio é o máximo que eu posso. Como que eu vou botar uma saboneteira que eu fico quatro horas fazendo? (ENTREVISTADO 34, não p.).

Há associados que visam a contabilização precisa do tempo que levaram para realizar o serviço, adotando controles para que esse cálculo possa ser o mais justo possível para si e para o receptor. Mesmo esses talentos sendo muitas vezes realizados presencialmente com os associados receptores, visam tornar o mais transparente possível o que ocorre nos bastidores, ou seja, fazem uso de anotações do tempo investido. As citações a seguir corroboram para a compreensão desse mecanismo.

Sobre o meu talento, é conforme a regra do banco, que é por hora. Eu anoto a hora que começo a trabalhar em cima de determinado material e depois a hora que termino. Se eu precisar ajustar o material eu recomeço essa contagem. Normalmente eu já informo a média de tempo que fico nesse material por já ter uma boa ideia disso. Por exemplo, quando crio cartão de visitas eu já informo que levo em média de uma a três horas (ENTREVISTADO 204, não p.).

Quanto ao design gráfico, eu normalmente assumo trabalhos de um serviço que realizaria em um turno, ou seja, eu cobro uma identidade visual e logotipo em torno de 4 horas de trabalho de criação, mas se surgir algum adicional se houver muitos ajustes, alterações e pedidos extras de outros materiais deixo claro que posso solicitar mais créditos (ENTREVISTADO 191, não p.).

Em função das tensões em torno do significado do tempo, repletas de discussões sobre regulamentações e de mudanças na busca de um denominador comum, bem como da intensidade da desconfiança entre os associados, o BdT acabou perdendo talentos, ou então, minimizando o seu tempo de oferta, conforme percebe-se nos relatos a seguir:

E agora não pode mais envolver nada de dinheiro ou levar o material, daí deixou de muita gente ofertar, porque assim, essa parte financeira para muita gente faz falta, sabe, a hora eu acho que não é o problema, sabe, todo mundo tem uma hora (ENTREVISTADO 131, não p.).

Eu não posso me dedicar muito ao banco pela depreciação do meu equipamento, então tem tudo isso, isso tem que ser bem avaliado, porque o meu equipamento quando ele estragar eu vou gastar um dinheiro muito grande, então, por isso que eu preciso de grana, então, o banco ele vai me servir assim para dois trabalhos por mês (ENTREVISTADO 125, não p.).

Esse afastamento ou diminuição na participação de parte dos associados é considerado por alguns como falta de compreensão quanto ao caráter de coletividade do banco de tempo. Para outros, essas regulamentações que extinguíram o envolvimento monetário ou o fornecimento de materiais por parte do associado receptor fizeram com que o banco de tempo fosse uma porta de exclusão de determinadas pessoas, que realmente não possuíam condições de arcar com as despesas inerentes ao talento que ofereciam, como evidenciam os relatos a seguir:

“Porque eu bordo pano cru. Eu faço pano de prato, coisinhas de neném, e isso são coisas caras para eu comprar pra fazer, então não ofereço mais (ENTREVISTADO 154, não p.).”

Eu comecei a analisar, daí eu falei: “Não, tudo bem, é troca, é realmente a troca de tempo, é amor, você está se doando, você está trocando alguma coisa”. Mas tem pessoas que a gente conhece ali no banco que são pessoas que não tem condição financeira, entendeu? Então, tipo assim, de repente a pessoa vai e compra é que nem eu, eu vou numa loja para comprar fio, barbantes, eu não compro menos do que cem reais, entendeu, mas eu faço coisas pequenas, entendeu? (ENTREVISTADO 155, não p.).

Assim como o “Fulano” gasta náilon, ou lâmina, gasolina, o óleo que vai na máquina, a gasolina do carro pra ir, tu tem esses gastos. Como a pessoa que vai fazer o que, não o bolo, mas o avental, tá? A Ciclana, ela tem um gasto com linhas, que ela não ganha a linha, ela tira do bolso. Nem só a linha, a luz, que utiliza na máquina (ENTREVISTADO 20, não p.).

É oportuno analisar também que, mesmo a administração do BdT tendo a intenção de amenizar os conflitos e tornar mais claro e transparente seu propósito e funcionamento, a questão da contabilização do tempo real da transação também alterou a regra da contabilização de tempo dos trabalhos desenvolvidos em grupo, mencionada na seção anterior; dessa forma, nem mesmo nas atividades em grupo o tempo real da transação é o contabilizado.

A alteração da regra foi motivada a partir da identificação de um certo desinteresse dos associados em oferecer atividades em grupo, prática que é interessante para geração de moedas para o saldo de reservas do banco. Com a alteração, o associado ofertante não receberia mais apenas os seus créditos proporcionais ao tempo de sua oficina ou aula em grupo, mas sim 50% dos créditos recebidos dos associados receptores. Por exemplo, em uma oficina de artesanato com quatro horas de duração que contasse com a participação de cinco associados receptores, onde cada um deles pagasse quatro horas, o que totalizaria 20 horas, dez horas seriam destinadas ao banco de tempo e dez horas ao associado ofertante. Na regra anterior, regida pelo tempo de vivência, o associado ofertante receberia as quatro horas que investiu na condução da oficina, e as demais 16 ficariam para a reserva do banco. Dessa forma, agora as atividades em grupo também não são contabilizadas através do tempo exato, mas possuem uma regra própria, favorável ao ofertante sem gerar ônus aos receptores.

No entanto, mesmo com a alteração, que parece ser mais atrativa para quem oferta um talento em grupo, não houve aumento no número de atividades coletivas. Essa dificuldade encontrada pode ser reflexo da busca de um acúmulo maior de créditos, que pode ser atingido quando ofertado o talento individualmente, ponto que será discutido na controvérsia de equilíbrio entre oferta e demanda. Ainda, pode ser gerada pela falta de compreensão e de vínculos internos na rede, que podem estar sendo influenciados pelo baixo número de eventos promovidos aos associados, assim como projetos em prol da comunidade, momentos que possibilitam que os associados se encontrem mais e compreendam melhor o banco de tempo.

É, a gente tava assim, porque daí por exemplo, os grupos, as pessoas tavam naquela assim ah, mas se eu ganho só 1 crédito pra dar aula pra 5 pessoas, eu vou dar uma aula particular, e aí a gente começou assim, ai, então tu dá, elas recebiam a metade do número de pessoas que iam, e assim como ela recebia 2 créditos e meio, sabe. (ENTREVISTADO 7, não p.).

Hoje eu também não tô muito ativa no banco, mas se eu tivesse que ofertar pelo banco o reforço de matemática, e fosse ganhar uma moeda, eu sei que o reforço de matemática pra uma pessoa é um reforço de matemática que consigo fazer, pra 5 crianças é outro reforço, outro reforço. Pra tu ganhar uma moeda em troca daquilo que eu vou ter um desgaste muito maior, porque eu vou ter 5 alunos pra me preocupar, não só um, dado o grau de importância que eu dou pra cada aluno (ENTREVISTADO 92, não p.).

Por fim, compreende-se que a controvérsia do significado do tempo apresenta diversos conflitos, como a compreensão sobre a natureza da transação ser embasada na doação ou na troca. Também há incertezas de como o tempo deve ser contabilizado – considerando somente o tempo de transação, ou o tempo total envolvido, ou ainda contemplar os materiais utilizados. Essas tensões em torno do significado do tempo acabaram gerando consequências como diminuição na participação dos associados, diminuição de talentos disponibilizados, e ainda, discussões ríspidas que não vem ao encontro da proposta do grupo.

5.3.2 Desequilíbrio entre Demanda e Oferta

A segunda controvérsia encontrada no banco de tempo corresponde ao desequilíbrio que há entre oferta e demanda no grupo. Os três principais elementos que originaram a mesma apontam ser: ganho de créditos quando os associados entravam no BdT, falta de controle da quantidade de associados por categoria de talentos, e a liberdade dada aos associados em estabelecerem a quantidade de créditos nos talentos prestados. Quanto ao ganho de créditos que os associados tinham quando se cadastravam na época, consistia no recebimento de quatro moedas pelo cadastramento no BdT, sendo um estímulo para angariar novos associados, e também possibilitar o acesso a talentos de maneira mais rápida. Essa prática permaneceu até o ano de 2018, quando as consequências do desequilíbrio entre demanda e oferta foram relacionadas com esse ganho de créditos, uma vez que muitos associados apenas usufruíram os talentos recebidos e nunca chegaram a ofertar os seus. Referente ao elemento falta de controle da quantidade de associados por categoria de talentos, esse embasava-se na liberdade do grupo em poder receber todas as pessoas que tinham a iniciativa de participar de um grupo de economia compartilhada. No entanto, em 2017 compreendeu-se que essa ausência regulatória poderia estar influenciando o desequilíbrio entre demanda e oferta, já que havia categorias com muitos associados. Já o terceiro elemento se refere à liberdade dada aos associados no estabelecimento da quantidade de créditos nos talentos prestados. Nota-se que esta está embriçada com a controvérsia significado do tempo. Esse terceiro elemento ocasionou que

situações oportunistas surgissem. Ou seja, parte dos associados apresentava supervalorizar os seus talentos, e logo ofertavam-os cobrando créditos superiores ao tempo de desenvolvimento, assim podendo ter acesso a créditos de forma mais fácil. Todavia, destaca-se que havia associados que se interessavam e acessavam esses talentos, dispostos a pagar a quantidade de créditos solicitada. Buscou-se eliminar ou amenizar este elemento pela implantação da tabela de produtos, no ano de 2017.

Mesmo com a eliminação ou minimização dos elementos causadores, visto que os três elementos principais da controvérsia foram transladados pelo grupo, as consequências dos mesmos permanecem no grupo e ainda geram tensões entre os atores. Dessa forma, a discussão a seguir apresentará as consequências do acúmulo de créditos (talentos muito demandados) e a falta de créditos (talentos não demandados), características essenciais da controvérsia desequilíbrio entre demanda e oferta, assim como os mecanismos que foram sendo transladados para amenizar tais consequências.

Os associados que possuem acúmulo de créditos destacaram a sua insatisfação em não conseguir acessar os talentos dos demais associados, uma vez que suas necessidades não eram sanadas. Esse descontentamento consequentemente gerou afastamento dos mesmos do grupo.

O que eu acho que podia melhorar pela minha experiência, é isso de poder ter, poder marcar logo (acessar os talentos), quando a gente precisa um serviço, porque eu estava cheia de crédito e não conseguia usar, porque o que eu precisava não estava disponível (ENTREVISTADO 126, não p.).

Então uma pessoa bota lá, eu tô oferecendo essa semana duas sessões de massagem, tem 150 “eu quero” assim, então todo mundo tem dinheiro (moedas – créditos) e ninguém tem produto (trocas pelo banco), daí começou os descontentamentos, várias pessoas boas do grupo saíram porque tinha dinheiro, tinha lá seus 12, 20 créditos e não podia conseguir uma manicure, porque não tinha como atender (ENTREVISTADO 21, não p.).

Uma vez esses associados com acúmulo de créditos não conseguindo acessar os talentos que necessitavam, identificaram que alguns associados realizavam a prática de ofertar talentos no grupo mesmo sem ninguém os ter demandado. Dessa forma, mesmo esses talentos não sendo os que de fato buscavam para atender suas necessidades, acabaram percebendo como uma oportunidade de usufruírem dos créditos acumulados. Contudo, é alta a manifestação de interesse por esses talentos, seja pela busca de girar seus créditos, ou pelo estímulo ao consumo que pode ser provocado. Sendo assim, esse tipo de oferta não foi o suficiente para atender os associados interessados, tendo por consequência a frustração de não acessar os talentos disponibilizados.

Eu ia acumulando horas e nunca conseguia trocar pelos serviços que me interessavam. Alguns participantes quando ofereciam serviços colocavam: para o primeiro que "curtir". Eu nunca conseguia ser a primeira, não fico no celular o dia todo (ENTREVISTADO 177, não p.).

Tu nunca vai pegar o sorteio. Eu sou pé frio, eu nunca ganhei nada, nunca ganhei uma caneta de rifa, entendeu? (risos). Aí eu vou tá com duzentos créditos e as pessoas acabam não te atendendo, entendeu? Aí isso acaba te frustrando um pouquinho (ENTREVISTADO 20, não p.).

Ainda a respeito da oferta de talentos não solicitados, parte dos associados compreendem que essa prática não deveria ser permitida, porque pode estimular o consumismo. Tal situação se distancia da proposta do banco de tempo, o qual busca desenvolver um consumo consciente. Também se verifica que os talentos acessados dessa forma são interessantes e servem para o gasto de créditos, mas não estão relacionados diretamente a uma necessidade percebida. Além disso, a intensidade expressada pelos associados quando possuíam uma necessidade atendida era significativamente distinta de quando o objetivo era gastar créditos pelo estímulo da oferta, mesmo que o acesso e a experiência tenham ocorrido de forma positiva.

Guria, é botar ali uma coisa assim, a pessoa "ah não, eu quero, eu quero, eu quero". Tu botou a palavra "sorteio amanhã", todo mundo quer. Se tu não botar que é sorteio não aparece tanta gente querendo. Olha lá nas postagens antigas pra ti ver, tenta falar. Aí, eu acho, "eu quero, eu quero, eu quero". É muito engraçado isso. Aí se não é sorteio parece que não aparece tanta gente querendo (ENTREVISTADO 81, não p.).

Ela faz arte e serigrafia. Ela faz coisas lindas. Um dia eu participei de um sorteio de uma blusa... Só vi a blusa, uma coisa mais linda. Aí me joguei, né, nem li o post e disse: "Eu quero!". Aí... Era uma blusa 'P', depois que eu fui sorteada era... Eu vi o tamanho da blusa. Daí eu: "Bah, tamanho 'P' é muito pouco." (ENTREVISTADO 90, não p.).

Eu consegui acessar algumas coisas justamente porque é legal quando as pessoas postam, porque tem talentos que você nem imaginou que você queria, entendeu (risos). Daí tem a Fulana, que ela faz mandalas e ela ofereceu ali as mandalas e ela pintou uma mandala enorme no meu quarto e ela demorou seis horas para pintar, então, eu dei seis horas para ela, desse acúmulo que eu tinha, mas tem gente que tem trinta horas e não se importa também (ENTREVISTADO 130, não p.).

Para ajudar as pessoas a interagir, acima de tudo, pois tem coisas ali que a gente pega sem precisar, sem muita necessidade, é para movimentar, é para fazer as pessoas se conhecerem e fazer as pessoas buscar o produto, a gente tem que ver a pessoa, nem que for 5 minutos, porque aí a gente bate um papo (ENTREVISTADO 24, não p.).

A fim de possibilitar que os associados com acúmulo de créditos possam acessar talentos conhecidos pelo banco de tempo, surgiram as trocas diretas. Essas constituem em os associados trocarem diretamente seus talentos, sem realizarem a triangulação, mesmo que o objetivo do banco de tempo sejam as trocas indiretas. A troca direta normalmente se torna interessante

quando ambos os associados estão com acúmulo de créditos, ou então, ambos têm interesse pelo talento do outro. Com isso, possibilitou-se que associados tivessem suas necessidades atendidas, amenizando, em parte, a insatisfação do desequilíbrio entre demanda e oferta. No entanto, parte dos associados compreende que esse mecanismo gerou outra consequência que foi a diminuição da interação entre os associados e também contraria um dos principais propósitos do BdT, que é triangular trocas. Os relatos que seguem evidenciam as situações observadas:

Mas na verdade essa parte de troca direta o banco nem se envolve né, o banco não se responsabiliza e não tem troca de crédito, na verdade o que acontece com essas trocas diretas, são pessoas que daí ou não tão mais oferecendo no banco, porque tão com muito crédito, e daí pegam um serviço que precisam e fazem troca direta assim, né (ENTREVISTADO 81, não p.).

“Porque daí o que acontece com a demanda, você acaba indo direto na pessoa que você precisa do talento e propõe uma troca. Então, está precisando de uma nutricionista, para ela eu abri a nutrição, entendeu, então, e recebi umas restaurações (ENTREVISTADO 130, não p.).”

“Então, eu acredito o que poderia ser melhor era não existir trocas diretas. Para ter um vínculo onde todo mundo possa utilizar. A troca direta, na verdade, ela nem está às vezes pelo banco, você nem contabiliza (ENTREVISTADO 132, não p.).”

Perdeu já o efeito, porque aí eu não estou discriminando isso, eu estou individualizando de novo, sabe, é como se eu te dou dez, você me dá dez, nós duas sempre e ninguém mais. E as pessoas estão começando a publicar mais que fizeram a troca direta, eu não concordo com a troca direta, sabe?! (ENTREVISTADO 131, não p.).

Se, por um lado, existe alta demanda para alguns talentos, que acarretam acúmulo de créditos, por outro, muitos associados não são demandados, ficando com o sentimento de que seus talentos não são interessantes ao grupo. Após reflexões, consideram que seu talento, segundo o perfil da maioria dos associados, não é pertinente ao grupo. Seja pela sua especificidade, como um serviço de arquitetura, seja porque a demanda é muito eventual, como uma aplicação de injetável, conforme as citações a seguir mostram. Com isso, outra consequência é identificada: a frustração por não ser demandado.

Meu talento era esse de ler para quem precisasse, um idoso de preferência. Então eu usei do banco, quando a gente entrava a gente ganhava uns quatro a cinco créditos, se podia ir trocando. Eu ganhei esses créditos, mas ninguém nunca requeria esse meu talento (ENTREVISTADO 103, não p.).

E eu fui divulgar aí. Eu falei – Que bom. Fiz um texto bem bonito, achei uma foto bem bonita e publiquei, e ninguém chamou. Hehe. Porque é um tipo de trabalho que as pessoas não necessitam dentro do processo do tempo, enfim, não me chamaram. Aí fiquei um pouco frustrada, fiquei: Poxa, né! Não vou poder participar, que pena, não sei fazer nada, uma outra coisa (ENTREVISTADO 12, não p.).

“Eu coloquei técnico de enfermagem, até então técnico enfermagem nunca me procuraram. Nunca contactou, nada. Eu acho assim, que ninguém fica doente (ENTREVISTADO 135, não p.).”

Outra translação que se fez presente no BdT a fim de amenizar as consequências da falta de demanda por parte dos associados, os quais não conseguiam ter créditos para efetivamente participar do grupo, foi o estímulo à participação dos associados em projetos. Este consiste em transferir créditos para os associados participantes de projetos organizados ou apoiados pelo banco de tempo. Desse modo, os associados que não estivessem sendo solicitados poderiam ter outra possibilidade de receber créditos, e assim acessar demais talentos. Além de incentivar a participação dos associados em projetos em prol da comunidade, tal estímulo também visa promover encontros entre eles.

Então, de cara eu já percebi que o meu talento digamos assim não era muito requisitado. Na verdade, eu nunca fiz nenhum trabalho desses pro banco, né?! Mas existia outras possibilidades. Como por exemplo: teve um encontro do banco em que eu participei e trabalhei nesse encontro auxiliando na organização, na infraestrutura, cortando. Eu lembro que eu fiz a calda de caramelo, foi o que eu fiz. Que a gente fez um almoço, foi até uma feijoada vegana. Então o pessoal trabalhou. E como eu não conseguia créditos, não conseguia ganhar moedas né, então era uma forma de conseguir trabalhando (ENTREVISTADO 151, não p.).

No meu caso quando entrei, eu não tava oferecendo nada que de cara, as pessoas não fizeram uso do que eu tava oferecendo, então, foi a forma que eu também encontrei de ser ativa no banco, então eu acho que os projetos sociais são muito bons pra isso, às vezes, até pra pessoa conhecer, ver "ah, me identifico, não me identifico, quero, não quero", porque dependendo qual é o serviço que tu vai oferecer, não é bem assim, gurria, tem que fazer (ininteligível), né? (ENTREVISTADO 45, não p.).

Conforme mencionado no início desta subseção, a fim de diminuir os pontos de tensão a respeito do desequilíbrio entre demanda e oferta, novas regulações foram implantadas por parte da administração do BdT, as quais serão melhor exploradas a seguir. A primeira regulação consistiu em limitar o número de talentos por categoria, sendo que a cada 50 associados do banco de tempo, cinco talentos por categoria podem ser cadastrados. A regra explica que: “3.3 O limite de pessoas para prestarem o mesmo Talento é de cinco pessoas. Aumentando em 01 vaga a cada 50 novos sócios”. Dessa forma, a administração acreditava que não haveria desigualdade expressiva entre ofertantes e demandantes. A

segunda regulamentação implantada foi limitar a quantidade de créditos para determinados talentos, a denominada Tabela de Produtos. A Tabela de Produtos foi motivada pela crença de que os associados poderiam tirar proveito da situação e cobrar mais créditos para embutirem despesas com materiais, e assim essa medida amenizaria tais situações. Todavia, essas novas regulamentações levaram à insatisfação de parte dos associados. Quanto à regra de limitar número de associados conforme seus talentos, estaria barrando a entrada de novos associados. Já a regra de estipular um teto máximo para contabilização de horas, prejudicaria a liberdade do grupo em contabilizar pelo tempo real investido no desenvolvimento do talento, ou seja, possibilitando a subestimação de talentos. Contudo, parte do grupo também se manifestou favorável à implantação dessas regulamentações, porque realmente entendiam que a liberdade, anteriormente dada, estava possibilitando o desequilíbrio entre demanda e oferta. Tal desequilíbrio se dava com muitos associados ofertando os mesmos tipos de talentos, ou então, sendo geradas situações oportunistas, e logo alguns conseguindo acumular créditos com mais fácil acesso. Esses pontos podem ser evidenciados nos relatos a seguir.

“Ah, muita gente fazendo brigadeiro. Eu não vou colocar vinte pessoas fazendo brigadeiro, duas fazendo massagem, uma fazendo jardinagem, eu acho até que ir equilibrando. Equilibrar a quantidade de talentos, né?! (ENTREVISTADO 16, não p.)”

O meu produto, eu faço um bolo que eu levo uma hora e ele valeria um crédito, mas eu vendo a fatia a um crédito. – “Ah, mas então paga quem quer!” – Tem muita gente que diz isso! Não, aí até teve uma pessoa que disse “Não! Então está fugindo do que se propõe o banco...” – E de fato tem várias que fogem da situação do banco. A Tabela de Produtos veio para tentar equilibrar essa bagunça, de cobranças em excesso (ENTREVISTADO 77, não p.).

Então essa tabela de crédito ela aparece como algo positivo, mas ela poda essa liberdade criativa, esta liberdade que as pessoas têm de negociar o quanto vale o trabalho uma e da outra, quantos créditos possa pagar por aquilo. Eu acho que isso é uma decisão bilateral apenas. Aliás, uma oferta clara: uma hora, um crédito. No mundo inteiro é assim, só no nosso banco que tem essa tabela (ENTREVISTADO 12, não p.).

Por fim, identificaram-se tensões em torno da controvérsia sobre se o banco de tempo deve ter seus processos livres ou regulados. Sendo assim, a próxima subseção discutirá a controvérsia liberdade X regulação.

5.3.3 Liberdade *versus* Regulação

O Banco de Tempo de Garopaba iniciou suas atividades pautadas na liberdade das relações. O grupo foi se estabelecendo como comunidade de economia compartilhada a partir de relações entre atores embasadas na confiança. No entanto, surgiram incertezas sobre a compreensão das características bases da economia compartilhada, nesse caso do arquétipo compartilhar por ideal. Com isso, as transações de trocas de talentos e demais relações entre associados começaram a ter como discussão central a desconfiança. Sendo assim, a falta de compreensão sobre a economia compartilhada e as desconfianças identificadas nas relações da rede são os elementos principais da controvérsia Liberdade X Regulação. No decorrer desta subseção, as consequências dessa controvérsia serão apresentadas.

Os associados que compreendem que a economia compartilhada é embasada em relações livres, ou seja, sendo a liberdade uma característica central do grupo, destacam que essa deve nortear as transações e demais mecanismos relacionais do grupo. Dessa forma, os associados devem ser livres para solicitar/ofertar talentos que lhes interessem, assim como pagar/cobrar o tempo do desenvolvimento dos talentos em questão.

Então a economia solidária, as chamadas economias alternativas, acredito muito mais nelas, onde eu tenho a liberdade absoluta de negociar como eu quero, tanto o meu produto quanto a minha participação no mercado, como eu recebo, em que tipo de moeda eu recebo. Tenho a liberdade total, então isso que me levou a participar. Eu quero ter liberdade, quero fazer o que eu quiser com o meu talento, o meu dom, quero negociá-lo, ou não negociá-lo, quero doá-lo ou não doá-lo, e quero ter oportunidade de que também aceitem dessa maneira os meus (ENTREVISTADO 176, não p.).

Se eu quero docinho da fulana que é maior, que foi o que me agradou mais, que eu achei mais bonito, mais gostoso. Não é assim no mercado geral? Tu não tem essa liberdade? O banco pra mim regula assim. Não é com tabela que tu regula. Entendeu? Eu faço uma cuca, cobro três créditos; tu faz uma cuca e cobra um crédito, se eu gostar mais da tua cuca de três créditos, eu vou pegar a tua cuca de três créditos (ENTREVISTADO 34, não p.).

Acho que pode (ter regulamentação) e tem muita gente que às vezes oferece e não responde, tem tudo que acontece no mundo, dentro do banco, não existe nada de diferente, acho que a regra tem que existir, e que as pessoas entendam que é um compromisso, não é oba oba, tu está comprometido com o grupo, comprometido com a tua oferta (ENTREVISTADO 13, não p.).

E por causa disso (situações de tirar vantagem) eu acredito que infelizmente o ser humano ele precisa de regras. Ele precisa de normas. Porque ele não consegue perceber o limite sozinho. É como lei de trânsito por exemplo: por que não pode parar em fila dupla? Algum motivo tem. Mas não: as pessoas vão lá e insistem em parar em fila dupla (ENTREVISTADO 151, não p.).

Se, por um lado, a liberdade é defendida por parte dos associados, outra parte destaca o quanto a liberdade nas relações causou lutas conflitantes no grupo. Uma vez que os associados tiveram liberdade para determinar o valor do seu tempo, a desconfiança de como esses eram contabilizados ocasionou a percepção de situações oportunistas, como a contabilização superestimada do tempo, as quais desestimularam a participação no grupo. Essas circunstâncias oportunistas não englobam apenas a quantificação ou o significado de tempo, mas o próprio desencantamento com a proposta do banco, que parecia não estar enraizada o suficiente para se manter frente às tensões. E, desta forma, ameniza ou não realiza plenamente seu papel na comunidade, ou seja, gerar acesso em trocas de tempo, como as citações seguintes mostram:

Infelizmente o banco começou a virar meio que uma troca de artesanato assim, e cada vez as coisas iam aumentando mais, tendo mais valor assim. E aí eu acho que começou a se perder, começou a virar uma coisa comercial e capitalista, foi aí que aconteceu, então na verdade mais uma vez foi a vaidade das pessoas que invadiu isso e começou. Então assim, pessoas pegavam vidros de pepino, reciclavam e passavam uma tinta vitral, e cobravam cinco créditos por isso, sabe (ENTREVISTADO 60, não p.).

Mas o Banco do Tempo de Garopaba hoje pra mim ele é muito decepcionante, pelo fato de que hoje as pessoas elas dão muito mais importância pra produtos do que serviços, ou então serviços que não necessariamente são serviços especializados, há uma liberdade muito grande de valorar (ENTREVISTADO 92, não p.).

“O tempo virou um produto e o produto virou uma ambição muito grande. Todo mundo queria muito, muito e muito. Ai, assim ó, eu faço dez brigadeiros e quero três horas. Não dá, né? (ENTREVISTADO 80, não p.)”

Ainda sobre a desconfiança da contabilização do tempo que colocava a liberdade do grupo em questão, mais incertezas surgiram diante da complexidade. Tais incertezas estão relacionadas ao tempo adicional de algumas prestações de serviço, ao tempo de formação e experiência que pareciam para alguns pertencer ao desenvolvimento da habilidade de talentos ofertados, ao tempo de apresentação e negociação de alguns talentos, bem como ao envolvimento ou compensação do dinheiro gasto com despesas de materiais e outros.

A ideia sempre foi trocar por um serviço que fosse uma hora, só que daí nisso começou a dar controvérsia dentro do banco, aí por isso que eles criaram: “Não, não vai mais ser por hora, vai ser por doação a moeda”. Então quantas moedas vale o teu serviço, ficou com a pessoa decidir (ENTREVISTADO 127, não p.).

O banco começou a virar meio que uma troca de artesanato assim, e cada vez as coisas iam aumentando mais, tendo mais valor assim. E aí eu acho que começou a se perder, começou a virar uma coisa comercial e capitalista, foi aí que aconteceu, então na verdade mais uma vez foi a vaidade das pessoas que invadiu isso e começou. Então

assim, pessoas pegavam vidros de pepino, reciclavam e passavam uma tinta vitral, e cobravam cinco créditos por isso, sabe?! (ENTREVISTADO 59, não p.).

A desconfiança entre os associados foi intensificada quando os produtos começaram a fazer parte do banco de tempo. É oportuno destacar que esses produtos também são desenvolvidos pelos associados, ou seja, há o envolvimento de mão de obra dos mesmos, mas a complexidade para compreendê-los como talentos é maior. Logo, parte dos associados acredita que o grupo deve ser livre para aceitar todos os tipos de trocas possíveis. Outra parte compreende que apenas serviços deveriam compor as transações do grupo, ou seja, novamente aparece o elemento sobre a falta de compreensão dos princípios do grupo. Entretanto, destaca-se que foram identificadas pelos associados cobranças abusivas de créditos sobre produtos ofertados. Essas acentuaram as tensões de liberdade, embasadas na desconfiança da contabilização do tempo, conforme os relatos que seguem:

“Que resolveu assim, chegou ao limite em que ela (uma associada) pegou uma latinha de atum, velha, enferrujada, foi quando foi a gota d’água, uma latinha de atum, que tu usou, do lixo, assim, com rótulo e tudo, não lavou, não esterilizou, nada (ENTREVISTADO 7, não p.).”

Como a troca é feita pelo tempo eu achei injusta a forma como algumas pessoas disponibilizavam a troca. Por exemplo, fazia um bolo e dividia em dez fatias: cada fatia a um crédito! Ou então, amarrava uma fitinha numa garrafinha de leite de coco e colocava no banco valendo um crédito, coisa que eu que faço artesanato sei que leva menos de dez minutos pra fazer algo assim! Faltou bom senso! Achei até desrespeitoso (ENTREVISTADO 129, não p.).

Diante das tensões que a liberdade nas transações parecia influenciar, mecanismos regulatórios foram implantados, com a finalidade de minimizar as situações oportunistas e também o desestímulo na participação do grupo. Conforme relatos a seguir, parte dos associados compreendem que o grupo necessita de regras para ter um funcionamento mais efetivo.

“Eu acho que é importante termos regras para tudo, porque as pessoas têm níveis de entendimento, conhecimento diferentes, assim se mantem o mínimo de funcionamento razoável” (ENTREVISTADO 107, não p.).

“O banco precisa ter regras, pois com regra as coisas as vezes já não dão certo. O bom senso não é suficiente” (ENTREVISTADO 115, não p.).

“Eu acho de alguma forma a gente precisa ter regra, porque não acho que a gente como sociedade tá acostumado a não ter regra nenhuma, acho que precisa ter” (ENTREVISTADO 13, não p.).

No entanto, parte dos associados compreende que as regulamentações não devem ser implantadas no grupo, uma vez que suas transações devem ser pautadas na liberdade.

“Isso sobre liberdade era uma das controversas de algumas pessoas da administração, porque se é um grupo de livre... o que a gente falava: por que ter regras? Por que que tem alguém que vai impor essas regras?” (ENTREVISTADO 127, não p.).

“Só sei que com o tempo foi mudando as regras e normas, isso ao meu ponto de vista criou muita burocracia. Acabou limitando muito as trocas, o banco de tempo poderia funcionar sem regras” (ENTREVISTADO 188, não p.).

“Mas tem outros que não aceitam a liberdade do grupo e querem ser bem rígidos, gastou aquele tempo é aquele tempo. É isso que eu me pergunto, se eu dou 3 créditos para ti, bom, ponto final, sem justificar muito pelo talento que ele me ofereceu” (ENTREVISTADO 64, não p.).

Outro desconforto que surgiu no banco de tempo foi a desconfiança frente a situações em que associados estariam no banco com o único objetivo de divulgar seu trabalho profissional, mostrando-se no grupo exclusivamente para atrair clientes. Mesmo sendo cadastrados no banco de tempo, quando eram contatados pelos associados, informavam que atendiam somente no particular, ou que apenas parte do serviço poderia ser realizada pelo banco. Todavia, considerar que a atuação no banco de tempo, através da oferta de um talento de qualidade, não possa gerar oportunidades de maior atuação no mercado tradicional é uma ponta de pensamento mais extrema, em que se entende que o empreendedorismo tradicional seria um impacto negativo para a sociedade. Na verdade, inaceitável aos associados era que a única motivação para participar do banco de tempo fosse angariar clientes no modelo de economia vigente, pois isso geraria pouca participação no grupo e atrairia associados para o consumismo. O banco buscou regular essa situação com a possibilidade de os associados denunciarem essas situações à administração e a mesma poder contatar o associado e tomar as devidas providências, alertar e penalizar se necessário. Nos relatos a seguir, evidencia-se os desconfortos gerados por associados que apenas atendiam por prestação de serviços pelo sistema vigente.

Então, o cara marca com a pessoa determinada, né? João, o João chega: "ah, hoje eu não tô atendendo pelo banco", ah, o João mandou uma mensagem dizendo que essa mesma pessoa interessada que pelo banco não tá atendendo pelo particular ele tem horário (ENTREVISTADO 44, não p.).

A vantagem sempre tinha desde o início assim. Eu como administradora sabia: não, dinheiro não pode entrar, mas as pessoas tentavam. “Ah, tu vai pagar tanto, e tu vai fazer o outro tanto por tanto”. Ou, “eu vou fazer uma sessão holística contigo, mas as próximas são pagas”. Tá errado; o propósito é outro. Ali era apenas um mural, era um Marketing. Mas se tu começa o tratamento com o cliente pelo banco, por ética tu vai terminar pelo banco (ENTREVISTADO 117, não p.).

Situações em que o receptor apresentava dificuldade para compreender a disponibilidade do ofertante também geraram desconforto entre os associados. Havia, por exemplo, propostas de serviços bem desgastantes, o que levava o associado ofertante a sentir-se numa situação oportunista. Ou seja, ele desconfiava da intenção do associado com quem estava se relacionando. Essa situação reforça a dificuldade de se compreender a liberdade do grupo para atender às necessidades conforme disponibilidade de quem oferta talentos. É interessante destacar que essa liberdade teve que ser regulada, a fim de esclarecer a autonomia de participação de cada associado. A regra 1.4 descreve isso: “NENHUM associado é OBRIGADO ou PROIBIDO de solicitar e receber qualquer tipo de talento ofertado ou participar de qualquer projeto promovido pelo Banco”.

Mas quando me pediram 700 peças de sushi eu fiquei apavorada, eram 700 peças, mais duas temaki. Eu disse, “bah gente, não dá, porque o tempo que eu disponibilizo é o tempo que eu vou ter no sábado, um dia que eu vou tirar uma tarde inteira pra fazer”. Isso dava umas cinco horas pra confeccionar tudo, e depois mais uma hora e meia/duas horas na casa da pessoa, até cortar. Então assim, dava sete horas, às vezes oito. Só que eu tenho os meus filhos, então não podia ficar mais tempo, e se eram mais peças eu teria que ficar, nossa, teria que ter outra pessoa pra ajudar (ENTREVISTADO 171, não p.).

Outros dois aspectos de desconfiança que ilustram a discussão são a participação de crianças no banco de tempo e a atividade de análise e liberação de publicações no *Facebook*®, pertencente à prática “Organizar e Controlar”. Referente ao primeiro, por um lado, o talento cuidador de crianças foi vetado do banco devido à preocupação do que poderia ocorrer e quem se responsabilizaria. Por outro, associados argumentavam que esse talento muitas vezes sanava necessidades. Além da participação das crianças como receptoras de talentos, também houve uma época em que elas poderiam ofertar talentos, como, por exemplo, participar de projetos e passear com cães. Os pais associados acreditam que o fato de as crianças terem a liberdade de vivenciar o banco de tempo pode ser uma ferramenta potencial de conscientização para viver em sociedade e se afastar do consumismo desenfreado que as rodeia. Na Gratifeira, projeto apoiado pelo grupo, pode-se identificar essa conscientização das crianças, as quais podem vivenciar experiências como doadoras e receptoras. Destaca-se também que no Banco de Tempo de Santa Maria da Feira as crianças podem participar – possivelmente esse aspecto de insegurança não seja

tão latente naquela sociedade como é no Brasil. Nos relatos a seguir, destacam-se as diferentes opiniões a respeito da restrição ou liberdade das crianças poderem ser receptoras e ofertantes de talentos no banco de tempo.

Então, por exemplo, uma das coisas que tinha no banco, cuidador de criança, uma coisa bem complicada. Vai deixar: “Ah, eu pego a tua criança”, “Tá, mas quem é você?”. Então, é uma coisa muito séria, né, aí quem se responsabiliza por isso, sabe, aí você deixa o teu filho: “Ah, mas é pelo banco, tá mas de quem é o banco?” (ENTREVISTADO 134, não p.).

E nesse tempo a minha filha também se cadastrou, ela foi a primeira criança a se cadastrar, mas ela, eu coloquei ela como cuidadora de *pets*, de animais. Teve um projeto que era passeio com animais de uma pessoa que tem muitos cachorros, que cuida, e ele precisa passear com os cachorros, então tinha isso toda semana, a gente ia, ela ia junto, então eu cadastrei ela também lá. Aí ela já cuidou da cachorrinha da Fulana, ela cuidou uma vez assim, pra poder motivar e mostrar pra ela sabe, porque desde criança a gente aprende a valorizar as coisas e que dá para viver muita coisa legal sem dinheiro (ENTREVISTADO 38, não p.).

Já a desconfiança quanto à prática de análise e liberação das publicações no *Facebook*® se dá essencialmente por alguns associados acreditarem que, devido aos administradores serem os primeiros a visualizar as ofertas de talentos, sendo também associados e potenciais receptores interessados, teriam a preferência em manifestar seu interesse por tais talentos, ou seja, tirar proveito da sua atividade. Em Portugal, o banco de tempo não cultiva a prática/atividade de solicitar talentos, uma vez que, quando surge a demanda, é o associado receptor que faz a solicitação. No entanto, a desconfiança poderia existir, já que a solicitação do receptor à sede normalmente ocorre por telefone, pedindo o serviço que necessita. Dessa forma, o administrador também poderia dar preferência a si mesmo para atender a demanda e acumular créditos, ou então direcioná-la para algum associado mais próximo. Todavia, em nenhum momento esse aspecto foi perceptível no grupo. Nos relatos a seguir, se identifica a controvérsia da Liberdade X Regulação frente a atividade analisar e liberar publicações. Por um lado, associados percebem a atividade como uma vantagem aos administradores. Por outro, associados compreendem que esse mecanismo regulatório se faz necessário.

O pessoal da administração acabava pegando os serviços para si. Porque quando você posta no grupo, a postagem passa pela aprovação do administrador. Então, o administrador, como é que se diz, confirmava ali a postagem e daí já comentava ou então avisava os demais do seu grupinho: “Oh, vou agora liberar a postagem de tal pessoa, eu sei que você quer, vai lá” (ENTREVISTADO 101, não p.).

“Me lembro que no início podia publicar direto na página, depois já começou a ir pra uma análise da administração, com certeza sem regras seria impossível, porque postavam muitas coisas que não era de interesse do grupo (ENTREVISTADO 188, não p.)”

Com isso, verifica-se que a falta de compreensão dos princípios de um banco de tempo, assim como situações de desconfiança, leva a uma translação que se apresenta por meio de mecanismos regulatórios. Entretanto, tal translação provoca uma tensão na rede pautada na controvérsia da Liberdade X Regulação. Percebe-se que algumas regulamentações realmente parecem minimizar esse sentimento de oportunismo, mas também não têm força para estabilizar os conflitos, uma vez que desencadeiam outras tensões, como a falta de liberdade que se compreende que a economia compartilhada deveria proporcionar. Sendo assim, percebe-se que a controvérsia Liberdade X Regulação, assim como as controvérsias significado do tempo e desequilíbrio entre demanda e oferta englobam uma macrocontrovérsia que se refere ao embate entre sistemas. Essa será discutida na próxima subseção.

5.3.4 Um Embate entre Sistemas

As três controvérsias – significado do tempo, desequilíbrio entre demanda e oferta, e liberdade *versus* regulação – direcionam-se para uma macrocontrovérsia, denominada embate entre sistemas. O centro das tensões está nessa macrocontrovérsia porque as raízes do significado do tempo, uma novidade ainda conflituosa para o grupo, assim como a identificação de elementos que apresentam o desequilíbrio entre demanda e oferta, que dificultam o acesso igualitário aos atores envolvidos, e ainda os conflitos a respeito de se estabelecer liberdade X regulação para as relações que permeiam o grupo, podem ser considerados característicos de um embate entre sistemas.

Essa macrocontrovérsia consiste na compreensão dos sistemas alternativo e vigente como excludentes, sendo que apenas um seria a escolha de vivência do ator, ou como coexistentes, em que um sistema complementaria as necessidades do outro. Na prática, percebe-se que há situações em que os associados do banco de tempo necessitam optar por atuar ou priorizar um dos dois sistemas, a fim de ter suas demandas atendidas. Ainda quando a atuação do associado se dá no sistema alternativo, paralelamente são mantidos vínculos com o sistema vigente. Uma das polêmicas referente à coexistência ou exclusão dos sistemas, que está embricada com as discussões sobre o significado do tempo, é

identificada quando parte dos associados compreende que ingredientes para o desenvolvimento de um produto, assim como o combustível gasto para o deslocamento para uma prestação de serviços, não devem ser cobrados no banco de tempo. Logo, uma visão excludente dos sistemas. No entanto, a raiz da discussão está no fato de esses ingredientes e combustível terem sido acessados via moeda monetária (sistema vigente), e não via moeda tempo (sistema alternativo), dessa forma apresentando-se como sistemas coexistentes. As situações de estímulo ao consumismo decorrentes do desequilíbrio entre demanda e oferta são presentes no sistema vigente e passam a ser replicadas, tanto pela semelhança quanto pela experiência dos atores, no sistema alternativo. Além disso, buscar normatizar o funcionamento do grupo através de regulações é, novamente, replicar o que se faz no sistema vigente no sistema alternativo.

As situações de estímulo ao consumismo, decorrentes do desequilíbrio entre demanda e oferta, são presentes no sistema vigente e passam a ser replicados, tanto pela semelhança quanto pela experiência dos atores, no sistema alternativo. Além disso, buscar através de regulações normatizar o funcionamento do grupo, é novamente replicar o que se faz no sistema vigente no sistema alternativo.

Outra replicação de prática do sistema vigente no sistema alternativo é de o associado receptor gratificar o ofertante com um tempo extra, o que poderia se caracterizar como uma espécie de gorjeta de tempo. Essa situação descaracteriza a contabilização do tempo real, controvérsia discutida anteriormente, e vem ao encontro de que há associados que pensam que, como os créditos são seus, esses podem ser utilizados como melhor entendem, novamente trazendo-se a controvérsia da liberdade. Geralmente, esse comportamento se dá pela satisfação que teve pelo talento recebido, relacionado com um sentimento de gratidão, pois não teria condições de realizá-lo de modo tão eficaz. Nessa situação, percebe-se também a falta de clareza da natureza do banco de tempo se a mesma é troca ou doação.

No caso de serviços é medido pelo tempo, né. Então, por exemplo, se ele levou duas horas para cortar a minha grama, eu dou duas moedas-tempo para ele. Mas por exemplo, um associado levou 40 minutos para cortar a minha grama, mas eu dei para ele duas moedas-tempo, como se fossem duas horas, pelo agradecimento, nossa ele se cansou muito, a grama estava muito alta (ENTREVISTADO 106, não p.).

Em paralelo, seguindo a lógica de querer gratificar/dar gorjeta com mais tempo do que realmente foi gasto, também se percebe que há associados que não cobram todo o tempo que realmente utilizaram na realização do talento. As motivações para isso se dão pela prática de dar desconto, também presente no sistema vigente. Destaca-se que a sede em participar e

umentar a quantidade de transações do grupo, paralelamente a liberdade em poder definir o tempo embasado na compreensão do como justo e razoável para si, fazem com que esse mecanismo seja adotado.

Eu cobrei seis créditos do meu trabalho né, mas levou muito mais do que seis horas, porque tinha um mês inteiro de postagens: são três postagens semanais, então eu tirei foto, eu faço as artes, crio o texto, programo as postagens, mas é só pra sabe, se eu fosse cobrar tudo seria sei lá, 20 horas (ENTREVISTADO 19, não p.).

Vai dividindo, então acho que eu cobrei dela se não me engano três ou quatro créditos, não me lembro agora, mas isso não foi nem perto do que eu, que eu gastaria pra fazer realmente, fiz um preço simbólico, digamos assim. Também acho injusto eu querer cobrar dela perante os profissionais, então eu acabei, não me lembro se foi três ou quatro, dei a mão de obra né, mas eu já fiz um espelho grande que foi bem legal, foi dos meus primeiros trabalhos (ENTREVISTADO 10, não p.).

Ajudei a fazer o muro, eu demorei três dias pra fazer esse muro. Eu falei se eu colocar três dias são 24 horas, daí vai ficar muito pesado para ela me pagar. Ai pedi pra ela, coloca só uma hora de crédito pra mim. Porque eu já tenho quatro, vou ficar com cinco, tá bom. Porque se você colocar todo esse horário, vai ficar muito pesado pra ti (ENTREVISTADO 37, não p.).

É oportuno também compreender a visão distinta entre o Banco de Tempo de Santa Maria da Feira e do Banco de Tempo de Garopaba. Em Portugal esse embate entre os sistemas não existe, pois, a compreensão dos administradores e associados é de que o banco de tempo tem um papel de intermediar acessibilidade, bem estar e demais benefícios sociais dentro de um sistema alternativo que está dentro de um sistema vigente, no entanto, não há tensão a respeito de ambos coexistirem, tanto por questão ideológica quanto financeira. Referente a satisfação do Banco de Tempo de Portugal com o sistema financeiro capitalista, assim como os governos que administram o país, essa sim pode ser controversa e polêmica, no entanto, é inexistente o anseio da economia compartilhada, sistema alternativo, se tornar o sistema vigente. Os relatos a seguir elucidam o contexto do Banco de Tempo de Garopaba:

“O que me levou a participar foi porque que eu acredito em economia solidária né?! Ser fora do sistema econômico tradicional, que pra mim é um sistema econômico falido e escravagista, né, em todos os sentidos (ENTREVISTADO 176, não p.).”

“Adorei o banco de tempo porque o propósito é sair dessa loucura do capitalismo, que tudo gira em torno do dinheiro e que as trocas (no BdT) podem gerar em torno de outras coisas, que são mais importantes (ENTREVISTADO 162, não p.).”

Apesar de odiar esse sistema (capitalista), apesar de se sentir massacrado, está todo mundo correndo atrás dele para conseguir manter seus filhos na escola, para conseguir colocar comida na mesa e combustível no carro. Então os projetos sociais e novos projetos acabam ficando prejudicados por falta de pessoas disponíveis e com recursos (ENTREVISTADO 145, não p.).

“Os créditos não pagam contas, não paga aluguel, não paga luz, não paga nada. Por enquanto nós funcionamos neste sistema, vamos ser realistas, sabe (ENTREVISTADO 59, não p.).”

As pessoas confundem, querem fazer tudo pelo banco do tempo. E não é possível, o banco do tempo é um complemento, é um complemento. Eu ainda tenho que pagar as contas com dinheiro, eu ainda tenho que ir no supermercado com dinheiro, então nem tudo pode ser revertido ao banco de tempo (ENTREVISTADO 176, não p.).

Na Figura 48, consta os principais elementos e também suas consequências de cada uma das três controvérsias.

Figura 48: Elementos e Consequências das Controvérsias

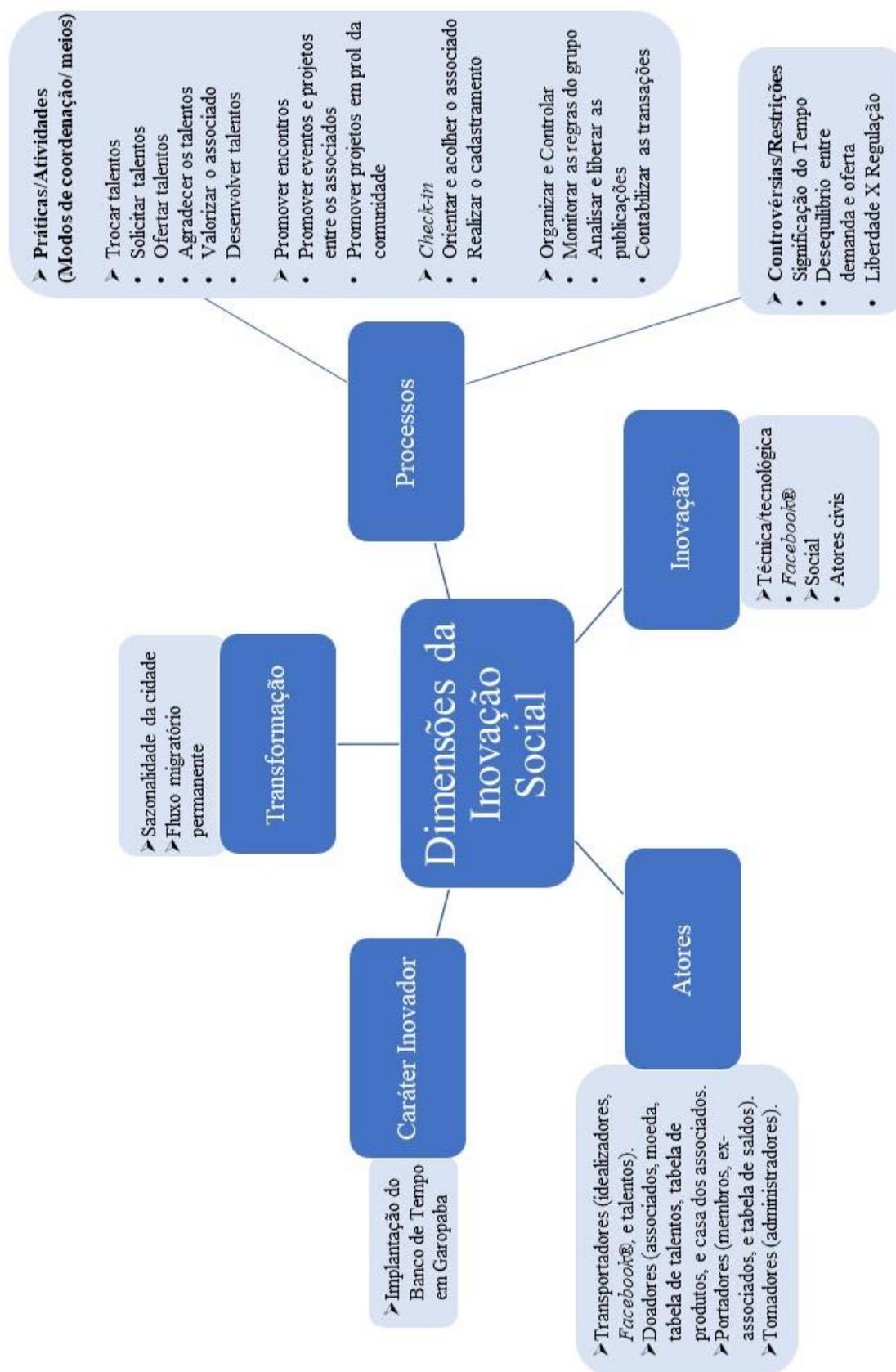


Na próxima subseção, com base nas discussões presentes nessa subseção de controvérsias e também na de práticas, será discutida as aproximações e afastamentos da inovação social na economia compartilhada.

5.4 A INOVAÇÃO SOCIAL NA ECONOMIA COMPARTILHADA

Nessa subseção será apresentada a análise acerca do banco de tempo, uma iniciativa classificada na tipologia compartilhar por ideal da economia compartilhada, como um instrumento de inovação social, sendo discutidos tanto os elementos que aproximam tal iniciativa da inovação social, quanto os elementos que a distanciam da mesma. A análise sobre as aproximações e distanciamentos da inovação social na economia compartilhada considerou as cinco dimensões da inovação social propostas por Tardif e Harisson (2005) para análise do fenômeno, pois além de se apresentar alinhada com os propósitos dessa pesquisa, a mesma é relevante no meio acadêmico. São elas: transformação, caráter inovador, inovação, atores e processos. As dimensões da inovação social apontadas por Tardif e Harisson (2005) possibilitam identificar diversos elementos de fenômenos complexos no processo de inclusão social (GEORGE; MCGAHAN; PRABHU, 2012). Também destacam-se em suas contribuições uma vez que consideram elementos essenciais como contexto motivador, avaliação e aprimoramentos (SOUZA; SILVA FILHO, 2016). Conforme Gómez et al. (2015) e Correia, Oliveira e Gomez (2016), essas dimensões analíticas estão sendo amplamente aplicadas, inclusive caracterizando a proposta dos autores como uma obra seminal. A fim de sumarizar os resultados encontrados sobre a inovação social na economia compartilhada, apresenta-se a Figura 49. Na sequência, as cinco dimensões da inovação social serão discutidas aprofundadamente. Além disso, por uma questão didática, cada dimensão será apresentada em uma subseção.

Figura 49: Dimensões da Inovação Social no BdT de Garopaba



Fonte: A autora (2020).

5.4.1 Dimensão Transformação

Conforme Tardif e Harrison (2005) os principais elementos dessa dimensão consideram o reconhecimento contextual da situação, focando-se na análise da conjuntura social e econômica, tendo como pano de fundo compreender as motivações que originaram a inovação social em discussão. Identificou-se dois principais elementos contextuais que levaram à concretização do primeiro banco de tempo no Brasil, especificamente o Banco de Tempo de Garopaba, sendo eles: a sazonalidade da cidade e o fluxo migratório permanente.

Identificou-se que a sazonalidade turística, elemento do contexto econômico e também social da cidade de Garopaba/SC, mostrou-se favorável à participação dos atores da economia compartilhada. A cidade em questão enfrenta, por ser uma cidade fortemente turística nos períodos de dezembro a março, uma oscilação significativa de relações de trabalho. Ou seja, nesses quatro meses os moradores trabalham muito, grande parte os três turnos e também nos finais de semana, e a partir de abril até novembro muitos enfrentam o desemprego, e logo, a falta de renda, e então dificuldades financeiras surgem e o tempo fica ocioso. Dessa forma, principalmente considerando os meses de abril a novembro, a sazonalidade turística se apresenta na comunidade local como um estímulo para que as transações do banco de tempo aconteçam, uma vez que o grupo é um meio de intermediar a acessibilidade a talentos, ainda mais quando os recursos financeiros são escassos. Pertinentemente, o Banco de Tempo de Garopaba teve sua origem em agosto de 2015, período denominado como baixa temporada.

Por ser uma cidade turística, Garopaba também proporciona que muitas pessoas a visitem e encantem-se pela mesma. Vários relatos no campo de pesquisa confirmam que há uma atratividade em morar em Garopaba em busca de mais qualidade de vida, criando uma identificação cultural entre pessoas e comunidade. Isso faz com que a cidade enfrente um fluxo migratório permanente, ou seja, muitas pessoas vêm morar em Garopaba, e o início de estabelecimento na cidade não é simples. A maioria das pessoas que migra não possui familiares na cidade ou emprego, e muitas vezes conta com escassas economias, ou seja, há carências sociais e econômicas. Dessa forma, o banco de tempo se mostrou como uma possibilidade de inserção social, via desenvolvimento de novos relacionamentos e vínculos (necessários nas condições do fluxo migratório permanente), assim como de acessibilidade para sanar necessidades e também desenvolver suas habilidades, por meio da oferta de talentos (necessário nos momentos de baixa temporada).

5.4.2 Dimensão Caráter Inovador

Segundo Tardif e Harrisson (2005) a dimensão caráter inovador concentra-se na análise da solução proposta em resposta à dimensão “transformação”, manifestada pela apresentação e implantação de algo novo. Com base nisso, diversos moradores de Garopaba/SC, ao lerem ou assistirem notícias divulgando o Banco de Tempo de Santa Maria da Feira de Portugal, acreditaram que um grupo com essas características poderia ser uma oportunidade de amenizar alguns problemas econômicos e sociais vividos na cidade; visto as necessidades sociais e econômicas da cidade, intensificadas pela sazonalidade e fluxos de migrações. Nota-se que o banco de tempo não foi desenvolvido, ou seja, criado, pelos moradores de Garopaba; no entanto, os mesmos conseguiram identificar uma resposta à comunidade, sendo essa potencial para que a inovação social acontecesse. Dessa forma, essa inovação social foi uma resposta a uma aspiração, por meio da intervenção de atores com o objetivo de atender necessidades específicas (TARDIF; HARRISSON, 2005), ou seja, promovendo um novo modelo e práticas para esse grupo beneficiário (RHULE; ALLOTEY, 2020). Assim o banco de tempo teve caráter inovador para Garopaba. Destaca-se ainda que a partir de pedidos e ofertas transacionados no banco de tempo, busca-se atingir uma consciência acerca de recursos e necessidades na comunidade local (CARROLL, 2014), complementarmente sendo o balizador o tempo, que se apresenta como uma oportunidade para todos, não limitando o acesso por falta de recursos financeiros (DEL MORAL; PAIS, 2015). Sendo assim, essas características estavam presentes na implantação do banco de tempo em Garopaba.

5.4.3 Dimensão Inovação

Conforme Tardif e Harrisson (2005) a dimensão inovação enfatiza a existência de vários tipos de inovação social, que trata especificamente sobre a solução proposta para a demanda social. Considerando as características das cinco tipologias (técnica/tecnológica, sociotécnica, social, organizacional, e institucional) identificou-se que o surgimento do Banco de Tempo de Garopaba é classificado em duas delas. A primeira é a inovação técnica/tecnológica, uma vez que, conforme discutido na seção de actantes, a rede social *Facebook*® é mediadora para que as transações no grupo ocorram. Observa-se que mesmo sem o desenvolvimento de uma nova tecnologia específica a fim de atender os anseios do banco de tempo, trata-se de um recurso

tecnológico que já era amplamente acessado, mas que foi direcionado para cumprir um papel específico: contribuir para a esfera social. Esse recurso tecnológico é de fácil acesso à participação da população em geral, contrariando a literatura que menciona que a tecnologia normalmente impõe barreiras para populações desfavorecidas (GUIMARÃES; FRANCO; SOUZA, 2017), uma vez que o *Facebook*® é significativamente acessível. A segunda classificação que a mesma corresponde é a inovação social, sendo que a implantação do grupo foi promovida por atores da sociedade civil que não tinham vínculos fortes, sequer se conheciam, mas tinham o mesmo desejo: proporcionar mais qualidade de vida aos moradores de Garopaba, por meio de trocas de talentos, transações que equalizam as habilidades e são mensuradas pelo tempo investido (LEE ET AL., 2004).

5.4.4 Dimensão Atores

Conforme Tardif e Harrisson (2005) a dimensão “atores” contempla todos os atores envolvidos nos processos de definição, concepção e implementação da inovação social, que podem ser classificados em sociais, organizacionais e institucionais. Dessa forma, identifica-se que os tipos de atores envolvidos na inovação social Banco de Tempo Garopaba são sociais, referindo-se a atores da sociedade civil. No entanto, na seção actantes, conforme o olhar da lente teórica TAR, discutiu-se aprofundadamente tanto atores humanos, que correspondem a esses atores social que a literatura de dimensão social trata, quanto atores não humanos. Sendo assim, os atores humanos são: idealizadores, membros, associados, administradores e ex-associados, já os atores não humanos são: talento, *Facebook*®, tabela de talentos, moeda, tabela de saldos, tabela de produtos, e casa dos associados. Nessa subseção, além de retomar esses autores, busca-se ir além na discussão, classificando-os conforme os atores Rollin e Vicent (2007) a fim de contribuir ainda mais para literatura. Conforme os autores há quatro tipos de atores envolvidos nos processos de inovação social: os transportadores, os doadores, os portadores e os tomadores, destacando-se que todos são contribuintes para o sucesso das inovações sociais (ROLLIN; VINCENT, 2007). Destaca-se a complexidade de classificar os atores humanos nessas tipologias propostas, sendo ainda intensificada pela classificação dos atores não humanos.

O primeiro tipo de ator se refere aos transportadores da inovação social, os quais puxam a locomotiva. Essa classificação compreendeu que os idealizadores, pessoas que estimularam e organizaram o Banco de Tempo de Santa Maria da Feira, assim como o *Facebook*® que mediou

os compartilhamentos das notícias e a relação dos idealizadores e dos membros; e os talentos, que de fato possibilitam e atraem as trocas por meio de pedidos e ofertas, são classificados como transportadores. Já o segundo ator trata-se dos doadores, que financiam a implementação das abordagens inovadoras. Considerando que a inovação banco de tempo não envolve investimento de recursos financeiros, o olhar se deu naqueles que possibilitam e facilitam que as transações de talentos ocorram no grupo. Sendo assim os atores classificados foram os seguintes: associados, que são os que realizam as ofertas e pedidos de talentos; a moeda, que mensura o envolvimento de cada associado e paga as transações realizadas; a tabela de talentos e a tabela de produtos, mecanismos consultados constantemente, balizadores para as transações; e por fim, a casa dos associados, sendo esse o ambiente principal para que as trocas e encontros ocorram. O terceiro tipo de ator da inovação social são os portadores, esses são os que apoiam os projetos inovadores, o que de fato dão credibilidade a inovação social. Nessa tipologia foram classificados os seguintes atores: os membros, que acompanham o grupo a fim de compreender o projeto e também disseminá-lo; os ex-associados que compartilham as experiências que tiveram no grupo; e a tabela de saldos, portal de transparência das contabilizações das transações realizadas. Por fim, o quarto ator são os tomadores, que são dinâmicos e exercem um papel no grupo de participarem ativamente e empregarem novas abordagens. Nessa tipologia foram classificados os atores administradores, que desenvolvem um papel de liderança e organização no grupo e realizam práticas de controle e organização, além de buscar mecanismos para minimizar as controvérsias existentes no banco de tempo. Também destaca-se que no Banco de Tempo de Portugal há atores organizacionais e institucionais envolvidos, uma vez que toda nova agência bancária teve uma formação específica promovida pelo banco central, e que essa organização também acompanha e apoia o desenvolvimento das atividades de seus agenciados. Ademais, o BdT de Portugal estimula em suas formações iniciais e também nos encontros de trocas de experiências entre agências, que as novas agências tenham apoio de instituições públicas, as quais cedem à agência um espaço físico, denominado sede da agência, e de instituições privadas, as quais normalmente cooperam com recursos materiais, como de escritório e de higiene.

5.4.5 Dimensão Processos

Segundo Tardif e Harrisson (2005), a dimensão de processos refere-se à sequência de ações que efetivam a inovação social, envolvendo três componentes centrais, que são: modos

de coordenação (processo de aprendizado coletivo), meios (representam as relações e práticas envolvidas) e restrições (abordam as tensões e resistências). Para a análise de processos nessa pesquisa, os modos de coordenação e meios foram analisados sob a perspectiva das práticas e suas atividades do banco de tempo, encontradas nas relações do coletivo. Já a análise das restrições se dará sobre a perspectiva de controvérsias. No entanto, destaca-se que não necessariamente uma controvérsia é uma restrição, mas a mesma é compreendida como luta conflitante em que a vida coletiva se torna mais complexa (VENTURINI, 2012). Para tornar mais didáticas as discussões da dimensão processos, essa subseção foi subdividida em duas: 5.4.5.1 Modos de Coordenação e Meios: Práticas e suas Atividades, e 5.4.5.2 Restrições: Lidando com as Controvérsias, conforme segue.

5.4.5.1 Modos de coordenação e Meios: Práticas e suas Atividades

O autor Gershuny (1983) coloca que a inovação social é um novo modo de a população atender uma determinada categoria de necessidades. Exemplos de categorias são citados, como: transporte, nutrição, saúde e entretenimento, com a finalidade de atender as necessidades por meio do acesso. É oportuno destacar que o banco de tempo é um ambiente abundante em possibilitar acesso, devido a sua diversidade de talentos, de modo que proporciona sanar diversas necessidades que englobam os exemplos dados pelo autor, e muito mais, como educação, beleza, apoio mútuo, entre outros. Sendo assim, o banco de tempo tem como propósito permitir que os atores tenham suas necessidades sociais atendidas. Isso ocorre pela acessibilidade a recursos, por meio da prática de “Trocar talentos” e suas atividades “solicitar e ofertar talentos”, que possibilitam que, mesmo em um contexto de condições financeiras limitadas, as pessoas possam acessar recursos e sanar tanto necessidades fisiológicas, tais como tratamentos de saúde pontuais (por exemplo, acupuntura), quanto necessidades sociais, denominadas pelos entrevistados como concretização de sonhos, tais como a realização de um casamento, ou então, a preparação do enxoval de um bebê. Conforme Collom, Lasker e Kyriacou (2016), o banco de tempo tem a potencialidade de gerar capital social. Pela conexão entre membros que dão e recebem o tempo do outro, a partir das trocas é revigorada a comunidade local e viabilizada a participação cívica.

Outra necessidade social que o banco de tempo proporciona é o desenvolvimento de laços de amizade, criados pela interação entre os integrantes do banco de tempo, o que promove também a inserção desses atores na comunidade. Esses se dão pela interação que

ocorre na prática “Trocar talentos”, através das atividades como: “solicitar um talento”, “ofertar um talento”, “agradecer os talentos”, “valorizar o associado” e “desenvolver talentos”, visto que muitas delas fazem com que as pessoas se encontrem e troquem tempo simultaneamente, como também contribuam para a socialização das mesmas. Além disso, também ocorrem pela prática “Promover encontros”, tanto na promoção de “eventos e projetos dos bancos de tempo para seus associados”, quanto “projetos em prol da comunidade”, em que há um engajamento coletivo ao encontro do anseio da comunidade. Aponta-se que sobre a dimensão “transformação”, dadas as conjunturas sociais e econômicas, destacou-se o fluxo migratório de Garopaba, e amarrada a essas características identifica-se como o banco de tempo atende um de seus propósitos que é possibilitar a inclusão de pessoas na comunidade local. Esse resultado corrobora com os achados do estudo de Shmidt (2019) que indicam que as pessoas que participam da economia compartilhada encontram suporte para superar a solidão existencial, pois ao estarem envolvidas nas atividades sociais proporcionadas pelo grupo superam a alienação.

Percebeu-se que a acessibilidade a recursos não experimentados anteriormente, assim como o fato de desenvolver e aperfeiçoar habilidades até então desconhecidas ou pouco exploradas, rompe a monotonia da vida daquelas pessoas e faz com que as mesmas se insiram socialmente e aumentem sua autoestima, sentindo-se mais felizes e incluídas em aspectos sociais. Assim, destaca-se a importância da prática “*Check-in*”, através de sua atividade “acolher e orientar o associado” no grupo e dar suporte na identificação e cadastro dos talentos do novo associado. A prática “Promover encontros”, por meio de seus eventos e projetos sociais em prol da comunidade, possibilita encontros entre os associados e permite que esses expandam a rede de contatos, se sentindo inseridos na comunidade. E, finalmente, a prática “Trocar talentos”, na atividade de “ofertar e solicitar talentos”, que possibilita que os associados se encontrem, possam apresentar suas habilidades e tenham suas necessidades atendidas. E, também, a atividade “desenvolver talentos”, a qual suporta o associado a lapidar seu talento ofertado, sendo esses aspectos estreitamente embricados com a autoestima. Sendo assim, esse resultado confirma a literatura que apresenta que participar do banco de tempo acarreta em benefícios individuais, entre eles maior autoestima (LEE, 2009). As práticas “*check-in*”, “trocas de talentos” e “promoção de encontros” confirmam discussões acadêmicas anteriores, nas quais identificou-se que o maior número de trocas no banco de tempo proporciona laços de afetividade e identidade (WILLER; FLYNN; ZAK, 2012), sendo que a comunicação constante entre os atores sustenta a comunidade e contribui para a atividade social (SHMIDT, 2019).

Conforme antes discutido, a acessibilidade a talentos por meio das trocas possibilita que os associados tenham suas necessidades atendidas. Para Yuan, Hanrahan e Carroll (2019) os grupos de troca de serviços indiretos sem fins lucrativos envolvem transações recíprocas, as quais possibilitam a inserção social e promoção de acessibilidade. Para ter acesso a elas é necessário partilhar, para isso os pontos-chave são a participação e o engajamento. Limitações que o banco de tempo estudado encontra nesse sentido serão discutidas na subseção de restrições. Entretanto, busca-se destacar que na prática “*Check-in*”, em sua atividade “orientação e acolhimento”, pelo contato entre membro e administrador, parte do segundo sanar dúvidas que o membro tenha sobre o funcionamento do grupo. O administrador também realiza um suporte essencial, através da atividade “realizar o cadastramento”, para que seja possível melhor identificar o talento do novo associado. Então, juntos, discutem formas de inserção no grupo, a fim de que esse membro possa ser requisitado, logo se inserindo na comunidade e tendo créditos para acessar talentos e sanar suas distintas necessidades.

A pesquisa também identificou o quanto os associados gostam e sentem-se bem em “participar dos eventos” do banco de tempo e dos “projetos sociais em prol da comunidade” promovidos, atividades da prática “Promover encontros”. Os dois projetos ativos foram acompanhados pela observação participante. Dessa forma, os aspectos de interação social foram destacados, através do vínculo estabelecido entre os associados, a autoestima e laços de amizade criados. A própria aproximação entre os mesmos para trocas de talentos foram presentes nesses contextos. Identificou-se que, de modo unânime, quando os eventos do banco de tempo (como aniversários ou encontros temáticos) foram mencionados pelos próprios associados, eram recordados com muita satisfação, considerados por eles momentos essenciais para conhecer os demais associados, fortalecer a confiança e interação no grupo. Também com muita satisfação e alegria foram partilhados os projetos sociais do banco de tempo, identificando-se a relevância que fazer parte de um grupo que promova ações nesse sentido são importantes. Consonante aos resultados da pesquisa de Ye et. al (2019) percebeu-se que o aumento da presença social aumenta a confiança dos participantes, a qual melhora a interação social. No entanto, conforme discutido na subseção de controvérsias, pontos que serão retomados e aprofundados na subseção de restrições apresentam que o grupo já teve um número maior de projetos sociais ativos, além de já ter tido eventos mais frequentes para os associados. Essa diminuição está diretamente ligada ao enfraquecimento da confiança entre os membros.

O banco de tempo também promove igualdade aos seus associados, a partir do nivelamento de seus associados por algo que todos têm em comum que é o tempo. Logo,

destaca-se que as atividades: “monitorar regras”, “analisar e liberar publicações”, e também “contabilizar transações”, pertencentes a prática “organizar e controlar”, contribuem significativamente para a promoção de igualdade, estratégia essencial para um banco de tempo (CUGUERÓ-ESCOFET; VILLAESCUSA, 2018); ALONSO-ALMEIDA; PERRAMON; BAGUR-FEMENÍAS, 2020).

O Quadro 03 sumariza as discussões dessa subseção, apresentando as práticas e suas atividades, as aproximações com a inovação social e os autores que sustentam as mesmas.

Quadro 03: Aproximações da Inovação Social

Práticas e suas Atividades	Inovação Social	Autores
Trocar Talentos Solicitar um talento Ofertar um talento	Atendimento de necessidades fisiológicas e sociais	Gershuny (1983); Collom, Lasker; Kyriacou (2016)
Trocar Talentos Solicitar um talento Ofertar um talento Agradecer os talentos Valorizar o associado Desenvolver talentos	Laços de amizade + Inserção social	Shmidt (2019)
Promover Encontros Promover eventos e projetos entre os associados Promover projetos em prol da comunidade		
Check-in Orientar e acolher o associado	Aumento da autoestima	Lee (2009); Willer; Flynn; Zak (2012); Shmidt (2019)
Promover Encontros Promover eventos e projetos entre os associados Promover projetos em prol da comunidade		

Trocar Talentos Solicitar um talento Ofertar um talento Desenvolver talentos		
Check-in Orientar e acolher o associado Realizar o cadastramento	Inserção na comunidade + Promoção de acessibilidade	Yuan; Hanrahan; Carroll (2019)
Promover Encontros Promover eventos e projetos entre os associados Promover projetos em prol da comunidade	Fortalecimento da confiança + Maior interação Social	Ye et. al (2019)
Organizar e Controlar Monitorar as regras do grupo Analisar e liberar as publicações Contabilizar as transações	Promoção de igualdade	Cugueró-Escofet; Villaescus (2018); Alonso-Almeida; Perramon; Bagur-Femenías (2020)

Fonte: A autora (2020)

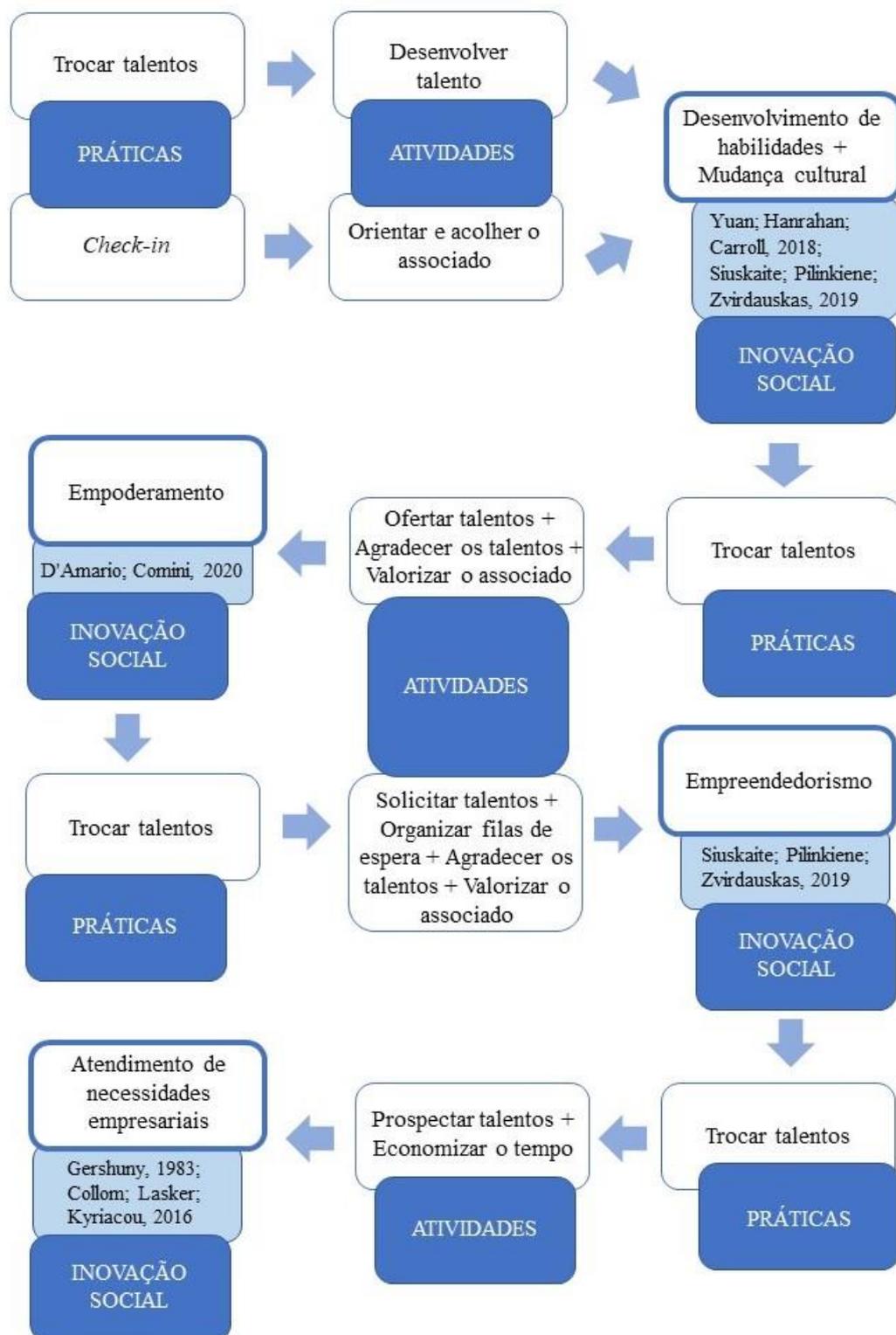
A discussão a seguir é apresentada separadamente, devido essa estabelecer relações de interdependência entre as aproximações de inovação social, assim como as práticas e suas atividades envolvidas.

A prática “Trocar talentos”, por meio da atividade “desenvolver talentos” e relacionada com a atividade “orientar e acolher o associado” da prática “*Check-in*”, proporciona reflexão ao associado. Essa etapa questiona o que caracteriza um talento e qual o integrante tem para ofertar, e leva-o em muitas situações, a praticar atividades que antes não realizava, ou realizava esporadicamente. Esse resultado vem ao encontro do que Del Moral e Pais (2015) apontam, muitas pessoas encontram dificuldades quando pensam a respeito de seus próprios talentos. No entanto, quando fomentados e acompanhados abre-se um leque de possibilidades, desenvolvem habilidades (SIUSKAITE; PILINKIENE; ZVIRDAUSKAS, 2019) as quais possibilitam uma mudança cultural (YUAN; HANRAHAN; CARROLL, 2018). Ao longo da participação do associado no banco de tempo, esse desenvolvimento de talentos continua sendo vivenciado e principalmente aprimorado, pois, à medida que a pessoa “oferta seu talento”, através da prática

“Trocar talentos”, o exerce cada vez mais, ganhando assim experiência técnica. A partir da prática “Trocar talentos”, pela atividade “ofertar talento”, que gera uma transação e essa normalmente costuma render a atividade “agradecer os talentos”, a qual é pessoal (realizada pelo associado receptor) e pública (no *Facebook*® do grupo), há o reconhecimento e divulgação desse associado no grupo. Complementarmente a essas duas, a atividade “valorizar o associado”, que consiste em indicar os talentos desses associados para outros, possibilita que os mesmos se empoderem. Dessa forma, evidencia-se que o empoderamento de atores por meio de relações sociais, é outro resultado da inovação social (D'AMARIO; COMINI, 2020). Com o destaque dos talentos desenvolvidos e o empoderamento para inserção no grupo, o associado começa a ser bastante demandado, sendo esse um dos fatores que geram o desequilíbrio entre demanda e oferta, ponto que será aprofundado na subseção de restrições. No entanto, as solicitações de talento são tantas que o associado começa a realizar a atividade “organizar fila de espera” pertencente a prática “Trocar talentos”, a fim de ordenar os seus atendimentos, dessa forma, além de torná-los mais justos, atendendo o maior número possível de associados. Essa alta “solicitação por seus talentos”, além do incentivo e receptividade dos demais associados, por meio das atividades de “agradecer” e “valorizar o associado”, faz com que considerável parte dos associados empreenda, ou seja, implemente novos negócios, essa prática atende, além do banco de tempo, também o sistema econômico vigente. É interessante ressaltar que, visto as necessidades desses novos empreendimentos, os associados continuam a “prospectar talentos” e a “economizar o tempo”, atividades da prática “Trocar talentos”, a fim de investirem no atendimento de necessidades realmente entendidas como importantes para seus novos negócios. Dessa forma, os novos empreendedores, por meio da atividade “economizar tempo”, investem seus créditos na acessibilidade a diversos talentos que vêm ao encontro desse momento que passam a viver, como a elaboração de cartão de visita, *site*, *flyers* de divulgação, produtos artesanais, entre outros, atendendo assim um leque de novas necessidades (GERSHUNY, 1983; COLLOM; LASKER; KYRIACOU, 2016), nesse caso empresariais. Sendo assim, identifica-se que o banco de tempo oportuniza benefícios sociais a partir das habilidades desenvolvidas relacionadas à inclusão social (SIUSKAITE; PILINKIENE; ZVIRDAUSKAS, 2019), sendo o empreendedorismo um desses mecanismos. Destaca-se ainda que a grande maioria dos empreendimentos iniciados após a experiência da comunidade do banco de tempo, é de mulheres. Isso permitiu um novo olhar para a economia compartilhada, pois diferentemente do que foi encontrado no estudo de Cansoy e Schor (2016) que ocorreu discriminação do gênero feminino, no banco de tempo o empreendedorismo feminino foi destacado. Na Figura 50 consta

a representação visual das relações entre as aproximações de inovação social no contexto de economia compartilhada.

Figura 50: Relações entre as Aproximações de Inovação Social



Fonte: A autora (2020).

5.4.5.2 Restrições: Lidando com as Controvérsias

Ainda que na subseção anterior tenham se evidenciado as inovações sociais geradas pelo Banco de Tempo de Garopaba, nessa subseção se elencou as restrições presentes no grupo, que dificultam ou limitam a potencialidade de geração de mais inovações sociais. Na seção de controvérsias, foi possível observar que o grupo ainda tem pontos de tensão bem importantes a serem dissolvidos, esses vêm ao encontro de entraves para a inovação social. Paralelamente, Tardif e Harrisson (2005) destacam que se faz necessário melhor compreender as restrições e suas relações estipuladas entre as partes envolvidas, uma vez que se referem a situações de complexidade e incerteza, as quais podem reduzir o potencial inovador de um projeto. No entanto, destaca-se que não necessariamente uma controvérsia é uma restrição, uma vez que a mesma depende de como será transladada pela rede. Contudo, a controvérsia é compreendida como luta conflitante em que a vida coletiva se torna mais complexa (VENTURINI, 2012). Nesse sentido, para esse trabalho focou-se na identificação das restrições que as controvérsias geram, as quais limitam que o banco de tempo realize as suas entregas sociais, ou seja, não atenda plenamente às necessidades de sua comunidade-alvo. Na sequência, buscou-se lidar com tais afastamentos oferecendo sugestões para reaproximação entre a economia compartilhada e inovação social.

Segundo Heiskala (2007), a inovação social visa a melhoria do desempenho social e econômico, o que inclui a quantidade e a qualidade de vida social. Conforme relatado na subseção anterior, os talentos ofertados no banco de tempo se apresentam como serviços e produtos de qualidade, que atendem necessidades sociais e econômicas, uma vez que esses são valorizados pelos associados e recebem agradecimentos. No entanto, percebeu-se a controvérsia “Desequilíbrio entre Oferta e Demanda”, por um lado, faz com que parte dos associados sejam altamente demandados, recebendo uma quantidade significativa de créditos. Entretanto, quando esses vão buscar talentos no grupo, a fim de terem suas necessidades atendidas, não conseguem saná-las, uma vez que os associados não estão disponíveis para atendê-los. Logo o desempenho social e econômico, nessas situações, pode estar sendo minimizado, uma vez que o banco de tempo não está conseguindo proporcionar o atendimento na quantidade necessária, pois mesmo os talentos sendo de qualidade, o acesso limitado a eles não atinge o potencial de qualidade de vida social que teriam capacidade. Na literatura também identifica-se que o acúmulo de créditos é contra eficaz para o funcionamento de um banco de tempo (YUAN; HANRAHAN; CARROLL, 2019), e também que o mesmo é consequência de

atores agirem com prontidão na oferta de serviços, mas resistirem a solicitar ou acessar algo do outro (GARCÍA, 2016; SHOR et al., 2016), situações de acúmulo de créditos têm potencial de paralisar as trocas de serviços no grupo (PAPOAIKNOMOU; VALOR, 2017). Dessa forma, se faz necessário que os atores envolvidos compreendam que obter significa doar (WHITHAM; CLARKE, 2016), ou seja, é necessário também acessar para que o dinamismo do banco de tempo aconteça. Também, há parte dos associados que não tem seus talentos demandados pelo grupo, ou seja, estão disponíveis para atender, mas seus os talentos não são lembrados ou não atendem as principais necessidades buscadas. Com isso, esses associados se sentem frustrados, tanto porque seus talentos parecem ser inúteis para os demais, quanto porque não conseguem obter créditos para acessar talentos e assim sanar suas necessidades. Desta forma, corrobora-se a literatura que apresenta que a falta de solicitações de alguns serviços por parte dos membros gera frustração, e que esses consideram-se com dificuldades para inserção de seus talentos do grupo (DEL MORAL; PAIS, 2015). Sendo assim, percebe-se que há uma diminuição na quantidade de trocas de talentos, ou melhor, o banco de tempo teria oportunidade de potencializar suas transações.

Ainda sobre a insatisfação dos associados que não conseguem acessar os talentos desejados, mas têm a necessidade de girar seus créditos, identifica-se que mecanismos de oferta de talentos no grupo tem potencial de impulsioná-los a adotarem atitudes consumistas. Com isso, identifica-se que o banco de tempo encontra, nessas situações de acúmulos de créditos, dificuldades em desenvolver uma consciência sustentável para o consumo de seus atores. Esse fato contraria o que já foi apresentado na literatura, em que participantes da economia compartilhada desenvolvem uma maior consciência para o consumo (ALONSO-ALMEIDA; PERRAMON; BAGUR-FEMENÍAS, 2020), avaliem com cautela e reconsiderem suas intenções de consumo (ROWE, 2017), a fim de reduzi-lo ou torná-lo mais sustentável (SUNG, 2017). Yuan, Hanrahan e Carroll (2019) apontam que os membros do banco de tempo devem ser incentivados a dar e receber, a fim de realizar os valores sociais, coletivos e econômicos e equilibrando oferta e demanda.

Durante a trajetória do banco de tempo, diversas regulações foram sendo criadas com o propósito de compreender e estabelecer o “Significado do Tempo”. O contexto está repleto de incertezas a respeito da contabilização do tempo, materiais e demais despesas envolvidas, ainda sobre o envolvimento de produtos ou apenas serviços no grupo, sendo esses mecanismos regulatórios também criados com a intenção de minimizar as situações e sensações de oportunismo, enraizadas na controvérsia “Liberdade X Regulação”. Todavia, mesmo as

regulações implantadas não foram suficientes para sanar essa tensão, e ainda geraram discussões públicas agressivas no grupo do *Facebook*®, que uma vez não resolvidas trouxeram consequências como: a descrença nos princípios do banco de tempo, prejuízos a reputação do grupo, fazendo com que os associados se afastassem ou diminuísse sua participação no banco de tempo. Também esse ambiente incerto e ríspido em torno do significado do tempo fez com que muitos administradores acabassem se esgotando das atividades administrativas, restringindo a sua participação apenas como associados, ou mesmo se descadastrando do banco de tempo. Esse desgaste e também a dedicação dos administradores em buscar melhorias para o banco de tempo são percebidos pelos demais associados. Contudo, todas essas situações geram um sentimento nos demais associados não administradores, desmotivando a participar da administração, e fazendo com que trocas de administradores sejam conflituosas. Desta forma, destaca-se a importância da administração e de suas transições, uma vez que a eficácia da comunidade é intensificada pelo suporte e controle que seus gestores estabelecem (DEL MORAL; PAIS, 2015), sendo relevante o papel desses atores que estimulam o desenvolvimento da mesma (SHMIDT, 2019), pontos que o banco de tempo ainda precisa lapidar. O afastamento de parte dos atores envolvidos, demonstra o distanciamento que o grupo tem para a negociação conflitual (TARDIF; HARRISSON, 2005) e de uma interação fluida (NIJNIKA et al., 2019) elementos importantes para a geração de inovação social.

Outra tensão encontrada que gera afastamentos à inovação social é a desconfiança presente nas relações entre os atores envolvidos no banco de tempo. Dessa forma, o estabelecimento de regulações no banco de tempo é compreendido por parte dos associados como algo que fere os princípios de liberdade que muitos associados acreditam ser essenciais numa comunidade de economia compartilhada, uma vez que compreende-se que as bases das relações deveriam ser fundamentadas na confiança (BOTSMAN; ROGERS, 2011; YANG et al., 2017). Mesmo com os mecanismos regulatórios implantados, associados e administradores vivenciam situações em que não conseguem efetivamente usá-las, devido ao receio que sentem em gerar desconfortos entre os envolvidos, além do fato de considerarem algumas situações injustas. Além disso, muitos associados desconhecem as regras do banco de tempo, nunca buscaram acessá-las, outros desconhecem onde as mesmas são disponibilizadas, e outros, ainda, as receberam no momento do cadastramento, mas sequer leram. Outra parte dos associados acredita que mecanismos regulatórios precisam ser mais restritos em relação à segurança dos associados, entendem que a prática de cadastramento deveria ser mais rigorosa, a fim de buscar identificar antecedentes que pudessem colocar em risco os demais associados nas trocas de

talentos que os mesmos passariam a realizar dentro do banco de tempo. Destaca-se que as percepções de insegurança identificadas ao longo da pesquisa, sendo reforçadas na prática observar primeiro, tem potencial minimizador de participação no grupo. Esse fator ainda é intensificado devido à maioria das trocas de talentos ocorrerem dentro das casas dos associados, actante identificado e discutido anteriormente.

Identifica-se também que o grupo de economia compartilhada não apenas enfrenta aspectos internos de desconfiança, mas também a sua existência, por caráter de novidade e potencialidade de transformação social, faz com que órgãos externos desconfiem de seu propósito ou ainda se sintam ameaçados pelo mesmo. O Banco de Tempo de Garopaba teve associados acionados, por pelo menos três diferentes conselhos profissionais, a fim de que esses explicassem o motivo de estarem atuando profissionalmente sem remuneração. Esses associados tiveram que defender sua atuação, argumentando que não é doação e sim troca, e que há uma remuneração, apenas que esse pagamento se dá por créditos que equivalem a tempo e não a uma moeda real. Nenhum dos associados acionados foi penalizado, todos tiveram suas justificativas aceitas. No entanto, essa fiscalização de um órgão externo, que tem poder sobre as suas atividades profissionais, impactou na participação do banco, fazendo com que os mesmos reduzissem suas atividades de atuações, ou, ao menos, atendessem de forma desconfortável, diferentemente do que se espera de um grupo potencial de gerar inovação social. Dessa forma, identifica-se a dificuldade na transmissão de valores e também de ter relações transparentes do banco de tempo para os seus envolvidos, a qual afasta o banco de tempo na promoção de inovação social (DEL MORAL; PAIS, 2015; CUGUERÓ-ESCOFET; VILLAESCUSA, 2018; ALONSO-ALMEIDA; PERRAMON; BAGUR-FEMENÍAS, 2020).

O Quadro 04 sumariza as discussões dessa subseção, apresentando as controvérsias/tensões e suas as consequências, assim como os afastamentos da inovação social e os autores que sustentam as mesmas.

Quadro 04: Afastamentos da Inovação Social

Controvérsia	Consequências	Afastamentos da Inovação Social	Autores
Desequilíbrio entre oferta e demanda	Diminuição das trocas de talentos + Atitudes consumistas	Diminuição de qualidade e quantidade de vida + Frustração na falta de demanda e no acúmulo de créditos + Falta de consciência para o consumo	Heiskala (2007); Del Moral; Pais (2015); Papoaiknomou; Valor (2017); Yuan; Hanrahan; Carroll (2019); Alonso-Almeida; Perramon; Bagur-Femenías (2020)
Significado do Tempo	Implantação de regulações + Discussões públicas agressivas + Descrença nos princípios + Prejuízos à reputação + Trocas de Administradores conflitosas	Ineficiência de gestão de conflitos + Pouca interação e afastamento de atores	Tardif; Harrison (2005); Del Moral; Pais (2015); Shmidt (2019); Nijnika et al. (2019)
Liberdade X Regulação	Implantação de regulações + Inaplicabilidade e desconhecimento das regulações + Insegurança + Pressões de órgão externos	Dificuldade na transmissão de valores + Falta de transparência nas relações	Del Moral; Pais (2015); Cugueró-escofet; Villaescusa (2018); Alonso-almeida; Perramon; Bagur-femenías (2020)

Fonte: A autora (2020)

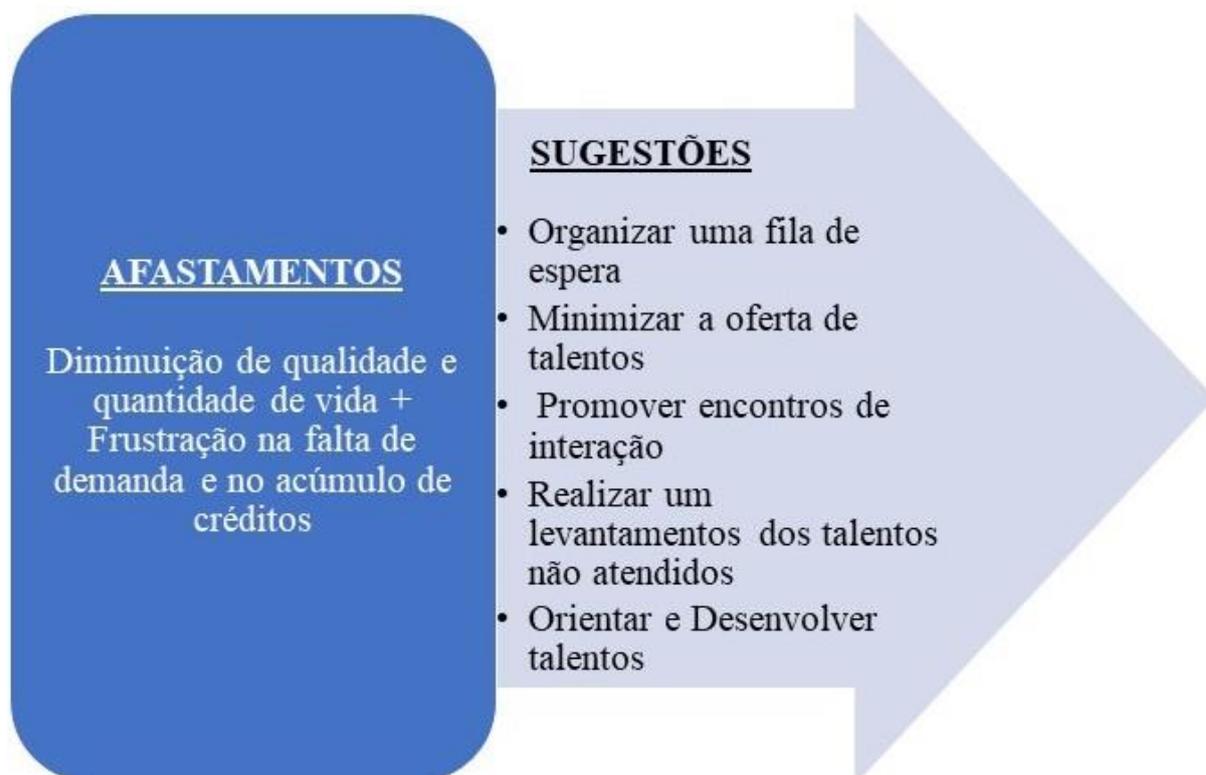
Com a finalidade de contribuir para que o banco de tempo possa lidar com tais afastamentos identificados, buscar-se-á apresentar sugestões para reaproximação entre a economia compartilhada e inovação social. Essas proposições se referem a lições aprendidas ao acompanhar e conhecer o Banco de Tempo de Santa Maria da Feira em Portugal, o qual foi o inspirador para a formação do Banco de Tempo de Garopaba, assim como sugestões da pesquisadora que venham a contribuir para a minimização do afastamento da inovação social e da economia compartilhada. Ressalta-se que a proposta não é propor soluções perfeitas, uma vez que sabe-se a complexidade de grupos dessa natureza, além de saber também que os aspectos culturais entre Brasil e Portugal são bastante distintos (e esses não foram analisados nessa pesquisa) no entanto, acredita-se que esses apontamentos possam contribuir para reflexões futuras pelo BdT de Garopaba. Os elementos encontrados na literatura que vem ao encontro dessas propostas ou aos benefícios que essas podem proporcionar ao banco de tempo também foram considerados na discussão.

Para a tensão de equilíbrio entre demanda e oferta, que gerou a diminuição de qualidade e quantidade de vida e também a frustração na falta de demanda e no acúmulo de créditos, a partir do campo na agência de Santa Maria da Feira, evidencia-se formas de trabalho que auxiliariam a minimizar tal tensão. Em Portugal as solicitações de serviços são realizadas via sede, normalmente por ligações telefônicas para a administradora, ou então, via visita presencial na sede do banco. Quando essa demanda surge, a administradora analisa os membros cadastrados para atender essa demanda, e também avalia quais estão menos ativos, informando assim as possibilidades para o receptor. Após conversarem sobre as possibilidades, o contato é feito com o ofertante também via administradora, dessa forma, normalmente é dada a preferência para o associado que menos movimenta, no entanto, não é uma regra. Essa iniciativa se assemelha ao que o BdT de Garopaba realiza, a qual parte de alguns associados, ao “organizar uma fila de espera”, ou seja, o objetivo é o mesmo: gerar acesso ao maior número de pessoas distintas. Além disso, as agências portuguesas não têm a prática de ofertar talentos. As trocas de talentos são embasadas nas necessidades que surgem, sendo assim poder-se-ia “minimizar as ofertas de talentos”, a fim de evitar o estímulo ao consumo. É importante destacar que o BdT de Santa Maria da Feira também enfrenta a dificuldade de ter serviços pouco requisitados, ou seja, pessoas cadastradas que não realizam transações com frequência. Ainda não foi encontrada uma solução para esse ponto, o que se adotou para minimização foi promover ações coletivas e solicitar o envolvimento desses associados, semelhantemente ao que o Banco de Tempo de Garopaba buscou fazer na sua prática de “promover encontros de interação”, seja eventos para

associados ou projetos em prol da comunidade. Essa prática surtiu resultado, mas não foi dada continuidade, sendo assim seria oportuno que se desse mais atenção ao estímulo dessa prática e suas duas atividades.

O BdT de Garopaba ainda não “realizou um levantamento” sobre quais talentos os associados procuram e não encontram, contatam e não conseguem ser atendidos. Essa é uma atividade que poderia ser implantada, a fim de compreender melhor onde ocorre esse desequilíbrio e então pensar em mecanismos para atrair novos associados, ou incentivar que os associados dessas categorias de talentos sejam mais participativos. Também poderia contatar-se os associados pouco demandados e buscar caminhos para que seus talentos despertassem maior interesse dentro da comunidade, além de pensar em como “melhor orientar e desenvolver” esse ou outros talentos deles. Essa atividade, além de contribuir para o equilíbrio entre oferta e demanda, também não frustraria aqueles que não têm seus talentos requisitados, e gostariam de participar ativamente do grupo, ou ainda, possuem necessidades reais para serem sanadas, e não têm créditos para repará-las. Ainda se identificou que no BdT de Santa Maria da Feira, todo ano em sua festa de aniversário, apresenta-se para os membros e demais parceiros, o seu balanço de atividades anual. Para isso, se faz necessário que a administração faça um levantamento e análise das informações sobre as trocas realizadas no período. Sempre são enfatizados os vinte serviços mais requisitados, no entanto, os serviços não requisitados não são apresentados, mas são de conhecimento da administração, o que auxilia os contatos no envolvimento desses membros para as atividades coletivas. Na Figura 51 representa-se visualmente os afastamentos da inovação social promovidos pela controvérsia “Desequilíbrio entre Demanda e Oferta” e as sugestões para minimizá-los.

Figura 51: Sugestões para minimizar a controvérsia “Desequilíbrio entre Demanda e Oferta”



Fonte: A autora (2020).

Referente à controvérsia Significado do Tempo, que gerou ineficiência de gestão de conflitos e pouca interação e afastamento de atores do grupo, algumas sugestões de melhorias são realizadas para esses pontos que afastam o banco de tempo da inovação social. Evidencia-se que no Banco de Tempo de Santa Maria da Feira a questão de significado do tempo está clara aos participantes, os serviços são sempre considerados mão de obra, e os materiais envolvidos são de responsabilidade do membro que contrata. Sendo assim, numa costura (arranjos), quem se responsabiliza pela compra ou absorção das despesas com tecidos e linhas é o receptor, assim como na elaboração de uma alimentação (cozinhado), os ingredientes também são de responsabilidade do mesmo. No entanto, nada impede que o ofertante doe esses materiais, no entanto, não é comum. Inclusive quando discutida essa tensão com os administradores do banco central e com os administradores da agência da Feira, eles foram tomados de surpresa, porque o significado do tempo é algo totalmente estabelecido em Portugal. O Banco de Tempo em Portugal tem praticamente duas décadas de história, e que seu começo já foi orientado pelo Banco de Tempo da Itália, ou seja, trocas de experiências do que é ou não viável são contínuas entre bancos e também agências. Há mais de 15 anos o banco central promove encontros de Formação Inicial do Banco de Tempo, que se destina a pessoas interessadas a fundar uma nova

agência. Dessa forma, os objetivos, princípios e funcionamentos do banco de tempo são compartilhados, passando os interessados por uma formação capacitadora, prática que possivelmente restringe tensões como a encontrada em Garopaba. Entretanto, essa ação depende de uma organização maior do que uma agência. Garopaba poderia “trocar experiências” com o próprio Banco de Tempo de Portugal, ação mencionada em Santa Maria da Feira, que o Banco de Tempo de Rio Grande/RS havia realizado. Ainda poderia “promover encontros para formação dos associados” sobre o tema banco de tempo, assim o significado do tempo seria mais claro, e a desconfiança minimizada. Também a agência da Feira anualmente, próximo a realização do balanço de atividades, convida todos os membros a refletirem sua atuação e a do banco de tempo. O questionário aplicado contém quatro questões, duas gerais sobre a agência: “O que se conseguiu fazer? O que falta fazer?”, duas específicas sobre o associado: “O que ganhei? O que posso fazer melhor?”. Assim, indica-se que o BdT de Garopaba se aproxime mais dos seus associados, e busque mecanismos de questionar os mesmos, como por meio da “realização de enquetes virtuais”, que já foram desejadas por administradores, mas não foram colocadas em prática, pois a riqueza de opiniões e o senso de comunidade podem ser reforçados, e assim o afastamento dos atores poderá ser minimizado.

Quanto aos aspectos de ineficiência de gestão, é natural que transições ocorram e elas costumam ser favoráveis ao grupo. No entanto, o que o BdT de Garopaba necessita é encontrar mecanismos que minimizem as tensões enfrentadas nas transições, pois percebeu-se ao acompanhar em campo, que a transição da segunda para a terceira administração não foi tão tensa como a da primeira para a segunda administração, no entanto, ainda poderia ter trazido mais benefícios. Dentro da promoção de encontros, esses também devem ser pensados na direção de “desenvolver talentos para a administração”. Muitas vezes passa despercebido que gerir um grupo de economia compartilhada também é um talento e esse, por sua vez, necessita ser desenvolvido e lapidado. Embricado a troca de administradores, principalmente em relação a poucos associados se interessarem a administrar o banco de tempo, em especial ao desgaste que os administradores atuais e anteriores mencionaram, a “implantação de um aplicativo” para o grupo aponta ter potencial para minimizar essa tensão. Compreende-se que um aplicativo seria mais eficiente, tanto para controle e organização das transações, como para informações cadastrais e também comunicação entre os associados. Essa oportunidade de melhoria vem ao encontro também às manifestações dos associados sobre dificuldades encontradas na navegação de planilhas de *Excel*, como também limitações do *Facebook*® para os contatos. Sendo esse apontamento embasado também na literatura, que indica atores que constataram que o uso de

aplicativo em um banco de tempo melhora a usabilidade e gera mais transações do que os atores habituais de demais plataformas de bancos de tempo (YUAN; HANRAHAN; CARROLL, 2018b). Identifica-se ainda que o banco de tempo simplifica e torna mais amigáveis as transações (DEL MORAL; PAIS, 2015) e que é preciso atenção sobre a promoção de igualdade, uma vez que, indiferente do acesso ao banco de tempo ocorrer via *Facebook*® ou aplicativo, a disponibilidade para a acessibilidade não é igual para todos os atores (RHULE; ALLOTEY, 2020). Sendo assim, os associados que oferecem os serviços com maior demanda terão maiores possibilidades de ganhar créditos de tempo do que os membros que ofertam serviços menos requisitados (WHITHAM; CLARKE, 2016). Ainda referente ao aspecto tecnológico, entende-se que possivelmente os associados necessitariam receber uma formação básica sobre o funcionamento do aplicativo. No entanto, não se identifica essa implantação como um limitador para a participação dos associados, pois o mesmo aparelho eletrônico utilizado para acesso a redes sociais, seria viável para o acesso ao aplicativo do grupo. Na Figura 52 representa-se visualmente os afastamentos da inovação social promovidos pela controvérsia “Significado do Tempo” e as sugestões para minimizá-los.

Figura 52: Sugestões para minimizar a controvérsia “Significado do Tempo”



Fonte: A autora (2020).

Referente a controvérsia “Liberdade X Regulação”, que afastou o banco de tempo da inovação social, algumas melhorias são sugeridas a fim minimizar a dificuldade na transmissão de valores, a falta de transparência e insegurança nas relações. Quanto às consequências apresentadas a respeito do estabelecimento de regulações e também a inaplicabilidade e desconhecimento dessas, observa-se que para o Banco de Tempo de Santa Maria da Feira é muito claro que qualquer grupo necessita de regras, para que os limites sejam estabelecidos. Essa foi outra controvérsia que quando discutida com os administradores, também se apresentou muito distante da realidade vivida em Portugal. No entanto, também identificou que algumas agências, inclusive a da Feira, possuem dificuldades em cumprir algumas regras, como por exemplo, a emissão e contabilização do tempo via cheques (o cheque é um documento em papel, emitido manualmente que corresponde a materialidade da moeda tempo). Ou seja, muitos associados não emitem o documento, apenas informando o valor que devem ao associado receptor ao administrador na agência pela atividade de registro de transações. Acredita-se que o descumprimento por parte das regulações ocorre pela confiança gerada entre os associados, quando nessas situações se evita processos de teor mais burocráticos ou processuais. Quanto ao conhecimento das regras, ficou evidente no campo de pesquisa em Portugal que os associados possuem consciência das mesmas, e que no cadastro recebem as orientações necessárias para funcionamento e também assinam um termo declarando conhecimento das regras. Dessa forma, entende-se que no Banco de Tempo de Garopaba se faz necessário “promover encontros de formações” a respeito do que de fato é um banco de tempo. Nestes, pode ser apresentado o que a literatura aponta e também como os primeiros bancos de tempo no mundo se estabeleceram. A partir disso, seria oportuna uma “revisão e definição dos princípios e forma de atuação” do BdT de Garopaba. Além disso, fortalecer a prática de “orientar e acolher os associados”, evidenciando a importância de conhecer o seu funcionamento, assim como incentivar a leitura das regras, tem potencial para minimizar essas consequências da tensão desconfiança que afastam o BdT de proporcionar ainda mais benefícios sociais. Esses apontamentos vêm ao encontro da literatura, que salienta como a experiência de um banco de tempo em determinadas situações pode ser complexa, se fazendo necessárias explicações e orientações refortalecidas (DEL MORAL; PAIS, 2015). Suas estratégias essenciais devem ser transmitir seus valores, promover igualdade e ser transparente em suas ações (CUGUERÓ-ESCOFET; VILLAESCUSA, 2018; ALONSO-ALMEIDA; PERRAMON; BAGUR-FEMENÍAS, 2020).

Referente ao aspecto de insegurança nas relações, por um lado pode ser considerado um elemento de desconfiança presente no grupo, por outro, pode ser pertencente aos índices de

violência de nosso país. No BdT de Santa Maria da Feira, a “atividade de cadastramento é realizada pessoalmente”, porque acredita-se que seja mais eficiente nas orientações e acolhidas, como também é mais fácil de se aproximar do possível novo membro e poder identificar alguns prováveis problemas comportamentais. O fato de “ter uma sede” possibilita que muitas trocas de talentos possam ser realizadas nesse ambiente, além de maximizar os encontros e vivências entre os associados. Aponta-se que o BdT de Garopaba poderia buscar parcerias para a angariar uma sede para o grupo que poderia facilitar os cadastros, além de fazer com que muitos encontros não precisassem ser nas casas dos associados, amenizando anseios de insegurança. O estudo de Schor e Attwood-Charles (2017), que tem como tema central a economia compartilhada, aponta que experiências negativas já foram registradas sobre a acessibilidade em casas, demonstrando que em alguns modelos há um risco físico. Dada as proporções desse estudo ser de outro arquétipo da economia compartilha, lança luz sobre as preocupações que são deixam de ser pertinentes também para um banco de tempo. Paralelo a isso, Barrera, Sarasola e Malagón (2017), apresentam que o acesso a um espaço físico destinados a atividades do grupo estimulam a participação e envolvimento dos atores nas atividades propostas.

Quanto ao elemento de manifestações de órgão externos sobre a atuação do grupo, o BdT de Santa Maria da Feira não vivenciou essa situação, no entanto, destaca-se que as agências em Portugal são incentivadas e até mesmo cobradas pelo banco central para que firmem parcerias locais, tanto públicas quanto com freguesias (no Brasil prefeituras) quanto privadas como com empresas locais. No aniversário do BdT de Santa Maria da Feira, representantes públicos locais se fizeram presentes, e representantes privados foram divulgados e agradecidos publicamente. Sabe-se que os órgãos que foram acionados e abordaram os associados do BdT de Garopaba, não são de fato do município nem são regidos por esse, no entanto, acredita-se que o grupo podendo “melhor comunicar externamente” seus valores e também “firmar parcerias públicas e privadas”, poderá minimizar essas intervenções e convenientes que acabam impactando negativamente o grupo. Conforme Allulli et al. (2017), ressalta-se a importância de definir políticas e modelos de governança alternativos capazes de considerar interconexões e relações de atores, nas quais o governo local opera com o papel facilitador para criar um ecossistema adepto à inovação social, no qual possa progredir a economia compartilhada. Ainda Iaione e De Nictolis (2017) apontam que o “estado facilitador” consiste em um governo da cidade capaz de apoiar ações coletivas na cidade e possibilitar que as comunidades locais orientem as decisões sobre como são usados os bens comuns, quem tem acesso a eles, e como são compartilhados entre uma população diversa. Dessa forma, acredita-se que sugestões como

promover encontros de formação, revisar e definir o funcionamento, orientar e cadastrar presencialmente, ter uma sede, melhorar a comunicação externa, e firmar parcerias públicas e privadas, possam contribuir para a transmissão de valores do banco de tempo e a transparência nas relações possa ser maximizada. Na Figura 53 representa-se visualmente os afastamentos da inovação social promovidos pela controvérsia “Liberdade X Regulação” e as sugestões para minimizá-los.

Figura 53: Sugestões para minimizar a controvérsia “Liberdade X Regulação”



Fonte: A autora (2020).

Diante das dimensões sociais analisadas, com ênfase na de processos, percebe-se que a inovação social acontece na economia compartilhada, especificamente no banco de tempo, pertencente ao arquétipo compartilhar por ideal. Conforme discutido, percebe-se que ainda restrições devem ser minimizadas ou eliminadas para que o potencial de mudança social ainda possa ser mais significativo.

Mesmo diante de controvérsias preocupantes identificadas no banco de tempo, percebe-se que o grupo mostrou ter potencial para superá-las, por meio do engajamento e participação ativa de seus atores (YUAN, HANRAHAN; CARROLL, 2018). Relacionado a isso, destaca-se que mesmo diante de trocas de administradores conturbadas, o banco de tempo não vivenciou ao longo de sua trajetória nenhum momento sem pessoas dispostas a assumir e dar continuidade nas atividades do grupo, fato que também corrobora que a capacidade de alguém se dispor a investir tempo a fim de ultrapassar contratempos se fez presente (YUAN, HANRAHAN; CARROLL, 2018). Pontos de ter uma administração mais humana e próxima quando comparada com uma administração no sistema vigente, apontam também comunidades mais fortes, que estimulam e mantêm iniciativas de economia compartilhada para a sociedade (BACHNIK, 2016; SIUSKAITE; PILINKIENE; ZVIRDAUSKAS, 2019). Sendo assim, esse estudo sobre o banco de tempo permitiu compreender as translações ocorridas no grupo ao longo de sua trajetória, que demonstraram as tensões que o grupo ainda enfrenta, mas também evidenciaram as práticas e relações que permitiram que esse superasse suas dificuldades e se mantivesse atuante na comunidade.

Quanto à macrocontrovérsia “Embate entre Sistemas” do Banco de Tempo de Garopaba, que se refere à dicotomia sobre a atuação e propósito do banco de tempo como um sistema vigente ou um sistema alternativo, é interessante compreender que essa tensão não é enfrentada somente por ele. Por um lado, a literatura apresenta o banco de tempo como um sistema alternativo que anseia tornar-se o dominante. Identifica-se fatores ideológicos, por exemplo a vontade de participar de um mercado alternativo como alguns dos principais estímulos para a atividade do banco de tempo (COLLOM; LASKER; KYRIACOU, 2016). Contudo, é importante destacar que esse mercado alternativo possa demorar muitos anos para se tornar vigente, ou seja, substituir a economia capitalista (HEYLIGHEN, 2017), ou seja, é possível que o capitalismo tradicional não desapareça no futuro previsível (RIFKIN, 2014). Por outro lado, a literatura apresenta o banco de tempo como um sistema alternativo, que visa atuar como um mercado complementar. Conforme Dubois, Schor e Carfagna (2014), o banco de tempo age como um meio pelo qual as pessoas podem atenuar sua participação na economia de mercado tradicional, ao passo que modificam seu poder aquisitivo, tendo alternativas complementares. Sendo assim, os sistemas capitalista e alternativo coexistem, possibilitando que ambos atendam condições e demandas (HEYLIGHEN, 2017). Por exemplo, o banco de tempo da Espanha resiste ao capitalismo, no entanto, o seu propósito central está nos benefícios de coesão e inclusão que sua atuação na comunidade pode gerar nos atores envolvidos (TAHERZADEH,

2018). Contudo, a fim de evitar a dissonância entre as aspirações sociais presentes na economia compartilhada e as práticas do capitalismo (MURILLO; BUCKLAND; VAL, 2017), outro ponto que seria bastante significativo para amenizar as controvérsias no Banco de Tempo de Garopaba é compreender e até mesmo definir qual a real atuação que o banco de tempo pretende ter na sociedade.

Por fim, evidencia-se que esse trabalho apresentou como as práticas da economia compartilhada se aproximam da inovação social, e como as controvérsias nesse contexto se afastam da inovação social, e assim respondeu à questão de pesquisa proposta. Dessa forma, destaca-se que esse estudo contribuiu também para a literatura, no sentido de analisar na prática as duas temáticas de economia compartilhada e inovação social sob a mesma perspectiva, uma vez que as suas relações eram apenas relacionadas na teoria. Conforme Andrade e Rezende (2017) há cinco pontos que a inovação social e economia compartilhada aparentam convergir. Esses pontos foram analisados separadamente e suas discussões serão apresentadas. O primeiro consiste em na resposta que a economia compartilhada dá a uma insatisfatória situação social, gerando assim a criação de valor, logo a inovação social. Com isso, identificou-se que a resposta dada nesse contexto foi a implantação de um grupo que possibilite trocas indiretas, mediadas pelo tempo, a fim de atender necessidades da comunidade em questão. O segundo ponto se refere a estratégia e incentivo à cooperação para essa resposta, desta forma nota-se que a proposta não foi inovadora do ponto de criação de um novo modelo de economia compartilhada, visto que o mesmo já existe em outros países há mais anos. Ainda assim, o mesmo foi novo para o Brasil, exigindo cooperação entre os atores para a sua viabilização. Essa cooperação está embricada com o terceiro ponto que os autores apresentam, que trata dos esforços locais para que a inovação social ocorra, normalmente organizados por uma ou um pequeno grupo de pessoas. Com isso, identifica-se que a implantação do Banco de Tempo de Garopaba, partiu de algumas pessoas, denominadas idealizadores, também desconhecidas entre si, mas comumente inspiradas pelas mesmas notícias lidas ou visualizadas sobre o Banco de Tempo de Santa Maria da Feira, que uniram esforços, centrados na rede social *Facebook*® para aplicação da ideia na comunidade de Garopaba. Já o quarto ponto apresenta a inovação social como um processo que gera soluções continuamente, a qual contempla todos os envolvidos. Sendo assim, por meio dessa pesquisa identificou-se que o BdT de Garopaba se mostrou ao longo desses quatro anos de história, um espaço de busca constante de solução para suas restrições através de translações na rede, assim como implantação de novas ou intensificação práticas existentes, para que inovações sociais fossem geradas na economia compartilhada. Por fim, o quinto ponto é que a

inovação social é um mecanismo de difusão de conhecimento, favorecendo sua replicação de resultados. Também se identificou que o Banco de Tempo de Garopaba propagou os resultados que foram atingidos pelo grupo para outros lugares do país, seja por meio da inspiração ou pelo suporte da implantação desses. Sendo assim, os cinco elementos teóricos que apontavam possíveis convergências entre inovação social e economia compartilhada foram confirmados no campo empírico.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve inspiração na curiosidade da pesquisadora pelo tema economia compartilhada relacionado à inovação social, buscando-se na literatura, a partir disso, possíveis relações. Foram encontradas possíveis aproximações entre as temáticas (YANG et al., 2017; DEMIREL; PAYNE, 2018; GÖSSLING; HALL, 2019), assim como outras direcionavam para afastamentos prováveis (SCHOR; ATTWOOD-CHARLES, 2017; FRENKEN; SCHOR, 2017; PLEWNIA; GUENTHER, 2018). Dessa forma, percebeu-se que há uma lacuna sobre as relações estabelecidas entre esses dois fenômenos. Ainda encontrou-se estudos que discutiram pontos teóricos de convergência entre inovação social e economia compartilhada (JAEGGER-ERBEN et al., 2015; ANDRADE; REZENDE, 2017; AVELINO et al., 2017), no entanto, esses indicavam novos estudos para aprofundamento das possíveis relações, e também indicavam que pesquisas empíricas fossem incluídas. Além disso, também se considera uma contribuição desse trabalho, ter como campo de pesquisa um banco de tempo, uma vez que é um grupo que demanda atenção pela academia (POTTINGER, 2018).

Considerar a Teoria Ator-Rede como base teórico-metodológica nessa pesquisa, é a primeira contribuição a ser apresentada. O Banco de Tempo de Garopaba se trata de um grupo relativamente novo, mesmo sendo o mais antigo banco de tempo do Brasil. Sua complexidade nas relações entre atores, assim como a organização documental, e ainda a distância geográfica entre o campo e a pesquisadora, foram pontos que tiveram que ser superados frente ao dinamismo do grupo ao longo da pesquisa. Com isso, acredita-se que o detalhamento da pesquisadora no campo possa contribuir para outros pesquisadores que busquem estudar fenômenos complexos sob o olhar da TAR, a partir de conceitos como: rede, actantes, translação, práticas e controvérsias.

Outra contribuição que se deu foi a identificação dos actantes envolvidos no processo de um banco de tempo, sendo esses: idealizadores, membros, associados, ex-associados, administradores, *Facebook*®, tabela de produtos, tabela de talentos, tabela de saldos, moeda, casa dos associados e talentos. Esses puderam ser classificados sob diferentes compreensões, sob o olhar da Teoria Ator-Rede, como atores humanos e atores não humanos, e os papéis que esses exercem como mediadores ou intermediadores na rede. Já sob o olhar da inovação social, eles foram classificados com relação aos papéis que possuem, como transportadores, doadores, portadores e tomadores. Desta forma, contribui-se com a lacuna teórica sobre o desafio de

identificar os papéis dos atores no contexto de inovação social (CORREIA; OLIVEIRA; GOMEZ, 2016).

A análise das translações ocorridas na rede, a partir da discussão de práticas, foi outra contribuição. O estudo possibilitou a identificação das práticas centrais do banco de tempo, que são: “*Check-in*”, “Controle e organização”, “Trocar talentos” e “Promover encontros”, assim como as suas 22 atividades-chave. Além disso, também foram apresentadas as suas translações ao longo da trajetória do grupo, enriquecendo a discussão a respeito, e colaborando para a literatura sobre o banco de tempo, onde foi evidenciada a importância de compreender como as práticas são implementadas e exploradas (VÁLEK; BURES, 2018). Também, a partir desse estudo, as práticas e suas atividades demonstraram ser potencialidades para o desenvolvimento de inovação social na comunidade estudada, sob o olhar de modos de coordenação e meios, conforme características da dimensão processos da inovação social (TARDIF; HARRISSON, 2005). Ademais, as mesmas puderam ser classificadas conforme seu papel, sendo consideradas práticas e atividades teleológicas, mais focadas na operacionalidade e objetivos do grupo, e práticas e atividades afetivas, centradas nas relações humanas do banco de tempo.

Também contribuiu-se com a identificação das controvérsias centrais presentes no banco de tempo, as quais foram transladadas ao longo das atividades do grupo, sendo elas: “significado do tempo”, “desequilíbrio entre demanda e oferta”, e “liberdade X regulação”, as quais abrangem uma macrocontrovérsia que se refere ao embate entre sistemas. Esses resultados contribuíram para a literatura, que apresentava a necessidade de mais estudos de economia compartilhada que considerassem restrições, tensões, contradições e planos de contingência pra esses contextos (WITTMAYER; PROKA, 2017; GRIFFITHS; PERERA; ALBINSSON, 2019), mostrando que estas são potencializadoras de afastamento da inovação social.

A análise das práticas e das controvérsias, a partir da compreensão de suas translações dentro da rede, contribuiu para a compreensão das relações entre a economia compartilhada e a inovação social. As práticas e suas atividades mostraram ter um papel essencial para que a inovação social aconteça na economia compartilhada, possibilitando que benefícios sociais como atendimento de necessidades fisiológicas e sociais, laços de amizade, inserção na comunidade, aumento da autoestima, maior confiança e interação social, promoção de igualdade, desenvolvimento de talentos/habilidades, mudança cultural, empoderamento, e empreendedorismo aconteçam na economia compartilhada. Já as controvérsias se mostraram como restrições à inovação social, sendo limitadoras de uma transformação social mais

profunda. Os pontos de afastamentos da inovação social encontrados foram os seguintes: diminuição de qualidade e quantidade de vida, frustração na falta de demanda e no acúmulo de créditos, falta de consciência para o consumo, ineficiência de gestão de conflitos, pouca interação, afastamento de atores, dificuldade na transmissão de valores e falta de transparência nas relações. Com a finalidade de aproximar ainda mais a inovação social na economia compartilhada, esse trabalho também contribuiu com sugestões práticas. Dessa forma, para os afastamentos gerados a partir das consequências da controvérsia significado do tempo, sugeriu-se as seguintes práticas/atividades: organizar uma fila de espera, minimizar a oferta de talentos, promover encontros de interação, realizar um levantamento dos talentos não atendidos, orientar e desenvolver talentos. Referente aos afastamentos relacionados à controvérsia desequilíbrio entre demanda e oferta, propôs-se as seguintes práticas/atividades: trocar experiências entre bancos, promover encontros para formação, realizar enquetes virtuais, desenvolver talentos para a administração, e implantar um aplicativo. E para os afastamentos relacionados à controvérsia liberdade X regulação, as seguintes práticas e atividades foram indicadas: promover encontros de formação, revisar e definir princípios e forma de atuação, orientar e cadastrar presencialmente, ter uma sede, melhorar a comunicação externa e firmar parcerias públicas e privadas. Essas práticas/atividades podem ser implantadas ou intensificadas no campo, a fim de que os pontos de afastamentos da inovação social possam ser superados ou amenizados, como também podem ser exploradas em outros contextos por acadêmicos.

Além disso, os pontos convergentes entre economia compartilhada e inovação social encontrados na discussão teórica de Andrade e Rezende (2017) foram encontrados empiricamente no contexto do banco de tempo. Além disso, através da análise das cinco dimensões da inovação social propostas por Tardif e Harisson (2005), pode se evidenciar como a inovação social acontece na economia compartilhada.

Esse estudo apresentou também algumas limitações. Uma delas se refere à pesquisadora não poder acompanhar todas as atividades coletivas, devido à distância geográfica da mesma e o grupo, assim como não ter tido acesso às reuniões da administração do banco de tempo, restrição promovida pelo grupo. Ademais, o banco de tempo ainda é embrionário no Brasil e, mesmo a pesquisa explorando a agência brasileira mais antiga – Banco de Tempo de Garopaba, sugere-se que estudos futuros possam ser realizados para explorar, a partir das translações, os actantes, práticas e controvérsias em outras agências, por exemplo, o BdT de Rio Grande/RS, o qual buscou formação e troca de experiências com o BdT de Santa Maria da Feira. Aponta-se também para que outros estudos possam contemplar outras iniciativas de compartilhar por

ideal, ou seja, iniciativas que tenham como base o estilo de vida colaborativa e que não envolvam transações financeiras. Nesse sentido, sugere-se iniciativas como: *Bliive*® (trocas de serviços), *Swapsity*® (trocas de bens e serviços), *OurGoods*® (troca de habilidades e conhecimentos) e *Livra Livro*® (troca de livros usados). Por fim, vale ressaltar que a inovação social investigada neste estudo se limita à economia compartilhada do arquétipo compartilhar por ideal. Sendo assim, indica-se que estudos futuros também possam ser contemplados sob os outros dois arquétipos da economia compartilhada: novos modelos de negócio e negócios repaginados. Uma vez que esses dois arquétipos envolvem transações financeiras acredita-se que não se encontre em seus contextos a macrocontrovérsia sistema vigente x sistema alternativo, contudo outras controvérsias poderão ser identificadas. Também a partir da análise das práticas identificadas nesse estudo em comparação com esses outros dois arquétipos da economia compartilhada, acredita-se que possa melhor contribuir a respeito das aproximações e afastamentos entre as duas temáticas centrais dessa pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ACQUIER, Aurélien; DAUDIGEOS, Thibault; PINKSE, Jonatan. Promises and paradoxes of the sharing economy: An organizing framework. **Technological Forecasting and Social Change**, 2017, 125: 1-10.
- AGOSTINI, Manuela Rösing; MARQUES, Luciana Vieira; BOSSLE, Marilia Bonzanini. A inovação social como resposta aos vazios institucionais: uma perspectiva multidimensional. **Revista de Administração Mackenzie (Mackenzie Management Review)**, v. 17, n. 6, p.385-402. 2017.
- AGOSTINI, Manuela Rösing; VIEIRA, Luciana Marques. TONDOLO, Rosana da Rosa Portella; TONDOLO, Antonio Gonçalves Tondolo. Uma visão geral sobre a pesquisa em inovação social: guia para estudos futuros. **Brazilian Business Review**, v. 14, n. 4, p. 385-402. 2017.
- AGOSTINI, Manuela Rösing. **O processo de inovação social como resposta aos vazios institucionais**: uma análise multidimensional em diferentes contextos sociais. 2017. 295 f. Tese (Doutorado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017.
- ALBINSSON, Pia A.; PERERA, Yasanthi B. Alternative marketplaces in the 21st century: Building community through sharing events. **Journal of Consumer Behaviour**, Boone, v. 11, n. 4, p. 303-315. 2012.
- ALCADIPANI, Rafael; TURETA, César. Teoria ator-rede e análise organizacional: contribuições e possibilidades de pesquisa no Brasil. **Organizações & Sociedade**, v. 16, n. 51, p. 647-664. 2009.
- ALIJANI, Sharam et al. Building Capabilities through Social Innovation: Implications for the Economy and Society. In: _____. **Finance and Economy for Society: Integrating Sustainability**. Emerald Group Publishing Limited. Emerald Group Publishing Limited, 2016. p. 293-313.
- ALONSO-ALMEIDA, María del Mar. **El nuevo materialismo del siglo XXI: Luces y sombras**. Real Academia Europea de Doctores. Barcelona: Ediciones Gráficas Rey, 2018, 122 p.
- ALONSO-ALMEIDA, María del Mar; PERRAMON, Jordi; BAGUR-FEMENÍAS, Llorenç. Shedding light on sharing ECONOMY and new materialist consumption: An empirical approach. **Journal of Retailing and Consumer Services**, v. 52, p. 101900, 2020.
- ALLULLI, M., GRAMIGNA, A., E PIERSANTI, V. **L'Innovazione Sociale e i Comuni. Istruzioni per l'uso**. Ufficio Studi e Ricerche-ANCI, 2017.
- ANDION, Carolina et al. Sociedade civil e inovação social na esfera pública: uma perspectiva pragmatista. **Revista de Administração Pública-RAP**, v. 51, n. 3, 2017.

ANDRADE, Jackeline Amantino. Actor-network theory (ANT): uma tradução para compreender o relacional e o estrutural nas redes interorganizacionais? **Cadernos EBAPE.BR**, v. II, n. 2, p.1-14, 2004.

ANDRADE, Helena da Gama Cerqueira; REZENDE, Marcelo de Pinto. “O que é meu é seu?!” pode-se aproximar os debates entre consumo colaborativo e inovação social? **Perspectivas Contemporâneas**, v. 12, n. 2, p. 191-210. 2017.

ANDREW, Caroline; KLEIN, Juan-Luis; MOHAMOUD, Hindia. **Social Innovation: What is it and why is it important to understand it better**. Québec: CRISES, 2010.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e Observação Participante**. São Paulo: Ed. Artmed, 2009.

AUSTRIN, Terry; FARNSWORTH, John. Hybrid genres: fieldwork, detection and the method of Bruno Latour. **Qualitative Research**, v. 5, n. 2, p. 147-165, 2005.

AVELINO, Flor et al. Transformative social innovation and (dis) empowerment. **Technological Forecasting and Social Change**, p.1-12. 2017.

BACHNIK, Katarzyna, et al. Sustainable consumption through the sharing economy. **Prace Naukowe Uniwersytetu Ekonomicznego We Wrocławiu**, v. 423, p. 35-44, 2016.

BAKER, Dean. Don't buy the 'sharing economy' hype: Airbnb and Uber are facilitating ripoffs'. **The guardian**, v. 27. 2014.

BANCO ACEITA TEMPO em vez de dinheiro. [S. l.: s. n.], 2015. 1 vídeo (3 min 32s). Publicado pelo **canal Globoplay**. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4216724/>. Acesso em: 12 jun. 2018.

BANCO DE TEMPO BRASIL. **Sobre**. Florianópolis, 25 fev. 2017. BancoDeTempoBR. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/BancoDeTempoBR/about/?ref=page_internal. Acesso em: 16 jul. 2018.

BANCO DE TEMPO GAROPABA/SC. **Sobre este grupo. Garopaba**, 15 ago. 2015. bancodetempogaropaba. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/849508211811741/about/>. Acesso em: 18 nov. 2019.

BARDHI, Fleura; ECKHARDT, Giana M. Access-based consumption: The case of car sharing. **Journal of Consumer Research**, v. 39, n. 4, p. 881-898. 2012.

BARRERA, Evaristo Algarín; SARASOLA, José Luis Serrano Sánchez; MALAGÓN, José Carlos Siria. Resurgimiento comunitario ante la nueva realidad socioeconómica. **REVESCO. Revista de Estudios Cooperativos**, v. 124, p. 9-31, 2017.

BELK, Russell. Sharing. **Journal of Consumer Research**, v. 36, n. 5, p. 715-734. 2010.

BELK, Russell. Why not share rather than own? **The Annals of the American Academy of Political and Social Science**, v. 611, n. 1, p. 126-140. 2007.

BESSANT, John; TIDD, Joe. **Innovation and entrepreneurship**. John Wiley & Sons, 2007. 462 p.

BIERNACKI, Patrick; WALDORF, Dan. Snowball sampling: Problems and techniques of chain referral sampling. **Sociological Methods & Research**, v. 10, n. 2, p. 141-163, 1981.

BIGNETTI, Luiz Paulo. As Inovações Sociais: uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa. **Revista de Ciências Sociais Unisinos**, v. 47, n. 1, p. 3-14. 2011.

BISSET, Sherri; POTVIN, Louise. Expanding our conceptualization of program implementation: lessons from the genealogy of a school-based nutrition program. **Health Education Research**, v. 22, n. 5, p. 737-746. 2006.

BITTENCOURT, Bruno Anicet; FIGUEIRÓ, Paola Schmitt; SCHUTEL, Soraia. The impact of social innovation: Benefits and opportunities from Brazilian social business. **Revista Espacios**, v. 38, n. 26, p. 7-25. 2017.

BOTSMAN, Rachel; ROGERS, Roo. **What's mine is yours: how collaborative consumptions changing the way we live**. Reino Unido: HarperCollins, UK, 2011. 304 p.

BOTSMAN, Rachel. The sharing economy lacks a shared definition. **Fast Company**, v. 21, p. 2013. 2013.

BOUCHARD, Camil. Recherche en sciences humaines et sociales et innovations sociales. Contribution à une politique de l'immatériel. **Conseil québécois de recherche sociale (CQRS), texte inédit**, 1999.

BUSSULAR, Camilla Zanon. **Alinhavando os saberes na prática: o trabalho de um grupo de mulheres pela perspectiva da teoria ator-rede**. 2012. 312 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

BUSSULAR, Camilla Zanon. **A amargura do Rio que era Doce: às margens da lama e dos processos de aprender a organizar**. 2017. 342 f. Tese (Doutorado em Administração) – Escola de Administração/UFRGS, Porto Alegre, 2017.

BURTET, Cecília Gerhardt. **(Re) pensando a inovação e o conceito de inovação inclusiva: um estudo do movimento maker no Brasil à luz da teoria ator-rede**. 2019. 195 f. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Porto Alegre, 2019.

CALLÉN, Blanca, et al. Diásporas y transiciones en la Teoría del Actor-Red. **Athenea digital: revista de pensamiento e investigación social**, v. 11, n. 1, p. 3-13, 2011.

CALLON, Michel. Some elements of a sociology of translation: domestication of the scallops and the fishermen of St Brieuc Bay. In: LAW, John. **Power, action and belief: a new sociology of knowledge?** London: Routledge, 1986, p. 196-223.

CALLON, Michel. Dos estudos de laboratório aos estudos de coletivos heterogêneos, passando pelos gerenciamentos econômicos-Entrevista Michel Callon. **Sociologias**, v. 10, n. 19, p. 302-321, 2008.

COLLOM, Ed; LASKER, Judith. N.; KYRIACOU Corinne. **Equal Time, Equal Value: Community Currencies and Time Banking in the US**. Burlington, VT: Ashgate Pub Co, 2012.

CAVALCANTE, Erica Dayane Chaves; DE SOUZA BISPO, Marcelo. Sustentabilidade como prática: Um olhar etnometodológico e sociomaterial a partir da orla marítima de João Pessoa, Paraíba. **Organizações e Sustentabilidade**, v. 2, n.2, p. 80-113, 2014.

CALVEY, Mark. Venture capital investing weakens by several measures. **The Business Journal**, Charlotte, 08 ago. 2016. Disponível em: <https://www.bizjournals.com/sanfrancisco/morning_call/2016/08/venture-capital-vc-investing-weakens-fenwick-west.html>. Acesso em: 10 out. 2017.

CAMILLIS, Patrícia Kinast. **Organizando com barro: a bioconstrução como prática de cooperação**. 2016. 245 f. Tese (Doutorado em Administração) – Escola de Administração/UFRGS, Porto Alegre, 2016.

CAMILLIS, Patrícia Kinast; ANTONELLO, Claudia Simone. Da Translação para o Enactar: a possibilidade que a Teoria Ator-rede apresenta para pensar em termos de processos nas pesquisas em Administração. **IV Colóquio de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração**. Florianópolis, 2014.

CAMILLIS, Patrícia Kinast; BUSSULAR, Camilla Zanon; ANTONELLO, Claudia Simone. **A Agência dos não humanos a partir da Teoria Ator-Rede: contribuições para as pesquisas em Administração**. In: III COLÓQUIO DE EPISTEMOLOGIA E SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA DA ADMINISTRAÇÃO, Florianópolis (SC), 2013.

CANSOY, Mehmet; SCHOR, Juliet. Who gets to share in the «sharing economy»: Understanding the patterns of participation and exchange in Airbnb. **Unpublished Paper**, Boston College, 2016.

CARROL, John, M. **The neighborhood in the Internet: Design research projects in community informatics**. Nova York : Routledge, 2014

CHAMBON, Jean-Louis; DAVID, Alix; DEVEVEY, Jean-Marie. **Les innovations sociales**. Paris: Presses Univ. de France, 1982.

CHENG, Denise. Is sharing really caring? A nuanced introduction to the peer economy. **Report of the Open Society Foundation Future of Work Inquiry**, 2014.

CLOUTIER, Julie. Qu'est-ce que l'innovation sociale? **Crises**, 2003.

CORREIA, Suzanne Erica Nobrega; OLIVEIRA, VERONICA; GOMEZ, Carla Regina Pasa. Dimensions of social innovation and the roles of organizational actor: the proposition of a framework. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 17, n. 6, p. 102-133, 2016.

- CRESWELL, John W. **Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa-: Escolhendo entre Cinco Abordagens**. Penso Editora, 2014.
- CUGUERÓ-ESCOFET, Natalia; VILLAESCUSA, Nuria. Virtues of integrity and veracity in reporting, data alone is not enough. A case study approach. **European Accounting and Management Review**, v. 4, n. 2, p. 93-110, 2018.
- DEL MORAL, Lucia; PAIS, Ivana. Collaborative economy and the digitalization of timebanking: Opportunities and challenges. **Studi di Sociologia**, p. 3-21, 2015.
- DEMIREL, Banu; PAYNE, Ayça Kübra Hızarcı. Social Innovation Adoption Behavior: The Case of Zumbara. **International Journal of Innovation and Technology Management**, v. 15, n. 02, p. 1850016-1850016-19, 2018.
- DIETRICH, Martin et al. Instrumental and Non-instrumental Factors of Social Innovation Adoption. **VOLUNTAS: International Journal of Voluntary and Nonprofit Organizations**, v. 27, n. 4, p. 1950-1978. 2016.
- D'AMARIO, Edison Quirino; COMINI, Graziella Maria. Social Innovation in Brazilian Social Entrepreneurships: A Proposed Scale for its Classification. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, v.22, n.1, p. 104-122, 2020.
- DUBAL, Veena B. Wage Slave or Entrepreneur: Contesting the Dualism of Legal Worker Identities. **Cal. L. Rev.**, v. 105, p. 65. 2017.
- DUBOIS, Emilie A.; SCHOR, Juliet B.; CARFAGNA, Luka B. **New cultures of connection in a Boston time bank**, in «Sustainable Lifestyles and the Quest for Plenitude: Case Studies of the New Economy», p. 95-123, 2014.
- DUMITRU, Adina et al. Social learning in social innovation initiatives: Learning about systemic relations and strategies for transformative change. **TRANSIT Brief**, v. 4, p. 2-1, 2017.
- EL ABOUBI, Manal; NICOLOPOLOU, Katarina. International social-related accountability standards: Using ANT towards a multi-stakeholder analysis. **Management**, n. 4, p. 391-414, 2013.
- EM PORTUGAL, FUNCIONA um banco que lida com tempo, ao invés de dinheiro: pessoas fazem serviços para outras, em troca de benefícios gratuitos. Site **Globo.com**, [S. l.], 15 maio 2015. Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/como-sera/noticia/2015/05/em-portugal-funciona-um-banco-que-lida-com-tempo-ao-inves-de-dinheiro.html>. Acesso em: 12 jun. 2018.
- FELSON, Marcus; SPAETH, Joe L. Community structure and collaborative consumption: A routine activity approach. **American Behavioral Scientist**, v. 21, n. 4, p. 614-624. 1978.
- FINCK, Michèle; RANCHORDÁS, Sofia. Sharing and the City. **Vand. J. Transnat'l L.**, v., 49, p. 1299-1369, 2016.

FITZMAURICE, Connor et al. Domesticating the market: moral exchange and the sharing economy. **Unpublished paper**, 2016.

FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 3. ed. Artmed Editora, 2013.

FLORES, Pedro et al. Applying open innovation to promote the development of a knowledge city: the Culiacan experience. **International Journal of Knowledge-Based Development**, v. 9, n. 3, p. 312-335, 2018.

FONTAN, Jean-Marc. Innovation sociale et société civile québécoise. **Possibles**, v. 22, n. 3-4, p. 116-135. 1998.

FRAANJE, Walter; SPAARGAREN, Gert. What future for collaborative consumption? A practice theoretical account. **Journal of Cleaner Production**, v. 208, p. 499-508, 2019.

FRENKEN, Koen. Political economies and environmental futures for the sharing economy. **Philosophical Transactions of the Royal Society A: Mathematical, Physical and Engineering Sciences**, v. 375, n. 2095, p. 20160367, 2017.

GANSKY, Lisa. **Mesh: porque o futuro dos negócios é compartilhar**. Alta Books Editora, 2011. 260 p.

GARCIA, Cristina Cuenca. **Bancos de tiempo: comunidades e internet (Ph.D. Thesis)**. Universidad Complutense de Madrid, 2016.

GARUD, Raghu. Conferences as venues for the configuration of emerging organizational fields: The case of cochlear implants. **Journal of Management Studies**, v. 45, n. 6, p. 1061-1088, 2008.

GARUD, Raghu; GEHMAN, Joel. Metatheoretical perspectives on sustainability journeys: Evolutionary, relational and durational. **Research Policy**, v. 41, n. 6, p. 980-995, 2012.

GEHMAN, Joel; TREVINO, Linda K.; GARUD, Raghu. Values work: A process study of the emergence and performance of organizational values practices. **Academy of Management Journal**, v. 56, n. 1, p. 84-112, 2013.

GHERARDI, Silvia. From organizational knowledge to knowing in practice. In: **Organizational knowledge: the texture of workplace learning**. London: Blackwell, 2005. p. 2-65.

GHERARDI, Silvia. **Organizational knowledge: The texture of workplace learning**. John Wiley & Sons, 2009. 264 p.

GEORGE, Gerard; MCGAHAN, Anita M.; PRABHU, Jaideep. Innovation for inclusive growth: Towards a theoretical framework and a research agenda. **Journal of Management Studies**, v. 49, n. 4, p. 661-683, 2012.

GERSHUNY, Jonathan. **Social innovation and the division of labour**. London: Oxford University Press, 1983. 188 p.

GIESLER, Markus. Consumer gift systems. **Journal of Consumer Research**, v. 33, n. 2, p. 283-290. 2006.

GÓMEZ, Carla Regina Pasa, et al. Turismo de Base Comunitária como Inovação Social: congruência entre os constructos. **PASOS Revista de Turismo y Patrimônio Cultural**, v. 13, n. 5, p. 1213-1227, 2015.

GÖSSLING, Stefan; MICHAEL HALL, C. Sharing versus collaborative economy: how to align ICT developments and the SDGs in tourism?. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 27, n. 1, p. 74-96, 2019.

GRIFFITHS, Merlyn A.; PERERA, B. Yasanthi; ALBINSSON, Pia A. Contrived surplus and negative externalities in the sharing economy. **Journal of Marketing Theory and Practice**, v. 27, n. 4, p. 445-463, 2019.

GRATIFEIRA GAROPABA/SC. **Sobre a Gratifeira. Garopaba**, 04 out. 2015. gratifeiragaropaba. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/gratifeiragaropaba/about/?ref=page_internal. Acesso em: 26 dez. 2019.

GRAY, David E. **Pesquisa no mundo real**. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

GRAY, Denis O.; BRADDY, Barri A. Experimental social innovation and client-centered job-seeking programs. **American Journal of Community Psychology**, v. 16, n. 3, p. 325-343. 1988.

GUBA, Egon. G.; LINCOLN, Yvonna. S. Paradigmatic controversies, contradictions, and emerging confluences. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Ed.). **Handbook of qualitative research**. 3. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2005.

GUIMARÃES, João Gustavo Alcantara; FRANCO, Víthor Rosa; SOUZA, Cristina Castro Lucas de. Scientific growth and thematic differences in sharing economy's literature over the past 10 years. *In*: XLI ENANPAD, 41, 2017, São Paulo.

HAMARI, Juho; SJÖKLINT, Mimmi; UKKONEN, Antti. The sharing economy: Why people participate in collaborative consumption. **Journal of the Association for Information Science and Technology**, v. 67, n. 9, p. 2047-2059, 2016.

HARVEY, John; SMITH, Andrew; GOLIGHTLY, David. Giving and sharing in the computer-mediated economy. **Journal of Consumer Behaviour**, n. 16, p. 363-371. 2014.

HAWKSWORTH, John. 2016. **PWC - PRICE WATERHOUSE COOPERS**. The World in 2050: The long view: how will the global economic order change by 2050? PRICE WATERHOUSE. (2016). Disponível em: <<https://www.pwc.com/gx/en/issues/economy/the-world-in-2050.html>>. Acesso em: 31 dez. 2017.

HEINRICHS, Harald. Sharing economy: a potential new pathway to sustainability. **Gaia**, v. 22, n. 4, p. 228. 2013.

- HEISKALA, Risto. Social innovations: structural and power perspectives. **Social innovations, institutional change and economic performance**. Edward Elgar, Cheltenham, p. 52-79, 2007.
- HENDERSON, Hazel. Social innovation and citizen movements. **Futures**, v. 25, n. 3, p. 322-338, 1993.
- HEYLIGHEN, Francis. Towards an intelligent network for matching offer and demand: From the sharing economy to the global brain. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 114, p. 74-85, 2017.
- HILL, Steven. **Raw Deal: How the "Uber Economy" and Runaway Capitalism Are Screwing American Workers**. St. Martin's Press, 2015.
- HOWALDT, Jürgen; SCHWARZ, Michael. Soziale Innovation–Konzepte, Forschungsfelder und-perspektiven. In: **Soziale Innovation**. VS Verlag für Sozialwissenschaften. 2010. p. 87-108.
- IAIONE, Fernando Christian; DE NICTOLIS, Elena. **La quintupla elica come approccio alla governance dell'innovazione sociale**. In: Montanari, F., Mizzau, L. (Eds.), *I luoghi dell'innovazione aperta. Modelli di sviluppo territoriale e inclusione sociale*, Fondazione G. Brodolini, Studi e Ricerche, v. 55, p 75-89, 2016.
- JAEGER-ERBEN, Melanie; RÜCKERT-JOHN, Jana; SCHÄFER, Martina. Sustainable consumption through social innovation: a typology of innovations for sustainable consumption practices. **Journal of Cleaner Production**, v. 108, p. 784-798, 2015.
- JIANG, Baojun; TIAN, Lin. Collaborative consumption: Strategic and economic implications of product sharing. **Management Science**, 2016.
- KAVANAGH, Donncha. Problematizing practice: MacIntyre and Management. **Organization**, v. 20, n. 1, p. 103-115, 2013.
- LAAMANEN, Mikko; WAHLEN, Stefan; CAMPANA, Mario. Mobilising collaborative consumption lifestyles: A comparative frame analysis of time banking. **International Journal of Consumer Studies**, v. 39, n. 5, p. 459-467, 2015.
- LALLEMAND, Dominique. **Les défis de l'innovation sociale**. Esf Editeur, 2001.
- LAMBERTON, Cait Poynor; ROSE, Randall L. When is ours better than mine? A framework for understanding and altering participation in commercial sharing systems. **Journal of Marketing**, v. 76, n. 4, p. 109-125, 2012.
- LAMPINEN, Airi; CHESHIRE, Coye. Hosting via Airbnb: Motivations and financial assurances in monetized network hospitality. In: **Proceedings of the 2016 CHI Conference on Human Factors in Computing Systems**. ACM. 2016. p. 1669-1680.

LAOUÉNAN, Morgane; RATHELOT, Roland. Ethnic Discrimination on an Online Marketplace of Vacation Rental. **Unpublished Paper**. CNRS Paris. 2017.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

LATOUR, Bruno. On actor-network theory: A few clarifications. **Página Eletrônica do Centre for Social Theory and Technology (CSTT)**, Keele University, UK, 1997.

LATOUR, Bruno. On Recalling ANT. In: LAW, J.; HASSARD, J. **Actor-network theory and after**. Oxford: Blackwell Publishing, 1999, p.15-25.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o Social - Introdução à Teoria do Ator-Rede**. Salvador: Edufba, 2012.

LATOUR, Bruno. **Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network Theory**. New York: Oxford Press University, 2005.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. **A Vida de Laboratório**: a produção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LAW, John. **After method: Mess in social science research**. Routledge, 2004.

LAW, John; MOL, Annemarie. Notes on materiality and sociality. **The sociological review**, v. 43, n. 2, p. 274-294, 1995.

LAW, John. **Notes on the theory of the actor network**: ordering, strategy and heterogeneity. Centre for Science Studies. Lancaster University, Lancaster LA1 4YN, 1992. Disponível em: <<http://www.comp.lancs.ac.uk/sociology/papers/LawNotes-on-ANT.pdf>>. Acesso em: 07 set. 2017.

LEE, Roger, et al. Making geographies and histories? Constructing local circuits of value. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 22, n. 4, p. 595-617, 2004.

LEE, Leemen. Valuing the time, leading the future: A case study of the time banking program of an educational institution in Taiwan". **International NGO Journal**, v. 4, n. 6, p. 324-328, 2009.

MACINTYRE, Alasdair. **After Virtue**. 5. ed. London: Bloomsbury Academic. 2013. 339 p.

MALHOTRA, Arvind; VAN ALSTYNE, Marshall. The dark side of the sharing economy... and how to lighten it. **Communications of the ACM**, v. 57, n. 11, p. 24-27, 2014.

MARTIN, Chris J. Initial steps towards a research agenda for the sharing economy and socio-technical transitions. **Studies**, v. 31, p. 27-41, 2015.

MARTIN, Chris J. The sharing economy: A pathway to sustainability or a nightmarish form of neoliberal capitalism?. **Ecological economics**, v. 121, p. 149-159, 2016.

MARTIN, Chris J.; UPHAM, Paul; BUDD, Leslie. Commercial orientation in grassroots social innovation: Insights from the sharing economy. **Ecological Economics**, v. 118, p. 240-251, 2015.

MARUYAMA, Yasushi; NISHIKIDO, Makoto; IIDA, Tetsunari. The rise of community wind power in Japan: Enhanced acceptance through social innovation. **Energy Policy**, v. 35, n. 5, p. 2761-2769, 2007.

MATOFSKA, Benita. What is the sharing economy? The people who share. 2014. Disponível em: www.thepeoplewhoshare.com. Acesso em: 21 set. 2017.

MINJE, Cho. et al. Introduction Strategy of Intercorporate Sharing Economy for Small Business Competitiveness Reinforcement. In: **Proceedings 8th WSEAS International Conference on Business Administration**. 2014. p. 109-118.

MÖHLMANN, Mareike. Collaborative consumption: determinants of satisfaction and the likelihood of using a sharing economy option again. **Journal of Consumer Behaviour**, v. 14, n. 3, p. 193-207, 2015.

MOL, Annemarie. Ontological politics. A word and some questions. In: LAW, J; HASSARD, J (Ed.) **Actor network theory and after**. Oxford: Blackwell Publishers, 1999.

MONT, Oksana; NEUVONEN, Aleks; LÄHTEENOJA, Satu. Sustainable lifestyles 2050: stakeholder visions, emerging practices and future research. **Journal of Cleaner Production**, v. 63, p. 24-32, 2014.

MOROZOV, Evgeny. The 'sharing economy' undermines workers' rights. **Financial Times**, v. 14, 2013.

MOULAERT, Frank et al. Towards alternative model(s) of local innovation. **Urban studies**, v. 42, n. 11, p. 1969-1990, 2005.

MOZZATO, Anelise Rebelato; GRZYBOVSKI, Denize. Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: potencial e desafios. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 15, n. 4, p. 731-747, 2011.

MUMFORD, Michael D. Social innovation: ten cases from Benjamin Franklin. **Creativity Research Journal**, v. 14, n. 2, p. 253-266, 2002.

MURILLO, David; BUCKLAND, Heloise; VAL, Esther. When the sharing economy becomes neoliberalism on steroids: Unravelling the controversies. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 125, p. 66-76, 2017.

MURRAY, Robin; CAULIER-GRICE, Julie; MULGAN, Geoff. The Open Book of Social Innovation. **The Young Foundation: NESTA**, 2010.

NIJNIK, Maria et al. Can social innovation make a difference to forest-dependent communities?. **Forest Policy and Economics**, v. 100, p. 207-213, 2019.

NOTÍCIAS POSITIVAS. “**Tempo é dinheiro**”? São Paulo, 03 jul. 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/noticiaspositivasbrasil/photos/a.855710327837765/860584097350388/?type=3&theater>. Acesso em: 12 jun. 2018.

NOVY, Andreas; LEUBOLT, Bernhard. Participatory budgeting in Porto Alegre: social innovation and the dialectical relationship of state and civil society. **Urban studies**, v. 42, n. 11, p. 2023-2036, 2005.

OSSANI, Adriane. **A inovação social como processo e resultado da governança da colaboração interorganizacional: o caso do Canal Futura**. 2013. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2013.

OZANNE, Lucie K.; BALLANTINE, Paul W. Sharing as a form of anti-consumption? An examination of toy library users. **Journal of Consumer Behaviour**, v. 9, n. 6, p. 485-498, 2010.

OZANNE, Lucie K.; OZANNE, Julie L. How alternative consumer markets can build community resiliency. **European Journal of Marketing**, 2016.

PALGAN, Yuliya Voytenko; ZVOLSKA, Lucie; MONT, Oksana. Sustainability framings of accommodation sharing. **Environmental Innovation and Societal Transitions**, v. 23, p. 70-83, 2017.

PAPAOIKONOMOU, Eleni; VALOR, Carmen. The institutionalization of alternative economies: The processes of objectification in time banks. **Journal of Macromarketing**, v. 37, n. 2, 167-179, 2017.

PEL, Bonno; WALLENBORN, Grégoire; BAULER, Tom. Emergent transformation games: exploring social innovation agency and activation through the case of the Belgian electricity blackout threat. **Ecology and Society**, v. 21, n. 2, 2016.

PELTZ, Jennifer. “‘Sharing economy’ causes safety concerns, city leaders say”. 2015. Disponível em: www.mercurynews.com/business/ci_28243268/sharing-economy-causes-safetyconcerns-city-leaders-say. Acesso em: 06 jun. 2016.

PENNER, Louis A. et al. Prosocial behavior: Multilevel perspectives. **Annu. Rev. Psychol.**, v. 56, p. 365-392, 2005.

PETITCLERC, Martin. Rapport sur les innovations sociales et les transformations sociales. **Bilan annuel**, 2002-2003, CRISES. 2003.

PETRINI, Maira; FREITAS, Cássio Stedetn de; SILVEIRA, Lisilene Mello da. A Proposal for a Typology of Sharing Economy. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 18, n. 5, p. 39-62, 2017.

PISANO, Umberto; LANGE, Lisa; BERGER, Gerald. Social innovation in Europe: an overview of the concept of social innovation in the context of European initiatives and practices. **ESDN Quarterly Report**, v. 36, p. 1-25, 2015.

PLEWNIA, Frederik; GUENTHER, Edeltraud. Advancing a sustainable sharing economy with interdisciplinary research. **uwf UmweltWirtschaftsForum**, v. 25, n. 1-2, p. 117-124, 2017.

PWC - PRICE WATERHOUSE. 12 nov. 2017. The sharing economy – sizing the revenue opportunity. Disponível em: <<https://declara.com/content/kaZnB43a>>. Acesso em: 09 jan. 2018.

PICK, Francesca; DREHER, Julia. Sustaining hierarchy—Uber isn't sharing. **Kings Review**, v. 5, 2015.

POTTINGER, Laura. Growing, guarding and generous exchange in an analogue sharing economy. **Geoforum**, v. 96, p. 108-118, 2018.

QUEIROZ, Maria de Fátima Aranha de Melo. Mas de Onde vem o Latour? **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 2, p. 258-268, 20008.

RIBEIRO, Jsan et al. Inovação Social e Gestão do Conhecimento Estratégico: Estudo de Caso na Cadeia de Suprimentos Reversa. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, v. 9, n. 1, p. 285-302, 2019.

RICHARDSON, Lizzie. Performing the sharing economy. **Geoforum**, v. 67, 2015. p. 121-129, 2015.

RIFKIN, Jeremy. **The zero marginal cost society: The internet of things, the collaborative commons, and the eclipse of capitalism**. St. Martin's Press, 2014.

ROBINSON, Rashad. Virtual Redlining and the Myth of Opportunity in the Sharing Economy. **Position Paper, the Open Society Foundation**, 2014.

ROLLIN, Joanie; VINCENT, Valérie. Acteurs et processus d'innovation sociale au Québec. **Réseau québécois en innovation sociale**, 2007.

RHULE, Emma LM; ALLOTEY, Pascale A. Researching social innovation: is the tail wagging the dog?. **Infectious Diseases of Poverty**, v. 9, n. 1, p. 1-5, 2020.

SCHATZKI, Theodore R.; SCHATZKI, Theodore R. **Social practices: A Wittgensteinian approach to human activity and the social**. Cambridge University Press, 1996.

SCHATZKI, Theodore. R. Practice mind-ed orders. In: SCHATZKI, T. R., CETINA, K. K., VON SAVIGNY, E., (eds.) **The Practice Turn in Contemporary Theory**. Routledge, London, 2001.

SCHATZKI, Theodore. R. **Site of the social: A philosophical account of the constitution of social life and change**. Penn State Press, 2002.

SCHOLZ, Trebor. **Digital labor: The Internet as playground and factory.** Routledge, 2012.

SCHOLZ, Trebor. **Uberworked and Underpaid: How Workers are Disrupting the Digital Economy.** John Wiley & Sons, 2016.

SCHOR, Juliet B. Homo Varians: Diverse Motives and Economic Behavior in the Sharing Economy. **Unpublished Manuscript**, 2015.

SCHOR, Juliet B. Debating the Sharing Economy. **Journal of Self-Governance & Management Economics**, v. 4, n. 3, 2014.

SCHOR, Juliet B.; ATTWOOD-CHARLES, William. The “sharing” economy: labor, inequality, and social connection on for-profit platforms. **Sociology Compass**, v. 11, n. 8, 2017.

SCHOR, Juliet B.; FITZMAURICE, Connor J. Collaborating and connecting: the emergence of the sharing economy. In: **Handbook of research on sustainable consumption.** Edward Elgar Publishing, 2015.

SCHOR, Juliet B., et al. Paradoxes of openness and distinction in the sharing economy. **Poetics**, v. 54, p. 66-81, 2016.

SCOTT, John. **A matter of record: Documentary sources in social research.** John Wiley & Sons, 2014.

SEYFANG, Gill. Harnessing the potential of the social economy? Time banks and UK public policy. **International Journal of Sociology and Social Policy**, v. 26, n. 9/10, p. 430-443, 2006.

SEYFANG, Gill; SMITH, Adrian. Grassroots innovations for sustainable development: Towards a new research and policy agenda. **Environmental Politics**, v. 16, n. 4, p. 584-603, 2007.

SHMIDT, Mayya. The Sharing Economy and its Paradoxes: A Sociological Study of Sharing Communities in Russia. **Мир России**, v. 28, n. 2, p. 148-171, 2019.

SHIRKY, Clay. **Here comes everybody: The power of organizing without organizations.** Penguin, 2008.

SILVEIRA, Alexandre Borba. Economia colaborativa: reflexões a partir da literatura. **Desenvolve Revista de Gestão do Unilasalle**, v. 6, n. 2, p. 143-161, 2017.

SILVEIRA, Lisilene Mello; PETRINI, Maira; SANTOS, Ana Clarissa Matte Zanardo. Economia compartilhada e consumo colaborativo: o que estamos pesquisando?. **REGE-Revista de Gestão**, v. 23, n. 4, p. 298-305, 2016.

SIUSKAITE, Donata; PILINKIENE, Vaida; ZVIRDAUSKAS, Dainius. The Conceptualization of the Sharing Economy as a Business Model. **Engineering Economics**, v. 30, n. 3, p. 373-381, 2019.

SLEE, Tom. **What's yours is mine: Against the Sharing Economy**. New York: Or Books, 2016. 240 p.

SOUZA, Ana Clara Aparecida Alves; SILVA FILHO, José Carlos Lázaro. Dimensões da Inovação Social e Promoção do Desenvolvimento Econômico Local no Semiárido Cearense. In: XXXVIII Encontro da ANPAD, 2014, Rio de Janeiro. **Anais**. Rio de Janeiro, 2014.

STANDING, Guy. **The precariat: The new dangerous class**. 2011.

STANFORD SOCIAL INNOVATION REVIEW. 2003. Disponível em: <www.ssireview.org>. Acesso em: 07 set. 2017.

SUNG, Young-Ae. Age Differences in the Effects of Frugality and Materialism on Subjective Well-Being in Korea. **Family and Consumer Sciences Research Journal**, v. 46, n. 2, p. 144-159, 2017.

SWIDLER, Ann. What anchors cultural practices. In: **The practice turn in contemporary theory**. Routledge, 2005. p. 83-101.

TARDIF, Carole; HARRISSON, Denis. **Complémentarité, convergence et transversalité: la conceptualisation de l'innovation sociale au CRISES**. Crises, 2005.

TAHERZADEH, Alice Lida. **An Alternative Currency for Education: A Comparative Case Study of Learning Practices within Time Banks**. 2018.

TAYLOR, James B. Introducing Social Innovation. **The Journal of Applied Behavioral Science**, v. 6, n. 1, p. 69-77, 1970.

THEBAULT-SPIEKER, Jacob; TERVEEN, Loren G.; HECHT, Brent. Avoiding the south side and the suburbs: The geography of mobile crowdsourcing markets. In: **Proceedings of the 18th ACM Conference on Computer Supported Cooperative Work & Social Computing**. ACM, 2015. p. 265-275.

TOMASSETTI, Julia. **From Hierarchies to Markets: FedEx Drivers and the Work Contract as Institutional Marker**. 2015.

TRACEY, Paul; STOTT, Neil. Social innovation: a window on alternative ways of organizing and innovating. **Innovation**, v. 19, n. 1, p. 51-60, 2017.

TUSSYADIAH, Iis P.; PESONEN, Juho. Impacts of peer-to-peer accommodation use on travel patterns. **Journal of Travel Research**, v. 55, n. 8, p. 1022-1040, 2016.

VÁLEK, Lukáš; BUREŠ, Vladimír. Time Bank and Dynamics of its Metamodel. **Postmodern Openings/Deschideri Postmoderne**, v. 9, n. 4, 2018.

VAN DER SCHOOR, Tineke et al. Challenging obduracy: How local communities transform the energy system. **Energy Research & Social Science**, v. 13, p. 94-105, 2016.

VENTURINI, Tommaso. Diving in magma: how to explore controversies with actor-network theory. **Public Understanding of Science**, v. 19, n. 3, p. 258-273, 2010.

WATSON, Tony J. Organização e trabalho em transição: da lógica "sistêmico-controladora" à lógica "processual-relacional". **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 45, n. 1, p. 14-23, 2005.

WHITHAM, Monica M.; CLARKE, Hannah. Getting is giving: Time banking as formalized generalized exchange. **Sociology Compass**, v. 10, n. 1, p. 87-977, 2016.

WILLER, Robb; FLYNN, Francis J.; ZAK, Sonya. Structure, identity, and solidarity: A comparative field study of generalized and direct exchange. **Administrative Science Quarterly**, v. 57, n. 1, p. 119-155, 2012.

WITTMAYER, Julia Maria., et al. Narratives of change: How social innovation initiatives construct societal transformation. **Futures**, v. 112, 2019.

WITTMAYER, Julia Maria; PROKA, Antonia. Sharing and Collaborative Economy. *In*: DOMANSKI, Dmitri; KALETKA, Christoph. **Exploring the Research Landscape of Social Innovation**. Dortmund: Sozialforschungsstelle, 2017. cap. 8, p. 121-146.

YAN, Yunxiang. The gift and gift economy. **A Handbook of Economic Anthropology**, p. 246, 2005.

YANG, Shuai et al. Why are customers loyal in sharing-economy services? A relational benefits perspective. **Journal of Services Marketing**, v. 31, n. 1, p. 48-62, 2017.

YE, Shun, et al. Enhancing customer trust in peer-to-peer accommodation: A "soft" strategy via social presence. **International Journal of Hospitality Management**, v. 79, p. 1-10, 2019.

YUAN, Chien Wen Tina; HANRAHAN, Benjamin V.; CARROLL, John M. Is there social capital in service exchange tools?: Investigating timebanking use and social capital development. **Computers in Human Behavior**, v. 81, p. 274-281, 2018.

YUAN, Chien Wen; HANRAHAN, Benjamin V.; CARROLL, John M. Assessing timebanking use and coordination: implications for service exchange tools. **Information Technology & People**, 2019.

APÊNDICE A - Protocolo de Autorização para Pesquisa

Você está sendo convidado a participar de um estudo sobre a inovação social desenvolvida na economia compartilhada, a partir das práticas e relações entre os atores envolvidos do Banco de Tempo de Garopaba/SC.

As intervenções para a pesquisa ocorrerão através da observação participante do pesquisador no cotidiano das atividades do banco no ano de 2018.

Mediante seu consentimento, a sua participação será através da autorização para que a pesquisadora observe suas práticas e relações em atividades, como trocas de talentos e projetos socioambientais do banco, através do convívio nestes locais, bem como registre alguns momentos através da utilização de fotografias. Também serão necessárias entrevistas, realizadas com breve agendamento, seguindo um roteiro de perguntas semiestruturado.

Todas as informações coletadas serão utilizadas apenas para fins científicos, e a sua identidade será preservada. Ressalta-se que a sua participação no presente projeto de pesquisa não acarreta riscos adicionais em sua condição de cooperado da organização.

A sua participação é voluntária. Você poderá não aceitar ou interromper a sua participação na pesquisa a qualquer momento, sem qualquer prejuízo para as suas relações.

A pesquisadora do projeto é a aluna Lisilene Mello da Silveira, estudante do Doutorado acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Administração, da Escola de Negócios da PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, que está sob orientação da prof. Dr^a Maira Petrini.

Eu, _____, aceito participar desta pesquisa sobre a inovação social na economia compartilhada.

_____/_____/_____
Assinatura

_____/_____/_____
Assinatura da Pesquisadora

*Documento em duas vias, uma para o pesquisador e outra para o participante.

Adaptado de Bussular (2012).

APÊNDICE B - Convite da Pesquisadora para Observar as Trocas de Talentos

Você vai doar ou receber algum talento do Banco de Tempo Garopaba de 13 a 27 de julho?

Então, me chame para eu acompanhar esse momento!

Venha fazer parte do meu Doutorado em Administração (PUCRS)!

Apenas me chame inbox ou deixe um comentário aqui no post, para combinarmos.



APÊNDICE C - Roteiro de Entrevistas Semiestruturado (Associados) – Aplicado de 02/03 a
01/05/2018

Nome:

Tempo no banco de tempo:

Talentos disponibilizados:

- 1) Conte-me como você conheceu o Banco de Tempo de Garopaba.
- 2) Como tem sido a sua experiência em participar do Banco de Tempo de Garopaba?
- 3) Conte uma de suas experiências mais interessantes em doar um talento seu.
- 4) Conte uma de suas experiências mais interessantes em receber um talento.
- 5) Qual(is) é(são) o(s) propósito(s) do banco de tempo?
- 6) Quais são as práticas do banco de tempo?
- 7) Você percebe que o banco de tempo promove mudanças?
- 8) Como as pessoas podem identificar essas mudanças mencionadas?
- 9) Como o banco de tempo é/está organizado?
- 10) Da forma que o banco de tempo está organizado, ele atende os seus propósitos?
- 11) De qual maneira um banco de tempo deve ser administrado?
- 12) Quais são as pessoas que se envolvem no Banco de Tempo de Garopaba?
- 13) Quais outras pessoas você me indica para conversar/entrevistar sobre o banco de tempo?

APÊNDICE D - Roteiro de Entrevistas Semiestruturado (Ex-associados) – Aplicado de 02/03
a 01/05/2018

Nome:

Tempo que participou no banco de tempo:

Talentos que disponibilizou:

- 1) Conte-me como você conheceu o Banco de Tempo de Garopaba.
- 2) Como foi a sua experiência em participar do Banco de Tempo de Garopaba?
- 3) Conte uma de suas experiências mais interessantes em doar um talento seu.
- 4) Conte uma de suas experiências mais interessantes em receber um talento.
- 5) Qual(is) é(são) o(s) propósito(s) do banco de tempo?
- 6) Quais práticas do banco de tempo tinha?
- 7) Você percebia que o banco de tempo promovia mudanças?
- 8) Como as pessoas poderiam identificar essas mudanças mencionadas?
- 9) Como o banco de tempo era organizado?
- 10) Da forma que o banco de tempo estava organizado, ele atendia os seus propósitos?
- 11) De qual maneira um banco de tempo deve ser administrado?
- 12) Quais são as pessoas que se envolvem/envolviam no Banco de Tempo de Garopaba?
- 13) Por que você deixou de participar do Banco de Tempo de Garopaba?
- 14) Quais outras pessoas você me indica para conversar/entrevistar sobre o banco de tempo?

APÊNDICE E - Roteiro de Entrevistas Semiestruturado (Idealizadores/Administradores)

Nome:

Tempo no banco de tempo:

Talentos disponibilizados:

- 1) Conte-me como surgiu a ideia de fundar o Banco de Tempo de Garopaba.
- 2) Como o banco de tempo foi sendo organizado?
- 3) Como o banco de tempo funciona? Ao longo do seu tempo, esse funcionamento foi sendo alterado?
- 4) Qual(is) é(são) o(s) propósito(s) do banco de tempo?
- 5) Quais são as práticas do banco de tempo?
- 6) Como é feita a administração do banco de tempo?
- 7) O que você gostaria que mudasse no banco de tempo?
- 8) O que você não mudaria de jeito nenhum no banco de tempo?
- 9) O banco de tempo promove mudanças?
- 10) Como tem sido a sua experiência em participar do Banco de Tempo de Garopaba?
- 11) Você teria outras pessoas para me indicar para conversar sobre o banco de tempo que:
 - a) Participam ativamente das trocas de talentos e demais iniciativas (Tomadores);
 - b) São líderes do banco de tempo, atores que puxam as iniciativas (Transportadores);
 - c) Apoiam as iniciativas do banco de tempo, divulgam e dão credibilidade (Apoiadores);
 - d) Financiam a implementação das iniciativas do banco de tempo (Doadores);
 - e) Atores que participaram do banco de tempo, mas atualmente estão afastados.

APÊNDICE F - Roteiro de Entrevistas Semiestruturado (Associados) – Aplicado de
02/05/2018 a 11/03/2019

Nome:

Tempo no banco de tempo:

Talentos disponibilizados:

- 1) O que te levou a participar do Banco de Tempo de Garopaba?
- 2) Quais os talentos que você já ofertou e quais você já recebeu?
- 3) Conte uma experiência que foi muito especial nesse período de participação.
- 4) Conte uma experiência que poderia ter sido melhor nesse período de participação.
- 5) Como escolheu um talento para oferecer? Ele é o mesmo da sua profissão? É um *hobby*?
- 6) Qual(is) é(são) o(s) propósito(s) do banco de tempo?
- 7) Como o banco funciona e o que ele promove?
- 8) Você percebe que o banco de tempo promove mudanças?
- 9) Considerando a sua experiência como associado, na sua opinião, como o banco de tempo é administrado? O que é semelhante a uma empresa? O que é diferente a uma empresa?
- 10) O que ainda poderia ser melhor no banco de tempo?
- 11) Quais outras pessoas você me indica para conversar/entrevistar sobre o banco de tempo?

APÊNDICE G - Roteiro de Entrevistas Semiestruturado (Ex-associados) – Aplicado de
02/05/2018 a 11/03/2019

Nome:

Período que participou do banco de tempo:

- 1) O que te levou a participar do Banco de Tempo de Garopaba?
- 2) Quais os talentos que você ofertou e recebeu?
- 3) Conte uma experiência que foi muito especial no período de sua participação.
- 4) Conte uma experiência que poderia ter sido melhor no período de sua participação.
- 5) Como escolheu um talento para oferecer? Ele era o mesmo da sua profissão? Era um *hobby*?
- 6) Qual(is) é(são) o(s) propósito(s) do banco de tempo?
- 7) Como o banco funcionava e o que ele promovia?
- 8) Você percebia que o banco de tempo promovia mudanças?
- 9) Considerando a sua experiência como associado naquela época, na sua opinião, como o banco de tempo era administrado? O que é semelhante a uma empresa? O que é diferente a uma empresa?
- 10) O que deveria ter sido melhor no banco de tempo?
- 11) Por que você deixou de participar do Banco de Tempo de Garopaba?
- 12) Quais outras pessoas você me indica para conversar/entrevistar sobre o banco de tempo?

APÊNDICE H - Roteiro de Entrevistas Semiestruturado (Não Cadastrados)

Nome:

- 1) Desde quando você acompanha a página do Banco de Tempo de Garopaba?
- 2) Como você conheceu o Banco de Tempo de Garopaba?
- 3) Por que você acompanha a página? O que mais lhe chama atenção na ideia?
- 4) Por que você não realizou a efetivação de seu cadastro como associado, assim podendo ofertar e receber talentos?
- 5) O que no banco de tempo poderia ser melhor para motivar mais pessoas a participarem?

APÊNDICE I: Análises Preliminares para Discussão com os Administradores do BdT de
Portugal

- Significado do tempo: contabilização do tempo / envolvimento monetário
- Envolvimento monetário: limita X possibilita
- Talentos: serviços X produtos
- Motivações para a participação: social X econômica
- Interação: estímulos / frequência / atividades
- Práticas da Administração: regras (autonomia X liberdade) / controles / trocas de administradores / liderança
- Prática dos Associados: trocas de talentos / projetos socioambientais / encontros

ANEXO A - Regras de funcionamento do Banco de Tempo de Garopaba

1 LEIS FUNDAMENTAIS

1.1 O Banco serve exclusivamente para cadastrar e organizar novos associados, atualizar a moeda Tempo e promover ações do grupo e sociais.

1.2 Em hipótese alguma talentos do Banco envolvem dinheiro pelo “TEMPO doado”.

1.3 A moeda é o TEMPO sendo fica assim proibida a "cobrança" de um TEMPO que não seja EXATAMENTE aquele despendido na doação do Talento. Por exemplo: se fiz 01 h de massagem, deve-se SEMPRE ser cobrado a mesma 01 horas, NUNCA MAIS.

1.4 NENHUM associado é OBRIGADO ou PROIBIDO de solicitar e receber qualquer tipo de talento ofertado ou participar de qualquer projeto promovido pelo Banco.

1.5 O Banco funciona através de Talentos ofertados em forma de DOAÇÕES, que na moeda TEMPO poderão se utilizar dos Talentos de uma outra pessoa, e assim sucessivamente.

2 COMO INGRESSAR

2.1 Fazer uma postagem com apresentação pessoal na página do Banco de Tempo Garopaba detalhando os Talentos doados, especificando onde serão ofertados e sua periodicidade, ler e concordar com as regras do Banco.

2.2 A Análise do cadastro será realizada pela Adm do Banco, assim como o talento que a pessoa oferece e sua disponibilidade de vaga.

2.3 Ao entrar no Banco de Tempo Garopaba cada pessoa começa com 0 horas de moedas.

3 DOS TALENTOS

3.1 É de responsabilidade de quem está oferecendo os talentos a sua qualidade bem como conferir na Lista de saldos do Banco se a pessoa que mostra interesse, possui saldo ou não.

3.2 É de responsabilidade de quem solicita o talento conferir se a pessoa faz parte do Banco de Tempo.

3.3 O limite de pessoas para ofertarem o mesmo Talento começa com 05 (cinco) pessoas. A partir do 250º associado, a cada 50 novos, abre-se mais uma vaga em cada talento. Assim, com 250 associado passam a ser 6 vagas por talento, com 300 associados, 7 vagas... com 350 associados, 8 vagas, e assim por diante. As atividades que já passaram este limite serão mantidas. No caso de artesanatos, por ser muito abrangente, o limite de vagas será metade das ofertadas em geral para cada segmento.

3.4 Em caso de desligamento por parte de algum associado, a vaga será oferecida ao próximo da lista de espera.

3.5 Em caso de produtos deve-se respeitar a lista de Teto de moeda/produtos definida pelo banco.

3.6 Em hipótese alguma pode se cobrar moedas referente a qualquer CUSTO MATERIAL, bem como para LOCOMOÇÃO.

3.7 Se um Talento é solicitado, o solicitante tem até 24 HORAS ANTES do horário combinado para desmarcar. Caso contrário, quem não cumprir o combinado perderá uma moeda que será transferida para os projetos sociais e outra para o talento, que será computado como realizado e as moedas transferidas do solicitante para o solicitado. Válido também quando o solicitado deixa de atender o solicitante.

3.8 O tempo de QUALQUER Talento é SEMPRE o tempo prestado.

3.9 No caso de quem oferece não responder às solicitações dos associados, o Banco entrará em contato para prestar esclarecimentos. Persistindo o descumprimento de regra(s), o Banco excluirá o Talento oferecido pelo associado, abrindo sua vaga de talento para um novo associado.

3.10 Em caso de um associado prestar um serviço para alguém que não faça parte do Banco, o Banco não terá como creditar para este associado as horas prestadas, cabendo a ele resolver o impasse.

3.11 Depois das horas prestadas, uma das partes deve postar no grupo para atualização dos créditos, sendo necessária comunicar o nome do associado para receber a transferência, a quantidade de créditos e o Talento usado (serviço) ou adquirido (produto).

3.12 É de interesse do Banco e de todos os seus membros que os amigos e “clientes” de quem oferece um Talento confirmem e recomendem aquela pessoa, para que se possa criar uma rede de contatos confiável entre nós.

3.13 Produtos ainda não cadastrados pela adm, serão analisados e definido seu valor máximo

3.14 Só serão aceitos PRODUTOS DE TALENTOS, feitos pela própria pessoa, onde existe agregado o Tempo da pessoa. Representantes, aluguel e produtos da natureza como mudas, ovos, bananas.... só poderão ser Doados, sem contudo haver troca de moedas.

3.14 Pode-se cadastrar até 05 talentos por pessoa.

4 AÇÕES EM GRUPO

4.1 Todo trabalho em grupo no Banco de Tempo gera moedas para o associado e para o BANCO.

4.2 As Moeda disponíveis na reserva do Banco são usados para os projetos e a administração do grupo.

4.3 O associado que oferece seu talento receberá seu tempo doado, e os alunos doarão o mesmo tempo da atividade. A diferença de moedas vai para a reserva do banco, destinado à realização dos projetos do banco. Por exemplo, se um professor de inglês da 1 hora de aula pra 3 alunos, o professor ganhará 1 crédito, cada aluno doará 1 crédito, totalizando 3 créditos. A diferença de 2 vai para os projetos.

5 DOS COOREDENADORES

5.1 Haverá uma coordenação geral para analisar projetos em potencial, promovendo ações que gerem novos créditos, ações de sócios e ações sócio ambientais. E cada projeto deve ter um coordenador que terá a função de organizar, desenvolver e gerenciar os créditos disponíveis.

5.2 Coordenadores de projetos permanentes ganharão créditos fixos mensais enquanto que coordenadores de projetos específicos receberão apenas quando ocorrerem.

6 DOS ASSOCIADOS

6.1 Quando um membro oferece um Talento no Banco ele passa a ser mais um ASSOCIADO.

ANEXO B - Regras Gerais de Funcionamento do BdT de Santa Maria da Feira

ESTRUTURA DO BANCO DE TEMPO

O Banco de Tempo apoia-se em duas estruturas e níveis de organização e funcionamento: o Banco Central, coordenado pela Associação Graal, e as Agências Locais, inseridas em instituições da comunidade local, com quem a Associação Graal estabelece e trabalha em parceria.

SÃO OBJECTIVOS DO BANCO DE TEMPO:

1. Promover o **apoio à família e a conciliação entre vida profissional e familiar** para homens e mulheres através da oferta de soluções para necessidades práticas da organização da vida quotidiana ligadas a problemas de falta e coordenação do tempo.
2. **Construir uma cultura de solidariedade**, não ao nível das redes interpessoais de troca directa mas através de uma estrutura facilitadora de intercâmbios cruzados.
3. **Promover o sentido de comunidade**, a sociabilização, a colaboração entre diversas gerações da população, a integração social e o encontro de pessoas que convivem nos mesmos espaços.
4. Promover a construção de **relações sociais mais humanas**, diminuindo o efeito de problemas ligados ao isolamento, à solidão e à ausência de contactos sociais.
5. **Valorizar o tempo e o cuidado dos outros**, dando valor ao tempo ocupado em actividades que, não sendo especificamente profissionais nem financeiramente remuneradas, têm uma função social.
6. **Estimular os talentos e promover o reconhecimento das capacidades de cada um** independentemente das regras de mercado, tornando utilizáveis recursos até então passivos, em particular de excluídos ou retirados do mercado de trabalho.
7. Promover a **articulação entre várias instituições**, pela criação de estruturas de cooperação e articulação entre várias instituições, públicas ou privadas, associações familiares, vizinhos e conviventes, e outras associações da sociedade civil.

SÃO PRINCÍPIOS DO BANCO DE TEMPO:

1. **Todos temos algo a dar e a receber:** obrigatoriedade de intercâmbio. O Banco de Tempo não é uma estrutura em que se dá sem receber em troca, nem em que se recebe sem dar nada em troca.
2. **Não há troca directa de serviços:** o tempo prestado por um membro é-lhe retribuído por qualquer outro membro.
3. **Troca-se tempo por tempo:** a unidade de valor e de troca é a hora.
4. **Todas as horas têm o mesmo valor inerente:** não há serviços mais valiosos do que outros, nem escalas de valor de serviços. O serviço prestado não tem de ser igual ao recebido.
5. **Não há transacções de dinheiro e/ou valores entre os membros:** a circulação de dinheiro só é possível para reembolso, previamente acordado, de despesas específicas e documentadas.
6. **Os serviços prestados correspondem a actividades não profissionais que se realizem com gosto:** a troca assenta na boa vontade, na lógica das relações de "boa vizinhança". São serviços de ajuda, não incluindo aqueles que exigem um certificado ou habilitações especiais.

REGRAS GERAIS DE FUNCIONAMENTO

1. **A adesão ao Banco de Tempo** é voluntária e aberta a todos os que se interessem e empenhem nas actividades do Banco de Tempo. Os membros menores de idade deverão ter autorização do respectivo encarregado de educação.
2. **Para se tornar membro** do basta ir a uma entrevista na agência onde irá: tomar conhecimento das Regras Gerais e Regras Locais de Funcionamento; preencher uma ficha de membro, indicando os seus dados pessoais, pessoas de referências e serviços a oferecer e a pedir; e declarar conhecer, aceitar e cumprir as regras de funcionamento do Banco de Tempo. Receberá então um cartão de membro, um livro de cheques e uma listagem de serviços disponíveis na agência;
3. **A troca de serviços** processa-se, habitualmente, do seguinte modo: (1) Quem precisa de determinado serviço contacta a agência; (2) A agência contacta os membros disponíveis e informa-os sobre o serviço (tipo, data, hora) e sobre quem o solicitou (nome, morada, contacto); (3) Tanto o pedido como o fornecimento de serviços são registados na base de dados da agência; (4) O nome, número de membro e contacto da pessoa que aceitou o serviço é então fornecido ao membro que o solicitou, podendo ambos comunicar entre si para confirmar detalhes; (5) Na altura de prestar o serviço, deverão ser apresentados os respectivos cartões de identificação do Banco de Tempo; (6) No fim, é feito o pagamento do serviço através de cheque, em função do número de horas a pagar/receber. O cheque é bipartido e, depois de devidamente preenchido, deverá ser dividido nas suas duas partes. A primeira fica na posse de quem passou o cheque e a outra é entregue ao membro que prestou o serviço que se encarregará de a enviar à agência (a fim de lhe ser creditado o tempo que lhe foi pago, bem como descontado a quem usufruiu do serviço).
4. **Fraccionamento das horas:** a hora é divisível em meia hora, fazendo-se um arredondamento por excesso (mais que 15 minutos), ou por defeito (menos que 15 minutos).
5. **Limite máximo de diferença entre depósito e levantamento:** o limite máximo de diferença entre horas recebidas e oferecidas é de 20 horas, pelo que o membro que se encontre nesta situação será informado pela agência de modo a poder regularizar o seu saldo.
6. **Quota anual:** é paga anualmente por todos os membros uma quota anual de 4 horas. Excepcionalmente, em situações devidamente fundamentadas e esclarecidas, poderá ser solicitado o pagamento de uma quota extraordinária.
7. **Fundo de reserva de horas:** O fundo de reserva serve para cobrir situações de incumprimento e compensar serviços prestados à agência. É constituído pela acumulação das quotas anuais e por outras prestações em horas que não tem correspondência com um serviço.
8. **Direito de recusa do serviço:** O membro contactado para realizar determinado serviço pode não se encontrar disponível => tem o direito de recusar essa prestação.
9. **Dever de compromisso dos membros:** Aquele que aceitou realizar determinado serviço comprometer-se na prestação do mesmo. Caso não o possa fazer, deve informar, quanto antes, o membro que está a contar consigo e/ou a agência.
10. **Incumprimento dos membros:** é qualquer falta de respeito pelas Regras Gerais de Funcionamento. Inclui-se a repetição de incumprimento do "dever de compromisso dos membros" que leve à não realização de serviços, sem aviso prévio de impossibilidade, de forma não justificada. As situações de incumprimento são analisadas pelo coordenador da agência em conjunto com o membro em causa, no sentido de, em conjunto, encontrarem soluções para o problema. A falta de eficácia das soluções encontradas pode levar à suspensão temporária de utilização dos serviços, ou mesmo à expulsão do Banco de Tempo.
11. **Situações de acidente com bens ou pessoas:** o Banco de Tempo não se responsabiliza pelo incumprimento dos membros ou por acidentes que envolvam bens ou pessoas ocorridos durante a troca de serviços entre membros. A troca implícita no Banco de Tempo assenta na lógica da boa vontade e dos serviços de vizinhança, pelo que quem oferece ou solicita determinado serviço deve ter presente o risco que lhe está inerente, o qual, no limite, é semelhante ao de um familiar ou amigo.

Declaro ter tomado conhecimento integral dos objectivos, princípios e modo de funcionamento do Banco de Tempo, que subscrevo e aceito inteiramente, comprometendo-me a respeitar e a cumprir os meus deveres enquanto membro, bem como a contribuir de uma forma activa para o desenvolvimento das actividades promovidas no quadro dos seus objectivos.

Assinatura: _____

Data: _____

ANEXO C - Serviços disponibilizados no BdT Santa Maria da Feira

<p>1 - Actividades com crianças e jovens</p> <p>1.1- Acompanhamento a actividades recreativas e culturais</p> <p>1.2- Animação de festas</p> <p>1.3- Apoio ao estudo</p> <p>1.4- Babysitter (tomar conta de crianças)</p> <p>1.5- Brincadeiras/ Jogos</p> <p>1.6- Buscar e levar crianças à escola</p> <p>1.7- Passeios</p> <p>2 - Actividades de acompanhamento com adultos</p> <p>2.1- Acompanhamento a actividades recreativas e culturais</p> <p>2.2- Acompanhamento para ir ao médico</p> <p>2.3- Acompanhamento para ir buscar/levar ao aeroporto</p> <p>2.4- Andar de bicicleta</p> <p>2.5- Coaching pessoal</p> <p>2.6- Companhia para andar a pé</p> <p>2.7- Companhia para conversar</p> <p>2.8- Companhia para fazer caminhadas/corridas</p> <p>2.9- Companhia para ir à pesca</p> <p>2.10- companhia para kitesurf</p> <p>2.11- Conversar com psicólogo</p> <p>2.12- Jogos</p> <p>2.13- Leitura em voz alta</p> <p>2.14- Partilhar boleia</p> <p>2.15- Reiki</p> <p>2.16- Terapias de bem estar</p> <p>2.17- Yoga</p> <p>3 - Actividades de organização da vida doméstica</p> <p>3.1- Bricolage</p> <p>3.2- Compras (farmácia e supermercados)</p> <p>3.3- Condução</p> <p>3.4- Cozinhados</p> <p>3.5- Designer de interiores</p> <p>3.6- Lavagem de carros</p> <p>3.7- Limpeza de muros e pavimentos com compressor</p> <p>3.8- Limpezas domésticas</p> <p>3.9- Mudanças móveis</p> <p>3.10- Organização de espaços</p> <p>3.11- Pagamentos de contas</p> <p>3.12- Passar a ferro</p> <p>3.13- Reparação de bicicletas</p> <p>3.14- Reparação de computadores</p> <p>3.15- Reparação de estores</p> <p>3.16- Reparação de máquinas de costura</p> <p>3.17- Reparação de serralharia</p>	<p>6 - Actividades administrativas</p> <p>6.1- Imobiliária</p> <p>6.2- Instalação de Equipamento Informático</p> <p>6.3- Preenchimento de Documentos</p> <p>6.4- Preenchimento de Impostos</p> <p>6.5- Processamento de Texto</p> <p>6.6- Traduções</p> <p>7 - Actividades de ensino-aprendizagem</p> <p>7.1- Acordeão</p> <p>7.2- Apoio à utilização do Computador</p> <p>7.3- Artes Florais</p> <p>7.4- Artes Medievais</p> <p>7.5- Aulas de dança</p> <p>7.6- Bandolim</p> <p>7.7- Bateria</p> <p>7.8- Bodyboard</p> <p>7.9- Clarinete</p> <p>7.10- Clube de leitura</p> <p>7.11- Conversação em Alemão</p> <p>7.12- Conversação em Espanhol</p> <p>7.13- Conversação em Francês</p> <p>7.14- Conversação em Inglês</p> <p>7.15- Conversação em Italiano</p> <p>7.16- conversação em Russo</p> <p>7.17- Conversações</p> <p>7.18- Ensinar Djambé - <i>com boleia</i></p> <p>7.19- Ensino de costura à máquina e manual</p> <p>7.20- Ensino de cuidados de enfermagem e higiene de pessoas dependentes</p> <p>7.21- Escrita criativa</p> <p>7.22- explicações matemática</p> <p>7.23- Fotografia e photoshop</p> <p>7.24- Guitarra</p> <p>7.25- Iniciação à dança</p> <p>7.26- Lições de bicicleta</p> <p>7.27- Lições de culinária</p> <p>7.28- Lições de Línguas</p> <p>7.29- Lições de trabalhos manuais</p> <p>7.30- Natação</p> <p>7.31- Piano</p> <p>7.32- Power Point</p> <p>7.33- Saxofone</p> <p>7.34- Teatro e Canto</p> <p>8 - Actividades de embelezamento e cuidado pessoal</p> <p>8.1- Aconselhamento sobre nutrição</p> <p>8.2- Apoio e aconselhamento médico</p> <p>8.3- Cabeleireiro</p>
---	--

<p>3.18- Reparação de viaturas 3.19- Reparação em construção civil 3.20- Reparações de canalização 3.21- Reparações de carpintaria 3.22- Reparações de electricidade 3.23- Transporte de mercadorias</p>	<p>8.4- Enfermagem 8.5- Fisioterapia/acupunctura 8.6- Manicure 8.7- Maquilhagem 8.8- Massagens 8.9- Plano de treino físico</p>
<p>4 - Actividades manuais e domésticas</p> <p>4.1- Arraiolos 4.2- Arranjos de Costura 4.3- Arranjos Florais 4.4- Artesanato diverso 4.5- Bordados 4.6 Croché e tricô 4.7- Fatos para Bonecas 4.8- Ideias para Decoração 4.9- ir às compras 4.10- Reparação de calçado 4.11- Serviço de mesa 4.12- Trabalhos com materiais recicláveis</p>	<p>9 – Outros</p> <p>9.1-Acompanhamento a eventos 9.2- Apoio a Instituições 9.3- Apoio para eventos 9.4- Diversos 9.5- Divulgação do Banco de Tempo 9.6- Estorno - <i>mónio pl ajusk</i> 9.7- Filme Violência doméstica 9.8- Percursos pedestres 9.9- Publicidade do BdT 9.10- Publicidade e marketing 9.11- Teatro - Imaginarius <i>ponluais</i> 9.12- Workshops</p>
<p>5 - Actividades de cuidado de animais e plantas</p> <p>5.1- Acolhimento temporário de animais 5.2- Apoio agrícola 5.3- Ida à tosquia - <i>pet shop</i> 5.4- Ida ao veterinário 5.5- Jardinagem 5.6- Limpeza de terrenos 5.7- Passear animais 5.8- Vindimas e colheitas</p>	

ANEXO D - Convite Virtual para Gratifeira



TRAGA O QUE QUISER OU NADA, LEVE O QUE QUISER OU NADA

**DIA 15/04 À PARTIR DAS 13H ATÉ AS 18h, NA PRAÇA CENTRAL DE GAROPABA EM
FRENTE A PREFEITURA.**

VENHA CURTIR COM A GENTE UMA TARDE DE ALEGRIAS NA PRAÇA!

EVENTO PROMOVIDO PELO  BANCO DO TEMPO DE GAROPABA

ANEXO E: *Flyer* da Gratifeira

28ª GRatiFeiRa! Garopaba - SC

Traga o que quiser (ou nada). Leve o que quiser (ou nada).

Domingo, 23/09 a partir das 13h na
Praça Central

O QUE É A GRATIFEIRA?

É uma feira onde tudo é de graça!

Não é TROCA, não sendo necessário trazer algo para pegar o que precisar...

Traga o que quiser, ou nada e pegue o que quiser, ou nada!

É uma forma de demonstrar que existem recursos para TODOS, sem ganância nem egoísmo.

Ao invés de competir, podemos COMPARTILHAR!

A GRATIFEIRA não é de ninguém em especial, mas é de TODOS que se sentem tocados pelos sentimentos de PARTILHA e de ABUNDÂNCIA!!

Vamos TODOS JUNTOS fazer uma linda GRATIFEIRA

Evento organizado pelo  Banco de Tempo de Garopaba

ANEXO F - Foto do *Banner* da Gratifeira

ANEXO G - *Post Facebook®* - Pós Gratifeira

Gratifeira Garopaba SC está 😊 se sentindo revigorado em Garopaba.

21 de maio · 🌐

E a 24a. edição da Gratifeira Garopaba foi uma delícia!! O sol estava presente e o dia estava lindo!!

Comemoramos os dois anos deste movimento que encanta os amigos que passam pela praça....e a cada edição a Gratifeira se fortalece, levando à todos sentimentos bons de abundância, partilha e gratidão!! 🙏🙏

Queremos agradecer a todos que atenderam nosso chamado e que vieram encher a praça de alegria!!

Agradecemos também e de maneira especial ao querido Diego Deodato que brindou a todos com sua arte e magia circenses, encantando à todos os presentes, crianças e adultos também!! Gratidão!! E em Junho tem mais!!!



ANEXO H - Lista de Talentos do BdT de Garopaba

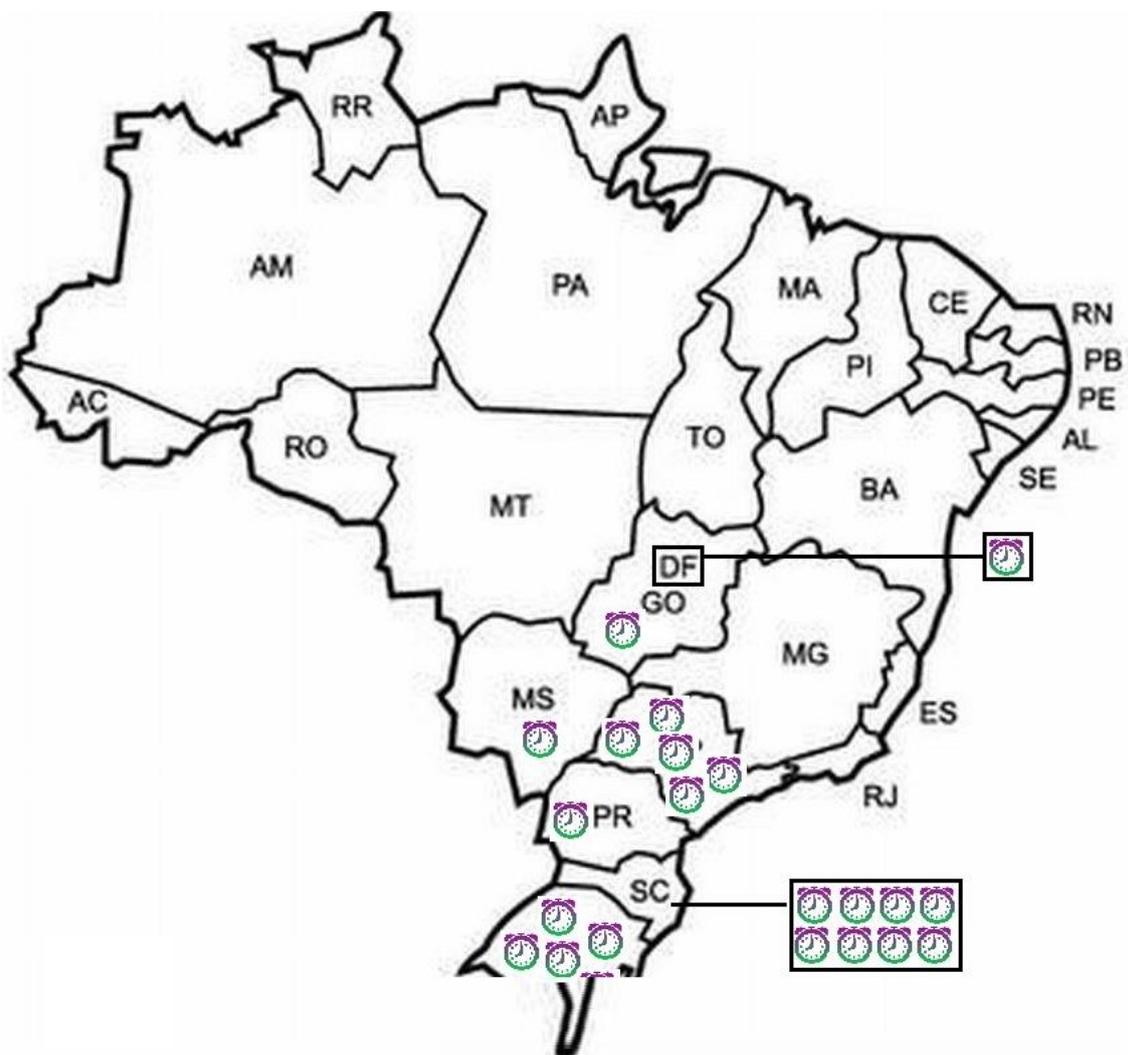
Lista de Talentos - Banco de Tempo de Garopaba	
01 SAÚDE	1.1 MASSAGEM
	1.2 REFLEXOLOGIA
	1.3 SHIATSU, ACUPUNTURA, OUTROS
	1.4 YOGA
	1.5 PILATES / FISIOTERAPIA
	1.6 MEDITAÇÃO
	1.7 REIKI
	1.8 FLORAIS
	1.9 HOMEOPATIA
	1.10 AURICULOTERAPIA
	1.11 PSICOLOGIA, TERAPIA, OUTROS
	1.12 DOULA
	1.13 ENFERMAGEM
	1.14 AVALIAÇÃO FÍSICA E NUTRICIONAL
	1.15 DENTISTA
	1.16 TERAPIAS HOLÍSTICAS E OUTROS
	1.17 TECIDO ACROBÁTICO
02 MODA E BELEZA	2.1 CORTE CABELO
	2.2 BARBEIRO
	2.3 DEPILAÇÃO
	2.4 DESIGN SOBRANCELHAS
	2.5 MANICURE
	2.6 MAQUIAGEM
	2.7 TRATAMENTO FACIAL E CORPORAL
	2.8 MODA
	2.9 DREADLOCKS
	2.10 CABELOS
	2.11 COSTURA
	2.12 CROCHÊ, TRICÔ e MACRAMÊ
3.1 BANHO E TOSA	

03 PET	3.2 ADESTRAMENTO
	3.3 CUIDADOS / PASSEIOS / DICAS
04 ARTES	4.1 DANÇA
	4.2 TEATRO E CIRCO
	4.3 ARTESANATO, RECICLAGEM
	4.4 DESENHO, PINTURA, ESCRITA
	4.5 FOTOGRAFIA
	4.6 RESTAURAÇÕES E REFORMAS
	4.7 OFICINAS
	4.8 SERIGRAFIA
	4.9 TATUAGEM
	4.10 MÚSICA
05 CASA, HORTA E JARDIM	5.1 FAXINA
	5.2 JARDINAGEM
	5.3 TERRAPLANAGEM
	5.4 HORTA, PERMACULTURA
	5.5 MANUTENÇÃO E REPAROS
	5.6 MANUTENÇÃO PISCINAS
	5.7 ARQUITETURA e DECORAÇÃO
	5.8 DECORAÇÃO
	5.9 PERSONAL ORGANIZER
06 LAZER E ESPORTES	6.1 SURF e STAND UP
	6.2 CAPOEIRA
	6.3 ARTES MARCIAIS
	6.4 RAPEL e ESCALADA
	6.5 MUSCULAÇÃO e PERSONAL
	6.6 BICICLETA
	6.7 SKATE
	6.8 ALONGAMENTO
	7.1 CERVEJA
	7.2 RESTAURANTE, LANCHERIA e BISTRÔ

07 ALIMENTOS E BEBIDAS	7.3 PÃES, BOLOS, DOCES e SALGADOS	
	7.4 VEGETARIANA, VEGANA e INTEGRAL	
	7.5 MASSA e PIZZAS	
	7.6 CURSOS E OFICINAS	
	7.7 PROFISSIONAL - COZINHA	
	7.8 COGUMELOS	
	7.9 ARTESANAIS	
	08 SOCIAL	8.1 LEITURA PARA IDOSOS E CRIANÇAS
		8.2 CUIDADORA DE IDOSOS
8.3 CUIDADORA PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS		
8.4 ASSISTENTE SOCIAL		
09 PROJETOS, MARKETING, ADMINISTRAÇÃO, JURÍDICO E CONSULTORIA	9.1 MARKETING, ADMINISTRAÇÃO	
	9.2 PROJETOS	
	9.3 SERVIÇOS ADVOCATÍCIOS	
	9.4 SERVIÇOS CONTÁBEIS	
	9.5 GESTÃO FINANCEIRA E PLANILHAS	
10 FESTAS E EVENTOS	10.1 DECORAÇÃO	
	10.2 GARÇOM	
	10.3 ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS	
	10.4 CONVITES	
	10.5 EQUIPAMENTOS DE SOM	
	10.6 FILMAGEM COM DRONE	
	10.7 ESPAÇO / Pousadas	
11 TURISMO E LAZER	11.1 TRILHAS e ECOTURISMO	
	11.2 ESTÁDIAS	
	11.3 RECREAÇÃO INFANTIL	
12 INFORMÁTICA E CELULARES	12.1 MANUTENÇÃO PC, NOTEBOOK e TABLET	
	12.2 MANUTENÇÃO CELULARES	
	12.3 DESIGN	
	12.4 WEB DESIGN E MÍDIAS SOCIAIS	
	12.5 EXCEL, COREL, POWER POINT, ...	

13 AUTOMOTIVO	13.1 FRETE
	13.2 MECÂNICA, ELÉTRICA, PINTURA
	13.3 MOTORISTA
	13.4 TAXI
14 EDUCAÇÃO	14.1 REFORÇO ESCOLAR
	14.2 INGLÊS
	14.3 ESPANHOL
	14.4 PORTUGUÊS
	14.5 ITALIANO
	14.6 LIBRAS
	14.7 MATEMÁTICA
	14.8 CIÊNCIAS, FÍSICA, QUÍMICA E BIOLOGIA
	14.9 HISTÓRIA E GEOGRAFIA
	14.10 CORREÇÃO TEXTOS, ABNT
15 PROJETOS SOCIAIS E TALENTOS EM GRUPO	15.1 GELADEIROTECA
	15.2 GRATIFEIRA
	15.3 ENCONTRO DAS MULHERES
	15.4 HORTA COMUNITÁRIA CAPES

ANEXO I - Representação das Agências nos Estados Brasileiros



ANEXO J - Primeira Tabela de Cadastros do BdT de Garopaba

Nome	Bairro	Atividade	Atividade	Atividade	Atividade	Atividade	Hs. Oferta	Hs. Utilizadas	Condição	Hs. Saldo
zeno castilho	Praia do Rosa	Trilha	Projetos				4:00:00		Saldo Crédito	4:00:00
wilson andrade	Praia do Rosa	Motorista	Fotografia	Trilha	Auxiliar Geral		4:00:00		Saldo Crédito	4:00:00
Maiumi Rodrigues		Recreação	jardinagem	Marketing Empresarial	Marketing Empresarial		5:00:00		Saldo Crédito	
Odete A. Matins	Ferraz	Atividades visuais, Design gráfico	Fotografia	Marketing Empresarial	Marketing Empresarial				Saldo Crédito	
Maré de Carvalho		Manicure		taromancia					Saldo Crédito	
Carla beatriz Kuhn		Eletrica	Hidraulica	Pintura			4:00:00		Saldo Crédito	4:00:00
Adriano Grosser		Massagem					4:00:00		Saldo Crédito	4:00:00
Alexandre Mello		Aula de violão	Aula de Pintura						Saldo Crédito	
Upasna Reginalda		Aulas de Mosaicos	Aulas com material reciclado				4:00:00		Saldo Crédito	4:00:00
Penelope Oliveira		Atividades de Direito do Consumidor					2:00:00		Saldo Crédito	2:00:00
Carol Bongioiolo		Lingua Portuguesa	jardinagem	Composteiras			3:00:00		Saldo Crédito	3:00:00
Karen Angra		Horta	Patrimonio						Saldo Crédito	
Karia Regina		Historia	Manicure	Pedure	Pães		4:00:00		Saldo Crédito	4:00:00
Joao Pacheco		Artesanato em crochê					2:00:00		Saldo Crédito	2:00:00
Priscila Mccm		Artesanato em crochê					4:00:00		Saldo Crédito	4:00:00
Valdiria Thosemberg		Atividades de criação de crianças					2:00:00		Saldo Crédito	2:00:00
Silvana Leão		Seções de reiki					2:00:00		Saldo Crédito	2:00:00
Laura Germano		Atividades de Desenvolvimento	Psicologia				2:00:00		Saldo Crédito	2:00:00
Dani B. Carvalho		Leitura para idosos	Adm do banco						Saldo Crédito	
Bijalon Akela (Andrea)			Adm do banco				2:00:00		Saldo Crédito	2:00:00
Luciene Luz			Adm do banco						Saldo Crédito	
Cecília Rinaldi		Taqui, aquarela e giz	Atividades de pintura em tela para adultos						Saldo Crédito	
Delvio Oliviedo		Aulas de Violão							Saldo Crédito	
Edilia Cristina		Atividades de costura em ateliê					2:00:00		Saldo Crédito	2:00:00
Thayse Vasconcellos		Atividades de ensino de série infantil					2:00:00		Saldo Crédito	2:00:00
Lisandra Mazzarino		Cuidadora de crianças	Cuidadora de pet	Adm Banco			2:00:00		Saldo Crédito	2:00:00
Sheila Veiga		Atividades de moda					2:00:00		Saldo Crédito	2:00:00
Ligia F. Queiroz		Atividades em português, espanhol	Organização pessoal				2:00:00		Saldo Crédito	2:00:00
Paulinha jardim		Aulas de alongamento	Ginastica localizada						Saldo Crédito	
Daniela Melo		Atividades de línguas					2:00:00		Saldo Crédito	2:00:00
Janete Soares		Aulas de doces e confeitaria	Cuidadora de Crianças				2:00:00		Saldo Crédito	2:00:00
Rosemeri Peirão		Aula de surfe	Aulas Stand Up				4:00:00		Saldo Crédito	4:00:00
Tailu Nascimento		Doula	Aulas de gravidez e partos				4:00:00		Saldo Crédito	4:00:00
Ilique Campos		Aula ecologica trilha	Logotipos e cartões	aulas de surf, aulas de surfiting e mountain bike			4:00:00		Saldo Crédito	4:00:00
Juliana Bulau		Cuidadora de crianças					4:00:00		Saldo Crédito	4:00:00



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br